



IAN
FLEMING

007

OS DIAMANTES SÃO ETERNOS



007



IAN FLEMING

(1908-1964)

007

Os Diamantes São Eternos

Título original inglês

DIAMONDS ARE FOREVER

1956

Tradução

JOSÉ LAURÊNIO DE MELO

IAN FLEMING

OS DIAMANTES SÃO ETERNOS

Tradução de JOSÉ LAURÊNIO DE MELO

2ª edição

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

RIO DE JANEIRO

SÉRIE JAMES BOND *volume 4*

Título do original em inglês: Diamonds Are Forever

Copyright 1954 by Glidrose Productions Ltd.

Direitos para a língua portuguesa adquiridos com exclusividade para o Brasil pela

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.

Rua 7 de Setembro, 97 que se reserva a propriedade desta tradução.

1965

Impresso nos Estados Unidos do Brasil

Printed in the United States of Brazil

A
J. F. C. B.
e
E. L. C.
e
à memória de
W. W. JR.
em Saratoga.

1954 e 55

Sinopse

Os diamantes eram contrabandeados na África, lapidados na Europa e gastos na América. James Bond desvenda uma complicada trama internacional cujos agentes partiam do lema “Tudo passa, só os diamantes são eternos”. A África misteriosa, as emoções de uma corrida em Saratoga e uma trepidante visita a Los Angeles fazem parte do sensacional roteiro que o leitor percorrerá ao lado de Bond, enquanto o agente secreto de Sua Majestade tenta desbaratar uma formidável gangue de criminosos apátridas que agiam em todo o mundo.

1 - Abre-se o canal

COM AS DUAS patas de combate estendidas para a frente como os braços de um lutador, o grosso escorpião *pandinus* emergiu com um rangido seco de dentro do buraco, do diâmetro de um dedo, cavado debaixo da pedra.

No centro de uma nesga de terra dura e plana, fora do buraco, o escorpião se deteve, apoiado nas pontas de seus quatro pares de patas, os nervos e músculos tensos, prontos para uma retirada brusca, os sentidos atentos às mínimas vibrações que lhe ditariam o passo seguinte.

O luar, derramando-se por entre a espessa copa do espinheiro, extraía cintilações de safira das seis polegadas do corpo sólido, negro e lustroso, e faiscava pàlidamente no aguilhão úmido e branco que ressaltava do último segmento da cauda, encurvada agora em linha paralela ao dorso achatado do escorpião.

Vagarosamente o aguilhão deslizou para dentro da bainha e os nervos da bolsa de peçonha se relaxaram. O escorpião decidira. A gula suplantara o medo.

Doze polegadas além, no fundo de um declive abrupto de areia, o besouro miúdo procurava apenas arrastar-se até outros pastos mais ricos do que os que encontrara debaixo do espinheiro. A arremetida veloz do escorpião, declive abaixo, não lhe deu tempo sequer de abrir as asas. Agitou as pernas em sinal de protesto quando a pata impetuosa lhe circundou o corpo, e morreu no instante em que foi lancetado pelo aguilhão projetado por cima da cabeça do escorpião.

Depois de matar o besouro, o escorpião ficou imóvel quase cinco minutos. No decorrer desta pausa identificou a natureza de sua vítima e sondou mais uma vez o terreno e o ar em busca de vibrações hostis.

Tranquilizado, retirou da presa semi-destruída a pata de combate e, valendo-se das duas minúsculas pingas que usa para comer, pôs-se a esgravatar a carne do besouro. E durante uma hora, com extrema delicadeza, comeu sua vítima.

O frondoso espinheiro, sob o qual o escorpião matou o besouro, era um ponto de referência na vastidão da estepe ondulada, a umas quarenta milhas ao sul de Kissidugu, na região sudoeste da Guiné Francesa. Por todos os lados divisava-se um horizonte de colinas e selva. Mas aqui, numa superfície de vinte milhas quadradas, o terreno era plano e rochoso, quase desértico. No

meio da catinga tropical somente esse espinheiro, talvez porque houvesse água no solo debaixo de suas raízes, elevava-se à altura de uma casa e podia ser visto a muitas milhas de distância.

O arbusto situava-se mais ou menos na junção de três Estados africanos.

Estava na Guiné Francesa, mas apenas cerca de dez milhas ao norte da extremidade mais setentrional da Libéria e cinco milhas a leste da fronteira de Serra Leoa. Do outro lado dessa fronteira localizam-se as grandes minas de diamantes em volta de Sefadu. Pertencem à Sierra International, que é parte do poderoso império mineiro da Afric International, a qual, por sua vez, é propriedade da Comunidade Britânica.

Uma hora antes, dentro da toca entre as raízes do gigantesco espinheiro, o escorpião fora alertado por dois tipos de vibrações. Primeiro houve o insignificante ruído dos movimentos do besouro. Estes pertenciam às vibrações logo reconhecidas e diagnosticadas pelo escorpião. Depois houve uma série de estrondos incompreensíveis em torno da árvore, rematados por um estremecimento final que escavou parte do buraco do escorpião. Seguiu-se então um tremor ritmado do solo, tão regular que em breve se converteu numa vibração habitual, despida de interesse. Após uma pausa, voltou o ruído débil do besouro. E foi a avidez que, ao fim de um dia de fuga para bem longe do mais implacável de seus inimigos — o sol — eclipsou da memória do escorpião os outros rumores e o impeliu a sair do esconderijo para as réstias do luar.

E agora, enquanto sugava com as pinças os nacos da carne do besouro, o sinal de sua morte soou distante, a leste, audível para um ouvido humano mas formado de vibrações que escapavam ao sistema sensorial do escorpião.

A alguns passos dali, uma mão pesada e rude, de unhas roídas, ergueu cautelosamente uma pedra pontuda.

Não houve ruído, mas o escorpião sentiu uma leve perturbação no ar.

Imediatamente as patas de combate se voltaram para cima, golpeando às cegas, o aguilhão retesou-se na cauda rígida, os olhos míopes tentaram encarar o inimigo.

A pedra foi arremessada.

— Filho duma égua.

O homem ficou observando enquanto o inseto esmagado se debatia em sua agonia mortal.

O homem bocejou. Em seguida ergueu-se sobre os joelhos na depressão arenosa junto ao tronco do arbusto onde estivera sentado quase duas horas e,

protegendo a cabeça com os braços, arrastou-se para fora.

O barulho do motor, que o homem estivera esperando e que tinha assinado a sentença de morte do escorpião, era mias alto agora. Ao pôr-se em pé e fitar a trajetória da lua, o homem viu que uma forma negra e desajeitada, vindo do leste, avançava célere em sua direção. Por um instante o luar incidiu nas lâminas girantes do rotor.

O homem limpou as mãos no *short* caqui encardido e rodeou o arbusto a passos rápidos, indo até o ponto em que a roda traseira de uma velha motocicleta saía do esconderijo. Duas sacolas de ferramentas, de couro, pendiam dos lados do assento traseiro. De uma delas sacou um embrulho pequeno e pesado que guardou por dentro da camisa. Da outra retirou quatro lanternas elétricas baratas e dirigiu-se a uma clareira plana, mais ou menos do tamanho de uma quadra de tênis, a umas cinquenta jardas do espinheiro.

Acendeu as lanternas e enfiou três delas no chão, pela base, em três cantos da quadra. Depois, com uma na mão, tomou posição no quarto canto e esperou.

O helicóptero movia-se lentamente agora. Estava a menos de cem pés do chão, e as lâminas do rotor giravam a pouca velocidade. Assemelhava-se a um inseto descomunal e mal construído. Para o homem que o esperava, parecia, como de costume, barulhento demais.

O helicóptero parou, baixando de leve, exatamente sobre a cabeça do homem. Um braço saiu da cabina e uma lanterna piscou. Ponto-traço, A em código.

O homem respondeu, piscando B e c. Enterrou a lanterna no chão e afastou-se, protegendo os olhos do redemoinho de poeira. No alto, a marcha das lâminas do rotor diminuiu imperceptivelmente, e o helicóptero pousou suavemente no espaço compreendido entre as quatro lanternas. O

estardalhaço do motor cessou, dando uma tossidela final, o rotor da cauda girou alguns segundos em ponto morto e as lâminas do rotor principal completaram umas poucas rotações canhestras e pararam.

No silêncio cheio de ressonâncias, um grilo pôs-se a zumbir no espinheiro, e ouviu-se nas proximidades o trinado aflito de uma ave noturna.

Depois que o pó assentou, o piloto abriu com estrondo a porta da cabina, empurrou para fora uma escadinha de alumínio e desceu todo empertigado.

Esperou ao lado do aparelho, enquanto o outro homem percorria os quatro cantos da quadra e recolhia as lanternas. O piloto chegara meia hora atrasado ao local do encontro. Irritava-o a perspectiva de escutar a inevitável queixa do

outro. Desprezava todos os *africaners*. Esse em particular. Para um alemão e piloto da Luftwaffe, que combatera sob as ordens de Galland em defesa do Reich, esses *africaners* eram uma raça bastarda, hipócrita, obtusa e grosseira. É verdade que esse imbecil cumpria uma tarefa espinhosa, mas»

que não era nada em comparação com a de pilotar um helicóptero por cima de quinhentas milhas de floresta, em plena noite.

Quando o outro se aproximou, o piloto saudou-o com um aceno.

— Tudo bem?

— Assim espero. Mas você se atrasou de novo. Agora só vou atravessar a fronteira de madrugada.

— Defeito no magneto. Todos temos os nossos aborrecimentos. Graças a Deus só há treze luas cheias por ano. Bom, se você trouxe o negócio, me dê.

É só abastecer e eu vou embora.

Sem dizer uma palavra, o homem das minas de diamante levou a mão à camisa e entregou o embrulho pesado e bem feito.

O piloto recebeu o pacote, úmido do suor das costelas do contrabandista, meteu-o num bolso lateral do blusão elegante, pôs a mão para trás e enxugou os dedos no fundo do *short*.

— Ótimo — disse ele e voltou-se para o aparelho.

— Um momento — disse o contrabandista de diamante. Havia em sua voz uma nota sombria.

O piloto virou-se e encarou-o. Pensou: é a voz do criado que tomou coragem para reclamar da comida.

— *Ja*. O que é?

— As coisas estão esquentando lá nas minas. Não vão nada bem.

Chegou de Londres um sujeito do serviço secreto. Conhecido. Você deve ter lido a respeito dele. Um tal de Sillitoe. Dizem que foi contratado pela Diamond Corporation. Surgiram novos regulamentos e todas as punições foram duplicadas. Isso apavorou meu pessoal miúdo. Tive de ser implacável e... bem, um deles pagou caro. Serviu de exemplo. Mas tive de pagar mais.

Dez por cento extra. E ainda não estão satisfeitos. Um dia desses o pessoal da segurança vai botar a mão em cima de um de meus agentes. E você sabe como são esses negros imundos. Não resistem a um acocho bem dado.

— Fitou um instante os olhos do piloto e logo desviou a vista.

— Aliás, eu duvido que haja alguém que possa aguentar. Nem mesmo eu.

— E daí? — perguntou o piloto. E depois de uma pausa: — Quer que eu comunique essa ameaça à ABC?

— Mas não estou ameaçando ninguém — corrigiu o outro imediatamente. — Quero somente que eles saibam que o negócio está ficando preto. Devem saber disso. Devem ter ouvido falar desse Sillitoe. E

veja o que disse o presidente em nosso relatório anual. Disse que as nossas minas estão perdendo mais de dois milhões de libras por ano em contrabando e compra ilegal de diamantes, e que compete ao governo pôr um paradeiro nisso. O que é que isso significa? Significa que vão acabar comigo!

— E comigo — disse o piloto, conciliador. — O que é que você quer então? Mais dinheiro?

— Sim — respondeu o outro, obstinado. — Quero um quinhão maior.

Vinte por cento mais, ou então largo tudo. — Tentou ler alguma simpatia no rosto do piloto.

— Está bem — disse o piloto com indiferença. — Darei o recado a Dakar. Se eles estiverem interessados comunicarão a Londres. Não tenho nada com isso, mas se eu fosse você — o piloto falou pela primeira vez sem reserva — não pressionaria muito essa gente. Eles podem ser mais duros do que esse tal de Sillitoe ou ia Companhia ou qualquer governo. Precisamente nessa extremidade do nosso canal, três homens morreram nos últimos doze meses. Um por ser covarde. Dois por terem surrupiado uma parte da bolada.

Você sabe disso. Foi danado o acidente sofrido por seu antecessor, não foi?

Belo lugar para esconder gelignite. Debaixo da cama. E logo quem? Ele, que era tão cuidadoso em tudo.

Ficaram um momento em silêncio, olhando um para o outro, ao luar. O contrabandista de diamantes deu de ombros.

— Está certo — falou. — Diga-lhes apenas que estou em apuros e preciso de mais dinheiro. Eles compreenderão minha situação e, se forem sensatos, acrescentarão outros dez por cento só pra mim. Se não... — não concluiu a frase e aproximou-se do helicóptero. — Vamos. Vou ajudá-lo a encher o tanque.

Dez minutos depois o piloto encarapitou-se na cabina e arrastou a escada. Antes de fechar a porta, levantou a mão.

— Até logo — disse. — Virei vê-lo daqui a um mês.

O homem que estava no chão sentiu-se” só de repente.

— *Totsiens* — respondeu, com um aceno que era quase o aceno de um amante. — *Alies van die best*. — Recuou e levou a mão aos olhos para se resguardar da poeira.

O piloto sentou-se e amarrou o cinto de segurança, examinando com os pés o pedal do leme de direção. Certificou-se de que os freios da roda estavam em ordem, empurrou para baixo a alavanca de comando, ligou o combustível e comprimiu o arranque. Satisfeito com o batimento do motor, soltou o freio do rotor e torceu o acelerador. Do lado de fora das janelas da cabina, as compridas lâminas do rotor giraram lentamente. O piloto lançou uma olhadela para o rodopiante rotor traseiro. Recostou-se no assento e esperou que o indicador de velocidade do rotor acusasse 200 rotações por minuto. Quando a agulha atingiu a casa dos 200, desprendeu os freios da roda e puxou para cima, devagar e com firmeza, a alavanca. No alto, as lâminas do rotor tomaram impulso e penetraram fundo no ar. Recebendo maior aceleração, o aparelho começou a subir lenta e ruidosamente até que, a cerca de cem pés, o piloto manobrou o leme para a esquerda e impeliu para frente o manche que estava entre seus joelhos.

O helicóptero deu uma guinada para o leste e, ganhando altura e velocidade, afastou-se roncando na trilha da lua.

No chão, o homem viu-o sumir-se, levando as 100 000 libras em diamantes que seus homens haviam subtraído das jazidas durante o mês anterior e guardado displicentemente na boca até o momento em que ele, de pé ao lado da cadeira de dentista, lhes perguntava com indiferença onde sentiam as dores.

E enquanto falava dos dentes, arrancava-lhes as pedras da boca, examinava-as à luz do refletor, em voz baixa oferecia 50, 75, 100, os homens assentiam com a cabeça, recebiam as notas, escondiam-nas e saíam do consultório com duas aspirinas enroladas num papel, como um álibi. Tinham de aceitar o preço que ele queria pagar. Os nativos não tinham possibilidade alguma de ficar com os diamantes Quando os trabalhadores saíam das minas, uma vez por ano, para visitar a tribo ou enterrar um parente, tinham de submeter-se a exames de raios-x e purgantes de óleo de rícino. Estavam desgraçados quando eram apanhados. Era tão fácil procurar o consultório do dentista, escolher o dia em que “Ele” estava de plantão. E o papel-moeda não aparecia no raios-x.

O homem empurrou a motocicleta pela trilha estreita, aberta no chão acidentado, e partiu em direção às colinas da fronteira de Serra Leoa. Elas estavam mais distantes agora. Ele tinha tempo apenas de chegar à cabana de

Susie antes do amanhecer. Fez uma careta ao pensar que tinha de ir para a cama com ela ao fim de uma noite fatigante. Mas não tinha outro jeito. O

dinheiro não dava para comprar o álibi que ela lhe garantia. Era o corpo branco dele que ela desejava. Depois, outras dez milhas até o clube, onde tomava café e ouvia as pilhérias grosseiras de seus amigos.

— Boa incrustação, doutor? — Ouvi dizer que ela tem os mais belos incisivos da Província. — Diga-me uma coisa, doutor, o que é que a lua cheia tem de especial para o senhor?

Mas cada pacote de 100 000 libras significava 1 000 libras para ele num depósito seguro em Londres. Maravilhosas cédulas de cinco libras. Valia a pena. Por Deus como valia! Mas não por muito tempo mais. Não. De forma alguma! Aos 20 000 iria parar de uma vez. E então...

Com a cabeça repleta de sonhos grandiosos, o homem seguiu aos solavancos, e tão depressa quanto lhe era possível, o caminho através da planura — deixando para trás o frondoso espinheiro, onde o canal da mais rica operação de contrabando do mundo iniciava a rota tortuosa que o levaria finalmente a desaguar em colos macios, a cinco mil milhas de distância.

2 - Pura gema

— Não, assim não. Torcendo, como um parafuso — disse M, impaciente.

James Bond, retendo na memória a recomendação de M a fim de passá-la ao Chefe do Pessoal, apanhou a lupa na escrivaninha onde ela tinha caído e conseguiu desta vez fixá-la no olho direito.

Embora fosse fim de julho e a sala estivesse inundada de sol, M ligara a lâmpada da escrivaninha e a inclinara de modo a iluminar Bond. Este pegou o brilhante e segurou-o contra a luz. Enquanto o rodava nos dedos, todas as cores do arco-íris feriram-lhe a retina, dardejadas pelo emaranhado das facetas. Afinal, o olho aturdiu-se, ofuscado.

Bond retirou a lupa e procurou pensar em algo adequado para dizer.

M olhou-o zombeteiro.

— Bela pedra?

— Fascinante — respondeu Bond. — Deve valer muito dinheiro.

— Algumas libras pela lapidação — disse M secamente. — É um pedaço de quartzo. Mas vejamos outras.

Consultou uma lista que tinha diante de si na escrivaninha, escolheu um envoltório de papel de seda, verificou o número, desembulhou-o e empurrou-o para o lado de Bond.

Bond recolocou o quartzo no invólucro correspondente e apanhou a segunda amostra.

— Para o senhor é fácil — sorriu para M. — O senhor está a par dos macetes.

Atarraxou outra vez a lupa no olho e suspendeu a gema, se é que era gema realmente, contra a luz.

Desta vez, pensou, não podia haver dúvida. Essa pedra também tinha as trinta e duas facetas em cima e as vinte e quatro em baixo, como o quartzo, e pesava também uns vinte quilates, mas tinha um núcleo de chama azulada, e as infinitas cores que se refletiam e refratavam em suas profundezas penetravam no olho como agulhas. Com a mão esquerda, Bond agarrou o quartzo e colocou-o ao lado do diamante, diante da lupa. Era um corpo sem vida, quase opaco, junto da deslumbrante transparência do diamante. A irisação que percebera minutos antes era agora grosseira e turva.

Bond repôs o quartzo no lugar e tornou a contemplar o coração do diamante. Agora podia compreender a paixão que os diamantes inspiraram ao longo dos séculos, o amor quase sensual que despertavam naqueles que os usavam, lapidavam ou com eles negociavam. Era a ascendência de uma beleza tão pura que comportava uma espécie de verdade, uma autoridade divina, diante da qual todas as outras coisas materiais se transformavam, como o pedaço de quartzo, em barro. Bond entendeu o mito dos diamantes e sentiu que jamais esqueceria o que tinha entrevisto no coração dessa pedra.

Botou o diamante na tira de papel e deixou cair a lupa na palma da mão.

Fitou o olhar atento de M.

— Sim — disse Bond. — Entendo. M reclinou-se.

— Isso é o que Jacoby quis dizer quando almocei com eles, outro dia, na Diamond Corporation — afirmou. — Disse que se eu pretendia me meter com diamantes devia procurar entender o que havia no âmago do negócio.

Não só os milhões em dinheiro, ou o valor do diamante como barreira contra a inflação, ou as modas sentimentais que mandam usar diamantes nos anéis de noivado e coisas parecidas. Ele me disse que é preciso entender a paixão pelos diamantes. Assim ele só fez me mostrar o que eu estou lhe mostrando agora. E — M fez um ar de riso — se isso pode lhe proporcionar alguma satisfação, eu fui tão engabelado por esse pedaço de quartzo como você.

Bond ficou quieto e nada respondeu.

— Agora vamos dar uma olhada nos demais — continuou M, acenando para a pilha de embrulhos de papel que tinha diante de si. — Eu disse a ele que gostaria de tomar emprestado algumas amostras. Parece que o meu pedido não causou espanto e hoje de manhã, ainda em casa, recebi todo esse lote. — M consultou a lista, abriu um invólucro e aproximou-o de Bond. — O que você acabou de examinar era o mais valioso... um “Fine Blue-white”.

— Apontou para o grande diamante à frente de Bond. — Esse aí é um “Top Crystal”, dez quilates, talhe de *baguette*. Pedra finíssima, porém vale a metade de um “Blue-white”. Repare que há nela um vestígio amarelado quase imperceptível. O “Cape”, que vou lhe mostrar agora, diz Jacoby que tem um ligeiro toque acastanhado. Macacos me mordam se eu posso enxergá-lo. Duvido que alguém possa, exceto os peritos.

Obediente, Bond apanhou o “Top Crystal”, e durante o quarto de hora seguinte M conduziu-o através de uma gama completa de diamantes até esbarrar numa série maravilhosa de pedras coloridas, vermelho rubi, azul, cor-de-rosa, amarelo, verde e violeta. Afinal, M apresentou um pacote de pedras

menores, todas defeituosas, riscadas ou de cores esmaecidas.

— Diamantes industriais. Não são o que eles chamam de “pura gema”.

Usados em máquinas, ferramentas *etc.* Mas não os despreze. A América comprou 5 milhões de libras dessas pedras no ano passado, e a América é apenas um dos mercados. Bronsteen me informou que foram pedras como essas que foram empregadas no corte do túnel de St. Gothard. No outro prato da balança, os dentistas fazem uso delas nas suas brocas. São a substância mais resistente do mundo. Não se gastam nunca.

M tirou o cachimbo e pôs-se a enchê-lo.

— Agora você sabe tanto a respeito de diamantes quanto eu.

Bond recostou-se na poltrona e correu os olhos pelas tiras de papel de seda e pelas pedras rutilantes espalhadas sobre o tampo de couro vermelho da escrivaninha de M. Tentou adivinhar o que tudo aquilo queria dizer.

Ouviu-se o som áspero de um fósforo raspando a lixa, e Bond viu M socar o fumo aceso no forninho do cachimbo, guardar a caixa de fósforos no bolso e inclinar a cadeira na posição preferida para refletir.

Bond baixou a vista para olhar o relógio. Eram 11,30. Pensou com prazer na pilha de papéis com o rótulo “Ultra-Secreto”, que abandonara alegremente na bandeja dos despachos, ao soar, havia coisa de uma hora, a campainha do telefone vermelho. Estava convencido agora de que não teria de manuseá-los. — Suponho que é alguma missão — informara o Chefe do Pessoal em resposta à pergunta de Bond. — O homem diz que não receberá mais ninguém antes do almoço e já marcou uma entrevista pra você, às duas horas, na Scotland Yard. Corra. — Bond pegara o paletó e entrara na sala contígua, onde vira com simpatia sua secretária protocolando outra pilha volumosa com a nota “Urgentíssimo”.

— M — disse Bond quando ela levantou o olhar. — Bill crê que é uma missão. Acho bom você não pensar que vai ter o prazer de atirar essa papelada na minha bandeja. Por mim, pode botar no correio para o *Daily Express*. — Arreganhou os dentes num sorriso. — Sefton Delmer não é seu namorado, Lil? Sujeito de sorte!

Ela o olhou como se o estivesse examinando.

— A gravata está torta — disse com frieza. — Afinal de contas, eu mal conheço o rapaz.

. Curvou-se sobre seus registros, e Bond saiu para o corredor, sentindo-se feliz por ter uma bonita secretária.

A cadeira de M estalou, e Bond olhou para o outro lado da mesa, onde estava o homem a quem dedicava afeição, lealdade e obediência.

Os olhos cinzentos fitaram-no pensativamente. M tirou o cachimbo da boca.

— Há quanto tempo você regressou das férias na França?

— Duas semanas.

— Divertiu-se?

— Um pouco. Já para o fim estava começando a me entediar.

M não fez comentários.

— Estive passando a vista pela sua ficha. Manejo de armas leves, perfeito. Combate desarmado, satisfatório. O último exame médico mostra que você está em ótima forma. — Fez uma pausa. — O caso — prosseguiu sem emoção — é que eu tenho uma incumbência difícil para você e queria ter a certeza de que você estava em condições de aceitá-la.

— É claro, senhor. — Bond estava ligeiramente exasperado.

— Não se engane a respeito dessa missão, 007 — disse M com severidade. — Quando lhe digo que poderá ser arriscada, não estou sendo melodramático. Há muita gente velhaca que você ainda não encontrou, e pode ser que alguns tipos dessa categoria estejam envolvidos nesse negócio.

Alguns dos mais eficientes. Por isso, não se meta a impertinente quando eu penso duas vezes antes de lhe confiar essa missão.

— Desculpe, senhor.

— Está bem, então. — M largou o cachimbo e curvou-se, com os braços cruzados, sobre a mesa. — Vou lhe contar a estória e depois você decide se topa ou não. — Faz uma semana — continuou — um dos chefões do Tesouro veio me ver. Estava acompanhado do Secretário Permanente do Ministério do Comércio. O assunto era diamante. Parece que a maior parte do que em todo o mundo é conhecido como “gema” é minerada em território britânico e que noventa por cento de todas as vendas de diamantes se efetuam em Londres. Pela Diamond Corporation. — M deu de ombros. — Não me pergunte por quê. Os britânicos se apoderaram do negócio no começo do século e até agora conseguiram agarrar-se a ele. Atualmente o comércio é vultoso. Cinquenta milhões de libras por ano. É a maior fonte de divisas de que dispomos. Por isso, quando alguma coisa anda errada nesse setor, o governo fica preocupado. E isso é o que aconteceu. — M lançou um olhar conciliador a Bond. — Pelo menos dois milhões de libras em diamantes são contrabandeados da África anualmente.

— É muito dinheiro — disse Bond. — E para onde vão as pedras?

— Dizem que para a América — respondeu M. — E eu também sou da mesma opinião. A América é sem dúvida o maior mercado de diamantes. E as quadrilhas que lá existem são as únicas que poderiam comandar uma operação de tal vulto.

— Por que as companhias de mineração não reprimem o contrabando?

— Têm feito tudo quanto podem — disse M. — Você provavelmente leu nos jornais que De Beers contratou nosso amigo Sillitoe logo que este deixou o MI5. Sillitoe está lá agora, trabalhando em cooperação com a polícia sul-africana. Imagino que ele deve ter sugerido medidas drásticas e dado algumas ideias brilhantes para colocar as coisas nos eixos, mas -o Tesouro e o Ministério do Comércio não estão muito propensos a pô-las em prática. Julgam que a questão é complexa demais para ser resolvida por um grupo de companhias isoladas, por mais eficientes que sejam. Além disso, têm um motivo muito forte para desejarem agir oficialmente por conta própria.

— E qual é esse motivo?

— Agora mesmo existe em Londres uma quantidade enorme de pedras contrabandeadas — disse M, e seus olhos cintilaram do outro lado da escrivaninha. — Estão aguardando o momento de serem transportadas para a América. E a Agência Especial sabe quem vai ser o portador. Logo que Ronnie Vallance soube da estória, por intermédio de uma de suas alcoviteiras do Soho, gente do seu “Esquadrão Fantasma” como ele gosta de dizer, correu ao Tesouro. O Tesouro comunicou-se com o Ministério do Comércio, e os dois ministérios foram ao Primeiro Ministro, que os autorizou a usarem o Serviço.

— Por que não deixar que a Agência Especial do MI5 tome conta do caso? — perguntou Bond, achando que M parecia atravessar uma fase de intromissão nos negócios alheios.

— É evidente que podiam prender os portadores assim que eles recebessem a encomenda e tentassem sair do país — disse M com impaciência. — Mas isso não acabará com a traficância. Esse povo não é do tipo que dá com a língua nos dentes. E de resto os portadores são só a arraia-miúda. Provavelmente só fazem receber o embrulho de um homem num parque e entregar a outro homem, noutro parque, quando chegam ao outro lado. O único meio de ir ao fundo da coisa é seguir a pista até a América e ver aonde vai dar. Infelizmente o FBI pouco poderá fazer pra nos ajudar. Isso é uma parte insignificante de sua batalha com as grandes quadrilhas. E

também não causa prejuízo algum aos Estados Unidos. Antes pelo contrário.

Só quem perde é a Inglaterra. Além do mais, a América está fora da jurisdição da polícia e do MI5. SÓ O Serviço pode encarregar-se desse trabalho.

— É verdade — concordou Bond. — Mas temos algum outro ponto de referência?

— Já ouviu falar da House of Diamonds?

— Claro que ouvi — disse Bond. — Os famosos palheiros americanos.

Rua 46 em Nova York e Rue de Rivoli em Paris. Imagino que hoje eles são tão importantes como Cartier, Van Cleef e Boucheron. Subiram bem depressa desde a guerra.

— Exatamente — continuou M. — São eles mesmos. Têm uma lojinha em Londres também. Em Hatton Garden. Compravam muito nas exposições mensais da Diamond Corporation. Mas nos últimos três anos vêm comprando cada vez menos. Embora, como você diz, suas vendas de jóias venham aumentando de ano para ano. Devem receber seus diamantes de alguma parte. Foi o Tesouro que os mencionou outro dia, em nossa reunião.

Mas não há nada contra eles. Só que mantêm aqui um dos figurões da firma, o que é estranho, já que compram tão pouco. Um sujeito chamado Rufus B.

Saye. Pouco se sabe a respeito dele. Almoça diariamente no Clube Americano, em Piccadilly. Joga golfe em Sunningdale. Não bebe nem fuma.

Mora no Savoy. Cidadão modelar. — M deu de ombros. — Mas o comércio de diamantes é uma espécie de negócio de família, com seus requintes e formalidades, e a impressão que a gente tem é que a House of Diamonds parece um pouco deslocada. Só isso.

Bond achou que já era tempo de formular a pergunta decisiva.

— E onde é que eu entro? — indagou, fitando os olhos de M.

— Você tem um encontro com Vallance na Scotland Yard dentro de — M consultou o relógio — uma hora, precisamente. Ele porá você em ação.

Vão prender o portador hoje de noite e você o substituirá.

Os dedos de Bond crispavam-se ligeiramente em volta dos braços da poltrona.

— E depois?

— Depois — respondeu M com simplicidade — você vai contrabandear os diamantes para os Estados Unidos. Pelo menos esse é o plano. Que me diz disso?

3 - Gelo quente

JAMES BOND fechou, atrás de si, a porta do gabinete de M. Deu um sorriso aos cálidos olhos castanhos de Miss Money Penny, atravessou a sala e entrou no escritório do Chefe do Pessoal.

O Chefe do Pessoal, um tipo magro e sossegado, mais ou menos da mesma idade de Bond, largou a pena e reclinou-se na cadeira. Viu Bond, num gesto automático, meter a mão no bolso traseiro da calça, puxar a cigarreira achatada de cor cinza-chumbo, caminhar até a janela aberta e contemplar Regents Park lá embaixo.

Nos movimentos de Bond havia um quê de refletida deliberação que respondia à pergunta do Chefe do Pessoal.

— Então você topou a parada. Bond voltou-se.

— Topei sim — disse ele e acendeu um cigarro. Seus olhos miravam o Chefe do Pessoal através da fumaça. — Mas me diga só uma coisa, Bill. Por que o velho está tão cauteloso a respeito desse negócio? Chegou até a ver os resultados de meu último exame médico. Por que está tão preocupado?

Afinal não se trata de nenhuma incumbência por trás da Cortina de Ferro. A América é um país civilizado. Mais ou menos. O que o atormenta? Era dever do Chefe do Pessoal saber o que se passava na cabeça de M. Seu cigarro se apagara, e ele acendeu outro, atirando depois o fósforo gasto por cima do ombro esquerdo. Virou-se para ver se tinha caído na cesta de papéis usados.

Tinha. Sorriu para Bond.

— Prática constante — disse ele. — Não há muitas coisas que preocupem M, James. E você sabe disso tão bem quanto qualquer outra pessoa do Serviço. A SMERSH, naturalmente, é uma delas. Os alemães violadores de códigos. A pandilha chinesa do tráfico de ópio... ou pelo menos sua influência no mundo inteiro. O prestígio da Máfia. E tem um bruto respeito por elas, as quadrilhas americanas. As grandes. Isso é tudo.

São as únicas pessoas que realmente apoquentam o velho. E parece quase certo que essa estória dos diamantes vai levar você à luta com as quadrilhas.

Elas são a última categoria de gente com que ele nos quer ver envolvidos. Já tem muito que fazer sem elas. Foi isso que o tornou cauteloso.

— Não vejo nada de extraordinário nesses bandidos americanos —

protestou Bond. — Não são americanos. Quase todos são italianos vadios, que usam camisas com monogramas, passam o dia comendo espaguete e almôndegas e se perfumam dos pés à cabeça.

— É o que você pensa — objetou o Chefe do Pessoal. — Bom, na realidade, esses são os que a gente vê. Mas há outros, superiores, por trás deles, e outros ainda mais superiores por trás desses últimos. Veja o caso dos narcóticos. Dez milhões de viciados. E de onde recebem a liamba? O jogo de azar... refiro-me ao jogo legalizado. Duzentos e cinquenta milhões de dólares por ano é a receita de Las Vegas. E há também o jogo por baixo do pano, em Miami, Chicago e outras cidades. No comando estão as quadrilhas e seus testas-de-ferro. Há alguns anos deram as contas de Bugsy Siegel só porque ele queria uma cota maior da receita de Las Vegas. E ele era durão. Essas são as grandes operações. Você já pensou que o jogo é a maior indústria da América? Maior do que a do aço? Maior do que a de automóveis? E a rapaziada não poupa nada pra manter a coisa funcionando sem atropelo. Se não acredita, pegue um exemplar do Relatório Kefauver e leia. E agora esses diamantes. Seis milhões de dólares por ano é um bocado de dinheiro. Pode apostar o que quiser como o negócio é bem protegido. — O Chefe do Pessoal fez uma pausa. Olhou impaciente para o vulto alto, de paletó saco azul-escuro, e para os olhos obstinados no rosto magro e trigueiro. — Talvez você não tenha lido o relatório do FBI sobre o crime nos Estados Unidos.

Relatório deste ano. Bastante ilustrativo. Trinta e quatro crimes de morte por dia. Quase 150 000 americanos assassinados nos últimos vinte anos. — Bond pareceu incrédulo. — É fato, não é conversa não. Arranje esses relatórios e verifique você mesmo. É por isso que M quis se certificar de que você estava em forma antes de lhe confiar essa missão. Você vai topar de testa com essas quadrilhas. E vai estar sozinho. Satisfeito agora?

O rosto de Bond se descontraíu. — Ora vamos, Bill! — disse ele. — Se isso é o que me aguarda, eu lhe pago o almoço. É a minha vez e eu quero celebrar. Estou livre do papelório até o fim do verão. Levarei você ao Scotts e lá teremos um cozido de caranguejo e uma caneca de cerveja. Você me tirou um peso da consciência. Pensei que havia algum problema sério a respeito desse negócio.

— Está bem, vamos. Raios o partam! — O Chefe do Pessoal pôs de parte as apreensões que partilhava com seu chefe e saiu com Bond do gabinete, batendo a porta atrás de si com desnecessária violência.

Mais tarde, às duas horas em ponto, Bond trocava um aperto de mão com o tipo garboso e simpático do antiquado escritório que ouve mais segredos do que qualquer outro escritório da Scotland Yard.

Bond tinha feito amizade com o Comissário Assistente Vallance no caso Moonraker. Assim, nenhum dos dois perdeu tempo com preâmbulos.

Vallance empurrou para o outro lado da escrivaninha duas fotos de identificação tiradas pelo Departamento de Investigação Criminal. Elas mostravam um rapaz bem-apessoado, de cabelos negros e cara de fanfarrão, na qual os olhos sorriam sem malícia.

— É o tal — disse Vallance. — Você poderá passar por ele perante alguém que só o conheça de descrição. Peter Franks. Tipo simpático. Boa família. Estudou em bons colégios, etcétera e tal. Depois transviou-se e até hoje. Especialidade: gatunagem. Pode ter tomado parte no roubo do Duque de Windsor em Sunningdale, há alguns anos. Nós o apanhamos uma ou duas vezes, mas em coisas bobas. Agora ele deu com a língua nos dentes.

Costumam fazer isso quando se metem num ramo que não conhecem. Eu tenho duas ou três pequenas que são nossas informantes lá no Soho. E ele está caidinho por uma delas. O mais engraçado é que ela também parece estar caída por ele e pensa que pode regenerá-lo, conquistá-lo para o bom caminho, enfim, essa xaropada toda. Mas ela tem sua tarefa, e quando ele falou nesse negócio, sem dar muita importância, como se fosse uma simples pagodeira, ela veio aqui me contar. Bond fez um movimento com a cabeça.

— Esses vigaristas especializados nunca levam a sério as atividades dos outros. Aposto que ele não teria dito nada a ela se se tratasse de uma de suas trampolinagens nas casas de campo.

— De jeito nenhum — concordou Vallance. — De outra forma nós o teríamos trancafiado há muito tempo. Bom, o que é certo é que ele foi abordado por um amigo e concordou em passar uma muamba para os Estados Unidos por 5 000 dólares. A pagar na entrega. A pequena quis saber se era entorpecente. Aí ele riu e disse: “Que nada! Coisa mais fina, gelo quente”. Os diamantes já estavam com ele? Não. ainda tinha que entrar em contacto com sua “guarda”. Amanhã de noite no Trafalgar Palace. Às cinco, no quarto da dona. Ela se chama Case. Ela diria o que ele tinha de fazer e viajaria com ele.

— Vallance ergueu-se e pôs-se a passear de um lado para outro defronte do quadro de cédulas falsas de cinco libras, pregado na parede oposta às janelas.

— Esses contrabandistas geralmente andam aos pares quando a carga é preciosa. O portador nunca merece confiança integral, e os homens no outro extremo da linha gostam de ter uma testemunha para o caso de haver alguma encrenca na alfândega. E se o portador falar, os maiores não serão apanhados desprevenidos.

Carga preciosa. Portadores. Alfândega. Guardas. Bond apagou o cigarro no cinzeiro da escrivaninha de Vallance. Quantas vezes, em seus primeiros

tempos no Serviço, tinha ele passado por esse ramerrão — de Estraburgo para a Alemanha, de Niegoreloye para a Rússia, por cima do Simplon, através dos Pirineus? A tensão. A boca ressequida. As unhas enfiadas nas palmas das mãos. E agora, diplomado em todas essas matérias, lá iria ele passar outra vez pela mesma rotina.

— É, estou vendo — disse Bond, furtando-se às lembranças que o assediavam. — Mas qual é o quadro geral? Tem alguma ideia? Em que tipo de operação Franks ia ser encaixado?

— Bem, seguramente os diamantes vêm da África. — Os olhos de Vallance eram impenetráveis. — Talvez não das minas da União. É mais provável que venham do grande vazamento que o nosso Sillitoe anda investigando em Serra Leoa. Talvez passam pela Libéria, ou, melhor ainda, pela Guiné Francesa. Daí para a França, possivelmente. E desde que esse pacote veio dar em Londres, é de presumir que Londres faz parte também da rota.

Vallance interrompeu o passeio e fitou Bond.

— E agora que sabemos que esse pacote está a caminho da América, o que nos intriga é o que vai acontecer quando chegar lá. Os operadores não iriam tentar economizar dinheiro na lapidação... nisso vai metade do dinheiro de um diamante... Por isso parece que as pedras são canalizadas para alguma firma do ramo, depois lapidadas e lançadas no mercado como as outras. — Vallance deteve-se um instante. — Não se importará se eu lhe der um conselho?

— Ah, não seja ridículo!

— Pois bem — continuou Vallance — em todos esses negócios a recompensa paga aos subalternos é de modo geral o elo mais frágil da cadeia. E como é que esse Peter Franks ia receber 5 000 dólares? De quem?

E se fosse bem sucedido, seria contratado outra vez? Se eu estivesse na sua pele, Bond, prestaria atenção a esses pontos. Procuraria descobrir quem faz o pagamento e tentaria aproximar-me dos chefões. Se eles forem com a sua cara, não será difícil. Bons portadores não aparecem todos os dias, e iate mesmo os maiores vão se interessar pelo novo recruta.

— Perfeito — disse Bond meditativo — você tem razão. A dificuldade principal será passar pelo primeiro contacto na América. Vamos torcer para que eu não seja descoberto na alfândega de Idlewild. Vou ficar com cara de bobo se o inspetoscópio me pilhar. Mas espero que essa dona Case tenha algumas ideias brilhantes sobre a maneira de transportar a muamba. E agora, qual é o primeiro passo? Como é que você me vai fazer passar por Peter

Franks?

Vallance reiniciou o passeio. — Acredito que isso não terá maiores complicações — disse ele. — Vamos engaiolar Franks hoje de noite, sob ‘a acusação de que ele está conspirando para burlar a alfândega. — Fez um ar de riso. — É pena que a gente vá desfazer uma amizade tão bela com a minha pequena do Soho. Mas é o jeito. Depois, a ideia geral é de você ir ao encontro de Miss Case.

— Ela, o que é que sabe a respeito de Franks?

— Descrição e nome — respondeu Vallance. — É o que nós supomos, pelo menos. Acho que ela nem conhece o homem que abordou Frank.

Ninguém conhece ninguém nessa linha intermediária. Cada um faz seu serviço num compartimento estanque. Assim, abrindo-se um buraco, não se perde tudo.

— E você, o que é que sabe a respeito dela?

— As ninharias do passaporte. Cidadã americana. 27 anos. Nascida em São Francisco. Loura. Olhos azuis, 1,68 de altura. Profissão: solteira. Esteve aqui umas doze vezes nos últimos três anos. Pode ter estado muito mais sob outros nomes. Sempre se hospeda no Trafalgar Palace. O detetive do hotel informa que ela parece sair muito pouco. Raramente recebe visitas. Nunca fica além de duas semanas. Nunca cria problemas. É tudo. Não se esqueça de fabricar uma boa estória quando for falar com ela. Explique por que vai fazer o serviço e assim por diante.

— Eu cuido dessa parte.

— Mais alguma coisa em que possamos ajudar?

Bond pensou um pouco. Cabia-lhe tomar conta do resto. Uma vez em ação, trataria de improvisar, de acordo com as circunstâncias. Então lembrou da joalheria.

— E essa House of Diamonds que despertou as suspeitas do Tesouro?

Parece uma conjectura um pouco vaga. Alguma sugestão?

— Para ser franco, eu não tinha me preocupado com ela. — O tom de voz de Vallance era o de quem se desculpava. — Tomei informações sobre esse tal de Saye. Também aqui não achei nada além dos detalhes do passaporte. Americano. 45 anos. Negociante de diamantes. E por aí vai. Ele viaja muito para Paris. De fato, nos últimos três anos tem ido lá uma vez por mês. É possível que vá ver uma garota. Mas quer saber de uma coisa? Por que não vai dar uma olhada na loja e nele? Nunca se sabe o que se pode ganhar com isso.

— E como é que eu faço pra ir lá? — perguntou Bond em dúvida.

Ao invés de responder, Vallance apertou um botão do interfone, em cima de sua mesa.

— Pronto, senhor — atendeu uma voz metálica.

— Por favor, Sargento, mande subir Dankwaerts e Lobiniere. E depois me consiga uma ligação telefônica com a House of Diamonds, a joalheria de Hatton Garden. Diga que quer falar com Mr. Saye.

Vallance afastou-se e olhou pela janela para o rio. Tirou um isqueiro do bolso do colete e começou a golpeá-lo de leve, distraído. Houve uma pancada na porta, e o secretário de Vallance enfiou a cabeça.

— Sargento Dankwaerts, senhor.

— Mande-o entrar — disse Vallance. — Retenha Lobiniere até que eu o chame.

O secretário segurou a porta aberta, dando passagem a um indivíduo de feições comuns e vestido à paisana. Usava óculos, tinha o rosto pálido e o cabelo começava a rarear. A expressão era de bondade e solicitude. Poderia ser um funcionário graduado de qualquer estabelecimento comercial.

— Boa tarde, Sargento — disse Vallance. — Este é o Comandante Bond, do Ministério da Defesa. — O Sargento sorriu polidamente. — Eu queria que o senhor levasse o Comandante Bond à House of Diamonds em Hatton Garden. Ele será o “Sargento James” do seu corpo de auxiliares. O senhor acredita que os diamantes roubados em Ascot estão a caminho da Argentina através dos Estados Unidos, e dirá isso a Mr. Saye, o chefe da firma. O senhor calcula que talvez Mr. Saye tenha ouvido algum boato a respeito, por intermédio da matriz em Nova York. Sabe como é, discrição e amabilidade. Mas não deixe de fitá-lo dentro dos olhos. Pressione o mais que puder, sem dar motivo algum para queixa. Depois peça desculpas, retire-se e esqueça tudo o que foi dito. Certo? Alguma pergunta?

— Não, senhor — respondeu o Sargento Dankwaerts, impassível.

Vallance proferiu algumas palavras no interfone e, segundos depois, surgiu na sala um tipo pálido, insinuante, elegantemente trajado à paisana e portando uma pequena pasta para documentos. Aguardou de pé, junto à porta.

— Boa tarde, Sargento. Venha dar uma espiada neste amigo meu.

O Sargento deu alguns passos, parou perto de Bond e, com gestos corteses, virou-o para a luz. Dois olhos escuros e penetrantes esquadrinharam atentamente o rosto de Bond durante um bom minuto.

Depois, o homem afastou-se.

— Não posso garantir a cicatriz por mais de seis horas — disse ele. — Neste calor é impossível. Mas o resto não tem dificuldade. Quem é que ele vai ser, senhor?

— Vai ser o Sargento James, do corpo de auxiliares do Sargento Dankwaerts. — Vallance consultou o relógio. — Só por três horas, É possível?

— Sem dúvida. Posso começar? — A um sinal afirmativo da cabeça de Vallance, o policial conduziu Bond a uma cadeira junto à janela, botou a pasta no soalho ao lado da cadeira, pôs um joelho no chão e abriu a pasta. E durante dez minutos, seus dedos ágeis ocuparam-se com a cara e o cabelo de Bond.

Conformado, Bond escutou a conversa de Vallance com a House of Diamonds.

— Só às 3h30? Nesse caso, poderia dizer a Mr. Saye que dois de meus homens irão vê-lo às 3h30 em ponto? Sim. É importante, parece-me. Mera formalidade, naturalmente. Investigação de praxe. Não creio que tome mais de dez minutos do tempo de Mr. Saye. Muito obrigado. Sim. Comissário Assistente Vallance. Perfeito. Scotland Yard. Sim. Muito grato. Até logo.

Vallance colocou o receptor no gancho e voltou-se para Bond.

— Diz a secretária que Mr. Saye só estará de volta às 3,30. Sugiro que vocês cheguem lá às 3,15. Não faz mal nenhum examinar antes o local.

Sempre é útil tirar um pouco o equilíbrio do homem que vocês vão visitar.

Como vai indo isso aí?

O Sargento Lobiniere segurou um espelho de bolso diante de Bond.

Um toque branco nas têmporas. A cicatriz eliminada. Vaga sugestão de concentração nos cantos dos olhos e da boca. Leves sombras debaixo das maçãs do rosto. Nada em que se pudesse colocar o dedo, mas tudo junto totalizava alguém que certamente não era James Bond.

4 - “Que se passa aqui?”

No CARRO DA patrulha, o Sargento Dankwaerts estava imerso em seus pensamentos. Em silêncio, percorreram toda a extensão do Strand, subiram Chancery Lane e foram sair em Holborn. Em Gamages entraram à esquerda para Hatton Garden, e o carro estacionou nas proximidades dos * portais alvos e limpos do London Diamond Club.

Bond seguiu o companheiro pela calçada até uma porta vistosa, no centro da qual havia uma lustrosa placa de bronze com a inscrição: “The House of Diamonds”. Logo abaixo lia-se: “Rufus B. Saye. Vice-Presidente para a Europa”. O Sargento Dankwaerts apertou a campainha. Uma bonita moça judia abriu a porta, levou-os por um corredor alcatifado e introduziu-os numa sala de espera apainelada.

— Estou esperando Mr. Saye a qualquer momento — explicou a moça com indiferença e retirou-se, fechando a porta.

A sala era luxuosa e, graças ao braseiro extemporâneo da lareira Adam, excessivamente calorenta. No centro do tapete cor-de-vinho e sem uma ruga havia uma mesa circular de pau-rosa Sheraton e seis poltronas, que Bond calculou terem custado pelo menos mil libras. Em cima da mesa espalhavam-se números recentes de revistas e vários exemplares do *Diamond News* de Kimberley. Os olhos de Dankwaerts brilharam ao verem essas publicações. Ele sentou-se e começou a folhear o número de junho.

Em cada uma das quatro paredes havia um quadro de flores numa moldura dourada. A tridimensionalidade desses quadros chamou a atenção de Bond, e ele deu alguns passos para examinar um deles. Não era pintura, mas um arranjo estilizado de flores naturais, dispostas por trás de vidros em nichos forrados de veludo acobreado. Todos eram iguais, e os quatro jarros Waterford em que se encontravam as flores formavam um conjunto perfeito.

A sala estaria mergulhada em completo silêncio não fosse o tiquetaque hipnótico de um grande relógio de parede em forma de sol irradiante e o brando murmúrio de vozes atrás de uma porta defronte da entrada. Ouviu-se um estalido, a porta abriu-se ligeiramente e uma voz com carregada entonação estrangeira tagarelou uma queixa: — Mas, Mister Grunspan, por que tanta inflexibilidade? Todos temos de ganhar a vida, não é assim? Estou lhe dizendo que esta maravilhosa pedra me custou dez mil libras. Dez mil! Não acredita em mim? Mas eu juro.

Palavra de honra!

Houve uma pausa de recusa e a voz lançou a derradeira proposta: — Melhor ainda! Aposto cinco libras com você! Soou uma gargalhada.

— Willy, você é o tal — falou uma voz americana. — Mas nada feito.

Gostaria de ajudá-lo, mas essa pedra não vale mais de nove mil, e por cima disso dou cem só pra você. Agora vá embora e pense na proposta que lhe fiz.

Você não achará oferta maior.

A porta abriu-se completamente e um homem de negócios americano, de *pince-nez* e boca severa, conduziu para fora um judeuzinho perplexo, que trazia uma enorme rosa vermelha enfiada no botão da lapela. Ambos ficaram espantados ao perceber que a sala de espera estava ocupada e, com um “Perdão” sussurrado a ninguém em particular, o americano quase empurrou o outro para o corredor. A porta fechou-se atrás deles.

Dankwaerts ergueu o olhar e piscou para Bond.

— Está aí em síntese todo o comércio de diamantes — disse ele. — Esse que saiu é Willy Behrens, dos mais conhecidos corretores da praça. Trabalha por conta própria. Suponho que o outro é o comprador de Saye.

Voltou à sua leitura, e Bond, reprimindo o impulso de acender um cigarro, continuou a examinar os “quadros” das flores.

De repente, o luxuoso, alcatifado e hipnótico silêncio da sala foi interrompido por um ruído semelhante ao do cuco de um relógio. No mesmo instante, uma acha de lenha caiu na lareira, o resplandecente relógio de parede bateu a meia hora, a porta abriu-se com violência e um homenzarrão moreno deu duas passadas rápidas dentro do quarto e estacou, olhando com firmeza de um para outro visitante.

— Meu nome é Saye — disse com aspereza. — Que se passa aqui? Que desejam vocês?

Tinha deixado a porta aberta. O Sargento Dankwaerts ergueu-se e, polido mas imperturbável, passou pelo homem e fechou-a. Depois, voltou ao centro da sala.

— Sou o Sargento Dankwaerts, da Agência Especial da Scotland Yard — disse ele numa voz calma e sossegada. <— E este — fez um gesto indicando Bond — é o Sargento James. Estou fazendo um inquérito de rotina acerca de uns diamantes roubados. Ocorreu ao Comissário Assistente — a voz era de veludo — que o senhor talvez pudesse nos ajudar.

— É? — falou Mr. Saye e olhou com desprezo para os dois policiais mal remunerados que tinham o desprazer de lhe tomarem o tempo. — Prossiga.

Enquanto o Sargento Dankwaerts, num tom de voz que para um violador das leis teria soado ameaçadoramente uniforme e consultando a todo instante uma cadernetinha preta, recitava uma estória recheada das expressões “a 16

do corrente” e “chegou ao nosso conhecimento”, Bond inspecionava abertamente Mr. Saye, que não pareceu mais perturbado com isso do que com os cicios do recitativo do Sargento Dankwaerts.

Mr. Saye era um tipo grandalhão e sólido, com a dureza de um pedaço de quartzo. Tinha a cara quadrada, cujas arestas eram acentuadas pelo cabelo de arame, curto e negro, cortado *en brosse* e sem costeletas. O rosto estava escanhado e os beijos formavam uma linha reta, fina e comprida. O queixo retangular tinha uma fenda profunda e os músculos avultavam nas extremidades da mandíbula. Vestia um terno folgado, preto, de paletó saco, camisa branca e uma gravata preta quase da grossura de um enfiador de sapato, presa por um alfinete de ouro representando uma lança. Os braços compridos pendiam com naturalidade ao longo do corpo e terminavam em duas mãos enormes, agora ligeiramente fechadas, cujas costas cobriam-se de pêlos negros. Os pés avantajados, metidos num par de sapatos pretos e caros, deviam calçar 44.

Bond julgou-o um homem rude e eficiente, que tinha triunfado num bom número de escolas violentas e que parecia estar ainda cursando uma delas.

—...e essas são as pedras em que estamos particularmente interessados — concluiu o Sargento Dankwaerts, recorrendo à cadernetinha preta. — Um “Wesselton” de 20 quilates. Dois “Fine Blue-white” de cerca de 10 quilates cada um. Um “Yellow Premier” de 30 quilates. Um “Top Cape” de 15

quilates e dois “Cape Union” de 15 quilates. — Levantou a vista da caderneta e encarou os olhos negros e implacáveis de Mr. Saye. — Terá algum deles passado pelas suas mãos, Mr. Saye, ou por sua firma de Nova York? — perguntou no mesmo tom de voz.

— Não — respondeu secamente Mr. Saye. — Não passaram. — Deu meia volta, foi até a porta e abriu-a. — E agora, senhores, passem bem.

Sem lhes dar mais atenção, Mr. Saye saiu da sala e os dois ouviram-no galgar alguns degraus. Uma porta abriu-se, fechou-se e, por fim, silêncio.

Impávido, o Sargento Dankwaerts enfiou a caderneta no bolso do colete, pegou o chapéu, entrou no corredor e saiu para a rua. Bond seguiu-o.

Entraram no carro e Bond deu o endereço de seu apartamento, numa das transversais de King’s Road. Quando o veículo se pôs em movimento, o Sargento Dankwaerts desafivelou a máscara oficial. Voltou-se para Bond e olhou-o divertido.

— Gostei da experiência — disse alegremente. — Não é todos os dias que a gente topa com um sujeito tão disposto. E o senhor, conseguiu o que queria?

Bond deu de ombros.

— Pra lhe dizer a verdade, Sargento, não sei exatamente o que é que eu queria. Mas estou satisfeito de ter visto Mr. Rufus B. Saye. O cara é pra valer mesmo, sabe? Só que não corresponde muito à ideia que eu faço de um homem que negocia com diamantes.

O Sargento Dankwaerts deu uma risadinha gutural.

— De diamante ele não entende nada — disse. — Aposto!

— Como é que o senhor sabe?

— Quando eu li a lista de pedras procuradas — o Sargento Dankwaerts sorriu deliciado — mencionei um “Yellow Premier” e dois “Cape Union”.

— E daí?

— Acontece somente que não existem pedras com esses nomes.

5 - “Feuilles mortes”

BOND SENTIU às suas costas o olhar do ascensorista, enquanto avançava pelo corredor comprido e silencioso em direção ao Apartamento 350. Não se surpreendeu. Sabia que se cometiam mais infrações neste do que em qualquer outro dos grandes hotéis de Londres. Vallance tinha-lhe mostrado certa vez o mapa mensal do crime na cidade. Apontara para a floresta de bandeiras fincadas em torno do Trafalgar Palace e dissera: — Este local é a dor de cabeça dos homens que preparam esses mapas.

Todo mês fica tão perfurado que eles têm de colar nova folha de papel pra receber os alfinetes do mês seguinte.

Ao aproximar-se do fim do corredor, Bond começou a ouvir um piano que lançava ao ar as notas de uma melodia melancólica. À porta do 350, percebeu que a música vinha do quarto. Reconheceu a melodia. Era *Feuilles Mortes*. Bateu.

— Entre.

Haviam telefonado da portaria, e a voz o aguardava. Bond introduziu-se na sala de estar e fechou a porta.

— Feche com a chave — a voz vinha do quarto de dormir.

Bond obedeceu e depois, atravessando o centro da peça, foi postar-se defronte da porta aberta do quarto de dormir. Quando passou pela radiola portátil sobre a escrivaninha, o pianista começava a tocar *La Ronde*.

A mulher, seminua, estava escarranchada numa cadeira diante do toucador, e olhava por cima do espaldar para o espelho triplo. O queixo descansava sobre os braços cruzados no espaldar. A espinha arqueava-se, e havia arrogância no conjunto formado pela cabeça e pelos ombros. O cordão preto do porta-seios atravessado nas costas nuas, as calcinhas pretas rendadas e coladas nos quadris e o abandono das pernas fustigaram os sentidos de Bond.

Desviando o olhar da própria imagem, a moça inspecionou-o no espelho, rápida e friamente.

— Creio que você é o novo auxiliar — disse ela com indiferença, numa voz baixa e algo rouca. — Sente-se e aprecie a música. O melhor disco de música popular gravado até hoje.

Bond achou graça. Docilmente deu alguns passos até uma poltrona baixa e confortável, moveu-a um pouco do lugar de modo que pudesse ver a moça através da porta aberta e sentou-se.

— Posso fumar? — perguntou, sacando a cigarreira do *i* bolso e botando um cigarro na boca.

— Pode, já que é assim que pretende morrer.

Miss Case retomou a silenciosa contemplação do próprio rosto no espelho, enquanto o pianista tocava *J'attendrai*. Depois o disco chegou ao fim.

Com indiferença, ela sacudiu os quadris para fora da cadeira e ficou de pé. Inclinou ligeiramente a cabeça, e os cabelos louros, que caíam pesadamente sobre os ombros, curvaram-se com o movimento e apareceram iluminados.

— Pode virar o disco, se quiser — disse ela em tom displicente. — Estarei aí num minuto — e desapareceu num canto do quarto.

Bond foi até a radiola e apanhou o disco. Era George Feyer com acompanhamento de ritmo. Olhou para o número e gravou-o na memória.

Vox-500. Examinou o outro lado e, saltando *La Vie en Rox* para evitar as recordações, colocou a agulha no princípio de *Avril au Portugal*.

Antes de afastar-se da radiola, puxou com cuidado o mata-borrão que estava por baixo e levantou-o contra a lâmpada do quebra-luz ao lado da

escrivaninha. Virou-o de lado e relanceou o olhar pela superfície. Não encontrou sinais. Sacudiu os ombros, tornou a enfiá-lo no lugar e voltou para a poltrona.

A música parecia combinar com a jovem. Era como se todas as melodias pertencessem a ela. Não admirava que esse fosse o seu disco preferido, pois tinha dela a sensualidade atrevida, a petulância das maneiras, o toque pungente que Bond vislumbrara nos olhos que o fitaram melancolicamente do espelho.

Bond não se dera ao trabalho de imaginar a mulher que o vigiaria durante a viagem. Não poderia ser outra senão uma velhusca desenxabida, masculinizada, de olhos sem vida — uma mulher arrogante e cruel, “passada”, cujo corpo já não tinha o menor interesse para a quadrilha que a empregava. E aí estava essa garota. Valente, sim, as atitudes o proclamavam.

Mas qualquer que fosse a estória de seu corpo, a pele irradiava vida sob a claridade.

Qual seria seu primeiro nome? Bond levantou-se outra vez e dirigiu-se ao toca-discos, de cuja alça pendia uma etiqueta da Pan American Airways, onde se lia: *Miss T. Case*. E esse T? Bond voltou para a poltrona. Teresa?

Tess? Thelma? Tilly? Não, esses nomes não quadravam. Mas não podia ser Trixie, nem Tony e muito menos Tommy.

Ainda se divertia com o problema, quando ela surgiu sem ruído na moldura da porta, encostou um cotovelo no portal, apoiou a cabeça na mão e olhou-o pensativa.

Bond ergueu-se sem pressa e retribuiu o olhar.

Ela estava pronta para sair. Mas o chapéu, minúsculo objeto preto, rodava nos dedos da outra mão. Vestia um elegante *tailleur* negro por cima de uma blusa verde-oliva abotoada no pescoço. Calçava meias de nylon, de um amarelo queimado, e sapatos pretos de crocodilo, de bico quadrado, que deviam ter custado muito dinheiro. Num dos punhos trazia um relógio fino, de ouro, preso a uma correia preta, e no outro uma grossa corrente de ouro.

Uma *baguette* chamejava no anular da mão direita e um brinco de pérola emoldurado em ouro aparecia na orelha direita que a abundante cabeleira loura deixava a descoberto.

Era bela em seu estouvamento, como se guardasse sua beleza para si e não ligasse à impressão que causava nos homens. Um caimento irônico das sobrancelhas delicadamente riscadas acima dos olhos grandes, rasos, acinzentados e algo desdenhosos, parecia dizer: — Venha. Experimente. Mas

com cuidado.

Os próprios olhos tinham a qualidade rara da opalescência. Quando as jóias são opalescentes, a cor de sua refulgência se altera com o movimento da luz. A cor dos olhos da moça parecia oscilar entre o cinzento claro e o cinza-azulado profundo.

A pele era levemente bronzeada, e o único vestígio de maquilagem residia no vermelho intenso dos lábios carnudos, macios, com o laivo de enfado necessário para produzir o efeito daquilo que se chama “boca pecadora”. Mas, pensou Bond, decerto essa não teria pecado’ muito, a julgar pelos olhos rasos e pela sugestão de autoridade e tensão que deles emanava.

Agora esses olhos cravaram-se, impessoais, nos de Bond.

— Então você é Peter Franks — disse a moça. Havia na voz abafada e agradável um tom de condescendência.

— Sou, sim — confirmou Bond. — Estou procurando descobrir o que é que o T significa.

Ela pensou um instante.

— Creio que pode descobrir na escrivania — disse ela. — Esse T é de Tiffany. — Foi até o toca-discos e desligou-o na metade de *Je rien connais pas la fin*. Depois voltou-se: — Mas não é de domínio público — acrescentou com frieza.

Bond encolheu os ombros, dirigiu-se para a janela, encostou-se ao peitoril e cruzou os pés.

Sua despreocupação pareceu irritá-la. Ela sentou-se à escrivania.

— Bem, agora — disse ela com impaciência — falemos de negócios.

Em primeiro lugar, por que aceitou esse trabalho?

— Alguém morreu.

— Oh — ela o encarou com espanto. — Disseram-me que o seu ramo era furto. — E após uma pausa: — Em luta ou a sangue frio?

— Em luta.

— E você quer se safar.

— É. Isso e o dinheiro. Ela mudou de assunto.

— Tem perna de pau? Dentes postiços?

— Não. Tudo é real.

Ela franziu a testa.

— Peço sempre que me mandem um homem com uma perna de pau.

Mas está bem. Algum passatempo favorito? Mania por alguma coisa? Tem alguma ideia a respeito do transporte das pedras?

— Não — disse Bond. — Jogo baralho e golfe. Mas creio que as alças de malas e malas são bons lugares para esse tipo de coisa.

— O pessoal da alfândega também pensa assim — disse ela secamente.

Ficou em silêncio por uns instantes, refletindo. Depois, puxou uma folha de papel e um lápis. — Qual é o tipo de bola de golfe que você usa? — perguntou com ar sério.

— É o que chamam Dunlop 65 — ele também tinham o ar sério. — É uma ideia!

Ela não fez nenhum comentário, mas anotou o nome. Levantou a vista: — Tem passaporte?

— Bom, tenho um — admitiu Bond. — Mas está em meu verdadeiro nome.

— Oh. — Novamente ela se tornou desconfiada. — E qual seria esse nome?

— James Bond.

Ela riu com desdém.

— Também serve. — Deu de ombros. — Afinal, tanto faz. Pode obter um visto do Consulado americano em dois dias? E um atestado de vacina?

— Não vejo por que não possa — respondeu Bond (O Departamento Q arranjaria tudo isso). — Não há nada contra mim na América. Nem na polícia daqui. Nada que me impeça de viajar. Isto é, no nome de Bond.

— Ótimo — disse ela. — Agora, preste atenção. A Imigração vai querer saber disso. Nos Estados Unidos você vai ser hóspede de um homem chamado Tree. Michael Tree. E vai ficar no Astor de Nova York. Tree é um amigo seu. Vocês se conheceram durante a guerra. — Ela se pôs mais à vontade. — Para seu governo, esse homem realmente existe e confirmará sua estória. Mas nem todos sabem que ele se chama Michael. “Shady” Tree é como é chamado pelos amigos... se é que tem algum — concluiu com azedume.

Bond sorriu.

— Ele não é tão engraçado como você pensa — disse, ríspida.

Em seguida abriu uma gaveta da escrivaninha e tirou um maço de cédulas de cinco libras, envoltas num elástico. Folheou-as apressadamente com o polegar, separou mais ou menos a metade e colocou de volta na gaveta. Enrolou as restantes, prendeu-as com o elástico e atirou o pacote para Bond, que se curvou para a frente e aparou-o quase no soalho.

— Aí estão umas quinhentas libras mais ou menos — disse ela. — Reserve acomodações no Ritz e dê o endereço do hotel à Imigração. Arranje uma boa mala já usada e ponha nela tudo que normalmente se leva para uma temporada de golfe. Não esqueça os seus tacos. Desapareça da circulação. Compre passagem no Monarch da BOAC para Nova York.

Quinta-feira de noite. Amanhã logo cedo tire a passagem. Sem ela, a embaixada não lhe dará o visto. O carro irá apanhá-lo no Ritz às 6,30.

Quinta-feira de noite. O chofer lhe entregará as bolas de golfe. Vai colocá-las na sua bagagem. E... — fitou-o nos olhos — não pense que vai poder desaparecer sozinho com os diamantes. O chofer ficará a seu lado até que a bagagem seja transportada para o avião. E eu estarei no aeroporto de Londres. Assim, é melhor não tentar nenhuma falseta. Entendido?

Bond encolheu os ombros.

— O que é que eu poderia fazer com esse tipo de mercadoria? — disse ele com indiferença. — É muito alto pra mim. E o que vai acontecer quando eu chegar a Nova York?

— Outro chofer estará aguardando do lado de fora da alfândega. Ele lhe dirá então o que tem de fazer. Veja bem — havia certa ânsia na voz da moça — se acontecer alguma coisa na alfândega, aqui ou lá, você banca o inocente. Não sabe de nada, entendeu? Não sabe como as bolas foram parar na sua bagagem. A todas as perguntas você vai respondendo: “Eu?”. Não diz mais nada. Eu estarei observando. Talvez outros também estejam. Isso eu sei. Se for preso na América, recorra ao Cônsul britânico e insista nisso. Não receberá nenhuma ajuda de nossa parte. Mas é para isso que está sendo pago. Entendido?

— Perfeitamente — respondeu Bond. — Você seria a única pessoa com quem eu poderia me encrencar. — Olhou-a com interesse. — Eu não queria que isso acontecesse.

— Bobagem — disse ela com desdém. — Você não tem nada comigo. E nem precisa se preocupar, meu amigo. Sei cuidar de mim mesma. — Ergueu-se, deu alguns passos e parou diante dele. — E nada de assumir esses

ares de meu protetor — disse com rispidez. — Estamos tratando de negócios. Sei me defender sozinha, mais do que você pensa.

Bond aprumou-se e deixou o peitoril da janela. Deu um sorriso para os olhos cinzentos e brilhantes que estavam agora escuros de impaciência.

— “Sei fazer tudo melhor do que você”. Calma. Você não terá queixa de mim. Mas sossegue e largue essa eficiência por um instante. Gostaria de vê-la outra vez. Será que a gente pode encontrar-se em Nova York, caso tudo corra bem?

Bond sentiu que estava sendo desleal ao pronunciar essas palavras.

Gostava da moça. Queria fazer amizade com ela. Mas isto significava usar a amizade para penetrar mais a fundo na organização para a qual ela trabalhava.

Ela o encarou, pensativa, por alguns instantes e, pouco a pouco, os olhos foram clareando. Os lábios apertados relaxaram-se e se entreabriram ligeiramente. Quando voltou a falar, pareceu hesitante.

— Eu, ah... quero dizer — deu as costas a ele bruscamente. — Diabo! — exclamou, mas a palavra soou artificial. — Não tenho nada pra fazer sexta-feira de noite. Acho que poderíamos jantar juntos. Clube 21, na Rua 52.

Todos os motoristas de táxi conhecem o lugar. Às oito horas. Isto é, se tudo correr bem. Convém a você? — Voltou-se para o homem, olhando-o na boca e não nos olhos.

— Ótimo — disse Bond e pensou que já era tempo de ir embora antes que cometesse alguma tolice. — Bem — falou com jeito de homem prático.

— Há mais alguma coisa?

— Não — ela respondeu. E então, de repente, como se lhe tivesse ocorrido uma lembrança, perguntou: — Que horas são?

Bond consultou o relógio.

— Dez para as seis.

— Tenho o que fazer agora — disse ela. Como se o despedisse, caminhou para a porta. Bond seguiu-a. Com a mão na chave, ela se voltou e encarou-o. — Você se sairá bem — falou. — Mas mantenha-se longe de mim no avião. Não se deixe tomar de pânico se houver alguma dificuldade.

Se se sair bem — voltou-lhe à voz a nota de condescendência — arranjarei mais serviço para você.

— Obrigado — disse Bond. — Isso me alegra. Gostaria de trabalhar com

você.

Com leve meneio de ombros, ela abriu a porta e Bond passou para o corredor.

— Irei vê-la no 21 — disse ele.

Desejava falar mais, encontrar uma desculpa para ficar ao lado dela, ao lado dessa moça solitária, que ouvia música no toca-discos e se contemplava no espelho. Agora, porém, ela lhe parecia distante. Podia ser uma estranha.

— Está bem — disse ela com indiferença. Fitou-o uma vez mais; depois, devagar mas com firmeza, fechou-lhe a porta no nariz.

Enquanto Bond caminhava pelo corredor em direção ao elevador, a moça postou-se junto à porta, atenta às passadas, e lá ficou até que elas se dissiparam. Depois, com olhar meditativo, aproximou-se lentamente do toca-discos e ligou-o. Apanhou o disco de Feyer e procurou a faixa que desejava ouvir. Colocou o disco no prato e a agulha no sulco. A melodia era *Je ríen connais pas la fin*. E, enquanto escutava a música, ia pensando no homem que de um momento para outro, inesperadamente, entrara em sua vida. Deus do céu, disse para si mesma com _ súbito desespero furioso, outro vigarista!

Não poderia ela nunca ver-se livre deles? Mas quando a música parou, seu rosto estava feliz. Cantarolando a melodia com a boca fechada, empouou o nariz e preparou-se para sair.

Ao chegar à rua, parou e olhou para o relógio. Seis e dez. Dispunha de cinco minutos. Cruzou Trafalgar Square e encaminhou-se para a estação de Charing Cross, arranjando mentalmente as frases que deveria proferir.

Entrou na estação e foi direta à cabina telefônica que sempre usava.

Eram precisamente 6,15 quando discou o número em Welbeck. Após as duas costumeiras campainhadas, ouviu o estalido do gravador automático registrando a chamada. Durante vinte segundos escutou apenas o chiado forte de uma agulha girando sobre a cera. Depois, a voz neutra que era seu desconhecido patrão disse uma única palavra: “Fale”. Voltou, então, o silêncio entrecortado pelo chiado do gravador.

Havia muito deixara ela de se perturbar com a ordem abrupta e incorpórea. Falou rapidamente e com clareza dentro do bocal negro: — De Case para ABC. Repetindo: Case para ABC. — Fez uma pausa. — Portador satisfatório. Diz que o nome verdadeiro é James Bond e usará esse nome no passaporte. Joga golfe e levará tacos. Sugere bolas de golfe. Usa Dunlop 65. Todas as outras providências foram ajustadas. Pedirei confirmação às 19h15 e 20h15. Nada mais.

Escutou por um momento o chiado do gravador. Colocou o fone no gancho e voltou para o hotel. Ligou para o serviço do hotel e pediu um martini seco duplo. Quando este chegou, ela sentou-se, acendeu um cigarro, pôs o toca-discos em funcionamento e esperou até as 7h15.

Depois, ou talvez só depois de ter discado outra vez às 8,15, ouviu a voz neutra e abafada no receptor: — ABC para Case. Repetindo: ABC para Case... — e seguiram-se as instruções.

E em algum lugar, num quarto alugado de Londres, o chiado do gravador parou quando ela botou o fone no gancho. Então, é possível que uma porta se tenha fechado, passos tenham descido cautelosamente uma escada e desaparecido na rua.

6 - Em trânsito

ERAM SEIS HORAS da noite de quinta-feira. Bond arrumava a mala em seu quarto no Ritz. Era uma valise Revelation, de couro de porco, cara mas usada. O conteúdo era adequado ao disfarce do viajante. Traje a rigor; um terno leve, preto e branco, para o campo e o golfe; sapatos Sàxone de golfe; uma companheira de fatiota de estambre tropical azul-escuro; camisas de seda branca e de algodão Sea Island, azul-escuro, de colarinho e de mangas curtas; meias, gravatas, roupa de baixo de nylon e dois compridos paletós de pijama, de seda, que ele usava em lugar dos pijamas de duas peças.

Nenhuma dessas coisas levava, nem tinha levado alguma vez, quaisquer marcas ou iniciais.

Terminada essa tarefa, Bond passou a colocar numa pasta, também de couro de porco e já usada, o resto de suas coisas: material de barba e banho, o livro de Tommy Armour, *Como Jogar Sempre Bem o Golfe*, as passagens e o passaporte. A pasta lhe tinha sido arranjada pelo Departamento Q e continha um compartimento estreito sob o couro, no fundo, onde se escondiam um silenciador para sua arma e trinta cartuchos de munição calibre 25.

O telefone tocou. Bond supôs que fosse o carro, um pouco antes da hora aprazada. Mas era da portaria do hotel, e lhe informavam que estava lá em baixo um representante da “Exportadora Universal” com uma carta para lhe ser entregue pessoalmente.

— Mande subir — disse Bond, intrigado.

Alguns minutos depois abriu a porta para um homem à paisana, que reconheceu como um dos mensageiros da sede do Serviço.

— Boa noite — disse o homem, tirando do bolso do paletó um grande envelope comum e passando-o às mãos de Bond. — Devo aguardar e levar isto de volta depois que o senhor o tiver lido.

Bond abriu o envelope branco e rompeu o sinete do envelope azul que vinha dentro.

Encontrou uma folha de papel de ofício azul, datilografado, sem endereço nem assinatura. Bond identificou os caracteres graúdos empregados nas comunicações pessoais de M.

Indicou uma cadeira ao mensageiro e foi sentar-se à escrivaninha diante da janela.

Washington (dizia o memorando) informa que Rufus B. Saye não é outro senão Jack Spang, de quem se suspeita ser o gangster mencionado no relatório Kefauver, mas que não registra antecedentes criminais. É, entretanto, irmão gêmeo de Seraffimo Spang, com quem chefia a chamada “Turma de Spang”, que opera em diversas partes do território norte-americano. Os irmãos Spang adquiriram o controle da House of Diamonds há cinco anos, “a título de investimento”. Não há nada contra essa firma, que parece perfeitamente legal.

Os irmãos mantêm também uma “rede de palpites” que serve aos corretores de apostas não autorizados, de Nevada e Califórnia, e é, portanto, ilegal. O nome dessa organização é Infalível. Possuem ainda o Tiara Hotel de Las Vegas. Este é o quartel-general de Seraffimo Spang e também, para se beneficiarem das leis tributárias de Nevada, o escritório central da House of Diamonds.

Washington acrescenta que a Turma de Spang tem interesse em outras atividades criminosas, como narcóticos e prostituição organizada. Tais atividades são dirigidas de Nova York por Michael (Shady) Tree, que já foi preso cinco vezes por delitos vários. A quadrilha tem agentes em Miami, Detroit e Chicago.

Washington qualifica a Turma de Spang entre as mais poderosas quadrilhas dos Estados Unidos, acobertada por alguns setores das administrações estaduais e federal e pela polícia. Disputa o primeiro lugar com o grupo de Cleveland e dos “Vermelhos” de Detroit.

Nosso interesse nessas questões não foi dado a conhecer a Washington. Mas na hipótese de que as suas investigações o levem a estabelecer contactos

perigosos com essa quadrilha, informe-nos imediatamente. Será então afastado do caso, o qual passará aos cuidados do FBI. Isto é uma ordem. A devolução deste documento num envelope timbrado será entendida como um sinal de que você recebeu esta ordem.

Não havia assinatura. Bond correu os olhos outra vez pelo papel, dobrou-o e colocou-o num envelope do Ritz. Ergueu-se e entregou o envelope ao mensageiro.

— Muito obrigado — disse Bond. — Sabe onde fica a escada?

— Sei sim, muito obrigado — disse o mensageiro. Caminhou para a porta e abriu-a. — Boa noite, senhor.

— Boa noite.

A porta fechou-se sem ruído. Bond atravessou o quarto e, na janela, pôs-se a contemplar Green Park.

Por um momento recordou com nitidez o vulto magro e envelhecido, recostado na cadeira em seu gabinete tranquilo.

Entregar o caso ao FBI? Bond sabia que M falava sério. Mas também sabia quanto seria penoso para M ter de pedir a Edgar Hoover que ficasse à frente de um caso do Serviço Secreto e tirar do fogo as castanhas da Grã-Bretanha.

— As palavras importantes do memorando eram “contactos perigosos”.

E o que constituía “contacto perigoso” caberia a Bond decidir. Em comparação com os adversários que enfrentara antes, esses desordeiros não eram lá grande coisa. Ou eram? Bond lembrou-se então da cara quadrada, de quartzo, de Rufus B. Saye. Bom, de qualquer maneira não poderia haver mal nenhum em dar uma olhada no irmão de nome exótico. Seraffimo. Nome de garçom de buate ou de vendedor ambulante de sorvete. Mas esse pessoal era assim mesmo. Barato e teatral.

Bond deu de ombros. Consultou o relógio. 6,25. Passou a vista pelo quarto. Tudo estava pronto. Num impulso, pôs a mão direita por dentro do paletó e puxou a Beretta calibre 25 do boldrié de camurça, suspenso pouco abaixo da axila esquerda. Era a nova arma que M lhe havia dado “como um memento”, depois da última missão, com uma nota escrita com a tinta verde de M: *Você pode precisar disto.*

Bond foi até a casa, removeu o pente e lançou na colcha de rendas o cartucho que estava na câmara. Experimentou várias vezes o mecanismo e sentiu a tensão na mola do gatilho quando pressionou e disparou a arma vazia. Puxou para trás a culatra, verificou que não havia poeira em volta do pino,

que passara tanto tempo a limar, e correu a mão pelo cano azul, de cuja ponta tinha serrado pessoalmente a rombuda massa de mira. Depois recolocou o cartucho no pente e o pente no alojamento, examinou o mecanismo pela última vez, armou o registro de segurança e tornou a enfiar a arma dentro do paletó.

O telefone tocou.

— Seu automóvel acaba de chegar, senhor.

Bond repôs o receptor no gancho. Então chegara o momento. A partida.

Dirigiu-se pensativamente à janela e mais uma vez esprou o olhar pelas árvores verdes. Sentiu ligeiro vácuo no estômago, uma angústia inesperada ao cortar as amarras com aquelas árvores verdes que representavam Londres no auge do verão, uma impressão de isolamento ao pensar no alto edifício de Regents Park, a fortaleza que iria ficar fora de alcance, a menos que gritasse por socorro, o que, sabia, não faria nunca.

Houve uma batida na porta. Era o rapaz que vinha buscar a bagagem.

Bond seguiu-o pelo corredor. Varrera tudo da mente, exceto a expectativa do que o aguardava à boca do tortuoso conduto, escancarado para o receber do lado de fora das portas de vaivém do Ritz Hotel.

O carro era um Armstrong Siddeley Sapphire negro, chapa vermelha.

— Vai gostar de vir na boleia — disse o chofer uniformizado.

Não era um convite. A bagagem e os tacos de golfe foram arranjados no assento traseiro. Bond sentou-se comodamente e, enquanto entravam em Piccadilly, observou a fisionomia do motorista. Tudo quanto podia ver era um perfil duro e anônimo debaixo de um boné pontiagudo. Os olhos escondiam-se por trás de uns óculos escuros. As mãos protegidas por luvas de couro dirigiam com perícia.

— Acalme-se e aprecie a paisagem. — O sotaque era de Brooklyn. — Não queira puxar conversa, que me deixa nervoso.

Bond fez um ar de riso e não respondeu. Portou-se como o outro mandou. Quarenta anos, pensou. 78 quilos. Um metro e setenta e sete. Bom chofer. Conhecedor do trânsito londrino. Nenhum cheiro de fumo. Sapatos caros. Bem vestido. Nem sombra de bebida. Barbeia-se cuidadosamente duas vezes por dia com barbeador elétrico.

Depois do desvio no fim de Great West Road, o chofer parou à beira da estrada. Abriu o porta-luvas e retirou com toda a atenção seis novas Dunlop 65, acondicionadas em papel preto e com os selos intactos. Deixando o motor em ponto morto, abandonou a boleia e abriu a porta traseira. Bond olhou por

cima do ombro e viu o homem desafivelar a sacola da maleta de golfe e introduzir, uma a uma, as seis bolas entre as velhas e novas que a sacola já continha. Depois, sem dar uma palavra, montou na boleia e pôs o carro em movimento.

No aeroporto, Bond atravessou despreocupado a rotina de bagagem e passagem, comprou o *Evening Standard*, permitindo que seu braço, quando procurava as moedas no bolso, roçasse uma loura bonita, num costume cor de bronze, que folheava preguiçosamente uma revista mundana, e, acompanhado pelo chofer, seguiu atrás da bagagem para o balcão da alfândega.

— Só objetos de uso pessoal?

— Só.

— E quanto leva em moeda inglesa?

— Umas três libras e algum dinheiro miúdo.

— Muito obrigado, senhor.

O giz azul riscou uma garatuja nas três maletas, o carregador apanhou a bagagem e jogou no carrinho.

— Siga a lâmpada amarela para a Imigração, senhor — disse o carregador e saiu empurrando o carrinho para o compartimento de carga.

O chofer dirigiu uma saudação irônica a Bond, que divisou por um instante a mancha de dois olhos, por trás dos vidros escuros dos óculos, e os lábios apertados num meio sorriso.

— Boa noite, meu senhor. Boa viagem.

— Muito obrigado, meu valete — respondeu Bond alegremente e teve a satisfação de ver sumir-se o sorriso quando o chofer deu meia volta e saiu apressado.

Bond apanhou a pasta, mostrou o passaporte a um jovem simpático, com cara de menino, que lhe ticou o nome na lista de passageiros, e entrou na sala de embarque. Ouviu, bem às suas costas, a voz abafada de Tiffany Case dizer “muito obrigada” ao jovem de cara de menino. Um momento depois ela entrou na sala e escolheu uma cadeira entre Bond e a porta. Bond reprimiu um sorriso. Era onde ele teria sentado se estivesse nos calcanhares de alguém que fosse necessário vigiar.

Bond abriu o *Evening Standard* e pôs-se a observar os outros passageiros por cima do jornal.

O avião devia estar lotado. Bond chegara muito tarde para reservar um leito, e sentiu alívio ao ver que entre as quarenta pessoas da sala não havia

uma só cara conhecida. Vários ingleses, duas das freiras que habitualmente cruzam o Atlântico no verão

— Lourdes, talvez — americanos, a maioria homens de negócios, dois meninos de colo para não deixar ninguém dormir, e um punhado de europeus indefiníveis. A carga de sempre, pensou Bond, conquanto admitisse que se dois dos passageiros, ele próprio e Tiffany Case, tinham seus segredos, não havia razão para que vários desses tipos insípidos não tivessem também missões estranhas a cumprir.

Bond sentiu que estava sendo observado, mas era somente o olhar vago de dois dos homens que ele havia catalogado entre os negociantes americanos. Os olhos de ambos desviaram-se dele, e um dos homens, jovem de rosto mas de cabeça encanecida, murmurou alguma coisa para o outro. Os dois puseram-se em pé, pegaram os Stetsons, que, apesar do verão estavam encaixados em capas impermeáveis, e passaram para o bar. Bond ouviu-os pedir doses duplas de conhaque e água. O segundo homem, que era pálido e gordo, tirou um vidrinho do bolso e engoliu uma pílula com o conhaque.

Dramamina, presumiu Bond. O homem devia passar mal no avião.

A despachantes de voo da BOAC aproximou-se de Bond. Segurou o telefone — para o controle de voo, imaginou Bond — e disse:

— Tenho quarenta passageiros na sala de embarque. Aguardou a aprovação, depois colocou o telefone no gancho e apanhou o microfone.

— Atenção, Sala de Embarque.

Auspicioso início de travessia do Atlântico, refletiu Bond. Em breve estavam todos atravessando a pista de macadame alcatroado e entrando no gigantesco Boeing. Pouco depois, com uma rajada de fumaça de petróleo e metanol, os motores começavam a trabalhar, um a um. O comissário anunciou pelo alto-falante que a próxima escala seria Shannon, onde jantariam, e que o tempo de voo seria de uma hora e cinquenta minutos. Afinal, o imenso avião estratosférico, de dois andares, rolou lentamente na pista leste-oeste. A aeronave tremeu nos freios quando o piloto acelerou os quatro motores, um por um, até atingir a velocidade de decolagem, e pela janela Bond acompanhou o teste das aletas. Depois, o aparelho virou-se devagarinho para o poente, houve um abalo quando os freios se soltaram, e o gramado nos dois lados da pista achatou-se, enquanto, ganhando velocidade, o Monarch vencia zunindo as duas milhas de concreto e se erguia no rumo do oeste, tendo como derradeiro alvo outro tapete de concreto na outra banda do mundo.

Bond acendeu um cigarro e se preparava para ler seu livro quando o espaldar da cadeira da esquerda, à sua frente, arriou de súbito a seu lado. Era

um dos dois homens de negócios americanos, o gordo, que se derreava na poltrona, tendo ainda o cinto de segurança amarrado ao ventre. O rosto estava esverdeado e suarento. Segurava uma pasta atravessada no peito, e Bond leu o nome impresso no cartão de visita inserido na etiqueta de couro: *Mr. W. Winter*. Abaixo do nome, em maiúsculas vermelhas, lia-se: MEU GRUPO SANGUÍNEO É F.

Pobre diabo, pensou Bond. Está apavorado. Está certo de que o avião vai cair. Apenas espera que os homens que o tirarão dos escombros lhe deem uma transfusão de sangue igual ao seu. Para ele, este avião nada mais é do que um tubo gigantesco — repleto de peso morto anônimo, sustentado no ar por algumas tomadas cintilantes e guiado para seu destino por uns fiapos de eletricidade. Não confia no aparelho, nem nas estatísticas de segurança.

Sofre dos mesmos temores de quando era menino— medo do rumor, medo de cair. Não se atreve sequer a ir ao banheiro com receio de que o piso do avião se desmanche quando ficar em pé.

Uma silhueta rompeu os raios do sol que inundavam a cabina, e Bond desviou o olhar do homem. Era Tiffany Case. Ela passou por Bond, indo em direção à escada que conduzia ao bar no andar inferior, e desapareceu. Bond gostaria de segui-la. Mas deu de ombros e esperou pela passagem do aeromoço empurrando o carrinho com coquetéis, caviar e canapés de salmão defumado. Agarrou mais uma vez o livro e leu uma página sem entender nada. Afastou do espírito a imagem da moça e recomeçou a leitura.

Bond tinha lido um quarto do livro quando sentiu um mal-estar nos ouvidos. O avião iniciava a descida de cinquenta milhas em busca da costa ocidental da Irlanda. “Apertem os cintos. Não fumem”. Surgiu, então, o holofote verde-e-branco de Shannon, o vermelho e o ouro da rota iluminada aproximaram-se céleres, e, segundos depois, brilhou o azul intenso das luzes da pista, entre as quais o aparelho correu para o local de desembarque. Bife e champanha ao jantar, mais a maravilhosa taça de café quente misturado com uísque irlandês e coroadado por meia polegada de creme espesso. Um rápido olhar pelas bugigangas das vitrinas do aeroporto: rosários irlandeses de chifre, harpa irlandesa de carvalho das turfeiras, duendes irlandeses de latão, todos a um dólar e cinquenta, e o horripilante chalé musical irlandês, de quatro dólares, as peludas e insuportáveis roupas de *tweed*, as delicadas toalhinhas e guardanapos de linho irlandês. Por fim, irrompeu no alto-falante a burundanga irlandesa, em que só eram inteligíveis as palavras “BOAC” e “Nova York”, e seguiu-se a tradução em inglês. Um último olhar lançado à Europa, e logo depois elevavam-se a 15 000 pés, tomando o rumo do próximo contacto com a superfície da Terra, emitindo sinais de rádio para os navios meteorológicos *Jig* e *Charlie*, que marcam passo ao sabor da rosados-ventos

em alguma parte do Atlântico.

Bond dormiu bem e, ao acordar, estavam chegando à costa meridional da Nova Escócia. Foi ao banheiro, barbeou-se, gargarejou, expelindo da boca o gosto de uma noite de ar pressurizado, retornou ao seu lugar entre as filas de passageiros estremunhados e amarfanhados, e teve seu costumeiro instante de alegria quando o sol despontou na orla do mundo e a aurora tingiu de sangue a cabina.

Pouco a pouco, com o raiar do dia, o avião tornou à vida. Vinte mil pés abaixo as casas começaram a destacar-se como grãos de açúcar espalhados num tapete escuro. Nada se movia na superfície da Terra, exceto a larva fina da fumaça de um trem, a seta retilínea e alva da esteira de um pescueiro cruzando um estreito, o lampejo de cromo de um minúsculo automóvel apanhado pelo sol; mas Bond quase podia ver os movimentos das corcovas sonolentas que começavam a despertar sob os lençóis, e, nos pontos em que um filete de fumaça rasgava o ar tranquilo da manhã, podia aspirar o cheiro do café coado nas cozinhas.

Serviram o café da manhã, essa incongruente mistura de alimentos que nos anúncios da BOAC é apresentada como típica de uma casa de campo inglesa, e o comissário distribuiu os questionários da alfândega norte-americana — Fórmula N.º 6063 do Departamento do Tesouro. Bond leu a letrinha miúda do impresso — *omitir qualquer objeto ou deliberadamente prestar declarações falsas... multa ou prisão ou ambas* — e escreveu *Objetos de Uso Pessoal*, assinando despreocupadamente a mentira.

E durante três horas o avião pairou imóvel no ar; apenas as réstias brilhantes do sol, oscilando vagarosamente para cima e para baixo nas paredes da cabina, davam a impressão de movimento. Afinal, Boston apareceu esparramada lá em baixo, depois foi a vez do arrojado desenho das auto-estradas de Nova Jérsey, e voltou o mal-estar aos ouvidos de Bond com a descida sobre o labiríntico manto dos subúrbios de Nova York. Vieram, então, em sucessão, o silvo e o cheiro enjoativo da bomba inseticida, o gemido estridente, hidráulico, dos freios de ar e do trem de pouso que baixava, o mergulho do nariz do avião, o violento encontrão dos pneus na pista, o feio bramido das hélices invertidas para reduzir a velocidade do avião, o sacolejante avanço por cima do gramado a caminho do pátio de manobras, o estardalhaço da porta que se abria. Tinham chegado.

7 - “Shady” Tree

O FUNCIONÁRIO DA alfândega, um tipo pançudo e descansado, com manchas escuras de suor nos sovacos da camisa cinzenta da farda, caminhou sem pressa da mesa do Supervisor para o local onde Bond se encontrava, tendo à frente os três volumes de sua bagagem, arrumados no compartimento da letra B. Na porta contígua, letra c, a moça tirou da bolsa um maço de Parliaments e colocou um cigarro na boca. Bond ouviu vários estalidos impacientes do isqueiro e um clique mais agudo quando ela repôs o isqueiro na bolsa e travou o fecho. Bond estava consciente de que ela o vigiava.

Desejou que o nome da moça principiasse com z; assim não a teria a seu lado. Zarathustra? Zacharias, Zophany...?

— Mr. Bond?

— Sim.

— É sua assinatura?

— É, sim.

— Objetos de uso pessoal, somente?

— Só.

— Está bem, Mr. Bond.

O homem destacou um selo do talão e colou-o na maleta. Fez a mesma coisa na pasta. Aproximou-se dos tacos de golfe e deteve-se, com o talão na mão. Levantou a vista. — Qual o score, Mr. Bond?

Bond não entendeu direito.

— São tacos de golfe.

— Estou vendo — disse o homem, paciente. — Mas, qual o seu score normal?

Bond teve vontade de esmurrar.

— Ah, oitenta e poucos, creio.

— Nunca na vida cheguei aos cem — disse o funcionário e pregou um bendito selo no flanco da maleta, a poucas polegadas do mais vultoso contrabando que já passou por Idlewild. — Boas férias, Mr. Bond.

— Muito obrigado — respondeu Bond.

Fez um aceno para o carregador e seguiu a bagagem até a última barreira, onde estava o Inspetor. A demora foi breve. O homem curvou-se e procurou os selos, carimbou-os e indicou a saída.

— Mr. Bond?

A voz vinha de um homem de rosto fino e comprido, cabelo cor de lama e olhar duro. Trajava calça esporte marrom escura e camisa cor-de-café.

— Estou com um carro à sua espera.

Quando ele se virou e, tomando a dianteira, saiu para a manhã quente e ensolarada, Bond notou-lhe a saliência quadrangular no bolso traseiro da calça. Pelo formato era uma automática de pequeno calibre. Típico, pensou Bond. Rotineiro. Esses bandidos americanos eram óbvios demais. Tinham lido muitas histórias em quadrinhos e visto muitos filmes de gangsters.

O carro era um Oldsmobile Sedan negro. Bond não esperou pela ordem.

Tomou assento na boleia e deixou que o outro se encarregasse de arrumar a bagagem e gratificar o carregador. Quando deixaram a melancólica pradaria de Idlewild e fundiram-se na corrente do tráfego de Van Wyck Parkway, Bond achou que devia dizer qualquer coisa.

— Como vai o tempo aqui?

O motorista não tirou os olhos da estrada.

— Aí pelos trinta e poucos, mais ou menos.

— Quente pra burro — disse Bond. — Em Londres pouco passa de vinte.

— Verdade?

— Qual é o programa agora? — perguntou Bond depois de uma pausa.

O homem olhou para o espelho retrovisor e manobrou para a pista do centro. Durante um quarto de milha ocupou-se em cortar um grupo de carros vagarosos nas pistas interiores. Quando chegaram a um trecho vazio da estrada, Bond repetiu a pergunta:

— Qual é o programa?

O chofer olhou-o de esguelha.

— Shady quer vê-lo.

— Quer? — disse Bond.

De súbito sentiu-se impaciente e perguntou a si mesmo quando iria entrar em choque com aquela gente. A perspectiva não era das melhores. Sua tarefa era continuar dentro do negócio e avançar o mais possível. A qualquer sinal de independência ou discordância, seria posto à margem. Tinha de se humilhar e prosseguir. Era preciso acostumar-se à ideia.

Tomaram o caminho de Manhattan e foram margeando o rio. Depois, cruzaram a cidade e saíram no meio da Rua 46 Oeste, o Hatton Garden de

Nova York. O chofer estacionou em fila dupla diante de uma fachada que nada tinha de especial. O ponto de destino de Bond estava encaixado entre uma ourivesaria de aspecto desmazelado e uma elegante frontaria revestida de mármore negro. O letreiro em itálico prateado, acima do mármore negro da entrada, era tão discreto que Bond não o teria decifrado se não carregasse o nome num canto da memória. Dizia: “The House of Diamonds, Inc.”.

Quando o carro parou, um homem desceu da calçada e se aproximou do chofer:

— Tudo em ordem?

— Tudo. O patrão tá aí dentro?

— Tá sim. Quer que vá guardar o carro?

— Ah, ótimo. — O chofer voltou-se para Bond. — Chegamos, companheiro. Vamos tirar os trecos.

Bond desceu e abriu a porta traseira. Apanhou a pasta e fez um gesto em direção aos tacos de golfe.

— Deixe os tacos comigo — disse-lhe o chofer às suas costas.

Bond obedeceu e arrastou a maleta. O chofer agarrou os tacos e bateu a porta do carro. O outro homem já estava ao volante, e quando Bond chegou à calçada e entrou no edifício, atrás do chofer, o carro já se tinha emaranhado no tráfego.

O homem que estava dentro de um cubículo, no saguão, levantou a vista da seção de esportes do *The News*, quando os dois entraram.

— Ai — fez ele, dirigindo-se ao chofer e examinando Bond.

— Ai — disse o chofer. — Podemos deixar as malas com você?

— Bota aí — respondeu o homem. — Vão ficar bem guardadas — e atirou a cabeça para trás.

O chofer, com os tacos no ombro, esperou por Bond à porta de um elevador no fundo do saguão. Quando Bond passou para dentro do elevador, o chofer apertou o botão do quarto andar. Subiram em silêncio e foram sair em outro saguão, com duas cadeiras, uma mesa, uma grande escarradeira de latão e um cheiro quente e desagradável.

Atravessaram o tapete puído e chegaram a uma porta envidraçada, na qual o chofer deu uma batida e entrou sem esperar pela resposta. Bond seguiu-o e fechou a porta.

Sentado a uma escrivaninha, estava um homem de cabelo vermelho

brilhante e cara redonda, grande e tranquila. Tinha diante de si um copo de leite. Levantou-se quando eles entraram, e Bond notou-lhe a corcunda. Bond não se lembrava de ter visto antes um corcunda ruivo. Imaginou que tal combinação serviria para amedrontar a arraia miúda que trabalhava para a quadrilha.

O corcunda deu lentamente a volta à mesa e aproximou-se de Bond.

Caminhou em redor dele, fazendo praça de examiná-lo minuciosamente, da cabeça aos pés, depois parou diante de Bond e fitou-o cara a cara.

Impassível, Bond encarou o par de olhos de porcelana, tão vazios e imóveis que poderiam ter sido comprados a um taxidermista. Teve a impressão de estar passando por uma espécie de exame e notou no outro as orelhas grandes de lóbulos um tanto crescidos, os beiços secos e vermelhos da enorme boca semi-aberta, a quase completa ausência de pescoço e os braços curtos e musculosos metidos na camisa cara de seda amarela, cortada especialmente para abrigar o barril do busto e a giba pontuda.

— Gosto de examinar cuidadosamente o pessoal que empregamos, Mr. Bond.

A voz era estridente. Bond sorriu com polidez.

— Informam-me de Londres que você matou um homem. Acredito. Vejo que é bem capaz disso. Gostaria de fazer mais algum serviço para nós?

— Depende do serviço — disse Bond. — Ou melhor — esperava não estar sendo demasiadamente teatral — depende de quanto me pagarem.

O corcunda deu um guincho à guisa de risada e virou-se para o chofer.

— Rocky, tire as bolas do saco e abra-as. Olhe aqui. Deu uma sacudidela brusca no braço direito e estendeu a

mão espalmada para o chofer. Nela estava um canivete de lâmina dupla, de cabo chato envolto num esparadrapo. Bond reconheceu que era uma faca de atirar e teve de admitir que o passe de prestidigitação tinha sido executado com mestria.

— Agora mesmo, patrão — disse o chofer, e Bond reparou na alacridade com que ele pegou a faca e ajoelhou-se no soalho para desapertar a correia da sacola.

O corcunda afastou-se de Bond e voltou para sua cadeira. Sentou-se e agarrou o copo de leite. Fez uma cara de nojo o engoliu o conteúdo em dois grandes tragos. Olhou para Bond como se esperasse um comentário.

— Úlceras? — perguntou Bond com simpatia.

— Quem lhe pediu opinião? — disse o corcunda, enraivecido. Mas transferiu a cólera para o chofer. — O que é que está esperando, Rocky?

Bote essas bolas na mesa para que eu possa ver o que você está fazendo.
O

número na bola é o centro do corte. Anda com isso.

— Já vou, patrão — respondeu o chofer, erguendo-se e colocando as seis bolas novas sobre a escrivaninha.

Cinco estavam ainda dentro dos invólucros negros. Pegou a sexta e girou-a nos dedos. Agarrou a faca, enfiou a ponta na capa da bola e fez um movimento de alavanca. Uma seção circular de meia polegada levantou-se na ponta da lâmina. O chofer empurrou a bola por cima da mesa para o corcunda, que entornou o conteúdo, três pedras brutas de dez a quinze quilates, no tampo de couro da escrivaninha.

Sorumbático, o corcunda cutucou as pedras com o dedo.

O chofer prosseguiu em sua tarefa até que Bond contou dezoito pedras em cima da mesa. Não se faziam notar no estado bruto em que se achavam, mas, se fossem de alta qualidade, deveriam valer 100 000 libras esterlinas, depois de lavradas, calculou Bond.

— Está bom, Rocky — disse o corcunda. — Dezoito. Não falta nenhuma. Agora tire daqui esses malditos tacos e mande levar para o Astor, junto com a bagagem desse sujeito. Ele está registrado lá. Mande botar tudo no quarto dele. Certo?

— Certo, patrão.

O chofer largou a faca e as bolas de golfe vazias, em cima da mesa, amarrou a sacola, pendurou-a nos ombros e foi embora.

Bond caminhou para uma cadeira junto da parede, arrastou-a de modo a ficar de frente para o corcunda e sentou-se. Tirou um cigarro e acendeu-o.

Encarou o corcunda e disse:

— Agora, já que o senhor está satisfeito, gostaria de embolsar os 5 000 dólares.

O corcunda, que vinha observando atentamente os movimentos de Bond, baixou a vista para os diamantes amontoados à sua frente e arrumou-os num círculo. Depois, encarou Bond.

— O senhor receberá todo o seu dinheiro, Mr. Bond — o tom de voz era categórico. — E poderá ganhar mais de cinco mil. Mas o método de efetuar o

pagamento levará em conta a necessidade de proteger ambas as partes. O

senhor e nós. Não haverá pagamento direto. O motivo é fácil de entender, Mr. Bond. O senhor certamente terá feito pagamentos em sua carreira de gatuno. Sabe como é perigoso ver-se um homem com o bolso cheio de dinheiro de uma hora para outra. Dá com a língua nos dentes. Esbanja a torto e a direito. E quando os tiras o agarram e lhe perguntam de onde veio o dinheiro, não sabe o que dizer. Concorda?

— Inteiramente — disse Bond, surpreso com o raciocínio e a autoridade das afirmações do homem. — Isso é sensato.

— Assim — continuou o corcunda — eu e meus amigos só muito raramente fazemos pagamentos, e de pequenas quantias, por serviços prestados. Em vez disso, tomamos providências para que o interessado ganhe o dinheiro por sua própria iniciativa. O seu caso é um exemplo.

Quanto tem no bolso?

— Umas três libras e algumas moedas — disse Bond.

— Muito bem — disse o corcunda. — Hoje o senhor volta a encontrar seu amigo Mr. Tree. — Apontou um dedo para o próprio peito. — Que sou eu. Cidadão perfeitamente respeitável que o senhor conheceu na Inglaterra em 1945 quando ele tratava de arranjar colocação para os excedentes do Exército. Lembra-se?

— Sim.

— Eu lhe devia 500 dólares de uma partida de bridge que jogamos no Savoy. Lembra-se?

Bond fez que sim com a cabeça.

— Hoje, quando nos encontramos, eu o desafiei: o dobro ou nada. E o senhor ganhou. Certo? Então, tem o senhor agora 1 000 dólares, e eu, um contribuinte que não sonega imposto, confirmarei a sua estória. Aqui está o dinheiro.

O corcunda puxou uma carteira do bolso traseiro da calça e empurrou dez cédulas de cem dólares para o outro lado da mesa.

Bond apanhou-as e guardou-as despreocupadamente no bolso do paletó.

— Aí — prosseguiu o corcunda — o senhor diz que gostaria de ir às corridas de cavalos enquanto estivesse por aqui. E eu lhe digo: “Por que não vai dar uma espiada em Saratoga? O programa começa na segunda-feira”. O senhor acha boa a ideia e parte para Saratoga, com seus mil pacotes no bolso. Certo?

— Perfeito — disse Bond.

— E lá o senhor aposta num cavalo. E ele paga pelo menos cinco por um. Então o senhor tem os seus 5.000 dólares, e se alguém perguntar de onde veio o dinheiro, o senhor poderá dizer que o ganhou e poderá prová-lo.

— E se o cavalo perder?

— Não perderá.

Bond não fez comentário. De um golpe, começava a penetrar em algum lugar — no mundo dos gangsters? As corridas. Fitou os pálidos olhos de porcelana. Era impossível dizer se eram receptivos. Eles o fitavam também, inexpressivos. Mas era a hora de dar um grande passo.

— Bom, está tudo ótimo — disse Bond, na esperança de que a lisonja fosse o caminho certo. — Os senhores, como estou vendo, pensam em tudo.

Eu gosto de trabalhar para gente previdente.

Não houve encorajamento da parte dos olhos de porcelana.

— Gostaria de passar uns tempos longe da Inglaterra. Será que não estão precisando de mais alguém?

Os olhos de porcelana desviaram-se dos de Bond e esquadrinharam-lhe, pensativa e gradualmente, o rosto e os ombros, como se o corcunda estivesse examinando um cavalo. Depois, o homem baixou os olhos para o círculo de diamantes e, com rigor e método, transformou-o num quadrado.

O silêncio enchia a sala. Bond olhava as unhas.

Por fim, o corcunda volveu o olhar outra vez para Bond.

— Talvez — disse, absorto. — Talvez haja mais alguma coisa para você.

Até agora você não cometeu nenhum deslize. Continue assim e não meta o bedelho onde não for chamado. Me telefone depois da corrida e eu lhe direi quais são as ordens. Mas, já lhe disse, não se afobe e faça o que lhe mandam.

Está bem assim?

Os músculos de Bond se relaxaram e ele deu de ombros.

— Por que iria sair da linha? Estou procurando emprego. E pode dizer à turma que eu não sou exigente desde que a paga compense.

Pela primeira vez os olhos de porcelana revelaram emoção. Pareciam feridos e coléricos, e Bond pensou que talvez tivesse exagerado na representação.

— O que é que você pensa que nós somos? — a voz do corcunda elevou-

se a um guincho irritado. — Uma corja de vigaristas baratos? Bolas! Bem...

— encolheu os ombros, resignado. — É. Não se pode esperar que um godeme compreenda como as coisas correm aqui hoje em dia. — Os olhos tornaram-se opacos outra vez. — Agora escute o que eu vou lhe dizer. Este é o número do meu telefone. Tome nota. Wisconsin 7-3697. Anote isto também. Mas guarde só pra você; do contrário vai ficar sem a língua. — O riso curto e estridente de Shady Tree não era festivo. — Quarto páreo na terça-feira. Prêmio Perpetuidades. Uma milha e um quarto para animais de três anos. E faça sua aposta na horinha de fechar os guichês. Use esses mil que acaba de receber. Certo?

— Certo — respondeu Bond, o lápis pousado obedientemente sobre a caderneta.

— Está bem — disse o corcunda. — Shy Smile. Cavalo grande com estrela na testa e malhas brancas nas quatro patas. Jogue nele pra ganhar.

8 - O olho que nunca dorme

ERAM 12h30 quando Bond desceu do elevador e saiu para a rua esturricante.

Virou à direita e foi perambulando devagarinho para Times Square. Ao passar pela elegante frontaria de mármore negro da House of Diamonds, deteve-se a olhar as duas discretas vitrinas-forradas de veludo azul-escuro.

No centro de cada uma havia uma única jóia, um brinco formado por um grande diamante talhado como uma pêra, pendente de outra pedra perfeita, circular e lavrada ao jeito de um brilhante. Debaixo de cada brinco via-se uma delicada placa de ouro, em forma de cartão de visita, com uma ponta dobrada para baixo. Em cada placa estavam gravadas as palavras: *Os Diamantes São Eternos*.

Bond sorriu, curioso de saber qual de seus antecessores tinha contrabandeado esses quatro diamantes para a América.

Prosseguiu na caminhada em busca de um bar com ar condicionado, onde pudesse refugiar-se do calor e pensar um pouco. Estava satisfeito com a entrevista. Pelo menos não tinha sido o massacre que imaginara. O corcunda até que o divertira. Havia nele certa pompa teatral, e a fatuidade em relação à

Turma de Spang era interessante. Mas o homem não era nada engraçado.

Bond flanara alguns minutos quando, de súbito, teve a impressão de que o seguiam. Não tinha outro indício além de ligeiro formigamento do couro cabeludo e uma aguda percepção dos transeuntes à sua volta. Mas, confiando em seu sexto sentido, parou diante da vitrina por onde ia passando e lançou um olhar despreocupado para trás, ao longo da Rua 46. Nada. Só viu a multidão heterogênea que caminhava lentamente pelas calçadas, a maioria no mesmo lado em que ele se encontrava, o lado da sombra. Não notou nenhum movimento brusco para o interior de uma loja, ninguém passando o lenço no rosto para evitar ser reconhecido, ninguém curvando para amarrar os sapatos.

Bond passou os olhos pelos relógios suíços da vitrina e continuou a andar. Algumas jardas adiante, parou de novo. Nada ainda. Tornou a andar e dobrou a Avenida das Américas, parando no primeiro pórtico, a entrada de uma loja de artigos femininos, onde um homem de roupa cinzenta, com as costas para a rua, examinava as calças pretas rendadas de um manequim particularmente realista. Bond voltou-se, encostou-se a um pilar e dirigiu um olhar preguiçoso mas atento para a rua.

Foi então que algo lhe prendeu o braço direito e uma voz rosnou: — Está bem, godeme. Fique quieto se não quiser chumbo para o almoço.

Bond sentiu que alguma coisa lhe comprimia as costas, logo acima dos rins.

O que havia de familiar naquela voz? A Lei? A Quadrilha? Bond baixou os olhos para ver o que lhe segurava o braço. Era um gancho de aço. Bem, se o homem tivesse só um braço... Como um raio, Bond fez pião, inclinou-se para um lado e rodou o punho esquerdo num soco de cima para baixo.

Houve um estalo quando a mão esquerda do outro lhe agarrou o punho, e no mesmo instante em que o contacto tele-grafou à mente de Bond que não havia arma, soou a gargalhada bem conhecida e a voz indolente falou: — Não adianta, James. Você foi pegado mesmo.

Recompondo-se aos poucos, Bond encarou um momento o rosto aquilino e sorridente de Félix Leiter. E enquanto olhava incrédulo para o outro, a tensão ia-se dissipando.

— Então, seu velhaco, você me seguia, andando à minha frente — disse afinal. Contemplou com alegria o amigo que vira pela última vez feito um casulo de ataduras imundas, na cama ensanguentada de um hotel da Flórida, o agente secreto americano com quem partilhara tantas aventuras. — Que diabo você faz aqui? Por que cargas d'água resolve bancar o palhaço nesse solão? — Bond puxou um lenço e enxugou o rosto. — Houve um instante em que

quase me deixou nervoso.

— Nervoso?! — Félix Leiter riu com desdém. — Você estava era dizendo suas orações. E sua consciência anda tão pesada que você não sabia se tinha sido pegado pelos tiras ou pelos bandidos. Não é verdade?

Bond soltou uma risada e esquivou-se à pergunta.

— Ora, vamos, seu vigarista — disse ele. — Você me paga um trago e me conta o que anda fazendo. Não acredito em acasos como este. Aliás, você vai pagar o almoço. Vocês, texanos, são ursos como o diabo.

— Topo — disse Leiter.

Enfiou o gancho de aço no bolso direito do paletó e segurou o braço de Bond com a mão esquerda. Seguiram pela rua e Bond reparou que Leiter coxeava pesadamente.

— No Texas até mesmo as pulgas são tão ricas que se dão ao luxo de alugar cachorros. Vamos. O restaurante de Sardi fica ali adiante.

Leiter evitou o salão elegante, frequentado por atores e escritores célebres, e conduziu Bond para o andar superior. Subindo a escada, sua coxeadura tornava-se mais evidente, e ele se arrimava ao corrimão. Bond não disse nada, mas quando deixou o amigo a uma mesa de canto do restaurante abençoadamente refrigerado e retirou-se para o reservado a fim de se limpar, recapitulou suas impressões. O braço direito amputado, a perna esquerda também, e as cicatrizes imperceptíveis, abaixo da sobrancelha e acima do olho direito, indicavam ter havido algum enxerto no local. Mas, a não ser isso, Leiter parecia em boa forma. Os olhos cinzentos continuavam impávidos, o topete cor-de-palha não tinha nem um fio branco e, no rosto, não havia nem sombra da amargura dos inválidos. Contudo, insinuara-se nas maneiras de Leiter certa reticência enquanto caminhavam juntos, e Bond sentia que isto dizia respeito a ele, Bond, e talvez às atuais atividades do próprio Leiter. De modo algum, pensou enquanto atravessava o salão para juntar-se ao amigo, relacionava-se com os danos sofridos.

Aguardava-o um martini seco com uma rodela de limão. Bond sorriu ante a lembrança de Leiter e provou a bebida. Era excelente, mas não reconheceu o vermute.

— Preparado com Cresta Blanca — explicou Leiter. — Nova marca nacional, da Califórnia. Gosta?

— O melhor que já provei.

— E me arrisquei a pedir pra você salmão defumado e Brizzola — disse Leiter. — Você encontra aqui uma das melhores carnes da América, e o

Brizzola é inigualável. Bife, assado e grelhado. Serve?

— Você é quem manda — disse Bond. — Comemos juntos tantas vezes que conhecemos os gostos um do outro.

— Eu disse a eles que não se apressassem — continuou Leiter, arranhando a mesa com o gancho. — Primeiro vamos tomar outro martini e, enquanto bebe, você vai desembuchando. — O sorriso era cordial, mas os olhos sondavam Bond. — Me diga só uma coisa. Qual é o negócio que você tem com meu velho amigo Shady Tree?

Fez o pedido ao garçom e curvou-se para a frente, à espera.

Bond acabou o primeiro martini e acendeu um cigarro. Girou como que casualmente na cadeira e viu que as mesas ao lado estavam desocupadas.

Voltou-se e fitou o americano.

— Diga-me primeiro, Félix — falou em voz baixa. — Para quem você trabalha atualmente? Ainda para a CIA?

— Que nada! — respondeu Leiter. — Sem a mão direita, só podia ter trabalho de escritório. Foram muito camaradas e me indenizaram generosamente quando eu disse que queria a vida ao ar livre. Então o pessoal de Pinkerton me fez uma boa oferta. Pinkerton, “O olho que Nunca Dorme”.

Portanto, agora sou detetive particular. É a velha história: “Bota a roupa e vá falando”. Mas é divertido. Gosto de trabalhar com eles. Um dia me aposento com uma pensão e um relógio de ouro que mareia no verão. No momento estou à frente da equipe que investiga as corridas... dopagem, trapaça nos páreos, guarda noturna nos estábulos... essa coisa toda. Nada mau. Corre-se o país de ponta a ponta.

— Está ótimo — disse Bond. — Só que eu não sabia que você entendia de cavalos.

— Bom, eu não era capaz de reconhecer um, a menos que estivesse atrelado à carrocinha do leite — admitiu Leiter. — Mas num instante a gente aprende, e o que interessa mesmo são as pessoas, não os cavalos. E você? — baixou a voz. — Ainda trabalhando pra velha firma?

— Isso mesmo — confirmou Bond.

— Alguma missão agora?

— Sim.

— Secreta?

— É.

Leiter deu um suspiro. Bebericou o martini, pensando..

— Bom — disse, por fim. — Você é um perfeito idiota se está agindo sozinho num troço em que entram os meninos de Spang. Olhe, você representa um risco tão grande que só um louco como eu topa almoçar com você. Mas vou lhe contar porque é que eu estava rondando Shady hoje de manhã. Talvez assim possamos ajudar um ao outro. Sem misturar as nossas coisas, naturalmente. Tá bom?

— Você sabe, Félix, como eu gostaria de trabalhar com você — disse Bond, com seriedade. — Mas ainda estou trabalhando para o governo, enquanto você provavelmente faz concorrência ao seu. Se, porém, chegarmos à conclusão que os nossos alvos são os mesmos, não vejo por que tenhamos de agir separadamente. Se você está atrás da mesma lebre, então vamos correr juntos. Agora — Bond olhou ironicamente para o texano — me diga se acertei ao imaginar que você está interessado em alguém com uma estrela na testa e malhas brancas nas quatro patas? Alguém que se chama Shy Smile?

— Acertou — disse Leiter, sem se mostrar excessivamente surpreso. — Correrá em Saratoga na terça-feira. E o que é que a carreira desse cavalo tem a ver com a segurança do Império Britânico?

— Mandaram-me apostar nele — explicou Bond. — Mil dólares numa certa. Pagamento por outro serviço já prestado.

— Bond ergueu o cigarro e cobriu a boca com a mão. — Cheguei hoje de manhã, de avião, com 100 000 libras esterlinas em diamantes brutos para entregar a Mr. Spang e seus amigos.

Os olhos de Leiter se apertaram e ele deu um assobio abafado, de surpresa.

— Menino! — disse com respeito. — Não tenha dúvida que você está voando muito alto pra mim. Eu só estou interessado nisso porque Shy Smile é uma fraude. O cavalo que deverá vencer na terça-feira não será Shy Smile de jeito nenhum. Shy Smile não foi nem colocado nas três últimas carreiras em que tomou parte. Aliás, já o mataram. Será um animal muito veloz chamado Pickapepper. E só por acaso tem ele uma estrela na testa e malhas brancas nas quatro patas. É um castanho quarteado. Fizeram bom trabalho nas patas e em outros pontos, para eliminar as diferenças. Passaram mais de um ano nisso. Lá no deserto de Nevada, onde os Spangs têm uma espécie de fazenda. E vão abafar a banca! Vai ser um grande páreo, com 25 000 dólares extra. Pode apostar que vão derramar dinheiro pouco antes da largada. Vai ser coisa de cinco, talvez dez ou quinze para um. Vão encher a burra.

— Mas eu pensava que, na América, todos os cavalos eram obrigados a

ter os beijos tatuados — disse Bond. Como é que eles contornaram esse problema?

— Enxertaram pele nova na boca de Pickapepper e copiaram as marcas de Shy Smile. Aliás, meu velho, essa história de tatuagem já está superada.

A ordem em Pinkerton é conseguir que o Jóquei Clube substitua a tatuagem por fotos dos agriões.

— Que são agriões?

— São aquelas calosidades no curvilhão dos cavalos. Parece que são diferentes de um animal para outro. Como as impressões digitais do homem.

Mas aí teremos a novela costumeira. Fotografarão os agriões de todos os cavalos de corrida da América e logo descobrirão que a rapaziada bolou um meio de alterá-los com ácido. A polícia nunca anda tão depressa como os malfeitores.

— Onde é que você foi buscar tanta informação a respeito de Shy Smile?

— Chantagem — retrucou Leiter, jovial. — Eu botei as mãos em cima de um dos rapazes do estábulo de Spang que estava envolvido no tráfico de narcóticos. Pra se ver livre, ele me contou essa história tintim por tintim.

— E o que é que você vai fazer agora?

— É o que resta saber. Vou a Saratoga no domingo. — O rosto de Leiter iluminou-se. — Taí! Por que não vem comigo? Iremos de carro, e eu te levarei pro meu tugúrio. O Sagamore. Motel de luxo. Afinal você tem de dormir em algum lugar. Sei que é melhor não sermos vistos juntos com frequência, mas poderemos encontrar-nos de noite. Que tal?

— Fabuloso! — disse Bond. — Não podia ser melhor. E agora são quase duas horas. Vamos almoçar enquanto eu lhe conto a minha parte nessa estória toda.

O salmão defumado era da Nova Escócia, bem pobre sucedâneo do produto escocês legítimo. Mas o Brizzola era tudo quanto Leiter havia dito, tão tenro que Bond podia cortá-lo com o garfo. Findou o almoço comendo metade de um abacate com molho francês e, depois, sorveu devagarinho seu café expresso.

— Aí está. Toda a estória. — Bond concluiu a narrativa que vinha fazendo entre uma garfada e outra. — Minha impressão é que os Spangs fazem o contrabando e a House of Diamonds, que é deles, trata de vender.

Que acha?

Com a mão esquerda, Leiter bateu a ponta de um Lucky Strike na mesa e

acendeu-o na chama do Ronson de Bond.

— É possível — concordou depois de uma pausa. — Mas não sei muito a respeito desse irmão de Seraffimo, Jack Spang. E se Jack Spang é “Saye”, é a primeira vez que ouço falar nele nesses últimos tempos. Temos informações sobre todo o resto da turma, e eu já topei com Tiffany Case.

Boa moça, mas vive há muitos anos em contacto com quadrilhas. Não tem tido muita sorte desde o berço. A mãe dela dirigia a pensão mais chique de São Francisco. Ia muito bem até que cometeu um engano de lascar. Um dia resolveu deixar de pagar a taxa de proteção à quadrilha local. Pagava à polícia e acho que pensava estar a salvo. Maluquice. Uma noite, a turma apareceu lá e desmanchou a baiúca. Não mexeram com as pequenas mas buliram com Tiffany. Ela tinha só dezesseis anos naquela época. Não surpreende que de lá pra cá não tenha querido mais nada com homem. No outro dia, ela se apoderou do cofre da mãe, arrombou-o e se mandou. Aí começou a clássica estória: vestiários, *dancings*, extra de cinema, garçonete.

Até os vinte anos. Depois, a vida parecia difícil, e deu pra beber. Instalou-se numa casa de cômodos de uma das Florida Keys e passou a tomar porres tremendos. Ficou conhecida por lá como a garota do pifão. Foi então que ura, meninote caiu no mar. Ela caiu atrás e salvou-o. Seu nome apareceu nos jornais, e uma matrona rica engraçou-se dela e praticamente sequestrou-a.

Fez com que ela entrasse para uma liga antialcólica e carregou-a como dama de companhia numa volta ao mundo. Mas Tiffany caiu fora quando chegaram a São Francisco e foi viver com a mãe, que nesse tempo já tinha largado o negócio de pensão e estava aposentada. Mas não se fixou por lá.

Creio que achou a vida meio monótona. Deu no pé outra vez e acabou em Reno. Trabalhou no Clube de Harold por algum tempo. Conheceu nosso amigo Seraffimo, que ficou todo irrequieto quando viu que ela não queria dormir com ele. Seraffimo arranhou-lhe um emprego qualquer no Tiara, em Las Vegas, onde ela passou os dois últimos anos. Fazendo essas viagens à Europa de vez em quando, suponho. Mas é boa moça. Só que nunca teve sorte depois do episódio da quadrilha.

Bond evocou os olhos taciturnos que o miravam do espelho e a radiola tocando *Feuilles Mortes* na solidão da sala.

— Gosto dela — disse ele, lacônico, e sentiu o olhar inquiridor de Félix Leiter. Consultou o relógio. — Bem, Félix — continuou. — Parece que estamos caçando o mesmo tigre. Mas seguimos rastros diferentes. Vai ser engraçado avançarmos simultaneamente. Agora vou embora dormir um pouquinho. Estou num apartamento do Astor. Onde nos encontraremos no domingo?

— É melhor que a gente evite esta parte da cidade — disse Leiter. — Vamos nos encontrar do lado de fora do Plaza. Cedo, assim a gente não pegará o tráfego na auto-estrada. Nove horas, tá bom? No ponto dos cabriolés, porque, se eu me atrasar, você pelo menos aprende a reconhecer um cavalo. Vai ser útil em Saratoga.

Pagou a conta e ambos desceram a escada. Na rua escaldante, Bond fez sinal para um táxi. Leiter recusou a carona. Em lugar disso, tomou Bond afetosamente pelo braço.

— Só uma coisa, James — disse ele em tom sério. — Talvez você não dê muito valor aos gangsters americanos, comparados com a SMERSH, por exemplo, e outros grupos que você tem enfrentado. Mas posso lhe dizer que os meninos de Spang não são de brincadeira não. A máquina deles é bem montada. Os nomes que adotam são gozados, reconheço. Mas estão bem protegidos. Infelizmente é assim que as coisas são hoje em dia na América.

Não faça pouco caso do que estou lhe dizendo. Esse pessoal é parada dura. A sua missão não me cheira bem.

Leiter largou o braço de Bond e viu o amigo entrar no táxi. Depois curvou-se e enfiou a cabeça na janela do carro.

— E sabe a que é que cheira essa sua missão? — disse sorrindo. — A formol e lírios.

9 - Champanhe amargo

Não vou DORMIR com você — disse Tiffany Case com simplicidade. — Portanto, não gaste seu dinheiro tentando me embriagar. Mas tomarei outro e talvez mais outro. Não quero é beber seus vodca-martinis e deixar você na mão.

Bond riu. Fez o pedido ao garçom e voltou-se para ela.

— Ainda não encomendamos o jantar — disse ele. — Eu ia sugerir mariscos e vinho branco do Reno. Isso pode levá-la a mudar de ideia. Dizem que essa mistura não falha nunca.

— Escute, Bond — disse Tiffany Case — é preciso mais do que Ravigotte de mariscos para me fazer ir pra cama com um homem. De qualquer maneira, desde que é você quem paga, vou pedir caviar, costeleta e champanha palhête. Não é todo dia que eu tenho um encontro com um inglês bonito, e o jantar tem de estar à altura do acontecimento. — Inclinou-se para Bond, estendeu a mão e colocou-a sobre a dele. — Desculpe — disse bruscamente. — Estava brincando a respeito da conta. O jantar quem paga sou eu. Mas falei sério a respeito do acontecimento.

Bond sorriu, fitando-a nos olhos.

— Deixe de meninice, Tiffany — disse ele, empregando o nome dela pela primeira vez. — Eu estava sonhando com este momento. E vou comer o que você comer. Tenho dinheiro suficiente para pagar a conta. Mr. Tree apostou comigo hoje de manhã e eu ganhei mil dólares.

À menção do nome de Shady Tree, as maneiras da moça se modificaram.

— É. Isso dá pra pagar — disse ela com rudeza. — Sabe o que dizem desta espelunca? “Tem tudo o que se pode comer por trezentos bagarotes”.

O garçom trouxe os martinis, batidos e não mexidos, como Bond havia recomendado, e algumas rodela de limão numa taça. Bond espremeu duas rodela e deixou-as cair no fundo do líquido. Ergueu o copo e olhou para a moça por cima da borda.

— Ainda não bebemos ao êxito de certa missão — disse ele.

A moça dobrou para baixo os cantos da boca, num trejeito sarcástico, bebeu de um gole metade do martini e repôs o copo na mesa.

— Nem ao susto por que passei — disse secamente. — Você e seu maldito golfe. Vi a hora de você pegar um taco e uma bola e mostrar ao

homem que sabia jogar.

— Você me deixou nervoso também com aqueles estalidos no isqueiro.

Aposto que terminou acendendo aquele Parliament pelo filtro.

Ela deu uma risadinha.

— Acho que você tem olhos nos ouvidos — admitiu. Não é que eu quase fiz isso? Pois bem. Estamos quites. — Bebeu o resto do martini. — Ora, vamos. Você não é nenhum esbanjador. Eu quero outro martini. Estou começando a me regalar. E por que não encomenda o prato? Ou está esperando que eu fique inconsciente para então você se repimpar?

Bond acenou para o *maître d'hôtel*. Fez o pedido, e o escansão, que vinha de Brooklyn mas usava jaleco listado e avental verde e conduzia uma taça pendurada de uma corrente de prata que lhe circundava o pescoço, saiu em busca do Clicquot Rose.

— Se eu tiver um filho — disse Bond — hei de lhe dar um conselho quando atingir a maioridade. Direi só isto: “Gaste seu dinheiro como quiser, mas não arranje nenhum bicho comedor”.

— Mas que feio! — exclamou a moça. — Isso é lá vida! Não sabe dizer uma palavra de elogio a meu vestido, ou outra coisa qualquer, em vez de ficar aí resmungando o tempo todo, achando que sou dispendiosa? Lembre-se do que dizem por aí: “Se não gosta dos meus pêssegos, por que abala minha árvore?”

— Mas eu não comecei a abalar ainda. Você não me deixa passar os braços pelo tronco!

Ela riu e deu a Bond um olhar de aprovação.

— Mas que beleza, Mr. Bond! O senhor não brinca em serviço, hem?

— E quanto ao vestido — Bond continuou — é um sonho, e você sabe que é. Adoro veludo preto, principalmente numa pele bronzeada. Gosto de ver que você não usa muita jóia nem pinta as unhas. E quer saber de uma coisa? Aposto que não há esta noite em Nova York uma contrabandista mais bonita do que você. Com quem estará você fazendo contrabando amanhã?

Ela pegou o terceiro martini, olhou-o e, depois, sorveu-o devagarinho, em três goles. Botou o copo na mesa, tirou um Parliament do maço ao lado do prato e curvou-se para a chama do isqueiro de Bond. O vale entre os seios dela abriu-se à contemplação do homem. Ela fitou-o através da fumaça do cigarro. De súbito, os olhos se dilataram e lentamente voltaram a apertar-se.

“Gosto de você”, diziam eles. “Tudo é possível entre nós. Mas não se

impaciente. Seja bonzinho. Não quero mais ser ofendida”.

O garçom chegou com o caviar, e no mesmo instante o ruído do restaurante invadiu-lhes o aconchegante e silencioso recanto que tinham construído para si mesmos, desmanchando o sortilégio.

— Que é que vou fazer amanhã? — repetiu Tiffany Case no tom de voz que a gente adota na frente de garçons. — Ora, vou para Las Vegas, passando por Chicago e Los Angeles. É uma volta bastante longa, mas chega de voo por enquanto. E você?

— O garçom afastou-se. Por alguns momentos, comeram o caviar em silêncio. Não era necessário dar resposta imediata à pergunta. Bond sentiu de repente que eles dispunham de todo o tempo do mundo. Ambos conheciam a resposta à grande pergunta. Para responder às perguntas triviais não havia pressa.

Bond recostou-se. Chegou o champanha e Bond provou-o. Estava gelado e parecia ter um gostinho de morangos. Era delicioso.

— Vou a Saratoga — disse ele. — Tenho de apostar num cavalo que vai me render algum dinheiro.

— Acho que é uma pulha — observou Tiffany Case com amargura.

Bebeu um pouco de champanha. Seu humor alterou-se novamente. Deu de ombros. — Parece que você causou boa impressão a Shady hoje de manhã — disse com indiferença. — Ele pretende arranjar um lugar pra você no meio da turma.

Bond baixou a vista para a pocinha cor-de-rosa do champanha. Podia apalpar a bruma de perfídia que se arrastava furtiva entre ele e essa moça de quem gostava. Mas não fez caso. Devia continuar a engabelá-la.

— Isso é ótimo — disse tranquilo. — Me agrada. Mas quem é “A Turma”?

E tratou de acender um cigarro, invocando o profissional a fim de manter o homem em silêncio.

O olhar penetrante da moça meteu-o em brios. O agente secreto assumiu seu posto e o cérebro começou a trabalhar friamente, à procura de pistas, de mentiras, de hesitações.

Levantou a vista com ar cândido.

Ela pareceu satisfeita.

— A Turma de Spang, como dizem. Dois irmãos chamados Spang.

Trabalho para um deles em Las Vegas. Ninguém parece saber o que é feito do outro. Alguns acham que ele está na Europa. E há também alguém chamado ABC, que é quem me dá ordens sempre que eu me meto no tráfico de diamantes. O outro, Seraffimo, é o irmão para quem eu trabalho. Está mais interessado em jogo e cavalos. Comanda uma rede de palpites e o Tiara em Las Vegas.

— O que é que você faz lá?

— Trabalho lá, somente — disse ela, encerrando o assunto.

— Gosta do serviço?

Ela ignorou a pergunta, considerando-a estúpida demais para merecer resposta.

— Depois deles, vem Shady — continuou a moça. — Não é mau sujeito não. Só que é trapaceiro de marca. Depois de dar a mão a ele, é bom contar os dedos. Toma conta das pequenas, do narcótico e do resto. Há muitos outros tipos... um bando de espertalhões. Gente ruim mesmo. — Ela o encarou com dureza. — Vai conhecer todos eles — escarneceu. — E vai gostar. Sua laia.

— Nada disso — disse Bond, indignado. — Outro emprego. Apenas isso. Afinal, preciso ganhar dinheiro.

— Existem mil outras maneiras.

— Bom, mas esse é o pessoal com quem você resolveu trabalhar.

— Tem razão nesse ponto. — Ela esboçou um riso torto, e o gelo quebrou-se outra vez. — Mas, acredite no que lhe digo. você vai se sentir importante quando fizer parte da turma. Mas, se eu fosse você, pensaria muito, mas muito mesmo, antes de ingressar neste nosso circulozinho íntimo. E não venha com truques não. Se planeja alguma coisa desse gênero, é melhor começar a tomar lições de harpa.

Interromperam a conversa à chegada das costeletas, acompanhadas de aspargos com molho musselina, e de um dos famosos irmãos Kriendler, que possuem o “21” desde o tempo em que era o melhor bar clandestino de Nova York.

— Olá, Miss Tiffany — disse Kriendler. — Bons olhos a vejam. Como vão as coisas em Las Vegas?

— Alô, Mac. — A moça deu-lhe um sorriso. — O Tiara vai indo bem, obrigado — e relanceou o olhar pelo salão abarrotado. — Parece que a sua baiúca não vai mal.

— Não me queixo — disse o jovem alto. — Muito aristocrata do pendura.

Mas pouca moça bonita. A senhorita bem que podia vir com mais frequência. — Sorriu para Bond. — Tudo em ordem?

— Não podia ser melhor.

— Venham outra vez. — Estalou um dedo para o escanção. — Sam, veja o que é que os meus amigos vão tomar com o café — e, com um sorriso que abraçava a ambos, deslocou-se para outra mesa.

Tiffany pediu um Stinger feito com *creme de menthe* branco, e Bond acompanhou-a.

Quando os licores e o café chegaram, Bond retomou a conversa no ponto em que a tinham interrompido.

— Mas Tiffany — disse ele, — esse tráfico de diamantes parece bastante fácil. Por que não cuidamos dele nós dois juntos? Duas ou três viagens por ano nos darão bom dinheiro e não serão suficientes para provocar as perguntas impertinentes da Imigração ou da Alfândega.

Tiffany não ficou impressionada.

— Faça você a proposta a ABC — disse ela. — Estou lhe dizendo que esse pessoal não é tolo. Esse negócio é muito arriscado. Nunca tive o mesmo portador duas vezes, e não sou a única pessoa a vigiá-lo. E mais: estou convencida de que não estávamos sozinhos naquele avião. Aposto que eles tinham mais alguém que nos observava. Eles controlam e fiscalizam tudo o que fazem. — Ela estava irritada com a falta de respeito de Bond pelo caráter de seus patrões. — Olhe aqui, eu nunca vi ABC — disse a moça. — Disco um número em Londres e recebo ordens de um gravador. Qualquer coisa que tenho a comunicar a ABC, emprego esse mesmo processo. Tudo isso está muito acima de você e de seus furtos idiotas. — Ela se exasperava.

— Entende? Tem outro pensamento brilhante na cachola?

— Entendo — disse Bond respeitosamente, perguntando a si mesmo como poderia arrancar dela o telefone de ABC. — Parece que eles pensam em tudo mesmo.

— Pode ficar bem certo disso — disse a moça de modo categórico. O assunto começava a cacetear. Ela atirou um olhar sorumbático ao Stinger e tomou-o de um sorvo. Bond pressentiu a aproximação de um *fin triste*.

— Gostaria de ir a alguma outra parte? — perguntou, sabendo que tinha sido ele quem destruíra a noite.

— Não — disse ela rudemente. — Leve-me para casa. Estou ficando bêbada. Você não podia ter achado outro assunto pra falar que não fossem

esses vigaristas?

Bond pagou a conta. Em silêncio, eles deixaram o ambiente refrigerado do restaurante e saíram para a noite abafada que recendia a gasolina e asfalto quente.

— Estou hospedada no Astor também — disse ela quando entraram num táxi.

Sentando-se no canto do assento traseiro, o queixo apoiado na mão, ela pôs-se a contemplar o abominável pisca-pisca do néon.

Bond nada disse. Olhava pela janela e amaldiçoava seu trabalho. Tudo o que desejava dizer a essa moça era: “Escute. Venha comigo. Eu gosto de você. Não tenha medo. Não pode ser pior do que estar sozinha.” Mas se ela dissesse “sim”, ele saberia ser ladino. Não queria ser ladino com ela. Era seu dever usá-la, mas o que quer que lhe ditasse o dever, sabia, no fundo do coração, que nunca a “usaria”.

Defronte do Astor, Bond ajudou-a a descer, e ela deu-lhe as costas enquanto ele pagava ao chofer. Galgaram a escada naquele silêncio constrangedor dos esposos que se desentenderam ao fim de uma noite desagradável.

Apanharam as chaves na portaria e ela disse ao ascensorista: — “Quinto”. Permaneceu de frente para a porta enquanto subiam. Bond notou que os nós dos dedos da mão com que ela segurava a bolsa estavam brancos.

No quinto andar, saiu apressada e não protestou quando Bond a acompanhou. Dobraram várias esquinas até chegar à porta dela. A moça curvou-se, enfiou a chave na fechadura e empurrou a porta. Virou-se no umbral e fitou Bond.

— Escute aqui, Mr. Bond...

Parecia o princípio de uma raivosa descascadela. Logo, porém, a moça se interrompeu e cravou os olhos nos de Bond. Ele percebeu que ela tinha os cílios úmidos. De súbito, ela lhe envolveu o pescoço com um braço, encostara o rosto no dele e lhe dizia baixinho: — Tenha cuidado, James. Não quero perdê-lo.

Então, puxou o rosto dele contra o seu e beijou-o forte e demoradamente nos lábios, com uma ternura furiosa, quase desprovida de sexo.

Mas, quando os braços de Bond a circundaram e ele começou a retribuir-lhe o beijo, ela se enrijeceu e lutou por ver-se livre, pondo fim ao enleio.

Com a mão na maçaneta da porta aberta, ela se voltou e encarou-o.

Retornara-lhe aos olhos o fulgor mormacento.

— Agora afaste-se de mim — disse com arrebatamento.

Bateu a porta e correu o trinco.

10 - Num Studillac para Saratoga

JAMES BOND passou quase todo o sábado em seu apartamento refrigerado no Astor, evitando o calor, dormindo e redigindo um telegrama endereçado ao Presidente da Exportadora Universal, em Londres, Valeu-se de um simples código de transposição baseado no fato de que era o sexto dia da semana e que a data era quatro do oitavo mês.

O relatório concluía dizendo que o tráfico dos diamantes tinha início em alguma parte, na vizinhança de Jack Spang, oculto sob o nome de Rufus B.

Saye, e terminava em Seraffimo Spang, e que o principal entroncamento era o escritório de Shady Tree, de onde as pedras passavam à House of Diamonds para serem lapidadas e postas à venda.

Bond solicitava a Londres que acompanhasse de perto as atividades de Rufus B. Saye, mas prevenia que um indivíduo conhecido como “ABC”

parecia estar no comando direto do contrabando, agindo em nome da Turma de Spang. Acrescentava não ter nenhuma pista para estabelecer a identidade desse indivíduo, exceto a suposição de que morava em Londres.

Presumivelmente só esse homem poderia mostrar o caminho que levava ao ponto de origem dos diamantes contrabandeados, num rincão qualquer do continente africano.

Bond comunicou sua intenção de continuar a avançar em direção a Seraffimo Spang, usando Tiffany Case como agente inconsciente, e forneceu breve relato das atividades da moça.

Passou o telegrama pela Western Union, tomou o quarto banho frio do dia e dirigiu-se para o Voisin, onde tomou dois vodca-martinis e comeu *Oeufs Benedict* e morangos. Durante o jantar leu os prognósticos das corridas de Saratoga, tendo observado que os favoritos das Perpetuidades eram Come Again, de C. V. Whitney, e Pray Action, de William Woodward Jr. Shy Smile não era mencionado.

Voltou depois para o hotel e foi para a cama.

No domingo de manhã, às nove horas em ponto, um Studebaker conversível negro parou junto à calçada onde Bond aguardava de pé, ao lado de sua maleta.

Depois que Bond largou a maleta no assento traseiro e tomou lugar na boleia, Leiter estirou o braço paia a capota e puxou para trás uma alavanca.

Em seguida, apertou um botão do painel. Com um fraco gemido hidráulico, a capota de lona ergueu-se lentamente no ar e, dobrando-se, sumiu num desvão entre o assento traseiro e a mala. Depois, manobrando a alavanca de mudança do volante da direção com movimentos desembaraçados de seu gancho de aço, Leiter pôs o carro em marcha através do Central Park.

— São cerca de duzentas milhas — disse ele, quando se achavam no Hudson River Parkway. — Mais ou menos ao norte, subindo o Rio Hudson.

No Estado de Nova York. Exatamente ao sul dos Adirondacks e não muito longe da fronteira canadense. Pegaremos a estrada de Taconic. Como não há pressa, não vamos correr. Além disso, não quero ser multado. Em quase todo o Estado de Nova York o limite de velocidade é cinquenta milhas, e os patrulheiros são terríveis. Bom, geralmente, quando estou com pressa, deixo-os para trás. Não multam quando a gente é mais ligeiro do que eles. Ficam com vergonha de aparecer no Tribunal e admitir que existe alguma coisa mais veloz do que seus carros.

— Mas eu pensava que eles iam muito além das noventa milhas — disse Bond, julgando que o amigo tinha-se tornado agora um pouco exibicionista.

— Não sabia que esses Studebakers desenvolviam tanto.

À frente deles estendia-se um trecho vazio da estrada. Leiter lançou um rápido olhar para o espelho retrovisor, engrenou a segunda e empurrou o pé no acelerador. A cabeça de Bond foi atirada para trás, e ele sentiu a espinha comprimir-se de encontro ao assento de encosto dobradiço. Incrédulo, passou os olhos pela seta do velocímetro. Oitenta. Produzindo um ruído metálico, o gancho de Leiter impeliu para o alto a alavanca de mudança. O

carro continuou a ganhar velocidade. Noventa, noventa e cinco, seis, sete — estavam então nas proximidades de uma ponte e de uma estrada convergente. O pé de Leiter buscou o freio, e o ronco forte do motor deu lugar a um zunido uniforme enquanto eles passavam tranquilamente a setenta milhas pelas curvas de nível.

Leiter olhou de soslaio para Bond e arreganhou os dentes.

— Podia puxar mais outras trinta — disse ele com orgulho. — Não faz muito tempo paguei cinco dólares e fiz a prova da milhagem em Daytona. O

velocímetro marcou cento e vinte e sete, e aquela superfície de praia não é das melhores.

— Puxa! — exclamou Bond, incrédulo. — Mas, afinal, que carro é este? Não é Studebaker. É?

— Studillac — disse Leiter. — Studebaker com motor de Cadillac.

Transmissão, freios e eixo traseiro especiais. Coisa de Conversão. É uma firma pequena, perto de Nova York, que fabrica desses carros. Poucos, mas como carros-esporte são mais espetaculares do que esses Corvettes e Thunderbirds. E não se podia desejar melhor carroceria do que esta.

Desenhada pelo francês Raymond Loewy, o maior do mundo. Mas é um pouco avançada para o mercado americano. A fábrica Studebaker nunca foi suficientemente elogiada por ter lançado essa carroceria. Revolucionária demais. Gosta do carro? Aposto que daria uma boa tunda no seu velho Bentley. — Leiter deu um risinho de satisfação e meteu a mão esquerda no bolso à procura de uma moeda de dez centavos para pagar o pedágio da ponte Henry Hudson.

— Até o instante em que uma das suas rodas se desprendesse — retrucou Bond com sarcasmo, enquanto Leiter tornava a acelerar. — Essas geringonças espalhafatosas são boas para meninos que não podem ter um carro de verdade.

Continuaram a arenga jovial em torno dos méritos respectivos dos carros esportivos ingleses e americanos até chegar ao pedágio de Westchester County. Quinze minutos depois, entravam em Taconic Parkway, que serpeava para o norte, através de cem milhas de prados e bosques. Bond reclinou-se e pôs-se a apreciar em silêncio uma das mais belas auto-estradas do mundo, indagando-se preguiçosamente o que a moça estaria fazendo àquela hora e como, depois de Saratoga, iria aproximar-se dela outra vez.

Às 12h30 pararam para almoçar na Galinha na Cesta, restaurante de beira de estrada, todo construído de madeira no estilo da fronteira e dotado do equipamento usual: balcão alto, coberto com as marcas mais conhecidas de chocolates e confeitos, cigarros, charutos, revistas e brochuras; toca-discos automático, chamejante de cromo e luzinhas coloridas, semelhando um invento da ficção científica; uma dúzia de lustrosas mesas de pinho no centro do salão encaibrado e igual número de tendas baixas ao longo das paredes; um cardápio que destacava galinha frita e “truta fresca da montanha”, a qual passara meses em algum distante congelador, uma variedade de pratos à minuta, e um par de garçonetes negligentes.

Mas os ovos mexidos, as salsichas, as torradas de centeio, quentes e amanteigadas, e a cerveja Millers Highlife não demoraram a chegar e eram saborosos. Também o era o café gelado que se seguiu. Depois do segundo copo, deixaram de lado os assuntos profissionais e pessoais e passaram a falar de Saratoga.

— Em onze meses do ano — explicou Leiter — o lugar fica completamente morto. Gente que vagueia pelas fontes, bebendo as águas e

tomando banhos de lama para ver se se cura do reumatismo e de outras enfermidades e achaques. Nessa fase é igual a todas as estâncias de águas do mundo inteiro. Toda a gente vai pra cama às nove e, durante o dia, os únicos sinais de vida surgem quando dois velhos cavalheiros, de chapéu panamá, começam a discutir acerca da rendição de Burgoyne em Schuylerville, que fica um pouco abaixo da estrada, ou da cor do piso de mármore do velho Union Hotel, que uns dizem que era preto e outros, branco. E então, durante um mês, agosto, o lugar fervilha. É provavelmente a mais elegante reunião turfística da América. Abundam os Vanderbilts e Whitneys. As hospedarias multiplicam os preços por dez e a comissão de corridas passa uma mão de tinta na tribuna de honra, arranja uns cisnes para o lago no centro da raia, ancora a velha canoa indígena no meio do lago e liga o repuxo. Ninguém é capaz de se lembrar de onde veio a canoa. Um cronista que andou indagando por lá chegou a descobrir que se tratava de algo ligado a uma lenda indígena.

Mas aí perdeu o interesse. Disse que quando estava na quarta série sabia inventar mentiras mais interessantes do que qualquer lenda indígena.

Bond riu.

— E o que mais? — perguntou.

— Você deve estar informado — disse Leiter. — Outrora o local era muito frequentado pelos ingleses... os de sela, bem entendido. Jersey Lily andava muito por lá, Lily Langtry... Mais ou menos na época em que Novelty bateu Iron Mask no Prêmio Promissor. Mas tudo mudou desde então. Veja — tirou do bolso um recorte de jornal. — Isto porá você em dia com as novidades. Recortei do *Post* hoje de manhã. Jimmy Cannon é o redator esportivo do jornal. Bom jornalista. Sabe onde tem o nariz. Mas deixe para ler no carro. Vamos embora.

Leiter pagou as despesas e os dois se retiraram. Enquanto o Studillac arfava ao longo da estrada que levava a Troy, Bond se entregou à prosa rude de Jimmy Cannon. E, à medida que ia lendo, a Saratoga dos dias de Jersey Lily sumia-se no passado poeirento e ameno, e o século vinte assomava, mostrando os dentes numa careta de zombaria.

Debaixo da fotografia de um jovem simpático, de olhos grandes e francos e sorriso nos lábios finos, Bond leu:

O burgo de Saratoga Springs foi a Coney Island do mundo do crime até o momento em que os rapazes de Kefauver deram seu espetáculo na televisão. Esse espetáculo assustou os caipiras e enxotou os desordeiros para Las Vegas. Mas durante muito tempo as quadrilhas dominaram Saratoga, transformando-a num reduto do banditismo nacional, governado a bala e porretada.

Saratoga conseguiu libertar-se, como os outros antros de jogatina que colocavam as administrações municipais sob a guarda dos bandos de extorsionários.

É ainda um lugar onde os honrados herdeiros de antigas fortunas e nomes famosos podem dirigir seus estábulos em condições turfísticas que, de tão antiquadas, fazem lembrar uma honesta reunião de parceiros rurais.

Antes de Saratoga encerrar suas atividades, os vagabundos eram metidos no xilindró por uma polícia que depositava no banco os vencimentos e vivia das gorjetas de assassinos e cafetões. A pobreza constituía grave infração da lei em Saratoga. Os bêbados, que enchiam a cara nos botecos e jogavam dados, também eram considerados perigosos quando trapaceavam.

Mas o assassino gozava de ampla liberdade, desde que soltasse a gaita e tivesse alguma participação numa instituição local, que podia ser um prostíbulo ou uma casa de tavolagem clandestina, onde os falidos apostavam alguns centavos. A curiosidade profissional me leva a ler as publicações turfísticas. Os cronistas especializados evocam os anos tranquilos, como se Saratoga tivesse sido sempre uma cidadezinha de frívola inocência. Mas como era sórdida!

É possível que haja alguma roleta viciada girando às escondidas em uma ou outra casa de fazenda à beira de estradas distritais. Tal atividade é insignificante, e o jogador deve estar preparado para levar na cabeça com a mesma rapidez com que o banqueiro sacode os dados. Mas os cassinos de Saratoga nunca primaram pela honestidade, e quem tivesse a ousadia de ganhar uma parada estava fadado a uma sova.

As espeluncas funcionavam a noite inteira nas margens do lago. Grandes nomes do teatro de variedades serviam de chamariz para os jogos que não eram financiados para serem logrados. Os crupiês eram cavadores nômades que ganhavam por dia de trabalho e faziam a praça de Newport a Miami, no inverno, e regressavam a Saratoga em agosto. Quase todos tinham feito os preparatórios em Steubenville, onde o pôquer “no escuro” era a escola de habilitação profissional.

Eram andarilhos, e poucos dentre eles tinham talento para castigar os devedores remissos. Funcionários do mundo do crime, arrumavam a trouxa e davam o fora ao primeiro sinal de tempo quente. A maioria radicou-se finalmente em Las Vegas e Reno, onde seus antigos patrões se estabeleceram legalmente, com licenças penduradas nas paredes.

Os patrões não eram banqueiros à moda do velho Coronel E. R. Bradley, homem altivo e de maneiras cavalheirescas. Mas há quem diga que seu bazar em Palm Beach foi muito bem até o dia em que as dívidas passaram a se

acumular.

Depois disso, segundo aqueles que se opunham aos métodos de Bradley, o jeito foi apelar para os macetes da mecânica a fim de garantir a solvência do estabelecimento. Os que se recordam do velho coronel ficaram deliciados ao tomar conhecimento da canonização de Bradley como filantropo, cujo passatempo consistia em proporcionar aos milionários um pouco do divertimento que lhes negava o Estado da Flórida. Comparado, porém, com os patifes que controlavam Saratoga, o Coronel Bradley faz jus aos louvores que lhe tributam os saudosistas.

O hipódromo de Saratoga é um periclitante bloco de madeira. O clima é tórrido e úmido. Para lá acorrem alguns desportistas, no sentido obsoleto da palavra, como Al Vanderbilt e Jock Whitney, turfistas autênticos. Também o são alguns treinadores, como Bill Winfrey que inscreveu Native Dancer nas corridas. E há jóqueis que te meteriam a mão na cara se lhes propusessem sofrear um cavalo na raia.

Gostam de Saratoga e devem estar satisfeitos com o fato de gente da laia de Lucky Luciano ter arribado da cidadezinha que floresceu graças à atuação desenfreada dos valentões. Os corretores de apostas eram assaltados à saída do hipódromo, na época em que se apostava do lado de fora. Um deles, Kid Tatters, teve de cair com 50 000 dólares no pátio de estacionamento. Os assaltantes ameaçaram sequestrá-lo se não lhes desse mais da próxima vez.

Sabendo que Lucky Luciano recebia uma percentagem dos lucros de quase todos os cassinos, Kid Tatters resolveu recorrer a ele para sair da entaladela. Lucky disse que não tinha problema. Se procedesse direitinho, o corretor não seria mais importunado. Kid Tatters tinha licença para operar no hipódromo, e sua ficha era limpa, mas a verdade é que não achava outro meio de se proteger.

— Faça de mim seu sócio — aconselhou Lucky. A conversa me foi narrada por uma pessoa que estava presente. — Ninguém vai aporrinhar um sócio de Lucky.

Kid Tatters tinha-se na conta de sujeito honrado que exercia um ofício sacramentado pelo Estado, mas teve de se render, e Lucky foi seu sócio até o dia em que morreu. Perguntei à mesma pessoa se Lucky contribuía com dinheiro ou fazia alguma coisa para ajudar o corretor.

— Tudo que Lucky fazia era arrecadar a gaita — disse o homem. — Mas, para a época, Kid Tatters, fez ótimo negócio. Nunca mais foi importunado.

Era um burgo de vida airada, mas todas as cidades-cassinos o são.

Bond dobrou o recorte e enfiou-o no bolso.

— É. Parece muito distante dos dias de Lily Langtry — comentou, depois de alguns momentos.

— Sem dúvida — disse Leiter com indiferença. — E Jimmy Cannon não deixa transparecer que sabe que os cafajestes estão de volta. Eles ou os sucessores. Mas hoje em dia são proprietários, como os Spangs. Seus cavalos competem com os dos Vanderbilts, Whitneys e Woodwards. E de vez em quando acham jeito de perpetrar uma fraude como Shy Smile. Vão ganhar cinquenta mil líquidos nessa corrida, e isso é melhor do que esbordoar um corretor por causa de algumas centenas. Sim, os nomes mudaram em Saratoga. Como a lama dos banhos de lá também muda.

Um imenso cartaz apareceu à direita da estrada. Dizia:

PARE NO SAGAMORE.

AR CONDICIONADO. CAMAS SLUMBERITE. TELEVISÃO.

A CINCO MILHAS DE SARATOGA,

O SAGAMORE — PARA SEU CONFORTO.

— Isso quer dizer que os nossos copos estarão guardados em saquinhos de papel e o assento da latrina protegido por uma tira de papel higienizado — disse Leiter, irritado. — E não pense que pode roubar as camas Slumberite. Os motéis perdiam uma por semana. Agora elas estão aparafusadas no piso.

11 - Shy Smile

A PRIMEIRA COISA A impressionar Bond em Saratoga foi a verde majestade dos olmos, que conferiam às discretas avenidas de casas coloniais de madeira um pouco da paz e serenidade de uma estância de águas europeia. E por toda parte viam-se cavalos, conduzidos pelas ruas, com um guarda que parava o tráfego, descendo dos caminhões à porta dos estábulos, trotando ao largo das estradas, levados para as pistas de treinamento nas proximidades do hipódromo, quase no centro da cidade. Estribeiras e jóqueis, brancos, negros e mexicanos faziam ponto nas esquinas. Relinchos e bufos de cavalos enchiam o ar.

Era uma mistura de Newmarket e Vichy. De repente ocorreu a Bond que, embora tivesse pouco interesse por cavalos, não podia deixar de apreciar a vitalidade que havia neles.

Leiter deixou Bond no Sagamore, que estava localizado à margem da estrada e distava apenas meia milha do hipódromo, e foi tratar de seus negócios. Combinaram que se encontrariam somente à noite ou casualmente nas corridas, mas que iriam bem cedinho à pista de treinamento caso Shy Smile fosse submetido a um exercício matinal no dia seguinte. Leiter prometeu informar-se a respeito disso, e de muitos outros pontos, quando passasse à noite pelos estábulos e pelo Tether, restaurante e bar que ficava aberto a noite inteira e que era o lar do rebota-lho das corridas por ocasião do programa de agosto.

Bond registrou-se na portaria do Sagamore, assinou “James Bond, Hotel Astor, Nova York” — sob as vistas de uma mulher de rosto estreito, cujos olhos, por trás dos óculos de aros de aço, admitiram que o hóspede, como tantos outros perseguidores do “conforto” do Sagamore, tinha a intenção de surripiar as toalhas e possivelmente os lençóis — pagou trinta dólares por três dias e recebeu a chave do Quarto 49.

Carregou a mala através do relvado ressequido, por entre os canteiros de Beauty Bush e gladiolos, e entrou no espaçoso e limpo quarto de casal, com a poltrona, a mesa de cabeceira, a estampa de Currier e Ives, a cômoda e o cinzeiro marrom de plástico, que constituem o mobiliário-padrão dos motéis americanos. O banheiro e a privada, projetados com esmero, estavam impecavelmente limpos. Como Leiter havia profetizado, os copos ocultavam-se em saquinhos de papel, “para a sua proteção”, e uma tira de papel “higienizado” recobria o assento da latrina.

Bond tomou uma ducha, trocou de roupa, saiu para a rua e, no restaurante

refrigerado da esquina, tão característico do “estilo de vida americano” como o motel, tomou dois Bourbons *old-fashioned* e comeu o Prato de Galinha por dois dólares e oitenta. Em seguida, voltou ao quarto e estendeu-se na cama com um exemplar do *Saratogian*, no qual leu a notícia de que certo T. Bell iria montar Shy Smile nas Perpetuidades.

Pouco depois das dez, Félix Leiter bateu de leve na porta e entrou coxeando. Tresandava a álcool e fumo de mata-ratos e parecia satisfeito de si.

— Fiz alguns progressos — anunciou. Fisgou com o gancho a poltrona e arrastou-a para perto da cama em que Bond jazia. Sentou-se e sacou um cigarro. — Temos que levantar bem cedinho amanhã. Cinco horas. Está tudo certo. Às cinco e trinta vão cronometrar a carreira de Shy Smile em quatro oitavos de milha. Quero ver quem vai estar por perto nessa ocasião. Quem vai aparecer como proprietário é um tal de Pissaro. Acontece que um dos proprietários do Tiara Hotel tem esse nome. É mais um cara de nome gozado. Pissaro Miolo Mole. Antigamente era traficante de liamba. Passava o material pela fronteira mexicana, depois repartia e distribuía pelos intermediários que se espalhavam pela costa. O FBI conseguiu apanhá-lo, e ele passou uns tempos em San Quentin. Quando foi solto, Spang arranhou-lhe um lugar no Tiara, como compensação. Agora é um turfista como Vanderbilt. Bacana! A passagem por San Quentin parece que lhe afetou o miolo. Daí o apelido. O jóquei é Tingaling Bell. Monta bem, mas também faz suas traquinagens quando a grana é alta e pode se safar. Quero ver se tenho uma conversinha com ele a sós. Tenho uma proposta a fazer. O

treinador é outro desordeiro... chamado Budd, “Rosy” Budd. É tudo assim, de nome engraçado. Mas não vá atrás disso não. Budd vem de Kentucky e conhece tudo sobre cavalos. Meteu-se em encrencas lá pelo Sul... vigarices.

Furto, agressão, defloração... nada sensacional. Só o bastante para ficar manjado na polícia. Mas nos últimos anos tem sido correto, se é possível falar assim, como treinador dos cavalos de Spang.

Pela janela aberta, Leiter atirou a ponta do cigarro na touceira de gladiolos. Ergueu-se e se espreguiçou.

— Esses são os atores por ordem de entrada em cena — disse ele. — Elenco de primeira. Mas vou acender um fogaréu debaixo deles.

Bond sentia-se desnorteado.

— Mas por que não os denuncia à comissão de corridas? Para quem você está trabalhando? Quem paga o serviço?

— Fomos contratados pelos grandes proprietários — disse Leiter. — Eles

deram um sinal e darão mais alguma coisa no fim. Além disso, não iria muito longe com a comissão de corridas. Não seria justo meter o rapaz no xadrez. Seria sua sentença de morte. O veterinário aprovou o cavalo, e o verdadeiro Shy Smile foi baleado e incinerado há vários meses. Não. Tenho meus projetos, que vão causar mais dores de cabeça aos meninos de Spang do que a exclusão das corridas. Você vai ver. Bom. Cinco horas em ponto.

Em todo caso darei uma batida na sua porta.

— Não precisa — disse Bond. — Vai me encontrar do lado de fora, de botas e com a sela, enquanto os coiotes ainda ladram à lua.

Bond acordou na hora marcada. Pairava no ar um frescor agradável quando ele seguiu o vulto claudicante de Leiter através da meia luz que se infiltrava pelas copas dos olmos entre os estábulos. Para as bandas do nascente, o céu revestia-se de um cinzento perolado e iridescente, como um balão de brinquedo cheio de fumaça de cigarro. Nos arbustos, os tordos entoavam as primeiras árias do dia. Dos lumes acesos nos alojamentos por trás dos estábulos erguiam-se finas colunas de fumaça azulada, e a atmosfera recendia a café, lenha queimada e orvalho. O fragor de caçambas e os outros ruídos triviais de homens e cavalos enchiam o alvorecer. Quando os dois homens chegaram ao corrimão de madeira pintado de branco, que cercava a pista, passou por eles uma fila de cavalos cobertos com mantas e conduzidos por rapazotes que lhes seguravam as rédeas na altura do freio e lhes falavam com branda aspereza.

— Eh, preguiçoso! Levanta as patas. Vamos! Xi, você hoje não quer nada!

— Estão se preparando para os exercícios matinais — explicou Leiter.

— A galopada. É a hora que os treinadores mais detestam. É quando vêm os proprietários.

Debruçaram-se no corrimão, o pensamento voltado para o amanhecer e o café. E de súbito o sol se espalhou sobre as árvores, meia milha além, no outro lado da pista, tingindo de ouro pálido os galhos mais altos das árvores.

Minutos depois, as derradeiras sombras tinham-se desvanecido, e era dia.

Como se estivessem aguardando o sinal, três homens emergiram de sob as árvores da esquerda. Um deles puxava um garanhão castanho, com uma estrela na testa e malhas brancas nas quatro patas.

— Não olhe pra eles — disse Leiter baixinho. — Fique de costas para a pista e repare os cavalos que estão vindo pra cá. O velho corcunda que vem com eles é “Sunny Jim” Fitzsimmons, o maior treinador da América. Os cavalos são de Woodward. A maioria vai vencer nesses páreos. Veja se banca

o despreocupado enquanto eu dou uma espiada nos nossos amigos.

Não é bom mostrar muito interesse. Bem, agora vejamos. O moço do estábulo, conduzindo Shy Smile. Aquele é Budd. Ao lado, meu velho amigo Miolo Mole, todo alinhado, numa camisa bacana, de lavanda. Sempre pintoso. O cavalo tem presença. Quartos dianteiros possantes. Tiraram-lhe a manta e ele não está gostando do frio. Pinoteia feito louco, com o garoto pendurado. Espero que não dê um coice na cara de Mr. Pissaro. Agora Budd agarrou-o e ele se acalmou mais. Budd ajudou o garoto a montar. Vai para a pista. Agora avança devagarinho, num meio galope, para o extremo da pista.

Chegou a um dos postes. Os caras consultam o cronômetro. Estão olhando em volta. Descobriram a gente. Naturalidade, James. Logo que o cavalo começar a correr, eles deixarão de se interessar pela gente. Pronto. Pode virar-se agora. Shy Smile está lá no fim da pista. Eles botaram o binóculo pra ver a largada. Corrida de quatro oitavos de milha. Pissaro está perto do quinto poste.

Bond voltou-se e, olhando para a esquerda ao longo do corrimão, viu os dois vultos retacos e atentos. O sol fazia reluzir-lhes os binóculos e os cronômetros. Embora Bond não acreditasse nesse pessoal, a penumbra parecia cair da copa dourada dos olmos e envolver os dois homens.

— Largou.

Bond divisou à distância um cavalo castanho em disparada, que acabava de dar a volta ao extremo da pista e entrava na reta, galopando em direção ao ponto em que eles estavam. Nenhum som lhes chegava aos ouvidos, mas logo perceberam um leve tamborilar que foi aumentando até que, numa tempestade de cascos velozes, ‘o cavalo dobrou a curva diante deles, em cima da cerca externa, e enveredou reboando pela reta final, para o local em que o aguardavam os homens dos binóculos.

Ura estremecimento percorreu a espinha de Bond quando o animal passou como um meteoro, os dentes à mostra, os olhos desvairados pelo esforço, os quartos reluzentes, as ventas resfolegantes, o garoto agachado nos estribos feito um gato, o rosto abaixado e quase tocando o pescoço do cavalo. E, depois que desapareceram numa rajada de ruído e de poeira, Bond moveu os olhos para os dois observadores, agora acorados, e viu-os baixarem os braços a fim de parar os cronômetros.

Leiter pegou Bond pelo braço e os dois afastaram-se negligentemente, voltando para o carro, estacionado além dos arvoredos.

— Correndo maravilhosamente — comentou Leiter. — Melhor do que o verdadeiro Shy Smile. Não sei qual foi o tempo, mas a verdade é que engoliu

a pista. Se correr assim uma milha e um quarto, vai fazer bonito. E terá uma bonificação de seis libras, considerando que não ganhou uma carreira este ano. Isso lhe dará uma cota extra. Está bom. Agora vamos tomar um baita dum café. Ver esses gaiatos de manhã cedo me abriu o apetite. — E ajuntou à meia voz, quase para si mesmo: — E depois vou ver quanto o menino Tingaling quer para fazer uma sujeira e ser desqualificado.

Depois do café e de ter ouvido mais alguns pormenores dos planos de Leiter, Bond perambulou o resto da manhã. Almoçou no hipódromo e assistiu às corridas medíocres que, como Leiter lhe havia informado, marcavam a primeira tarde do programa.

Mas fazia um dia esplêndido, e Bond divertiu-se absorvendo o linguajar de Saratoga, mistura de Brooklyn e Kentucky, no meio da multidão; observando a elegância dos proprietários e de seus amigos no padoque à sombra das árvores; apreciando o mecanismo eficaz do *pari-mutuel* e os grandes painéis de luzes cintilantes que registravam o movimento das apostas e as quantias investidas; as saídas facilitadas através da cancela puxada a trator, a miniatura de lago com seis cisnes e a canoa ancorada, e, por toda parte, o toque especial de exotismo dado pelos negros que, exceto como jôqueis, são parte integrante do turfe americano.

A organização afigurava-se mais perfeita do que na Inglaterra. Eram tantas as garantias contra a fraude que parecia não haver margem para o menor deslize. Contudo, por trás de todo o aparato, Bond sabia que as redes ilegais de palpites transmitiam os resultados de cada corrida a todos os quadrantes do país, reduzindo as vantagens assinaladas pelo totalizador de apostas a um máximo de 20-4-8, vinte para uma vitória, oito para primeiro ou segundo e quatro para um placê. Sabia que, todos os anos, milhões de dólares eram abocanhados pelos gangsters, para os quais o turfe era apenas outra fonte de renda, como o lenocínio e o tráfico de narcóticos.

Bond experimentou o sistema celebrizado por “Chicago” O’Brien.

Apostou em todos os favoritos para os placês e, ao cabo do oitavo páreo, último da reunião do dia, tinha abiscoitado quinze dólares e alguns centavos.

Voltou ao motel, tomou um banho de chuveiro, dormiu um pouco e mais tarde dirigiu-se ao restaurante perto do pavilhão dos leilões. Passou uma hora tomando a bebida que Leiter lhe dissera estar na moda nos círculos turfísticos: Bourbon com água de rio. Bond reparou que, na realidade, a água provinha da torneira atrás do bar, mas Leiter havia dito que os apreciadores do Bourbon insistiam em tomar o seu uísque à maneira tradicional, com água apanhada a montante no braço do rio local, onde deveria ser mais pura. O

balconista do bar não pareceu surpreso ante o pedido, e Bond divertiu-se

com a extravagância. Depois, comeu um filé e, após uma derradeira dose de Bourbon, encaminhou-se para o pavilhão que Leiter havia designado como ponto de encontro.

Era um recinto de madeira pintada de branco, com teto mas sem paredes, em que as filas de bancos sobrepostos descambavam para um falso relvado circular, cercado de cordas prateadas, diante do estrado do leiloeiro. Quando cada cavalo era introduzido no relvado iluminado a gás néon, o leiloeiro — o terrível Swinebroad de Tennessee — fazia o histórico do animal, dava início à licitação pelo preço que julgava básico e avançava de centena em centena, numa espécie de melopeia ritmada, apanhando, com o auxílio de dois homens de *smoking* colocados nas passagens entre as fileiras de bancos, cada aceno de cabeça ou movimento de lápis dos elegantes proprietários e agentes.

Bond sentou-se atrás de uma senhora magricela, que ostentava uma pele de visão sobre um traje de cerimônia e cujos punhos tilintavam e reluziam cada vez que fazia um lance. Ao lado dela estava um homem entediado, num *dinner jacket* branco e gravata borboleta escarlate, que podia ser seu marido ou treinador.

Um baio nervoso entrou aos arrancos, com o número 201 pregado cuidadosamente na garupa. A áspera melopeia começou.

— Seis mil é o lance inicial. Sete agora. Sete mil. Quem dá mais? Sete mil, e trezentos, e quatrocentos, e quinhentos. Só sete mil e quinhentos por esse belo potrilho de Teerã? Oito mil, muito obrigado. E nove, quem dá?

Oito mil e quinhentos é o lance. Quem me dá nove? Oito mil e quinhentos.

Nove, quem dá? E seiscentos, e setecentos, quem dá mais, quem arredonda?

Uma pausa, uma batida do martelo, um olhar de sincera reprovação para os lugares onde se localizava o dinheiro graúdo.

— Senhores, é de graça este potro. Em todo o verão não cheguei a vender um vencedor tão barato. Oito mil e setecentos, muito obrigado. E

quem me dá nove? Onde está o nove? Nove, nove, nove?

A mão mumificada dos anéis e braceletes tirou da bolsa um lápis de ouro e bambu e rabiscou uma conta no programa em que Bond leu: “34.º Leilão Anual de Potrilhos de Saratoga”. Os olhos plúmbeos da dama percorreram as cordas prateadas e os olhos eletrizados do animal, e depois ela ergueu o lápis de ouro.

— E nove mil. Nove mil é o lance. Nove, muito obrigado. Quem me dá

dez? Terei ouvido nove mil e cem? Nove mil e cem? Nove e cem? Nove e cem? — Uma pausa, um último olhar inquiridor pelas fileiras apanhadas e uma pancada do martelo. — Vendido por nove mil dólares. Muito obrigado, minha senhora.

Cabeças giraram, pescoços espicharam-se, a mulher lançou um olhar de tédio ao homem que tinha ao lado, cochichou alguma coisa, e o homem encolheu os ombros.

E o 201, um potrilho baio, foi levado para fora. O 202 entrou de viés e ficou um instante trêmulo com o impacto das luzes, da muralha de caras desconhecidas, da neblina de cheiros estranhos. , Houve um movimento na fileira atrás de Bond, o rosto de Leiter aproximou-se e a boca murmurou-lhe ao ouvido: —. Tudo certo. Custou três mil dólares, mas ele vai trair a turma. Uma sujeirazinha na reta final, quando se espera que dê tudo pra ganhar. Bom. Te vejo de manhãzinha.

O sussurro emudeceu. Bond não se voltou. Continuou a assistir ao leilão por mais algum tempo e, depois, sem pressa, afastou-se, percorrendo o caminho sob os olmos. Sentia pena de um jóquei chamado Tingaling Bell, que se dispunha a topar uma parada danada de perigosa, e de um ganhão castanho, chamado Shy Smile, que ia correr com o nome de outro e ainda por cima ia ser vítima de uma falseta.

12 - As perpetuidades

BOND ENCARAPITOU-SE na tribuna e, através do binóculo alugado, observou o proprietário de Shy Smile comendo siri mole.

O gangster estava sentado no recinto do restaurante, quatro degraus abaixo de Bond. Diante dele, Rosy Budd espetava o garfo em salsichas e chucrutes e bebia cerveja numa caneca de barro. Embora quase todas as mesas estivessem ocupadas, dois garçons rondavam aquela onde estavam os dois homens e o *maître d'hôtel* visitava-a com frequência para saber se tudo corria bem.

Pissaro lembrava um gangster de revista de quadrinhos. Tinha uma cabeça arredondada, do formato de uma bexiga, no meio da qual as feições se comprimiam — dois olhinhos miúdos como cabeças de alfinete, duas narinas negras, uma boca franzida, úmida e cor-de-rosa, montada num queixo apenas sugerido, um corpo gorducho, metido num terno marrom e numa camisa branca de colarinho de pontas compridas, ao qual estava presa uma gravata estampada, cor-de-chocolate. Não prestava atenção aos preparativos da primeira corrida. Concentrado na comida, lançava de vez em quando um olhar para o prato do companheiro como se a qualquer momento lhe fosse arrebatado um bocadinho.

Rosy Budd era um tipo dobrado e mal-encarado, de cara quadrada, imóvel e inexpressiva, na qual os olhos pálidos se enterravam debaixo de finas sobrancelhas alouradas. Vestia um terno de brim listado e gravata azul-escuro. Comia devagar e quase nunca levantava a vista do prato. Quando acabou de comer, pegou um programa das corridas e estudou-o, virando as páginas cuidadosamente. Sem despregar a vista do papel, produziu um rápido movimento de cabeça quando o *maître* lhe ofereceu o cardápio.

Pissaro palitou os dentes até à chegada da taça de sorvete. Curvou, então, outra vez a cabeça e passou a enfiar rápidas colheradas de sorvete na minúscula boca.

Pelo binóculo, Bond examinava e julgava os dois homens. O que representavam eles? Bond recordou os russos, frios, dedicados, calculistas; os alemães brilhantes e neuróticos; os homens silenciosos, inflexíveis, anônimos da Europa Central; o pessoal do seu próprio Serviço — os destemidos, alegres soldados da fortuna, que arriscavam a vida por mil libras anuais. Comparados com estes, aqueles dois indivíduos não passavam de fantasias de adolescentes.

Anunciaram-se os resultados da terceira corrida. Agora faltava apenas

meia hora para o início das Perpetuidades. Bond baixou o binóculo e apanhou o programa, aguardando que o imenso painel do outro lado da pista comesse a piscar à medida que o dinheiro passava pelo totalizador e as apostas estabeleciam as vantagens.

Olhou pela última vez os pormenores. “Segundo Dia, 4 de Agosto”, dizia o programa. “Prêmio Perpetuidades. 25.000 dólares adicionais. 52.a Carreira.

Para Animais de Três Anos. Por subscrição de 50 dólares cada, para acompanhar a indicação, participantes pagarão 250 dólares adicionais. Dos 25 000 destinam-se 5 000 para o segundo, 2 000 para o terceiro e 1 250 para o quarto. O proprietário do vencedor receberá um troféu. Uma Milha e um Quarto.” Seguiu-se a lista dos doze cavalos, com os nomes dos proprietários, treinadores e jóqueis, rematada pela previsão das proporções entre as apostas.

Os favoritos, N.º 1, Come Again, de Mr. C. V. Whitney, e N.º 3, Pray Action, de Mr. William Woodward, figuravam nos prognósticos com vantagens de seis para quatro. O N.º 10, Shy Smile, de Mr. P. Pissaro, treinador R. Budd, jóquei T. Bell, estava em último lugar nas apostas: 15 para 1.

Bond dirigiu o binóculo para o restaurante. Os dois homens tinham ido embora. Bond apontou então para o outro lado da pista, onde as luzes piscavam no grande painel. Agora o favorito era o N.º 3, em 2 para 1. Come Again registrava um empate. Shy Smile estava cotado em 20 para 1, mas chegou a 18 enquanto Bond observava o painel.

Faltava ainda um quarto de hora. Bond reclinou-se e acendeu um cigarro, repassando mentalmente o que Leiter lhe tinha dito e perguntando a si mesmo se iria dar certo.

Leiter seguira o jóquei até a pensão em que este se hospedava, e o abordara, exibindo a carteira de detetive particular. Então, calmamente, aplicara uma chantagem. Se Shy Smile vencesse, Leiter procuraria a comissão de corridas, denunciaria a fraude, e Tingaling Bell não voltaria a montar mais nunca. Mas havia um meio de evitar que isto acontecesse. Se o jóquei concordasse, Leiter se comprometeria a esquecer a denúncia. Shy Smile deveria vencer a corrida mas ser desqualificado. Isto poderia ser feito se, na reta final, o jóquei interferisse na carreira do cavalo que lhe estivesse mais próximo, de modo que se pudesse provar que ele havia impedido o outro animal de sair vencedor. Então haveria um protesto, que tinha de ser justificado. Seria fácil para Bell cometer a falta na última curva, e de uma forma que pudesse convencer os patrões de que tinha sido o empenho de ganhar, que outro cavalo o desviara para a esquerda, que Shy Smile tinha tropeçado. Não havia motivo algum para que ele não desejasse vencer

(Pissaro lhe prometera 1 000 dólares extra pela vitória) e o que acontecera não passara de um desses azares que ocorrem no turfe. Leiter daria 1 000

dólares adiantados e prometia outros dois mil para depois da corrida.

Bell topara sem vacilar. E pediu que os 2 000 dólares lhe fossem entregues, depois das corridas, nas Termas, aonde ele ia todas >as noites a fim de manter o peso. Às seis horas. Leiter concordara. E, agora, Bond estava com os 2 000 dólares no bolso. Relutante, aquiescera por fim em ir às Termas e efetuar o pagamento se Shy Smile deixasse de ganhar o páreo.

Daria certo?

Bond agarrou o binóculo e perscrutou a raia. Notou os quatro postes grossos que balizavam os quartos de milha e continham as câmeras automáticas para registrar todo o percurso e cujos filmes chegavam à comissão alguns minutos depois do encerramento de cada corrida. Era esta última, perto do poste de chegada, que iria ver e fixar tudo o que acontecesse na curva final. Bond sentia-se ligeiramente inquieto. Faltavam cinco minutos e o portão de largada foi colocado em posição, cem jardas à sua esquerda.

Uma volta completa da raia, mais um oitavo de milha. O poste de chegada situava-se logo abaixo dele. Bond dirigiu o binóculo para o painel. Nenhuma alteração nos favoritos, nem na cotação de Shy Smile. Agora chegavam os cavalos, trotando despreocupados para a largada. Primeiro vinha o N.º 1, Come Again, o segundo favorito. Cavalo negro, quarteado, trazia a insígnia azul-claro e marrom do estábulo de Whitney. Ressoaram gritos de aplauso ao favorito Pray Action, um ruano corredor que ostentava o pavilhão dos Woodwards, branco com pontos vermelhos, do famoso Belair Stud. Na cauda do desfile vinha o castanho da estrela na testa e malhas brancas nas quatro patas, montado pelo jóquei de cara amarela, que usava um blusão de seda cor-de-lavanda com um enorme diamante negro no tórax e nas costas.

O cavalo desfilava tão bem que Bond olhou para o painel e não se surpreendeu de ver que a cotação chegava rapidamente a 17 e depois 16.

Bond continuou contemplando o painel. Num minuto, o dinheiro graúdo seria computado (tudo, menos as sobras dos 1 000 dólares de Bond, que continuariam em seu bolso) e a cotação cairia vertiginosamente. O alto-falante anunciava a corrida. Mais adiante, à esquerda, os cavalos enfileiravam-se atrás do portão de largada. Uma a uma, as lâmpadas diante do N.º 10 no painel puseram-se a piscar — 15, 14, 12, 11 e, finalmente, 9 para 1. Então as lâmpadas emudeceram e o totalizador parou. E quantos outros milhares se tinham espalhado, através da Western Union, por inocentes endereços telegráficos de Detroit, Chicago, Nova York, Miami, São Francisco e dezenas de outras agências ilegais?

Uma sineta retiniu estridente. O ar se eletrizou e cessaram os ruídos da multidão. Então atroou o áspero tropel que veio se aproximando da tribuna, passou por ela e se perdeu numa trovoada de cascos e pó levantado do chão.

Houve um lampejo de faces pálidas, ardentes, semi-escondidas pelos óculos de proteção, uma torrente de impetuosos quartos dianteiros e traseiros, um brilho súbito de olhos brancos e desvairados e uma confusão de números, dentre os quais Bond fixou apenas o importante N.º 10, bem à frente e próximo à cerca. Logo o pó foi-se assentando, e a massa pardacenta já alcançava a primeira curva e lentamente se avolumava na reta. Bond sentiu o binóculo resvalar no suor em volta de seus olhos.

O N.º 5, um cavalo negro que não figurava entre os favoritos, estava na dianteira, ganhando por um corpo. Iria esse animal desconhecido vencer o páreo? Mas no instante seguinte o N.º 1 emparelhou com ele, e depois o N.º 3. O N.º 10 estava meio corpo atrás. Iam esses quatro na frente, isolados, e o resto se agrupava a uma distância de três corpos. Faziam a curva e o N.º 1 ocupava a dianteira. O preto de Whitney. O N.º 10 era o quarto. Percorriam a longa reta no lado oposto à tribuna. O N.º 3 avançava célere — com Shy Smile em seu encalço. Ambos passaram o N.º 5 e se aproximaram do N.º 1, que tinha agora uma dianteira de meio corpo. Mais uma curva, outra reta, o N.º 3 ia à frente, com Shy Smile em segundo e o N.º 1 um corpo atrás. Shy Smile continuava a ganhar terreno e emparelhou quando ambos entravam na curva final. Bond prendeu a respiração. Agora! Agora! Quase podia ouvir o zunido da câmera oculta no grande poste branco. O N.º 10 estava à frente ao dobrar a curva, mas o N.º 3 corria junto à cerca interna. A multidão torcia pelo favorito. Agora, Bell avançava cada vez mais para a banda do outro, a cabeça curvada no pescoço do cavalo, pelo lado oposto, de modo a poder fingir que não via o ruano junto à cerca. Os cavalos estavam cada vez mais próximos, e, de repente, a cabeça de Shy Smile encobriu a cabeça do N.º 3, depois seus quartos dianteiros passaram à frente e o que se viu então foi o jóquei de Pray Action levantar-se nos estribos, forçado pela falta a frear a montaria. Imediatamente Shy Smile pôs-se um corpo à frente.

Um rugido de cólera brotou da multidão. Bond baixou o binóculo, sentou-se e viu quando o espumante castanho passou trovejando pelo poste, seguido por Pray Action a uma distância de cinco corpos e Come Again em terceiro lugar.

Perfeito, pensou Bond, enquanto a multidão ululava à sua volta. Perfeito!

E com que brilhantismo o jóquei fizera a coisa! A cabeça tão bem abaixada que até mesmo Pissaro teria de admitir que Bell não podia ver o outro cavalo. O ímpeto natural para a arrancada derradeira. A cabeça ainda continuava abaixada quando ele passou pelo poste, agitando o rebenque,

como se Tingaling acreditasse que estava apenas meio corpo à frente do N.º 3.

Bond aguardou a proclamação dos resultados. Ouvia-se um coro de assobios e vaias. “N.º 10, Shy Smile, cinco corpos. N.º 3, Pray Action, meio corpo. N.º 1, Come Again, três corpos. N.º 7, Pirandello, três corpos”.

Os cavalos encaminhavam-se num meio galope para a pesagem. A multidão esbravejava. Tingaling Bell, com um sorriso arreganhado na cara, atirou o rebenque para o estribeiro, apeou-se da montaria e carregou a sela para a balança.

Houve então uma explosão de vivas. Diante do nome de Shy Smile apareceu a palavra OBJEÇÃO, branca em fundo preto, e o alto-falante bradou: “Atenção, por favor. Neste páreo houve uma objeção formulada pelo jóquei T. Lucky, do N.º 3, Pray Action, contra o jóquei T. Bell, do N.º 10, Shy Smile. Não destruam suas pules. Repetimos: não destruam suas pules”.

Bond puxou o lenço e enxugou as mãos. Podia imaginar a cena na sala de projeção por trás do compartimento dos juízes. Estavam agora examinando o filme. Bell estaria lá, com ar aflito, e, ao lado dele, o jóquei do N.º 3, ainda mais aflito. Estariam lá também os proprietários? Estaria o suor correndo pelas papadas de Pissaro e molhando-lhe o colarinho? Estariam lá também alguns dos outros proprietários, pálidos e coléricos?

Ouviu-se novamente o ‘alto-falante, e a voz disse: — Atenção, por favor. Nesta corrida o N.º 10, Shy Smile, foi desqualificado, e o N.º 3, Pray Action, foi declarado vencedor. Este é o resultado oficial.

No meio do alarido da multidão, Bond ficou em pé e saiu em direção ao bar. Depois faria o pagamento. Talvez um Bourbon com água do rio lhe desse algumas ideias sobre a maneira de entregar o dinheiro a Tingaling Bell. Isto o intranquilizava. Entretanto, as Termas pareciam o melhor lugar.

Ninguém o conhecia em Saratoga. Mas, depois disso, não faria mais serviços para Pinkerton. Ia telefonar para Shady Tree e queixar-se que não tinha ganho seus cinco mil dólares. Ia azucrinar-lhe a paciência por causa de sua paga. Divertira-se ajudando Leiter a infernar a vida dessa gente. Logo chegaria a sua vez.

Abriu caminho por entre a multidão até o bar.

13 - Lama e enxofre

No PEQUENO ÔNIBUS vermelho havia somente uma negra com um braço murcho e, junto ao chofer, uma jovem que escondia as mãos enfermas e cuja cabeça estava completamente coberta por um espesso véu negro que lhe caía pelos ombros, como um chapéu de colmeeiro, sem lhe tocar a pele do rosto.

O ônibus, que anunciava “Banhos de Lama e Enxofre”, nos flancos, e “Na hora em todas as horas”, acima do para-brisa, atravessou a cidade sem receber mais nenhum passageiro e deixou a estrada principal, enveredando por um caminho cascalhento e mal conservado, rasgado no meio de uma plantação de abetos. Meia milha adiante, dobrou uma esquina e desceu um morro que ia dar num bloco cinzento e encardido de casas de madeira. No centro do bloco erguia-se uma chaminé alta de tijolo amarelo, de onde subia em linha reta no ar parado um fiapo de fumaça negra.

Não havia sinal de vida no local, mas quando o ônibus estacionou na nesga de cascalho e grama, diante do que parecia ser a entrada, dois homens idosos e uma negra manquejante adiantaram-se pela porta alambrada e aguardaram no topo dos degraus que os passageiros se apeassem.

Do lado de fora do ônibus, Bond atordoou-se com o cheiro carregado e nauseante do enxofre. Era um odor fétido, proveniente de algum desvão das entranhas da terra. Bond afastou-se da entrada e sentou-se num banco rústico sob um grupo de abetos mortícios. Passou ali alguns minutos preparando-se para o que o esperava do outro lado da porta alambrada e tentando afastar de si aquela sensação de opressão e asco. Reconhecia que tal sensação era, em parte, a reação de um corpo saudável ao contacto da doença. Por outra parte, também, era produto da contemplação daquela chaminé de Belsen expelindo seu penacho de fumaça inofensiva. Mas, acima de tudo, era a perspectiva de cruzar esses umbrais, adquirir o ingresso, desnudar o corpo limpo e submetê-

lo aos abomináveis processos adotados nesse sombrio e desconjuntado estabelecimento.

O ônibus partiu, matracolejando, e Bond ficou só. A quietude era total.

As duas janelas laterais e a porta de entrada assumiam, para Bond, a forma de dois olhos e uma boca. Tinha a impressão de que o lugar o encarava, observava, convocava. Entraria?

Bond impacientava-se. Afinal ergueu-se, marchou decidido pelo caminho revestido de seixos, galgou os degraus de madeira e passou pela porta, que

bateu atrás de si.

Achou-se numa enfumaçada sala de recepção. As emanções do enxofre eram mais intensas. Havia uma escrivanhinha por detrás de uma grade de ferro. Cartas emolduradas, que davam testemunhos de curas, guarneciam as paredes. Algumas ostentavam selos vermelhos por baixo das assinaturas.

Numa vitrina viam-se embrulhos transparentes. Em cima dela um anúncio dizia, em maiúsculas mal escritas: “ADQUIRA UM PACOTE, TRATE-SE EM

CASA”. Uma lista de preços emendava com uma cartolina que recomendava um desodorante barato: “Faça das Axilas uma Fonte de Encantos”.

Uma mulher descorada, com uma rosca de cabelo alaranjado sobreposta a um rosto triste e cremoso, ergueu vagarosamente a cabeça e olhou-o através das grades, marcando com a ponta do dedo o local em que interrompera a leitura das *Estórias de Amor da Vida Real*.

— Em que posso servi-lo?

Era a voz reservada a estranhos, àqueles que não estavam a par dos mistérios da casa.

Bond olhou pelas grades com a cautelosa repulsa que a mulher esperava.

— Queria um banho.

— Lama ou enxofre? — ela estendeu a mão livre para o talão de ingressos.

— Lama.

— Quer levar um talão? Sai mais barato.

— Só um ingresso, por favor.

— Um dólar e cinquenta.

Ela empurrou pelas grades um bilhete malva e ficou com o dedo em cima dele até que Bond lhe passou o dinheiro.

— Por onde se entra?

— Pela direita. Siga o corredor. É melhor deixar aqui os seus objetos de valor. — Enfiou um grande envelope branco por baixo da grade. — Escreva seu nome em cima. — Olhava de esguelha enquanto Bond colocava o relógio e o conteúdo dos bolsos no envelope e rabiscava o nome.

As vinte cédulas de cem dólares estavam por dentro da camisa de Bond.

Pensou nelas, mas devolveu o envelope.

— Muito obrigado.

— Não há de quê.

No fundo da sala havia uma borboleta baixa e duas mãos de madeira, pintadas de branco, cujos indicadores inclinados apontavam para a direita e para a esquerda. Numa das mãos lia-se a palavra LAMA, na outra ENXOFRE.

Bond passou pela borboleta, tomou a direita seguindo um corredor úmido, com um piso de cimento que descia como uma rampa. Foi avançando até passar por uma porta de vaivém. Viu-se num salão comprido e elevado, com uma clarabóia no teto e quatinhos ao longo das paredes.

O salão era quente, fumegante e sulfuroso. Dois homens ainda moços, de ar simpático, com toalhas cinzentas amarradas à cintura, jogavam cartas numa mesa de pinho, perto da entrada. Na mesa estavam dois cinzeiros cheios de pontas de cigarros e um prato de cozinha entulhado de chaves. Os homens levantaram a vista quando Bond entrou, e um deles tirou uma chave do prato e estendeu-a nas pontas dos dedos. Bond deu alguns passos e recebeu-a.

— Doze — disse o homem. — Cadê o ingresso?

Bond entregou-o, e o homem fez um gesto para os quatinhos às suas costas. Sacudiu a cabeça para a porta no fundo do salão.

— Banhos, por ali.

Os dois reiniciaram o jogo.

Não havia nada no quatinho abafado. Só uma toalha dobrada, da qual as sucessivas lavagens tinham removido a felpa. Bond tirou a roupa e amarrou a toalha na cintura. Dobrou o polpudo pacote de cédulas e guardou-o no bolso interno do paletó por baixo do lenço. Esperava que fosse esse o último lugar a ocorrer a um gatuno numa batida rápida. Pendurou num cabide o coldre com a arma, saiu e trancou a porta.

Bond não fazia ideia do que ia ver do outro lado da porta no fundo do salão. Sua primeira reação foi a de quem houvesse entrado num necrotério.

Antes que pudesse reunir suas impressões, um negro calvo e gordo, com um bigode ralo cujas pontas escorriam pelos cantos da boca, aproximou-se e examinou-o de alto a baixo.

— De que sofre o senhor? — perguntou com indiferença.

— De nada — disse Bond, lacônico. — Quero só um banho de lama.

— Pois não — disse o negro. — Alguma coisa no coração?

— Não.

— Está bem. Por aqui.

Bond acompanhou o negro, caminhando no piso escorregadio de cimento, até um banco de madeira ao lado de um par de velhos cubículos com chuveiro, num dos quais um corpo nu e enlameado recebia um banho de mangueira aplicado por um homem de orelha deformada.

— Volto já — disse o negro com displicência, os pés enormes a chapinhar no piso molhado, enquanto ia de um lado a outro, atendendo a suas ocupações.

Bond seguiu com os olhos o tipo grandalhão e adiposo, e sentiu uma contração na pele ao pensar em entregar o corpo àquelas mãos bamboleantes e rechonchudas de palmas cor-de-rosa.

Bond tinha natural afeição para com os negros, mas refletiu na felicidade da Inglaterra, em comparação com a América, onde é preciso ter consciência do problema de cor desde a infância. Sorriu ao recordar algo que Félix Leiter lhe havia dito por ocasião da última missão de ambos nos Estados Unidos.

Bond se referira a Mr. Big, o célebre criminoso do Harlem, chamando-o de “negro sujo”. Leiter advertira-o.

— Calminha, James. Devagar com a louça. Quando se trata do problema de cor, o ponche é prego.

A lembrança do dito de Leiter reanimou-o. Afastou os olhos da figura do negro e examinou o resto do estabelecimento.

Era uma sala quadrada, sombria, de cimento. Do teto, quatro lâmpadas elétricas nuas, manchadas de excremento de mariposa, derramavam um clarão baço pelas paredes gotejantes e pelo piso. Cavaletes arrimavam-se às paredes. Bond contou-os automaticamente. Vinte. Em cada um havia um pesado ataúde de madeira. Três quartos de cada caixão estavam cobertos por uma tampa. Em quase todos aparecia o perfil de uma cara suarenta, um pouco acima dos flancos de madeira, apontada para o teto. Alguns olhos rolaram curiosos pela o lado de Bond, mas a maioria das faces vermelhas e congestionadas parecia dormir.

Um ataúde estava aberto, a tampa encostada na parede e o flanco virado para baixo. Parecia destinado a Bond. O negro estava espalhando dentro dele um lençol grosso e encardido. Alisava o lençol a fim de o transformar num forro para a caixa. Quando acabou, foi ao centro da sala, onde havia uma fileira de baldes, escolheu dois cheios até a borda de lama pardacenta e

fumegante, e arriou-os, provocando um duplo clangor, ao lado da caixa aberta. Depois, com as mãos, foi retirando o conteúdo viscoso e espesso de um dos baldes e lambuzando o lençol. Prosseguiu nessa tarefa até cobrir o lençol com uma camada de duas polegadas de lama. Deixou-o, então — a esfriar, pensou Bond — e dirigiu-se a uma tina denteada, cheia de blocos de gelo, cutucou dentro dela durante alguns instantes e extraiu várias toalhas de mão gotejantes. Pendurou-as no braço e foi de um a outro caixão ocupado, detendo-se aqui e ali para passar a toalha fria na testa suada dos fregueses.

— Nada mais acontecia. O único ruído era o chiado da mangueira perto de Bond. O jato da mangueira cessou e uma voz disse: — Está bem, Mr. Weiss. Por hoje chega.

Um homem gordo e nu, o corpo revestido de pêlos pretos, saiu cambaleante do cubículo e parou do lado de fora. Então, o homem da orelha deformada ajudou-o a vestir um roupão felpudo, deu-lhe uma esfregadela ligeira e conduziu-o para a porta por onde Bond tinha entrado.

Em seguida, o homem da orelha deformada foi até a porta do fundo da sala e saiu. Por alguns momentos a luz invadiu a porta, e Bond viu a relva do lado de fora e um pedaço abençoado do céu azul. O homem retornou com dois baldes de lama fumegante. Fechou a porta com o calcanhar e pôs os baldes no meio da sala, junto aos outros.

O negro aproximou-se do caixão de Bond e tocou na lama com a palma da mão. Voltou-se e acenou para Bond.

— Está pronto o do senhor — disse ele.

Bond deu alguns passos para a frente. O homem tirou-lhe a toalha e pendurou-lhe a chave num gancho acima do caixão. Bond estava nu diante do homem.

— Já tomou alguns banho desses antes?

— Não.

— É. Imaginei que não. Vamos começar com a lama a 45 graus. Se suportar bem, poderemos chegar aos 50 ou mesmo 55. Deite-se aí.

Bond entrou cautelosamente na caixa e deitou-se, a pele ardendo ao primeiro contacto com a lama escaldante. Devagarinho, estirou-se todo e apoiou a cabeça na toalha limpa que tinha sido colocada sobre o travesseiro de paina.

Quando se acomodou, o negro meteu ambas as mãos num dos baldes de lama nova e começou a espalhá-la por todo o corpo de Bond.

A lama tinha cor de chocolate e era lisa, pesada e viscosa, O cheiro de

turfa queimada invadiu as narinas de Bond, que contemplava os braços reluzentes e graxentos do negro trabalhando no monte escuro e obscuro que outrora tinha sido seu corpo. Teria Félix Leiter sabido que ia ser assim?

Bond arreganhou selvagememente os dentes para o teto. Se esta fosse uma das pilhérias de Félix...

Afinal, o negro concluiu seu trabalho. Bond estava coberto de lama ardente. Apenas o rosto e uma área em volta do coração continuavam brancas. Sentiu-se sufocar, e o suor começou a inundar-lhe a fronte.

Com um movimento rápido o negro curvou-se, apanhou as pontas do lençol e enrolou firmemente o corpo e os braços de Bond. Em seguida, agarrou a outra metade do lençol sujo e passou-a por cima. Bond podia mover os dedos e a cabeça, mas a verdade é que tinha menos liberdade de movimentos do que dentro de uma camisa-de-força. Depois, o homem fechou o flanco aberto do ataúde, baixou a pesada tampa de madeira, e lá ficou Bond estatelado.

O negro tirou uma lousa da parede, acima da cabeça de Bond, olhou para um relógio na parede do fundo e anotou a hora. Eram seis horas em ponto.

— Vinte minutos — disse ele. — Sente-se bem? Bond respondeu com um grunhido neutro.

O negro foi cuidar de suas ocupações e Bond ficou a olhar estupidamente para o teto. Sentia o suor correr pela testa e entrar nos olhos.

Amaldiçoou Félix Leiter.

Passavam três minutos das seis horas quando a porta se abriu para dar entrada ao vulto nu e escanifrado de Tingaling Bell. Tinha a cara esperta, de fuinha, e um corpo miserável, em que cada osso estava à mostra. Caminhou com arrogância até o meio da sala.

— Ai, Tingaling — disse o da orelha deformada. — Ouvi dizer que você hoje se meteu numa embrulhada. Que azar!

— Aqueles comissários são todos ignorantes — disse Tingaling de mau humor. — Por que ia eu atropelar Tommy Lucky? O cara é meu chapa. E

que necessidade tinha eu de fazer isso? A corrida estava no papo. Ei, seu moleque safado — estirou o pé para que tropeçasse o negro que vinha conduzindo um balde de lama — você vai ter de me tirar as banhas. Comi só um prato de batatinhas fritas. E amanhã vão me dar uma barra de chumbo pra transportar para Oakridge.

O negro passou pelo pé estendido e deu uma risadinha gorda.

— Te aquieta, garoto — respondeu carinhosamente. — Olha que eu te arranco um braço fora. Num instante você perde peso. Já vou cuidar de ti.

A porta abriu-se outra vez e um dos jogadores de cartas botou a cabeça para dentro.

— Ei, lutador — disse ele para o homem da orelha deformada. — Mabel tá dizendo que não pode encomendar a tua gororoba. O telefone pifou. Não tá dando sinal.

— Ih, será? — disse o outro. — Pede a Jack pra trazer na próxima viagem.

— Tá bom.

A porta fechou-se. Desarranjo de telefone na América é coisa rara, e este era o momento em que um ligeiro sinal de perigo teria estridulado na mente de Bond. Mas desta vez, não. Em vez disso, olhou para o relógio. Passaria ainda dez minutos na lama. O negro chegou-se com as toalhas frias no braço e enrolou uma em volta do cabelo e da testa de Bond. Foi um alívio delicioso, e, por um momento, Bond achou que talvez o troço fosse mesmo suportável.

Os segundos tiquetaqueavam. O jóquei, lançando uma torrente de obscenidades, espichou-se no caixão exatamente defronte de Bond, e este imaginou que ele teria lama a 55 graus. Foi envolvido no lençol, e a tampa fechou-se sobre ele.

O negro anotou 6,15 na lousa do jóquei.

Bond cerrou as pálpebras e pensou como iria fazer para entregar o dinheiro a esse homem. Na sala de repouso, depois do banho? Era de presumir que houvesse algum lugar onde se pudesse descansar depois de tudo isso. Ou no corredor da saída? Ou no ônibus? Não. Era melhor que não fosse no ônibus. Era bom não ser visto ao lado dele.

— Muito bem, pessoal. Ninguém se mexa agora. Nada de afobação e ninguém sofrerá nada.

Era uma voz dura, implacável, que falava sério.

Os olhos de Bond descerraram-se instantaneamente, e o corpo vibrou ante o cheiro de perigo que invadiu o quarto.

A porta que dava para o exterior, a porta por onde entrava a lama, estava escancarada. Um homem permanecia de pé na ombreira e outro caminhava para o centro da sala. Ambos traziam armas nas mãos e ambos usavam capuz preto na cabeça, com fendas abertas para os olhos e a boca.

O silêncio da sala era perturbado somente pelo rumor da água que pingava

dos chuveiros. Cada cubículo continha um homem nu, que espreitava a sala através do céu de água, a boca arquejante e os cabelos emaranhados nos olhos. O homem da orelha deformada era uma coluna imóvel. O branco dos olhos rolava-lhe nas órbitas e a mangueira que tinha na mão jorrava-lhe aos pés.

O homem que entrara na sala estava agora perto dos fumegantes baldes de lama. Parou diante do negro que tinha estacado com um balde cheio em cada mão. O negro tremia ligeiramente, de modo que a alça de um dos baldes produzia leve chocalhar.

Enquanto esse homem tinha sobre si os olhos do negro, Bond viu-o rodar a arma na mão de modo a segurá-la pelo cano. De repente, com violento golpe das costas da mão, largou a coronha do revólver no centro da enorme barriga do negro.

Ouviram-se apenas o estalo de uma palmada molhada, mas os baldes despencaram no chão quando as duas mãos do negro saltaram para agarrar a barriga. O negro deixou escapar um gemido abafado e rojou-se sobre os joelhos. A cabeça raspada e lúida curvou-se quase até os sapatos do homem, dando a impressão de lhe estar prestando uma reverência.

O homem preparou um pontapé.

— Onde está o jóquei? — perguntou ameaçador. — Bell. Qual a caixa?

O braço direito do negro moveu-se no ar.

O homem da arma pôs o pé no chão. Deu meia volta e caminhou para o ponto em que Bond jazia ao lado de Tingaling Bell.

Avançou e olhou primeiro para o rosto de Bond. Pareceu enrijecer-se.

Dois olhos brilhantes reluziram por trás da fenda rasgada no capuz preto.

Depois o homem deu um passo para a esquerda e parou diante do jóquei.

Ficou imóvel um instante. Em seguida, deu um salto e foi sentar-se em cima da tampa da caixa, encarando Tingaling nos olhos.

— Ora, vejam só! Não é que é Tingaling Bell! — Havia na voz uma aterradora afabilidade.

— Que que há? — a voz do jóquei era estridente e apavorada.

— Ora, Tingaling — o homem queria parecer razoável. — Que que pode haver? Não se lembra de nada?

O jóquei arquejou.

— Nunca ouviu falar de um cavalo chamado Shy Smile, Tingaling? Será

que você não estava lá quando ele foi desqualificado às duas e meia da tarde?

O tom era de ameaça.

O jóquei começou a choramingar a meia voz.

— Santo Deus, patrão. Não tive culpa. Pode acontecer a qualquer um.

Era o choradeira do menino que sabe que vai ser punido. Bond estremeceu.

— Meus amigos acham que você fez safadeza. — O homem se inclinava sobre o jóquei e a voz se tornava mais veemente. — Meus amigos creem que um jóquei como você só podia fazer uma coisa dessas de propósito. Meus amigos deram uma batida no seu quarto e encontraram uma cédula de mil enfiada num suporte da lâmpada. Meus amigos me pediram para ver de onde vinha o tutu.

O estalo da bofetada e o gritinho foram simultâneos.

— Fale, seu porra, ou eu lhe estouro os miolos. Bond escutou o clique do cão puxado para trás. Um gaguejo esganiçado rompeu dentro da caixa.

— Eu juro. É tudo o que eu tenho. Escondi no bocal da lâmpada.

Palavra. Juro. Por Deus! Acredite. Tem que acreditar.

A voz soluçava e implorava.

O homem emitiu um grunhido de impaciência e levantou a arma, de modo que ela entrou no raio de visão de Bond. Um polegar, com uma verruga inflamada na primeira articulação, repôs o cão no lugar. O homem desceu devagarinho, escorregando, da tampa do caixão. Fitou a cara do jóquei e falou, pegajoso.

— Você tem montado muito ultimamente, Tingaling — cochichava quase. — Anda estafado. Precisa de repouso. Muito repouso. Num sanatório, ou num troço aí qualquer.

Lentamente o homem pôs-se a andar pela sala. Continuava falando baixinho e com voz melíflua. Agora estava fora da visão do jóquei. Bond viu-o curvar-se e apanhar um dos baldes de lama fumegante. Voltou-se, carregando o balde, falando ainda, ainda tranquilizador.

Aproximou-se da caixa e inclinou-se sobre o jóquei.

Bond contraiu-se e sentiu a lama agitar-se pesadamente em sua pele.

— Como estou dizendo, Tingaling, muito repouso. Um regimezinho por algum tempo. Um quarto alinhado, com as cortinas cerradas para não deixar entrar luz.

A lengalenga terminou por fundir-se no silêncio. Lentamente o braço foi-se erguendo. Alto, mais alto.

Então o jóquei viu o balde subindo e compreendeu o que ia acontecer.

Começou a gemer.

— Não. Não. Nããããã.

Embora fizesse muito calor na sala, o visgo negro impregnava-se de vapores ao escorrer molemente do balde.

Quando terminou, o homem moveu-se rapidamente para um lado e jogou o balde no da orelha deformada, que estava imobilizado e deixou-se atingir.

Depois, o homem cruzou apressadamente a sala e foi postar-se ao lado do outro, junto à porta.

Deu meia volta.

— Nada de palhaçadas. Nada de polícia. O telefone está mudo — e soltou uma risadinha cruel. — É melhor tirar o garoto antes que seus olhos virem fritada.

A porta bateu. Fez-se silêncio, entrecortado pelo borbulhar da lama fumegante e pelo ruído da água esguichando do chuveiro.

14 - “Não gostamos de equívocos”

— E DEPOIS, o que aconteceu? Leiter estava sentado na poltrona de Bond no motel, e Bond andava de um lado para o outro do quarto, parando de vez em quando para tomar um gole do copo de uísque com água que estava perto da cama.

— O caos — respondeu Bond. Todo mundo berrando que queria sair do caixão. O homem da orelha deformada procurando tirar com a mangueira a lama da cara de Tingaling e pedindo socorro aos dois homens do salão de junto. O negro choramingando no chão e os caras que saíam nus dos cubículos tremiam pela sala como galinhas de cabeça cortada. Os dois jogadores de cartas chegaram e levantaram a tampa do caixão de Tingaling.

Desembrulharam o rapaz e o colocaram no chuveiro. Acho que ele estava nas últimas. Meio asfixiado. A cara entufada pelas queimaduras. Um

espetáculo sinistro. Então, um dos homens nus recobrou o sangue-frio e saiu abrindo as caixas e ajudando o povo a sair. Daí a pouco éramos vinte homens nus, cobertos de lama, e só havia um chuveiro disponível. Teve que ser na base do sorteio. Um dos ajudantes foi de carro pra cidade buscar uma ambulância. Alguém jogou um bocado de água no negro, e ele aos poucos tornou a si. Sem querer dar parte de interessado, procurei descobrir se alguém tinha alguma ideia da identidade dos dois capangas. Ninguém sabia.

Pensavam que se tratava de uma quadrilha de fora. Ninguém ligava também, agora que se viam fora de perigo. Tudo o que queriam era tirar a lama do corpo e dar o pira o mais cedo possível. Bond tomou outro gole de uísque e acendeu um cigarro.

— Não houve nada que lhe chamasse a atenção nos dois caras? — perguntou Leiter. — Altura, roupa, ou outra coisa qualquer?

— Mal pude enxergar o homem que ficou na porta — disse Bond. — Era mais baixo e mais magro do que o outro. Usava calça escura e camisa cinzenta sem gravata. O revólver parecia um 45. Talvez um Colt. O outro, o que fez o serviço, era um tipo grandalhão e gorducho. Gestos bruscos mas calculados. Sapatos pretos, limpos, caros. Um 38 Police Positive. Não usava relógio de pulso. Ah, sim — Bond lembrou-se de repente. — Tinha uma verruga na primeira articulação do polegar direito. Vermelha, como se ele estivesse sempre com ela na boca.

— Wint — disse Leiter categórico. — O outro tipo era Kidd. Sempre agem juntos. Estão entre os melhores capangas dos Spangs. Wint é um tarado, um sádico perfeito. Tem prazer na coisa. Vive sempre chupando a verruga do polegar. “Goela” é o apelido dele, mas só o chamam assim pelas costas, é claro. Todos eles têm esses apelidos infectos. Wint não tolera viajar. Enjoa de carro e de trem, e supõe que todos os aviões são arapucas mortais. Percebe gratificação especial quando faz um serviço que implica em viajar. Mas é muito atrevido quando está com os pés no chão. Kidd é um leão de chácara. “Boneca” é o nome que lhe dão os parceiros. Provavelmente dorme com Wint. Aliás, alguns desses pederastas são os piores assassinos.

Kidd tem cabelos brancos, embora não tenha mais de trinta anos. Esse é um dos motivos por que eles gostam de usar capuz. Mas um dia esse Wint vai se arrepender de não ter arrancado a verruga. Pensei nele assim que você falou nela. Acho que vou dar o serviço aos tiras. Não mencionarei você, naturalmente. Mas contarei a tratantada de Shy Smile. O resto é com eles.

Wint e o parceiro devem estar pegando um trem em Albany a esta hora, mas não faz mal. Vou fazer a cama deles. — Leiter voltou-se, ao chegar à porta.

— Calma, James. Estarei de volta em uma hora, pra irmos jantar. Vou descobrir onde foi que meteram Tingaling e depois mandarei a grana pra ele pelo correio. Isso vai animá-lo um pouquinho. Até já.

Bond despiu-se e passou dez minutos debaixo do chuveiro, ensaboando-se da cabeça aos pés para se limpar do menor resquício do banho que havia tomado. Depois, botou uma calça e uma camisa e foi até a cabina telefônica, na sala de recepção, onde pediu linha para falar com Shady Tree.

— A linha está ocupada, cavalheiro — entoou a telefonista. — Quer que mantenha a chamada?

— Quero sim. Muito obrigado — disse Bond. Sentiu-se aliviado ao saber que o corcunda ainda estava no escritório. Agora poderia dizer, sem mentir, que havia tentado telefonar mais cedo. Tinha a impressão de que Shady estaria matutando sobre sua demora em lhe telefonar para queixar-se de Shy Smile. Depois de assistir ao que tinha acontecido ao jóquei, Bond estava mais propenso a tratar a Turma de Spang com mais respeito.

O telefone produziu aquele zumbido seco e surdo que representa a campainhada no sistema americano.

— Era o senhor que queria Wisconsin 7-3697?

— É sim.

— Está pronta a ligação. Pode falar. Alô, Nova York? — e entrou a voz aguda e roufenha do corcunda: — Alô. Quem está falando?

— James Bond. Tentei chamá-lo mais cedo.

— Sim?

— Shy Smile bromou.

— Sei. O jóquei tava no monde. E daí?

— Meu dinheiro — disse Bond.

Fez-se silêncio na outra ponta do fio. Depois: — Está bem, vamos começar de novo. Vou lhe mandar mil, por ordem telegráfica. Os mil que você ganhou de mim, se lembra?

— Me lembro, sim.

— Aguarde um instante perto do fone. Chamarei dentro de alguns minutos e lhe direi e que deve fazer com o dinheiro. Onde está hospedado?

Bond informou.

— Está certo. Receberá o dinheiro de manhã. Chamo você daqui a pouco.

O telefone emudeceu..x

Bond dirigiu-se ao balcão da portaria e passou os olhos pela prateleira das brochuras. Estava divertido e impressionado com a meticulosa contabilidade desse pessoal e com a precaução tomada para que cada uma de suas operações tivesse cobertura legal. Era evidente que tal política era correta. Como poderia ele, um inglês, ganhar 5 000 dólares senão em apostas? E onde seria a próxima cartada?

O telefone encurvou um dedo mecânico em sua direção, e ele tornou a entrar na cabina, fechou a porta e apanhou o receptor.

— É você, Bond? Bom, preste atenção. Vai recebê-lo em Las Vegas.

Venha a Nova York e tome um avião. Bote a passagem na minha conta.

Darei meu endosso. Vá dará Los Angeles. Lá tem avião de meia em meia hora para Las Vegas. Foi feita reserva pra você no Tiara. Vá para o hotel e...

agora ouça bem... exatamente às dez e cinco da noite de quinta-feira vá para o centro das três mesas de vinte-e-um do Tiara, no lado da sala perto do bar.

Entendeu?

— Sim.

— Sente-se e aposte no máximo, isto é, mil dólares, cinco vezes. Depois levante-se e retire-se da mesa. E não jogue mais. Está me ouvindo?

— Estou.

— Sua conta no Tiara está paga. Depois do jogo, fique aguardando novas instruções. Entendido? Repita.

Bond repetiu.

— Perfeito — disse o corcunda. — Não converse nem cometa nenhum equívoco. Não gostamos de equívocos. Você terá a prova disso amanhã, quando ler os jornais.

Soou um estalido abafado. Bond colocou o receptor no gancho e saiu caminhando pensativo, pelo gramado, a caminho do quarto.

Vinte-e-um! Sim senhor! O velho 21 dos dias da infância. Ressurgiram as lembranças de chás tomados nas salas de jogos de outros meninos; de adultos que não levavam em consideração as fichas coloridas de osso, dispostas em pilhas, a fim de que cada criança tivesse direito a um xelim; da excitação de virar um dez e um ás e receber em dobro; da emoção daquela quinta carta, quando já se tinha dezesete e faltava um quatro ou “o menos de cinco”.

E agora ia ele regressar aos jogos da infância. Só que desta vez o banqueiro seria um escroque e as fichas coloridas valeriam 300 libras esterlinas cada mão. Era um adulto, e esse seria um jogo de adultos de verdade.

Bond espichou-se na cama e pôs-se a fitar o teto. Enquanto esperava Félix Leiter, o espírito levava-o à famosa capital do jogo. Indagava a si mesmo o que faria por lá e se teria oportunidade de ver Tiffany Case.

Cinco pontas de cigarro amontoavam-se no cinzeiro do plástico. Por fim, Bond ouviu o passo claudicante de Leiter nos seixos do lado de fora.

Cruzaram juntos o relvado, tomaram o Studillac e, enquanto desciam a avenida, Leiter ia contando as novidades.

Os rapazes de Spang já tinham deixado a cidade — todos, Pissaro, Budd, Wint, Kidd. Até mesmo Shy Smile já estava a caminho do rancho de Nevada, do outro lado do continente.

— O FBI está à frente do caso — disse Leiter — mas este será apenas mais um conto das obras completas de Spang, Sem você para testemunhar, ninguém fará a menor ideia dos dois pistoleiros. Ficarei surpreendido se o FBI se enfronhar mesmo na estória de Pissaro e seu cavalo. Vai terminar deixando isso comigo e o meu pessoal. Falei com o escritório central e recebi ordens de ir a Las Vegas averiguar onde estão enterrados os restos do verdadeiro Shy Smile. Tenho de localizá-los eu mesmo. Que acha disso?

Antes que Bond tivesse tido tempo de fazer algum comentário, o carro tinha parado à entrada do Pavilion, o único restaurante elegante de Saratoga.

Saltaram e deixaram o estacionamento a cargo do porteiro.

— É esplêndido podermos comer juntos outra vez — disse Leiter. — Você nunca provou uma lagosta do Maine, assada na brasa, com manteiga derretida, igual à que eles servem aqui. Mas o gosto não seria tão bom se um dos meninos de Spang estivesse mascando macarrão com molho Caruso na mesa ao lado.

Era tarde e quase todos os fregueses tinham jantado e partido para o leilão de cavalos. Os dois amigos ficaram a uma mesa de canto e Leiter disse ao chefe dos garçons que não desse pressa às lagostas mas trouxesse dois martinis secos, preparados com vermute Cresta Blanca.

— Então você vai a Las Vegas — disse Bond. — Curiosa coincidência!

E contou a Leiter a conversa com Shady Tree.

— Sim — disse Leiter. — Não há nenhuma coincidência nisso. Ambos trilhamos caminhos deletérios e todos os caminhos deletérios levam à cidade

deletéria. Tenho que botar umas coisas em ordem aqui em Saratoga antes de partir. E escrever um montão de relatórios. Nesses relatórios vai-se metade da minha vida com os Pinkertons. Mas antes do fim da semana estarei farejando em Las Vegas. Não vou poder vê-lo, James, com muita frequência.

Lá estaremos sob as vistas dos meninos de Spang. Mas creio que poderemos encontrar-nos de tempos em tempos e trocar impressões. Veja bem — acrescentou — temos lá um ótimo sujeito, que atua pra nós por baixo do pano. Chofer de táxi, chamado Cureo, Ernie Cureo. Vou avisá-lo de sua ida e ele vai lhe dar uma mãozinha. Conhece o monturo, os antros, os elementos das quadrilhas de fora que passam pela cidade. Conhece até as batotas que pagam as percentagens mais altas. E esse segredo é o mais valioso em toda a zona do Strip. Cinco milhas compactas de cumbucas. Anúncios luminosos que botam a Broadway no chinelo. Monte Cario! — Leiter riu com desdém.

— Coisa do passado.

Bond sorriu.

— Quantos zeros eles têm na roleta?

— Acho que dois.

— Aí está. Na Europa a gente pelo menos joga contra a percentagem correta. Pode ficar com seus anúncios luminosos. O outro zero dá para os manter acesos.

— Talvez. Mas o jogo de dados paga apenas pouco mais de um por cento à casa. E é nosso jogo nacional.

— Sei disso — disse Bond. — “O guri precisa de um novo par de sapatos”. Conheço essa conversa fiada. Queria ver o banqueiro de uma roda de trapaceiros resmungar “o guri precisa de um novo par de sapatos” quanto tivesse contra si um nove na mesa principal e visse em cada quadro dez milhões de francos.

Leiter soltou uma gargalhada.

— Puxa! — exclamou. — Você está muito tranquilo para esse desempate fraudulento na mesa do vinte-e-um. É capaz de voltar pra Londres se gabando de ter abafado a banca no Tiara. — Leiter tomou um gole de uísque e recostou-se na cadeira. — Mas acho bom lhe dar uma ideia da coisa para o caso de você querer apostar os seus magros caraminguás contra a mina de ouro deles.

— Vá dizendo.

— E é mina de ouro mesmo — continuou Leiter. — Veja bem, James, todo o Estado de Nevada que, para a maioria das pessoas, se compõe de Reno

e Las Vegas, é a mina de ouro que todos procuram. A resposta ao sonho geral de obter “alguma coisa por nada” tem de ser encontrada, pelo preço de uma passagem de avião, no Strip em Las Vegas ou no Main Stem em Reno. E ela, realmente, *está* lá. Não faz muito tempo, quando a sorte e os dados eram honestos, um jovem pracinha ganhou vinte e oito lances seguidos numa mesa de dados do Desert Inn. Vinte e oito! Se ele tivesse começado com um dólar e lhe tivessem deixado ir até o limite permitido pela casa, o que, conhecendo Mr. Wilbur Clark do Desert Inn, imagino que não aconteceu, teria ganho duzentos e cinquenta milhões de dólares!

Apostadores que estavam em volta ganharam cento e cinquenta mil dólares.

O pracinha ganhou setecentos e cinquenta dólares e deu no pé como se o diabo o estivesse perseguindo. Nunca chegaram sequer a saber o nome dele.

Hoje, o par de dados vermelhos está numa almofada de cetim, dentro de uma vitrina do cassino.

— Deve ter sido excelente golpe publicitário.

— No duro! — disse Leiter. — Nenhum agente de publicidade podia ter bolado um troço igual. Realizou os desejos de muita gente. E você há de ver os alucinados. Em um só dos cassinos, eles utilizam oitenta pares de dados por dia e cento e vinte baralhos de plástico. Todos os dias, de madrugada, descem para a garagem cinquenta caça-níqueis. Vai ver as velhotas de luvas acionando essas máquinas. Usam as cestas de compras para carregar os níqueis, as moedas de prata de dez centavos e as de vinte e cinco. Cutucam nessas máquinas dez, vinte horas por dia, sem parar. Não acredita? Sabe por que andam de luvas? Para impedir que as mãos fiquem sangrando.

Bond resmungou evasivamente.

— Tá bem, tá bem — concordou Leiter. — É claro que esse pessoal está arruinado. Histeria, colapso cardíaco, apoplexia. As cerejas e ameixas e figos sobem-lhes pelos olhos até o cérebro. Mas todos os cassinos mantêm serviços médicos ininterruptos, e as velhotas são carregadas gritando “Sorte Grande! Sorte Grande! Sorte Grande!” como se fosse o nome de um amante morto. E dê uma espiada nos salões de víspora, nas Rodas da Fortuna e nos caça-níqueis do centro comercial, no Golden Nugget e no Horseshoe. Mas não vá apanhar a febre e esquecer o trabalho, a pequena e até mesmo os rins.

Acontece que eu estou a par das cotas básicas de todos os jogos e sei como você gosta de apostar. Assim me faça o favor de meter isso nessa cachola dura. Vá, tome nota.

Bond estava interessado. Pegou o lápis e rasgou um pedaço do cardápio.

Leiter olhou para o teto.

— 1,4 por cento em favor da casa, nos dados; 5 por cento no vinte-e-um.

— Fitou Bond. — Exceto no seu caso, seu trapaceiro! 5 e meio por cento na roleta. Até 17 por cento no bingo e na Roda da Fortuna, e 15 a 20 por cento nos caça-níqueis. Nada mau para a casa, é ou não é? Cada ano, onze milhões de pessoas pagam essas percentagens a Mr. Spang e seus amigos. Suponha que o capital médio do otário seja duzentos dólares. Faça a conta e veja quanto fica em Las Vegas durante um ano.

Bond guardou o lápis e o papel no bolso.

— Grato pela documentação, Félix. Mas você parece esquecer que eu não vou passar férias em Las Vegas.

— Sei disso, ora bolas! — disse Leiter, resignado. — Mas não vá brincar com fogo. O negócio deles é altamente rendoso, e é evidente que eles não tolerarão macaquices. — Leiter debruçou-se na mesa. — Vou lhe contar uma coisa. Outro dia, um desses carteadores das bancas de vinte-e-um, se não me engano, resolveu encher o bolso. Abafou algumas cédulas uma noite, durante o jogo. Mas a turma percebeu a maroteira. Bom, no dia seguinte, um cara que ia de Boulder City para Las Vegas, de automóvel, viu uma coisa cor-derosa despontando em pleno deserto. Não podia ser um cacto ou outra planta qualquer. Então parou e foi olhar. — Leiter espetou um dedo no tórax de Bond. — Meu caro, aquela coisinha cor-de-rosa plantada no deserto era um braço. E a mão na ponta do braço estava segurando um baralho aberto em forma de leque. Os policiais chegaram com as pás e cavaram o chão.

Encontraram o corpo do homem pendurado na outra ponta do braço. Era o tal carteador. Tinha sido baleado e enterrado. A extravagância do braço e do baralho era só um aviso aos interessados. E então? Que acha disso?

— Curioso — disse Bond.

Chegou o jantar e ambos começaram a comer.

— Repare bem — disse Leiter, por entre bocados de lagosta. — O cara também caiu feito um patinho. Pois esses cassinos de Las Vegas têm seus truques. Não deixe de examinar a iluminação do teto. Moderníssima. Só orifícios com os feixes luminosos convergindo sobre a mesa. A luz é muito forte, sem resplendor oblíquo para perturbar os fregueses. Se examinar a segunda vez verá que a iluminação se alterna nos orifícios. Você vai pensar que os orifícios vazios estão lá só por amor à decoração. — Leiter abanou lentamente a cabeça para um lado e outro. — Qual nada, meu caro! Lá em cima, sobre o piso, há uma câmara de televisão montada sobre rodas, que passa o tempo todo bispando através dos orifícios vazios. Dessa maneira eles

vão acompanhando o movimento das mesas de jogo. Quando eles cismam com um banqueiro ou com algum dos jogadores, põem a câmera de olho na mesa e cada carta ou lance é observado pelos rapazes comodamente instalados lá em cima. Infernal, não? Essas cumbucas têm de tudo, e os banqueiros sabem disso. O tal cara certamente esperava que a câmera estivesse olhando para outra mesa. Erro fatal. Estrepou-se.

Bond sorriu.

— Tomarei cuidado — prometeu. — Mas não esqueça que eu tenho de ir, de qualquer jeito, até o fim da linha. Na realidade, tenho de chegar o mais perto possível de seu amigo Mr. Seraffimo Spang. E não posso fazer isso enviando meu cartão de visita. E tem mais uma coisa, Félix. — Bond falou num tom decidido. — Eu já estou cheio com esses irmãos Spang. Não gostei daqueles dois tipos encapuzados. A maneira como um deles tratou aquele negro gordo... a lama escaldante... Não teria ficado tão chateado se ele tivesse aplicado boa sova no jóquei... embrulhada de vigaristas, afinal. Mas a estória da lama foi obra de gente perversa. E enchi também com Pissaro e Budd. Não sei o que foi exatamente. Só sei que enchi com todos eles. A atitude de Bond era a de quem se desculpa. — Achei que devia avisar a você.

— Está certo. — Leiter empurrou o prato vazio. — Estarei por perto tentando apanhar as sobras. E direi a Ernie para ficar atento. Mas não pense que pode recorrer a advogado ou ao cônsul britânico se se meter em maus lençóis com os meninos de Spang. A única lei em vigor por lá é a do Smith & Wesson. — Bateu na mesa com o gancho. — É melhor tomar um último Bourbon com água de rio. Você vai para o deserto. Seco feito um osso e mais quente do que o inferno nesta época do ano. Nada de rios, nem riachos onde apanhar a água para o uísque. Vai tomá-lo com soda para logo em seguida enxugá-lo na testa. A temperatura lá é mais de quarenta à sombra.

Só que lá não tem sombra.

O garçom trouxe o uísque.

— Vou sentir a sua falta, Félix — disse Bond, satisfeito de se ver livre de seus pensamentos. — Ninguém pra me ensinar o estilo de vida americano. Aliás, acho que você fez um belo serviço no caso de Shy Smile.

Seria ótimo tê-lo comigo na hora de enfrentar papai Spang. Juntos, creio que o pegaríamos.

Leiter olhou com simpatia para o amigo.

— Quando trabalha para os Pinkertons, a gente não pode apelar para a pancadaria — disse ele. — Também ando atrás de Spang, mas tenho de agarrá-lo legalmente. Se eu puder descobrir onde enterraram o cavalo, garanto

que o nosso amigo vai ver a coisa preta pro lado dele. Pra você é fácil chegar aqui, envolver-se com ele e depois voltar para a Inglaterra. Os meninos não sabem quem é você e, pelo que você me diz, nunca descobrirão. Mas eu tenho de viver aqui. Se eu trocar tiros ou me meter numa barafunda desse tipo com Spang, os parceiros dele passarão a andar atrás de mim, de minha família e de meus amigos. E não descansarão enquanto não fizerem comigo o que eu tiver feito com o chefe deles. Até mais. Mesmo que eu o mate. Não é engraçado chegar em casa e saber que incendiaram a casa de nossa irmã com ela dentro. Desconfio que isso ainda pode acontecer hoje em dia neste país. As quadrilhas não se acabaram com Capone. Aí está Crime & Cia. Veja o Relatório Kefauver. Atualmente, os gangsters não controlam mais o contrabando de bebidas alcoólicas.

Controlam os governos. Governos estaduais como o de Nevada. Os jornais falam. Escrevem-se livros. Pronunciam-se discursos. Sermões. Mas quem dá bola? — Leiter soltou uma risada. — Talvez você possa dar uma rajada pela Liberdade, pela Pátria e pela Beleza, com aquele seu velho tranquilizador enferrujado. Ainda é a Beretta?

— Ainda — respondeu Bond. — Ainda é a Beretta.

— Ainda tem aqueles dois zeros que querem dizer que você tem permissão de matar?

— Tenho, sim — disse Bond secamente.

— Ótimo, então — disse Leiter, erguendo-se. — Vamos pra casa. Está na hora de botar pra dormir o olho da pontaria. Estou vendo que vai precisar dele.

15 - A Strip

O AVIÃO FEZ UMA ampla curva sobre o azul cintilante do Pacífico, sobrevoou Hollywood e ganhou altura a fim de alcançar o Cajon Pass, além do gigantesco penhasco dourado das High Sierras.

Bond vislumbrou de passagem as inumeráveis avenidas ladeadas de palmeiras, ou rodopiantes repuxos que aspergiam a esmeralda dos gramados diante de graciosas vivendas, as acachapadas fábricas de aviões, os exteriores dos estúdios cinematográficos com sua estapafúrdia mistura de cenários — ruas de cidades, ranchos do Oeste que lembravam miniaturas de pistas de corridas automobilísticas, uma escuna de tamanho natural, de quatro mastros, fundeada em terra seca — e, mais adiante, as montanhas e o infundável deserto vermelho, que é o pano de fundo de Los Angeles.

Voaram por cima de Barstow, o entroncamento de onde o monocarril de Santa Fé avança pelo deserto em sua longa rota através dos altiplanos do Colorado, margeando à direita os montes Calico, outrora centro mundial do bórax, e deixando ao longe, à esquerda, os ermos juncados de ossos do Vale da Morte. Depois, surgiram outras montanhas, raiadas de vermelho como gengivas sangrando sobre dentes apodrecidos, que deram lugar a um traço verde no meio da crestada paisagem marciana. Por fim, a lenta descida e o aviso: “Façam o obséquio de amarrar os cintos e apagar os cigarros”.

O calor bateu na cara de Bond como um punho fechado, e o suor saiu-lhe pelos poros enquanto percorria as cinquenta jardas que mediavam entre o avião e o edifício refrigerado do terminal aéreo. As portas de vidro, operadas por células fotoelétricas, abriram-se com um chiado diante dele e fecharam-se devagarinho após a sua passagem. Já os caça-níqueis, quatro renques de máquinas, atravancavam o caminho. Era perfeitamente natural sacar do bolso o dinheiro miúdo, dar um sopapo na manivela e observar os limões e laranjas e cerejas e figos redemoinharem até produzirem aquele clique-pausa-tim, seguido de leve tossidela mecânica. Cinco centavos, dez centavos, vinte e cinco centavos. Bond fez uma tentativa em cada uma das máquinas, e só uma vez duas cerejas e um figo tossiram três moedas em troca de uma que ele havia introduzido.

Enquanto flanava, esperando que aparecesse na rampa de saída a bagagem da meia dúzia de passageiros do avião, deparou com um letreiro em cima de uma enorme máquina que bem poderia ser um reservatório de água gelada. O letreiro dizia: BAR DE OXIGÊNIO. Bond aproximou-se e leu o resto do anúncio: ASPIRE OXIGÊNIO PURO. SAUDÁVEL E INOFENSIVO. PARA

UMA RÁPIDA RECUPERAÇÃO DAS FORÇAS. ALIVIA O MAL-ESTAR CAUSADO PELO EXCESSO DE ESFORÇO, O ENTORPECIMENTO, A FADIGA, A IRRITAÇÃO NERVOSA E MUITOS OUTROS SINTOMAS.

Bond colocou obedientemente uma moeda de vinte e cinco centavos na ranhura e curvou-se para enfiar o nariz e a boca num largo bocal negro de borracha. Apertou um botão e, seguindo as instruções, aspirou e expirou lentamente durante um bom minuto. Terminado o tempo, a máquina produziu um estalido e Bond se empertigou. Sentiu apenas uma ligeira tontura. Mais tarde, porém, reconheceu que se descuidara ao fazer uma careta irônica para um homem com um estojo de barbeador, de couro, debaixo do braço, que se plantara ao seu lado, observando-o.

O homem sorriu e foi embora.

O alto-falante convidava os passageiros a retirar a bagagem. Bond apanhou a maleta, empurrou as portas de vaivém e foi cair nos braços incandescentes do meio-dia.

— É o senhor que vai para o Tiara? — disse uma voz.

Um homem atarracado, de olhos pardos, grandes e francos sob um boné pontudo de chofer, atirou a pergunta através de uma boca larga da qual ressaltava um palito.

— Sou eu, sim.

— Então, vamos embora.

O homem não se ofereceu para carregar a maleta. Bond seguiu-o até um Chevrolet elegante, com um rabo de quati, que dá sorte, amarrado a uma figurinha cromada de mulher nua que servia de mascote. Jogou a maleta no banco de trás e montou atrás dela.

O carro partiu, deixando o aeroporto e enveredando pela auto-estrada.

Fez o cruzamento para pegar a faixa lateral e dobrou à esquerda. Outros carros passaram zunindo. O motorista de Bond manteve-se na faixa central, dirigindo sem pressa. Bond notou que estava sendo examinado no espelho retrovisor. Levantou a vista para olhar a papeleta de identificação do chofer, que dizia: “ERNEST CUREO. N° 2.584”. Havia também um retrato, cujos olhos fitavam Bond.

O táxi recendia a fumaça de charuto. Bond comprimiu o botão do vidro da janela. Um jato de ar quente, de fornalha, obrigou-o a suspender o vidro outra vez.

O chofer volveu-se de lado.

— Não faça isso, Mr. Bond — disse num tom amistoso. — O carro é refrigerado. Pode parecer que não, mas é melhor do que lá fora.

— Muito obrigado — disse Bond e acrescentou: — Creio que você é o amigo de Félix Leiter.

— Certo — respondeu o chofer por cima do ombro. — Ótimo sujeito. Me disse pra ficar de prontidão. Terei muito prazer em ajudá-lo enquanto estiver por aqui. Vai se demorar?

— Não sei — disse Bond. — Uns dias, pelo menos.

— Vou lhe dizer uma coisa — continuou o chofer. — Não pense que quero explorar, mas se vamos trabalhar juntos e o senhor tem alguma grana, talvez seja melhor alugar o táxi para o dia todo. Cinquenta dólares, que tenho de ganhar a vida. Isso parecerá razoável aos caras dos hotéis. A não ser assim, não vejo jeito de ficar por perto. É a única maneira de fazer com que eles não estranhem me ver esperando pelo senhor, essa turma do Strip é um magote de safados desconfiados.

— Não podia ser melhor. — Bond havia simpatizado com o homem no primeiro instante e confiava nele. — Está combinado.

— Justo. — O chofer expandiu-se: — Veja, Mr. Bond. A tropa aqui não aprecia nada que saia da rotina. É o que estou lhe dizendo. Desconfiam de tudo. No duro mesmo. O senhor parece com tudo, menos com um turista que veio perder uma bolada nos cassinos. Eles logo começam a farejar. Veja o senhor mesmo. Qualquer um pode ver que o senhor é inglês antes mesmo de abrir a boca. Roupas e o mais. Bom, que é que um inglês vem fazer aqui? E que tipo de inglês é esse? Tem a pinta de quem topa qualquer parada. Se é assim, então vamos dar uma olhada nele. — Tornou a virar-se de lado no assento. — Viu no terminal um sujeito com um estojo de couro debaixo do braço?

Bond lembrou-se do homem que o examinara no Bar de Oxigênio e então compreendeu que o oxigênio o tinha deixado um pouco desatento.

— Pode estar certo de que ele está vendo seus retratos agora mesmo — disse o chofer. — Câmera de dezesseis milímetros naquele estojo de barbeador. Basta puxar o fecho para baixo, apertar o braço contra a máquina e ela começa a funcionar. Deve ter rodado uns quinze metros de filme. De frente e de perfil. E hoje de tarde estará no gabinete de identificação, no quartel-general, com uma lista do que está dentro da maleta. Não parece que o senhor esteja armado. Não se nota. Mas se estiver, haverá sempre outro homem armado seguindo seus passos no hotel. A ordem será dada hoje de noite. É melhor ter cuidado com qualquer sujeito de paletó. Ninguém aqui usa

paletó exceto para agasalhar a artilharia.

— Muito obrigado — disse Bond, aborrecido consigo mesmo. — Acho que tenho de abrir mais o olho. A máquina deles funciona bem.

O chofer soltou um grunhido afirmativo e continuou a guiar em silêncio.

Estavam entrando no célebre Strip. Em ambos os lados da estrada, o deserto, que seria ermo não houvesse os ocasionais cartazes anunciando os hotéis, começava a pontilhar-se de postos de gasolina e motéis. Passaram por um motel com uma piscina cujos costados eram de vidro transparente. No momento em que iam passando, uma jovem mergulhou na água verde clara e seu corpo cortou o tanque numa nuvem de bolhas. Depois apareceu um posto de gasolina com elegante restaurante do tipo *drive-in*. GASETERIA, dizia o letreiro. REFRESQUE-SE AQUI! CACHORRO QUENTE! SANDUÍCHES DE TODOS OS TIPOS! BEBIDAS GELADAS!!! ENTRE COM O CARRO! Havia dois ou três automóveis sendo atendidos por garçonetes de sapato alto e biquíni.

A imensa autoestrada de seis faixas estendia-se através de uma floresta de anúncios e fachadas multicores até perder-se no centro da cidade, num lago dançante de ondas de calor. O dia estava quente e abafado como uma opala de fogo. O sol intumescido abrasava a superfície do concreto escaldante e não havia sombra em parte alguma, exceto sob as poucas palmeiras espalhadas à entrada dos motéis. Uma carga cintilante de estilhas luminosas, deflagradas pelos para-brisas e cromados chamejantes dos automóveis que vinham na outra mão, feriu os olhos de Bond, e ele sentiu a camisa colar-se à pele.

— Estamos entrando na Strip — anunciou o chofer. — À direita, o Flamingo. — Estavam passando por um hotel acaçapado, de linhas modernistas, com uma enorme torre de néon, agora apagada. — Bugsy Siegel construiu em 1946. Chegou a Las Vegas um dia, vindo da costa, e deu uma espiada no local. Trazia um bocado de dinheiro graúdo que queria investir. Las Vegas ia de vento em popa. Cidade aberta. Jogo. Prostituição legalizada. Lugar ideal. Bugsy não demorou muito a compreender. Viu as possibilidades.

Bond riu ao ouvir a última frase.

— Sim, senhor — prosseguiu o chofer. — Bugsy viu as possibilidades e se instalou. Ficou com o negócio até 1947, quando o mataram com tantas balas que a polícia nunca conseguiu contar. Ah, esse aqui é o Sands. Muito dinheiro metido aí dentro. Não sei exatamente de quem. Construído há coisa de dois anos. Quem aparece à frente do negócio é um sujeito chamado Jack Intratter. Vivia no Copa de Nova York. Já ouviu falar dele?

— Creio que não — disse Bond.

— Ah, aqui é o Desert Inn. Quem manda é Wilbur Clark. Mas o dinheiro veio do velho consórcio Cleveland-Cincinnati. E aquela cumbuca com um ferro de engomar como emblema é o Saara. O mais recente. Figuram como donos uns batoteiros ordinários de Óregon. O gozado é que eles perderam 50000 dólares no noite da inauguração. Pode acreditar! Todos os maiores compareceram com o bolso cheio da gaita para fazer umas jogadas de cortesia, garantir o êxito da primeira noite, essa coisa toda. É hábito aqui as corridas rivais se confraternizarem numa inauguração. Mas o fato é que as cartas não cooperaram e os rapazes da oposição embolsaram cinquenta mil pacotes. Ainda hoje a cidade toda faz gozação. Ali — acenou para a esquerda, onde o néon se distribuía por uma carroça coberta, de uns sete metros de comprimento, em pleno galope — ali fica o Last Frontier. Aquilo, à esquerda, é a imitação de uma cidade do Oeste. Vale a pena ver. Mais adiante é o Thunderbird, e do outro lado da estrada é o Tiara. A baiúca mais chique da cidade. Imagino que já ouviu falar de Mr. Spang e seus cupinchas, não? — Diminuiu a marcha e parou do lado oposto ao hotel de Spang, em cujo topo havia uma coroa ducal de lâmpadas brilhantes que não paravam de piscar, numa luta inglória com o sol deslumbrante e as reverberações da via pública.

— Conheço as linhas gerais — disse Bond. — Mas gostaria que me contasse mais alguma coisa de outra vez. E agora?

— O senhor é quem manda.

Bond sentiu que já estava saturado do desagradável esplendor do Strip.

Desejava somente sair do calor, meter-se no quarto, almoçar, talvez dar umas braçadas na piscina e descansar um pouco até a noite. E disse isto ao chofer.

— Pra mim tá bem — disse Cureo. — Acho que não se meterá em encrenca logo na primeira noite. Tenha calma e não perca a naturalidade. Se vai entrar em ação em Las Vegas é melhor aguardar um pouco até conhecer bem a situação. E olho no jogo, meu caro. — Soltou uma risadinha gutural.

— Já ouviu falar das Torres do Silêncio da Índia? Dizem que os abutres lá levam somente vinte minutos para deixar um sujeito na ossada. Creio que demoram um pouquinho mais pra depenar um freguês no Tiara. — Passou à primeira. — Apesar disso — disse ele, observando o tráfego no espelho retrovisor — houve um cara que saiu de Las Vegas com cem mil. — Fez uma pausa, esperando por uma oportunidade para cruzar a rua. — Só que ele tinha meio milhão, quando começou a jogar.

O carro saiu cortando o tráfego até colocar-se sob os pilares do pórtico, diante das largas portas envidraçadas do edifício esparramado, de estuque cor-de-rosa. O porteiro, num uniforme azul-celeste, abriu a porta do táxi e

apanhou a maleta de Bond.

Quando passava pelas portas envidraçadas, Bond ouviu Ernie Cureo dizer ao porteiro: — Esse inglês é louco. Alugou meu táxi por cinquenta paus o dia. Que é que acha?

Então a porta se fechou às suas costas e o ar refrigerado acolheu-o com um gélido beijo no cintilante palácio do homem chamado Seraffimo Spang.

16 - Tiara Hotel

BOND ALMOÇOOU NO refrigerado “Salão Refulgente”, ao lado da grande piscina em forma de rim (SALVA-VIDAS: BOBBY BILBO — LIMPEZA DIÁRIA COM HYDRO JET, dizia uma tabuleta), e, tendo decidido que só um por cento dos hóspedes tinha condições de usar roupas de banho, percorreu vagarosamente, sob a canícula, as vinte jardas de grama ressequida que separavam seu edifício do estabelecimento central, tirou a roupa e jogou-se nu na cama.

Os apartamentos do Tiara estavam-distribuídos em seis edifícios, cada um batizado com o nome de uma jóia. Bond estava no andar térreo da “Turquesa”, em que dominava o azul cascade-ovo. O mobiliário era azul-escuro e branco. O apartamento de Bond era extremamente confortável e provido de móveis modernos, caros e de linhas agradáveis, confeccionados com madeira prateada, provavelmente vidoeiro. Havia um rádio junto à cama e um televisor, com tela de dezessete polegadas, perto do janelão, que dava para um patiozinho fechado, onde era servido o café da manhã. Na quietude do apartamento, em que o único ruído provinha do ar condicionado de controle termostático, Bond adormeceu quase instantaneamente.

Dormiu cerca de quatro horas e, durante esse intervalo, o gravador de fio, escondido na base da mesinha de cabeceira, desperdiçou várias centenas de pés de fio com o silêncio.

Eram sete horas quando acordou. O gravador registrou ter Bond agarrado o telefone, procurando Miss Tiffany Case, dito depois de uma pausa — Pode fazer o obséquio de dizer a ela que Mr. James Bond telefonou? — e recolocado o fone no gancho. Depois, apanhou os passos de Bond pelo quarto, o jorro da água do chuveiro e, às 7h30, o estalo da chave na fechadura, quando o homem saiu e trancou a porta.

Meia hora depois, o gravador ouviu uma batida na porta e, após uma pausa, o ruído da porta que se abria. Um homem em traje de garçom, com uma cesta de frutas em que havia um cartão com os dizeres “Com os Cumprimentos da Gerência” entrou no quarto e aproximou-se a passos rápidos da mesinha de cabeceira. Desatarraxou dois parafusos, retirou o carretel de fio fino do prato do gravador, substituiu-o por um carretel novo, pôs a cesta de frutas na penteadeira, saiu e fechou a porta.

E durante várias horas o carretel rodou em silêncio, gravando nada.

Bond sentou-se ao balcão do bar do Tiara. Bebericando um vodca-martini,

ia examinando, com olho profissional, o imenso salão de jogo.

A primeira coisa que notou foi que Las Vegas parecia ter inventado nova escola de arquitetura funcional, “A Escola da Ratoeira Dourada” (julgou que assim devia ser chamada), cujo objetivo principal era encaminhar o freguês-camundongo para o interior da armadilha central da sala de jogo, quer ele ambicionasse a fatia de queijo quer não.

Havia apenas duas entradas, uma para quem vinha da rua e outra para quem vinha dos edifícios de apartamentos e da piscina. Uma vez cruzada a soleira de uma dessas portas, quer a gente quisesse comprar jornal ou cigarros na banca de jornais, tomar um gole ou almoçar num dos dois restaurantes, cortar o cabelo ou receber massagem no “Clube da Saúde”, ou simplesmente visitar os lavatórios, não havia meio de atingir o alvo sem passar entre os renques de caça-níqueis e mesas de jogo. E quando alguém se deixava levar na voragem das máquinas barulhentas, do meio das quais se elevava sempre o embriagante cascadear argentino das moedas caindo numa taça de metal ou o brado alvissareiro de “Sorte Grande!”, proferido por uma das trocadoras. Quando isto acontecia esse alguém estava perdido.

Assediado pelo zunzum das vozes excitadas em volta das mesas de dados, pelo giro sedutor das duas roletas, pelo retinir dos dólares de prata nos receptáculos verdes das mesas do vinte-e-um, o camundongo precisaria ser de aço para não sentir sequer um leve estremecimento ao passar por essa deliciosa fatia de queijo.

Contudo, refletiu Bond, só podia ser uma ratoeira para camundongos particularmente insensíveis — camundongos que se deixassem tentar pelo queijo mais ordinário. Era uma ratoeira deselegante, óbvia e vulgar. O barulho das máquinas tinha uma repulsiva fealdade mecânica que doía no cérebro. Lembrava o chocalhar contínuo dos motores de um velho cargueiro de ferro a caminho do estaleiro, sem lubrificação, maltratado, condenado.

E as pessoas passavam horas e horas acionando violentamente as manivelas das máquinas como se odiassem o que estavam fazendo. Uma vez conhecido O’ resultado na pequenina janela de vidro, não tinham paciência de esperar que as rodas parassem de girar. Enfiavam outra moeda na fenda e levantavam o braço direito que sabia exatamente onde ia bater. Bram-bra-brim. Bram-bra-brim.

Quando por acaso se ouvia o cascadear argentino, a taça transbordava e a pessoa tinha de se agachar para esgravatar debaixo das máquinas à procura de uma moeda fugidia. Como Leiter havia dito, eram principalmente as mulheres que se entregavam a esse jogo. Prósperas e velhucas donas de casa, aos bandos nas alas dos caça-níqueis como galinhas numa chocadeira,

condicionadas pela temperatura agradável do salão e pela música das rodas girantes, jogavam até perder a última moeda.

No instante em que Bond olhava, uma voz gritou “Sorte Grande!”

Algumas mulheres levantaram a cabeça e o quadro modificou-se. Elas trouxeram à memória de Bond os cães do Dr. Pavlov, de cujas mandíbulas a saliva escorria ao soar a enganosa sineta que não lhes levava comida alguma.

Bond estremeceu ao pensar nos olhos vazios daquelas mulheres, na pele delas, em suas bocas úmidas e entreabertas, em suas mãos doloridas.

Deu as costas à cena e bebeu mais um gole de martini, escutando a música tocada por um conjunto célebre no fundo da sala junto à galeria de lojas. Numa destas, um letreiro luminoso azul-pálido dizia: “The House of Diamonds”. Bond fez um sinal ao homem do bar.

— Mr. Spang esteve aqui hoje de noite?

— Não vi — respondeu o homem. — Aparece quase sempre depois da primeira sessão da revista. Aí pelas onze. Conhece ele?

— Pessoalmente, não.

Bond pagou a conta e caminhou até as mesas de vinte-e-um. Parou na do centro, aquela onde deveria jogar, precisamente às dez e cinco. Consultou o relógio. Oito e trinta.

A mesa era pequena, lisa, em forma de rim, coberta de baeta verde. Oito jogadores sentavam-se em tamboretos altos, de frente para o banqueiro, que ficava com a barriga encostada à borda da mesa e colocava duas cartas nos oito espaços numerados diante das apostas. Estas eram principalmente cinco ou dez dólares de prata, ou fichas no valor de vinte. O banqueiro era um tipo de mais ou menos quarenta anos, com um meio sorriso cortês estampado na cara. Trajava o uniforme profissional: camisa branca abotoada nos punhos, gravata preta estreita do jogador do Oeste, viseira verde sobre os olhos, calças pretas. Um minúsculo avental de baeta verde protegia a frente das calças contra a fricção com a mesa. A palavra “Jake” estava bordada numa extremidade.

O banqueiro distribuía as cartas e tomava conta das apostas com imperturbável serenidade. Ninguém falava a não ser para solicitar um trago ou cigarros a uma das garçonetes de pijamas de seda preta que circulavam no espaço central entre os recintos das mesas. Do espaço central, o movimento do jogo era observado por dois capatazes de olhos de lince e revólver à cinta.

O jogo era rápido, eficiente e monótono. Era tão monótono e mecânico como os caça-níqueis. Bond demorou-se um pouco e depois encaminhou-se

para as portas com os letreiros “Salão de Fumar” e “Toucador”, na parede do fundo do cassino. No trajeto cruzou com quatro “xerifes” trajando uniformes elegantes e cinzentos do Oeste. As pernas das calças estavam enfiadas em botas de cano curto. Esses homens, espalhados discretamente pela sala, não olhavam para nada em particular mas viam tudo. Carregavam em cada lado dos quadris uma arma dentro de um coldre desabotoado, e em seus cintos luzia o latão polido de cinquenta cartuchos.

Proteção à beca, pensou Bond enquanto passava pela porta de vaivém do “Salão de Fumar”. Do lado de dentro, na parede azulejada, lia-se num aviso: “Aproxime-se. É menor do que você pensa”. Humor do Oeste! Bond perguntou a si mesmo se se atreveria a incluí-lo no relatório que enviaria a M. Achou que não teria interesse. Saiu e andou por entre as mesas até a porta encimada por um letreiro luminoso que anunciava o “Salão Opala”.

No restaurante baixo e circular, pintado de cor-de-rosa, branco e cinza, a metade das mesas estava ocupada. A recepcionista veio recebê-lo e conduziu-o a uma mesa de canto. Curvou-se para arrumar as flores no centro da mesa e mostrar ao cliente que o belo busto era pelo menos semiverdadeiro. Depois, ofertou-lhe um gracioso sorriso e foi embora.

Passados dez minutos, a garçonete chegou com uma bandeja e pôs no prato um pãozinho e um cubo de manteiga. Deixou também uma travessa com azeitonas e aipo forrado de queijo alaranjado. Em seguida, surgiu uma segunda garçonete mais velha e mais afobada, que entregou a Bond um cardápio e sumiu, dizendo:

— Atendo já.

Vinte minutos depois de se ter sentado, Bond conseguiu encomendar o jantar; uma dúzia de mexilhões, um filé e, prevendo a demora em ser atendido, um segundo martini-vodca seco.

— O rapaz do vinho virá num minuto — disse a garçonete cerimoniosamente e desapareceu rumo da cozinha. “Cortesia — dez; eficiência — zero”, refletiu Bond, disposto a acatar o delicado ritual.

Durante o excelente jantar que afinal se concretizou, Bond matutou a respeito da noite que tinha pela frente e de como poderia forçar o passo.

Aborrecia-o terrivelmente o papel de escroque em estágio probatório, que devia receber a paga do primeiro serviço prestado nessa condição e podia então, caso caísse nas boas graças de Mr. Spang, incumbir-se de tarefas regulares ao lado dos demais adultos pueris que compunham a quadrilha.

Irritava-o o fato de não tomar a iniciativa, de ter sido enviado a Saratoga e de lá a esta odiosa arapuca, onde estava à disposição de uma corja de

bandidos respeitáveis. Aqui estava ele, comendo e dormindo, enquanto o observavam e sopesavam — a *ele*, James Bond — discutindo se sua mão era bastante firme, se sua aparência era digna de confiança, se sua saúde era adequada aos melindrosos serviços que lhe pretendiam dar.

Bond esmoía o filé como se fossem os dedos de Mr. Seraffimo Spang e amaldiçoava a hora em que aceitara tão ridículo papel. Mas, depois, parou e pôs-se a comer mais tranquilo. Por que cargas d'água estava ele tão preocupado? Essa era uma missão sensacional que até o presente corria bem.

E agora aproximava-se da extremidade do canal, entrava na sala de visitas de Mr. Seraffimo Spang que, com o irmão em Londres, comandava a maior operação de contrabando do mundo. Que importância tinham as suscetibilidades de Bond? Representavam apenas um instante de tédio, um ressaibo de náusea provocada pela circunstância de ser um estranho que passara muito tempo perto demais dessas quadrilhas americanas, sórdidas e poderosas, demasiado junto da “vida cômoda”, trescalante de pólvora, da aristocracia do banditismo.

A verdade, reconheceu Bond ao tomar o café, era que sentia saudades de sua real identidade. Encolheu os ombros. Ao diabo com os Spangs e a cidade encapuzada de Las Vegas! Consultou o relógio. Eram precisamente dez horas. Acendeu um cigarro, ergueu-se, atravessou o salão e entrou no cassino.

Havia duas maneiras de ir até o fim desse jogo: aceitar as regras impostas e esperar que alguma coisa acontecesse ou forçar o passo de modo que alguma coisa *tivesse* de acontecer.

17 - “Grato por tudo”

A CENA NO ENORME salão de jogo tinha-se transformado. Tudo parecia mais calmo. A orquestra fora embora, também os bandos de mulheres.

Restavam somente alguns jogadores em volta das mesas. Havia dois ou três *faróis* na roleta, moças bonitas em elegantes vestidos de *soirée*, que tinham recebido cinquenta dólares para animar as mesas vazias. Um homem, completamente ébrio, agarrava-se à parede alta que circundava uma das mesas de dados e bradava exortações aos cubinhos de osso.

Houvera ainda outra modificação. O banqueiro no centro da mesa de

vinte-e-um mais próxima do bar era Tiffany Case.

Então era esse o emprego que tinha no Tiara.

Não escapou a Bond o fato de que todos os banqueiros do vinte-e-um eram pequenas bonitas. Todas trajavam a mesma elegante fantasia do Oeste, nas cores cinza e preto — saíote cinzento curto, cinto preto largo com incrustações de metal, blusa cinzenta com lenço preto em volta do pescoço, sombreiro cinzento pendurado às costas por um cordão negro, meias-botas pretas sobre meias de nylon cor-de-carne.

Bond tornou a consultar o relógio e entrou no salão. Então Tiffany era quem ia fingir que bancava o jogo em que ele deveria ganhar cinco mil dólares! Naturalmente haviam escolhido o momento em que ela começava, a trabalhar e a primeira sessão da revista se realizava no “Salão Platina”. Ele estaria a sós com ela. Nenhuma testemunha para presenciar qualquer pexotada que ela cometesse.

Precisamente às dez e cinco Bond foi até a mesa e sentou-se diante da moça.

— Boa noite.

— Ai.

Ela lhe deu um sorriso.

— Qual é o máximo?

— Mil.

Quando Bond largou as dez cédulas de cem dólares em cima da mesa, além da linha das apostas, o capataz deu alguns passos à frente e parou junto de Tiffany Case. Mal olhou para Bond.

— Talvez o moço queira um baralho novo, Miss Tiffany — disse ele, entregando à jovem um maço novo.

Tiffany tirou a capa do baralho recebido e entregou ao homem o usado.

O capataz recuou alguns passos e pareceu desinteressar-se do jogo.

A moça traçou o baralho com um movimento fluido das mãos. Cortou-o, colocou as duas metades na mesa e executou o que podia ser considerado um baralhamento impecável. Mas Bond notou que as duas metades não casavam integralmente e que quando ela ergueu da mesa o maço e executou o que pareceu um inofensivo reembalhamento estava recolocando as duas metades na ordem primitiva. Repetiu ainda uma vez a manobra e pôs o baralho defronte de Bond num convite para que o cortasse. Bond cortou e viu com simpatia como ela levou a cabo, só com uma das mãos, o difícil

anulamento, uma das proezas mais intrincadas dos batoteiros.

Bond compreendeu que o “novo” baralho estava marcado. O único resultado de toda essa aparência de jogo limpo era conseguir repor as cartas na ordem em que estavam quando deixaram o envoltório. Mas a escamoteação era brilhante e Bond encheu-se de admiração pela segurança das mãos da moça.

Encarou-a nos olhos cinzentos. Haveria neles algum laivo de cumplicidade, um vislumbre de regozijo pelo jogo singular em que estavam empenhados?

Ela lhe deu duas cartas e tirou duas para si mesma. De súbito Bond percebeu que devia tomar cuidado. Devia restringir-se às normas convencionais; do contrário transtornaria toda a sequência em que as cartas estavam arrumadas.

De um lado a outro da mesa estavam impressas as palavras: “O

Banqueiro Deve Pedir em Dezesseis e Ficar em Dezesete”. Era de presumir que o baralho com que jogavam fosse à prova de pexotadas, mas por via das dúvidas (poderia aparecer outro jogador ou um peru), tinham de fazer crer que seus ganhos não passavam de golpes naturais da sorte, o que não aconteceria se em todas as mãos coubesse a ele vinte e um e à moça dezesseite.

Bond lançou um olhar a suas cartas. Um valete e um dez. Fitou a moça e balançou a cabeça. Ela virou para cima as próprias cartas. Dezesseis. Pediu uma e estourou com um rei. Ao lado dela havia uma prateleira que continha apenas dólares de prata e fichas de vinte dólares, mas o capataz acudiu com uma placa de mil, que a moça atirou para Bond. Ele colocou-a sobre a linha e embolsou as notas. Ela tirou mais duas cartas para ele e duas para si. Bond tinha dezesseite e mais uma vez balançou a cabeça. Ela tinha doze, tirou um três e depois um nove — vinte e quatro e estourou de novo. Outra vez o capataz» acudiu com uma placa. Bond meteu-a no bolso e não mexeu na aposta. Desta vez ele tinha dezenove e ela virou um dez e um sete, em que, pelo regulamento, devia ficar. Outra placa foi para o bolso de Bond.

As largas portas no fundo da sala se abriram, dando passagem a uma pequena multidão que estivera assistindo à revista do jantar. As mesas de jogo não tardariam a se encher. Esta era a derradeira mão, finda a qual Bond deveria levantar-se e deixar a moça. Ela o mirava com impaciência. Ele apanhou as duas cartas que ela lhe tinha dado. Vinte. Então ela virou dois dez. Bond sorriu ante o requinte. Com presteza, ela lhe deu mais duas cartas no momento mesmo em que três outros jogadores se aproximaram da mesa e se guindaram aos tamboretas. Ele tinha dezenove e ela dezesseis.

E ficou nisso. O capataz nem se deu ao incômodo de entregar à moça a quarta placa. Atirou-a por cima da mesa a Bond, com uma expressão no rosto que traduzia escárnio.

— Puxa! — exclamou um dos novos jogadores, quando Bond enfiou a placa no bolso e levantou-se.

Bond olhou para a moça.

— Muito obrigado — disse ele. — Você carteia maravilhosamente bem.

— Essa é boa! — disse o homem que havia falado. Tiffany Case respondeu com um olhar duro:

— Não há de quê.

Ela sustentou o olhar de Bond durante uma fração de segundo. Depois, baixou a vista para as cartas, embaralhou-as completamente e passou-as a um dos novos jogadores para que cortasse.

Bond deu as costas à mesa e pôs-se a andar pela sala, pensando em Tiffany e de vez em quando procurando com a vista a silhueta ereta e imperiosa no excitante uniforme do Oeste. Sem dúvida outros viam nela os mesmos atrativos que Bond via, pois em pouco tempo oito homens estavam sentados à mesa e alguns a contemplavam de pé.

Bond sentiu uma picada de ciúme. Foi ao bar e pediu um Bourbon com água do rio para comemorar os cinco mil dólares que tinha no bolso.

O homem do bar sacou de uma garrafa arrolhada e colocou-a ao lado do “Old Grandad” de Bond.

— De onde vem essa água? — perguntou Bond, lembrando-se do que Félix Leiter lhe dissera.

— Da Barragem de Boulder — disse o homem, sério. — Vem de caminhão todos os dias. Pode beber sem susto — acrescentou. — É legítima.

Bond jogou um dólar de prata no balcão. — Sei que é — disse com igual seriedade. — Fique com o troco.

De costas para o bar, o copo na mão, Bond começou a pensar no passo que devia dar. Bom, agora tinha recebido o dinheiro, e Shady Tree lhe havia dito que em nenhuma hipótese voltasse às mesas de jogo.

Bond bebeu o resto do uísque e marchou decidido para a roleta mais próxima. Havia pouca gente em volta da mesa, e as apostas eram insignificantes.

— Qual é o máximo aqui? — perguntou ao homem da pá, um velhote

careca, de olhos sem brilho, que estava apanhando na roda a bola de marfim.

— Cinco mil — respondeu o homem com indiferença.

Bond tirou do bolso as dez notas de cem dólares e as quatro placas de mil e colocou-as ao lado do crupiê.

— No vermelho.

O crupiê empertigou-se na cadeira e olhou de soslaio para Bond. Atirou as quatro placas, uma a uma, no vermelho, aparando-as com a pá. Contou as cédulas de Bond, enfiou-as por uma fenda rasgada na mesa, retirou uma quinta placa da prateleira de fichas que tinha ao lado e juntou esta última às demais. Bond viu o joelho do homem erguer-se debaixo da mesa. O capataz ouviu a cigarra e acercou-se da mesa no instante em que o crupiê fazia girar a roda.

Bond puxou um cigarro e acendeu-o. A mão estava firme. Experimentou uma sensação maravilhosa de liberdade por ter enfim tomado a iniciativa que até então tinha pertencido aos adversários. Sabia que ia ganhar. Mal olhou para a roda que ia parando e a bolinha de marfim que chocalhava na ranhura.

— Trinta e seis. Vermelho.

O homem da pá arrastou as fichas dos perdedores e os dólares de prata e atirou por cima da mesa algum dinheiro aos vencedores. Em seguida tirou da prateleira uma placa fina' do tamanho de um livro de orações e colocou-a mansamente ao lado de Bond.

— Preto — disse Bond.

O homem jogou uma placa única de cinco mil dólares no preto e arrastou com a pá a aposta de Bond no vermelho.

Havia um zunzum em volta da mesa e várias outras pessoas acercavam-se. Bond sentiu que era alvo da curiosidade de todos, mas tratou apenas de observar, no outro lado da mesa, os olhos do capataz. Estes o fitavam com a hostilidade de uma víbora, mas não escondiam o assombro.

Bond sorriu delicadamente para o capataz quando a roda começou a girar e se ouviu o zunido da bolinha iniciando sua viagem.

— Dezesete. Preto — disse o homem da pá.

Um suspiro dos curiosos seguiu-se a essas palavras e olhos ávidos acompanharam a grande placa que foi retirada da prateleira e colocada diante de Bond.

Mais uma vez, pensou Bond, mas não nesta parada.

— Desta vez não — disse ele ao crupiê.

O homem encarou-o e depois estendeu a pá, recolheu a aposta e entregou-a a Bond.

A esta altura havia outro homem ao lado do capataz. Fitava Bond com olhos cintilantes e duros como as lentes de uma câmera. O gordo charuto que segurava no centro dos beiços vermelhos apontava para Bond como se fosse uma arma. O corpanzil metido num *smoking* azul quase negro estava totalmente imóvel e revelava uma espécie de tensa tranquilidade. Era um tigre olhando um macaco acorrentado e sentindo-se inseguro. A cara tinha a palidez do marfim, mas assemelhava-se à do irmão que morava em Londres.

Tinha as mesmas sobrancelhas retas, negras, coléricas, a mesma crista curta de cabelo de arame cortado *en brosse* e a mesma saliência impiedosa na queixada.

A roda girou de novo e os dois pares de olhos curvaram-se para contemplá-la.

A bolinha caiu num dos dois compartimentos verdes da roda e Bond deu um suspiro de alívio.

— Dois zeros — disse o homem da pá, arrastando todo o dinheiro que estava sobre a mesa.

Agora, pensou Bond, o último lance — e, depois, fora daqui com vinte mil dólares do dinheiro de Spang. Olhou para seu empregador. As duas lentes e o charuto continuavam a mirá-lo, mas o rosto pálido nada exprimia.

— Vermelho.

Entregou uma placa de cinco mil dólares ao crupiê e viu-a resvalar pela mesa.

Estaria pedindo demais à roleta com este último lance? Não, reconheceu Bond, convicto.

— Cinco. Vermelho — disse o crupiê, obediente.

— Está bem. Me dê as fichas — disse Bond. — Grato por tudo.

— Venha outra vez — disse o homem da pá, sem emoção.

Bond pôs a mão em cima das quatro placas que havia colocado no bolso do paletó, abriu caminho por entre os curiosos que o cercavam e cruzou o longo salão em direção ao guichê.

— Três notas de cinco mil e cinco de mil — disse ele ao homem da pala verde por trás da grade.

O homem recebeu as quatro fichas de Bond e contou as cédulas. Bond enfiou-as no bolso e foi até a portaria.

— Envelope aéreo, por favor — pediu.

Dirigiu-se a uma escrivaninha junto à parede, sentou-se, meteu as três cédulas de cinco mil no envelope e escreveu: “Pessoal. Diretor-Presidente, Exportadora Universal, Regents Park, Londres, N. W. 1, Inglaterra”. Em seguida, comprou selos e introduziu o envelope na fenda com os dizeres “Correio USA”, esperando que ali, no mais sacrossanto repositório da América, o dinheiro estivesse seguro.

Consultou o relógio. Faltavam cinco para a meia-noite. Lançou um último olhar ao salão, notou que outra moça estava à mesa de Tiffany Case e que não havia mais sinal de Mr. Spang. Passou pela porta envidraçada e, na noite quente e sufocante, atravessou o gramado, chegando ao edifício Turquesa. Entrou no apartamento e trancou a porta.

18 - Cai a noite no “abismo de paixão

— COMO SE SAIU?

Era o anoitecer do dia seguinte. O táxi de Ernie Cureo rolava lentamente pelo Strip a caminho do centro de Las Vegas. Bond cansara-se de esperar que alguma coisa acontecesse, telefonara ao homem de Pinkerton e o convidara para um bate-papo.

— Mais ou menos — disse Bond. — Arranquei um dinheirinho deles na roleta. Mas acho que não deu para preocupar o nosso amigo. Ouvi dizer que têm dinheiro pra esbanjar.

Ernie Cureo fungou. — Quer saber de uma coisa? — disse ele. — Aquele cara anda tão cheio da gaita que não usa óculos quando dirige automóvel. Os para-brisas de seus Cadillacs têm lentes prescritas pelo oculista.

Bond riu.

— Além disso, em que é que ele gasta? — perguntou.

— É biruta — disse o chofer. — A mania dele é o velho Oeste. Comprou

uma cidade morta à beira da Rodovia 95. E restaurou tudo... calçadas de madeira, botequim, hotel, onde hospeda os capangas... até mesmo a velha estação de trem.

Aí por volta de 1905, essa pocilga, chamada Spectreville por causa da proximidade com a serra Spectre era uma mina de prata. Durante uns três anos, extraíram milhões da cacunda daquelas montanhas, e um ramal da estrada de ferro transportava o material para Rhyolite, a umas cinquenta milhas de distância. Essa é outra famosa cidade morta. Agora é ponto turístico. Tem uma casa feita com garrafas de uísque. Antigamente era a estação de onde se embarcava o material para a costa. Pois bem, Spang comprou uma das velhas locomotivas, uma “Highland Lights”... já ouviu falar nela?... e um dos primeiros Pullman de luxo. Guarda tudo lá na estação de Spectreville. Nos fins de semana carrega os parceiros num passeio de ida e volta a Rhyolite. Ele mesmo é o maquinista. Champanha, caviar, música, pequenas... esse troço todo. A vida que pediu a Deus. Mas eu nunca vi.

Ninguém pode nem chegar perto do local. Sim, senhor — o chofer baixou o vidro da porta e cuspiu enfaticamente na estrada — é assim que Mr. Spang gasta o dinheiro. Completamente biruta, não lhe disse?

Então estava tudo explicado, pensou Bond. Foi por isso que não tinha tido notícia de Mr. Spang nem dos seus amigos durante todo o dia. Era sexta-feira, e eles estavam na casa do patrão, brincando de trem. Bond nadara um pouco, dormira e flanara pelo Tiara o dia inteiro, esperando por alguma coisa. É verdade que apanhara um ou outro olhar que se desviava do seu, que tivera sempre alguém a vigiá-lo, um empregado ou um dos xerifes uniformizados, todos com ares de quem se esforçava por não fazer nada.

Mas, a não ser isso, Bond podia ter sido julga”do um simples hóspede do hotel.

Só de relance tivera oportunidade de ver o mandachuva, e as circunstâncias lhe tinham dado um prazer perverso.

Às dez da manhã, depois de nadar e tomar café, Bond resolvera ir cortar o cabelo. A barbearia estava quase deserta. O único freguês era um vulto grandalhão, metido num roupão encarnado e felpudo. O rosto, uma vez que o homem jazia estirado de costas na cadeira, estava escondido debaixo de toalhas quentes. A mão direita, pendendo do braço da cadeira, estava entregue aos cuidados de uma bonita manicura. A moça tinha rosto alvo e rosado, como a cara de uma boneca, e uma trunfa de cabelo cor-de-manteiga.

Sentada ao lado do homem num tamboretezinho baixo, equilibrava nos joelhos um vaso cheio de instrumentos.

Pelo espelho diante da cadeira em que estava sentado, Bond viu com interesse como o barbeiro erguia delicadamente primeiro uma ponta das toalhas quentes e depois a outra e com infinita precaução cortava os pêlos das orelhas do freguês com uma tesourinha fina. Antes de recobrir com a toalha a segunda orelha, o barbeiro curvou-se e murmurou cerimoniosamente: — E as narinas, senhor?

Houve um resmungo de aprovação por trás das toalhas quentes e o barbeiro tratou de abrir uma fenda nas toalhas nas imediações do nariz do homem. Em seguida, com a mesma precaução, passou a trabalhar com a tesourinha.

Findo esse ritual, desceu sobre a saleta de azulejos brancos um silêncio sepulcral, cortado apenas pelo estalido da tesoura ao redor da cabeça de Bond e pelo tinido ocasional de algum instrumento que a manicura depositava no vaso esmaltado. Por fim ouviu-se um rangido quando o barbeiro rodou cautelosamente a manivela da cadeira do freguês a fim de colocá-la na vertical.

— Que tal, senhor? — perguntou o barbeiro, segurando um espelho por trás da cabeça de Bond.

Foi no instante em que Bond examinava a nuca que a coisa aconteceu.

Talvez, com a suspensão da cadeira, a mão da moça tenha tremido, mas o que se ouviu foi um rugido abafado e o que se viu foi o homem do roupão encarnado dar um pulo da cadeira, arrancar as toalhas do rosto e enfiar o dedo na boca, tirá-lo logo depois, curvar-se e dar uma bofetada no rosto da moça, com tanta força que a derrubou do tamborete e jogou ao chão o vaso e os instrumentos. O homem empertigou-se e volveu uma cara furiosa para o barbeiro.

— Despeça esta cadela — rosnou ele.

Tornou á meter o dedo ferido na boca e, esbarrando os chinelos nos instrumentos espalhados pelo chão, chegou cego à porta e desapareceu.

— Agora mesmo, Mr. Spang — disse o barbeiro atordoado e começou a esbravejar contra a moça que se desfazia em soluços. Bond virou a cabeça e disse calmamente:

— Pare com isso.

Levantou-se da cadeira e tirou a toalha do pescoço. O barbeiro olhou-o com espanto. Depois disse, embaraçado: — Pois não, senhor — e curvou-se para ajudar a moça a apanhar os instrumentos.

Enquanto Bond pagava, ouviu a moça ajoelhada choramingar: — A culpa

não foi minha, Mr. Lucian. Ele estava nervoso hoje. As mãos tremiam. Eu juro como tremiam. Nunca o vi assim antes. Devia estar aperreado.

E Bond teve um momento de alegria ao pensar nos aperreios de Mr. Spang.

A voz de Ernie Cureo interrompeu-lhe os pensamentos.

— Temos companhia — disse ele pelo canto da boca. — Dois, um na frente e outro atrás. Não se volte. Está vendo o Chevrolet negro lá na frente?

Vai com dois marmanjos. Eles têm dois retrovisores e vêm nos observando e marcando passo. Atrás de nós vem uma baratinha vermelha. E um velho Jaguar esporte com assento suplementar. Nele também estão dois sujeitos, com tacos de golfe na traseira. Mas acontece que eu conheço esses gaiatos. Vermelhinhos de Detroit. Casalzinho de bonecas. Sabe o que eu quero dizer, não? Veados. Essa história de golfe é embromação. Os únicos tacos que sabem manejar estão guardados nos bolsos. Olhe para os lados como se estivesse admirando a paisagem. Vigie as mãos direitas deles enquanto eu faço uma experiência. Pronto?

Bond fez o que Ernie mandou. O chofer meteu o pé no acelerador e ao mesmo tempo desligou a chave da ignição. O escape ribombou, e Bond viu as duas mãos direitas mergulharem nos blusões de cores berrantes. Bond tornou a virar a cabeça.

— Tem razão — disse ele e, depois de uma pausa, acrescentou: — É melhor que eu salte, Ernie. Não quero metê-lo em apuros.

— Bobagem — disse o chofer, com um gesto de enfado. — Eles não podem fazer nada comigo. Você paga a avaria que houver no táxi? Vou tentar abalroá-los.

Bond retirou da carteira uma cédula de mil dólares e enfiou-a no bolso da camisa do chofer.

— Aí está. Mil — disse ele. — E muito grato. Vamos ver o que você pode fazer.

Bond puxou a Beretta do coldre e aninhou-a na mão. Por isso mesmo era que estava esperando, disse de si para si.

— Tá bem, velhinho — disse o chofer, alegremente. — Há muito tempo que eu andava procurando uma ocasião de topar com esses caras. Não gosto de que me pisem os calos, e eles há muito tempo vêm pisando nos meus e nos dos meus amigos. Segure-se. Lá vamos nós.

Estavam num trecho pouco movimentado da estrada. Ao longe, os cumes das montanhas tingiam-se de amarelo sob o sol poente. A rua passava a

adquirir aquela tonalidade azulada dos primeiros quinze minutos do crepúsculo, quando a gente não sabe se deve ou não acender as luzes.

Avançavam tranquilamente a uma velocidade de quarenta milhas, seguidos de perto pelo Jaguar agachado e escorregadio. Na frente, à distância de um quarteirão, corria o Sedan negro. Inesperadamente, com tal violência que Bond foi projetado para a frente, Ernie Cureo calcou os freios e derrapou em seco até parar com um grito estridente dos pneus. Ouviu-se o estardalhaço de metal amassado e vidro estilhaçado quando o Jaguar foi de encontro ao para-choque. O táxi foi impelido contra os freios e saiu aos arrancos. Então o chofer passou a marcha e, com o tremendo baralho do ferro que se rompe, desvencilhou-se do radiador despedaçado do Jaguar e acelerou estrada afora.

— Estreparam-se, hein? — disse Ernie com satisfação. — Como é que ficaram?

— Grade do radiador esculhambada — disse Bond, olhando pelo vidro traseiro. — Os dois para-lamas dianteiros amassados. O para-choque arrastando pelo chão. O para-brisa rachado, talvez mesmo quebrado. — Perdeu de vista o carro e voltou a olhar para a frente. — Estão no meio da rua tentando afastar os para-lamas dos pneus. É possível que não tardem a vir atrás da gente. Mas foi um bom começo. Mais uma batida como essa?

— Não é tão fácil agora — grunhiu o chofer. — A guerra foi declarada.

Cuidado. É melhor abaixar-se. O Chevrolet está parado à margem da estrada.

Podem começar a atirar. Vamos embora.

Bond sentiu o carro precipitar-se para a frente. Quase deitado na boleia, Ernie Cureo guiava com uma mão apenas e divisava a estrada com os olhos pouco acima do painel.

Houve um estrondo e dois estampidos quando passaram a toda pelo Chevrolet. Um bocado de vidro partido caiu em volta de Bond. Ernie Cureo praguejou, o carro deu uma guinada e depois voltou ao rumo.

Bond ajoelhou-se no assento traseiro e arrebentou o vidro com a coronha do revólver. O Chevrolet vinha atrás deles, os faróis acesos.

— Sustente-se — disse Cureo com voz estranha, abafada.

— Vou fechar a curva e parar no outro lado do próximo quarteirão. Vai poder atirar quando eles apontarem na curva.

Bond firmou-se quando os pneus cantaram, e o carro cambaleou sobre duas rodas, depois aprumou-se e parou. Bond abriu a porta e agachou-se com a arma em punho. As luzes do Chevrolet invadiram a transversal e houve um

guincho rouco dos pneus ao fazerem a curva no lado. Agora, pensou Bond, antes que se endireite.

Um estampido — uma pausa. Outro. Outro. O último. Quatro balas, à distância de vinte jardas, todas no alvo.

O Chevrolet não se endireitou. Foi para cima do meio-fio do outro lado da estrada, bateu com os costados numa árvore, foi de encontro a um poste de luz, deu uma volta completa e lentamente virou de lado.

Enquanto Bond observava, esperando que os ecos do metal amassado cessassem de lhe atenuar os ouvidos, as chamas começaram a lavrar na boca cromada do automóvel. Alguém arranhava uma porta, procurando escapar. A qualquer momento as chamas encontrariam a bomba de vácuo e, percorrendo toda a extensão do chassi, chegariam ao tanque. Então seria tarde demais para quem estivesse dentro do carro.

Bond ia atravessar a rua quando ouviu um gemido, vindo da boleia do táxi. Voltou-se a tempo de ver Ernie Cureo resvalar de sob o volante para o piso. Bond esqueceu o automóvel em chamas, abriu a porta do táxi e debruçou-se sobre o chofer. Havia sangue por toda parte e o braço esquerdo do chofer estava completamente empapado. Bond conseguiu sentar o homem na boleia. Ernie abriu os olhos.

— Ai, meu irmão — disse ele por entre os dentes trincados. — Tire-me daqui. Depressa. O Jaguar não tarda a vir atrás de nós. Depois me leve ao Pronto Socorro.

— Está certo, Ernie — disse Bond sentando-se ao volante.

— Eu me encarrego de tudo. — Pôs o carro em movimento e saiu em disparada pela estrada, deixando para trás a pira ardente e as pessoas assustadas que se haviam corporificado no crepúsculo e contemplavam as chamas, embasbacadas.

— Não pare — murmurou Ernie Cureo. — Vamos sair perto da estrada da Represa de Boulder. Está vendo alguma coisa no espelho?

— Um carrinho baixo com um farol em cima da gente. Vem a toda — disse Bond. — Pode ser o Jaguar. Distância de uns dois quarteirões agora.

Pisou no acelerador e o táxi zuniu pela transversal deserta.

— Em frente. Sempre em frente — disse Ernie Cureo. — A gente vai achar um lugar pra se esconder e eles perderão a nossa pista. Olhe aqui.

Existe um “Abismo de Paixão” exatamente no ponto em que a gente desemboca na Estrada 95. É um cinema em que se entra de automóvel.

Estamos chegando. Devagar. À direita. Está vendo aquelas luzes? Toque pra lá. Depressa. Direita. Pelo areai e no meio daqueles carros. Apague as luzes. Calma. Pare.

O táxi parou na última de uma meia dúzia de fileiras de carros, colocados de frente para a tela de concreto que se empinava para o céu e na qual um homem descomunal dizia qualquer coisa a uma moça também descomunal.

Bond voltou-se e olhou para os renques de postes metálicos, semelhantes aos medidores de estacionamento, dos quais os alto-falantes podiam ser ligados aos automóveis. Enquanto estava olhando, alguns carros entraram e se colocaram na fila de trás. Nenhum era suficientemente baixo para ser um Jaguar. Mas estava escuro e difícil de enxergar. Bond ficou de costas no assento, os olhos pousados na entrada do cinema.

Uma moça bonita, vestida como um mensageiro de hotel, apareceu com uma bandeja pendurada no pescoço. — Custa um dólar — disse ela, passando os olhos pelo carro para ver se não havia uma terceira pessoa escondida no soalho. Trazia aparelhos de som enrolados no braço direito.

Tirou um, enfiou a tomada no poste mais próximo e pendurou o minúsculo alto-falante na porta ao lado de Bond. O homem e a mulher descomunais da tela passaram a discutir acaloradamente.

— Coca-cola, cigarros, confeitos? — perguntou a moça recebendo a cédula que Bond lhe tinha estendido.

— Não, muito obrigado — disse Bond.

— Não há de quê — disse a moça e foi embora em direção dos recém-chegados.

— Por favor, Mr. Bond, desligue essa porcaria — pediu Ernie Cureo com os dentes trincados. — E não deixe de observar. Vamos esperar só um pouquinho mais. Depois me leve a um médico. Desligue essa joça. — A voz era fraquinha e agora que a moça tinha ido embora ele estava derreado, com a cabeça encostada à porta.

— Vamos já, Ernie. Veja se aguenta mais um pouco.

Bond remexeu no alto-falante, encontrou o botão e silenciou as vozes altercadoras. Na tela o homem parecia que ia bater na mulher e esta escancarava a boca num urro inaudível.

Bond voltou-se e perscrutou a treva que se estendia atrás deles. Nada ainda. Um amontoado informe jazia num assento traseiro. Dois rostos idosos, sérios, enlevados, olhavam para o alto. O lampejo de luz numa garrafa tombada.

E então uma onda de loção almiscarada de barba invadiu-lhe o nariz, um vulto escuro ergueu-se do chão, uma arma surgiu-lhe diante dos olhos e uma voz, do outro lado do carro, junto de Ernie Curo, murmurou: — Vamos, rapazes. Nada de afobação.

Bond fitou a cara sebenta que estava a seu lado. Os olhos eram sorridentes e frios. Os lábios úmidos abriram-se e sussurraram: — Vamos, godeme, ou seu companheiro entra pelo cano. Meu amigo tem um silenciador. Você vai dar um passeio com a gente.

Bond girou a cabeça e viu a salsicha negra de metal encostada à nuca de Ernie Curo. Tomou uma decisão.

— Está bem, Ernie — disse ele. — Melhor um do que dois. Volto logo Até já.

— Sujeitinho gozado — disse o cara de sebo. Abriu a porta, mantendo a arma apontada para o rosto de Bond.

— Desculpe, amigo — disse Ernie Curo numa voz cansada. — Acho...

— mas houve um ruído surdo quando a arma o atingiu por trás da orelha e ele afundou em silêncio.

Bond trincou os dentes e seus músculos se enrijeceram debaixo do paletó. Calculou se podia alcançar a Beretta. Olhou de uma arma para a outra, avaliando, somando as probabilidades. Os quatro olhos por cima de duas armas estavam sedentos, ansiando por um pretexto para o liquidarem.

As duas bocas sorriam, desejosas de que ele fizesse qualquer gesto suspeito.

O sangue gelou-se-lhe nas veias. Deixou escorrer outro minuto e depois, com as mãos erguidas, desceu vagarosamente do carro com a ideia de homicídio escondida no fundo do cérebro.

— Caminhe para o portão — disse o cara de sebo a meia voz. — Com naturalidade. Você está sob a minha mira.

O revólver desaparecera, mas a mão estava no bolso. O outro homem veio juntar-se a eles. Sua mão direita estava no bolso traseiro das calças.

Colocou-se no outro lado de Bond.

Os três homens marcharam céleres para o portão. A lua, erguendo-se além das montanhas, esparramou-lhes as sombras compridas à frente deles no chão de areia branca.

19 - Spectreville

O JAGUAR VERMELHO esperava do outro lado do portão, junto do muro do cinema. Bond deixou que lhe tirassem a arma e sentou-se ao lado do chofer.

— Nada de truques se quiser continuar vivo — disse o cara de sebo, subindo para o assento suplementar, ao lado dos tacos de golfe. — Há uma arma apontada para você.

— Belo carro o que vocês tinham — disse Bond. O para-brisa espatifado fora abaixado e um pedaço de cromo do radiador sobressaía como uma flâmula entre os dois pneumáticos dianteiros sem para-lamas. — Aonde vamos nas sobras?

— Verás — respondeu o chofer, um tipo ossudo, com uma boca cruel e grandes costeletas.

Colocou o carro na estrada e acelerou rumo à cidade. Pouco depois, estavam em plena selva dos anúncios luminosos e não tardou que a deixassem para trás, enveredando a grande velocidade por uma rodovia de duas faixas, que avançava pelo deserto enluarado em demanda das montanhas.

Um letreiro imenso anunciava a rodovia 95. Bond lembrou-se do que Ernie Cureo lhe havia dito e percebeu que estavam a caminho de Spectreville. Encurvou-se no assento para resguardar os olhos contra a poeira e os mosquitos, concentrou os pensamentos no futuro imediato e no meio de vingar o amigo.

Então esses homens e os outros dois do Chevrolet tinham sido incumbidos de o conduzir à presença de Mr. Spang. Por que tinham sido necessários quatro homens? Sem dúvida eles representavam uma resposta peso-pesado à desobediência de Bond às ordens que devia acatar no cassino.

O carro devorava a estrada retilínea com a agulha do velocímetro oscilando nas imediações das oitenta milhas. Os postes do telégrafo se sucediam com a regularidade de um metrônomo.

De súbito Bond sentiu que não conhecia suficientemente as respostas.

Estava ele completamente desmascarado como inimigo da quadrilha de Spang? Poderia defender-se das apostas na roleta alegando que não tinha entendido as ordens. E se tinha dado algum trabalho quando os quatro homens o foram buscar, poderia pelo menos fingir que tinha pensado tratar-se de membros de uma quadrilha inimiga. “Se queria me ver por que então não me

chamou em meu apartamento?” Bond ouviu a si mesmo dizendo essa frase num tom de quem se sentia ofendido.

Pelo menos mostrara que era bastante duro para qualquer serviço que Mr. Spang lhe pudesse oferecer. E de qualquer maneira, Bond tranquilizou-se, estava a ponto de atingir seu objetivo principal, que era o de chegar ao extremo da linha e, de uma forma ou de outra, vincular Seraffimo Spang ao irmão que morava em Londres.

Bond encolheu-se, os olhos cravados nos mostradores luminosos que tinha diante de si. Concentrava-se na entrevista que o aguardava e em imaginar quanta prova útil poderia extrair dela para continuar suas suspeitas.

Mais tarde, pensou em Ernie Curo e na vingança que lhe devia.

Não era de seu feitio preocupar-se com a maneira de se safar, uma vez atingidos esses dois objetivos. Sua própria segurança não o inquietava.

Ainda não sentia nenhum respeito por aquela gente. Só desprezo e asco.

Bond estava ainda ensaiando a imaginária conversa com Mr. Spang quando, após duas horas de viagem, notou que a velocidade do carro diminuía. Levantou a cabeça acima do painel de instrumentos. Estavam costeando um trecho de alta cerca de arame, com uma cancela e um letreiro enorme, iluminado pelo único farol do Jaguar. O letreiro dizia: SPECTREVILLE. LIMITES DA CIDADE. NÃO ENTRE. CÃES PERIGOSOS. O Carro parou debaixo do cartaz e ao lado de um poste de ferro enterrado em cimento. No poste havia um botão de campainha, uma gradezinha de ferro e, com letras vermelhas, a tabuleta: APERTE O BOTÃO E DIGA O QUE DESEJA.

Sem largar o volante, o sujeito das costeletas estirou o braço e calçou o botão. Houve uma pausa e então uma voz metálica atendeu: — Quem é?

— Frasso e McGonigle — respondeu o chofer em voz alta.

— Passem — disse a voz.

Ouviu-se um estalido. A alta cancela de arame abriu-se lentamente. O carro cruzou o portão e avançou por cima de uma faixa de ferro que levava a um caminho estreito e sujo. Bond olhou por cima do ombro e viu a cancela fechar-se atrás deles. Notou também com prazer que a cara de, presumivelmente, McGonigle estava rebocada de pó e do sangue das moscas mortas.

A estrada suja continuava por mais uma milha, aberta na superfície bruta e pedregosa do deserto, em que uma ou outra touceira de cactos gesticuladores constituía a única vegetação. Adiante, divisaram uma incandescência,

rodearam um esporão de montanha, desceram uma colina e foram dar num aglomerado, feèricamente iluminado, de cerca de vinte casas isoladas uma das outras. Mais além, a lua iluminava os trilhos de uma ferrovia que corria, em linha reta, para o horizonte longínquo.

Estacionaram entre os cinzentos edifícios de madeira com os letreiros FARMÁCIA, BANCO, BARBEARIA e WELLS FARGO, debaixo de um lampião de gás que sibilava do lado de fora de um sobrado, no qual um anúncio em letras de ouro desbotado dizia: PINK GARTER SALOON e, logo abaixo, *Cerveja e Vinho*.

De detrás das tradicionais portas de vaivém uma luz amarelada projetava-se na rua, escorrendo pela superfície lustrosa de uma barata conversível Stutz Bearcat, 1920, pintada de branco e negro, estacionada no meio-fio. Um piano de boteco, fanho e monótono, tocava *I Wonder Who's Kissing Her Now*. A música trouxe à memória de Bond soalhos cobertos de pó de serra, bebida choca e pernas femininas metidas em frouxíssimas meias de malha. O cenário parecia copiado de uma fita do Oeste.

— Cai fora, godeme — disse o chofer.

Os três homens saltaram do carro e com andar entrevado subiram a calçada de madeira. Bond baixou-se para massagear uma perna dormente e examinou os pés dos dois pistoleiros.

— Anda, maricas — disse McGonigle, dando-lhe uma cutucada com o revólver mal seguro na mão.

Bond ergueu-se lenta e calculadamente. Manquejando pesadamente, seguiu o homem até a entrada do botequim. Parou quando as portas de vaivém bateram-lhe na cara. Sentiu nas costas a estocada da arma de Frasso.

Agora! Bond retesou-se e pulou por entre as portas ainda oscilantes. As costas de McGonigle estavam à sua frente e, além delas, via-se uma taverna bem iluminada e vazia, com um piano automático a tocar por si mesmo.

As mãos de Bond precipitaram-se para a frente e agarraram o homem acima dos cotovelos. Levantando-o do chão e rodando-o no ar, Bond atirou-o às portas, atingindo Frasso, que vinha entrando. Toda a casa de madeira estremeceu quando os dois corpos se chocaram e Frasso, tornando a passar pelas portas, estatelou-se na calçada.

Lançado de volta, McGonigle virou-se para enfrentar Bond, erguendo a mão com uma arma. Com a esquerda, Bond segurou-o pelo ombro, ao mesmo tempo que, com a mão direita aberta, aplicou um tabefe na arma.

McGonigle foi bater com os calcanhares na ombreira da porta e a arma

caiu com estrondo no chão.

O bico do revólver de Frasso assomou na frincha da porta de vaivém, inclinando-se para o lado de Bond, como uma cobra prestes a armar o bote.

Quando sua língua amarela e azul repontou no cano, Bond, com o sangue a cantar-lhe nas veias ao calor da luta, mergulhou em busca da arma que estava aos pés de McGonigle. Alcançou-a e fez dois disparos rápidos para o alto antes que McGonigle lhe pisasse a mão e lhe trepasse às costas. Ao cair, Bond vislumbrou o revólver de Frasso espremido entre as portas e atirando para o teto. Desta vez a queda do corpo nas pranchas da calçada pareceu definitiva.

Preso às mãos de McGonigle, Bond ajoelhou-se, baixando a cabeça para proteger os olhos. A arma estava no soalho ao alcance da primeira mão livre.

Por alguns segundos, lutaram em silêncio como animais. Então Bond, erguendo um joelho, levantou os ombros com violência e sacudiu-se para cima. O peso saiu-lhe das costas e ele conseguiu agachar-se. Nesse momento recebeu uma joelhada de McGonigle no queixo que o fez sentar-se no chão.

A pancada nos dentes quase lhe estoura o crânio.

Bond ainda não se refizera do choque e já o gangster soltava um grunhido pesado e se precipitava sobre ele, a cabeça voltada para baixo e os braços prontos para esmurrar.

Bond dobrou-se para resguardar o estômago. A cabeça do gangster atingiu-lhe as costelas e os dois punhos malharam-lhe o corpo.

Bond ofegava de dor, mas marcou a posição da cabeça de McGonigle e, com um movimento do corpo que colocou todo o ombro no impulso do braço, encaixou uma canhota; quando a cabeça do gangster se ergueu, aplicou-lhe um direto no queixo com a direita.

O impacto dos dois golpes atirou McGonigle ao chão. Bond saltou sobre ele como uma pantera, cobrindo-o com uma saraivada de murros que só se interrompeu quando o gangster deu mostras de desfalecimento. Bond agarrou um punho agitado, segurou um calcanhar e suspendeu o homem.

Depois, empregando toda a força de que era capaz, curvou-se para trás a fim de tomar impulso e arremessou o gangster para um canto da sala.

Primeiro ouviu-se um baque estridente quando o corpo arremessado atingiu a pianola. Depois, com uma explosão de dissonâncias metálicas e madeira partida, o agonizante instrumento inclinou-se para a frente e, com McGonigle esparramado em cima, trovejou no soalho.

Enquanto morriam os ecos do piano, Bond deteve-se no centro da sala, as

pernas retesadas pelo esforço final e a respiração raspando na garganta.

Com lentidão, levantou a mão machucada e passou-a nos cabelos gotejantes de suor.

— Corte.

Era uma voz de mulher e vinha da banda do bar.

Bond estremeceu e lentamente deu meia volta.

Quatro pessoas haviam entrado na taverna. Estavam em pé, uma ao lado da outra, de costas para o balcão de mogno e latão, por trás do qual fileiras de garrafas cintilantes subiam até o teto. Bond não tinha ideia de quanto tempo fazia que elas estavam ali.

Um passo adiante dos outros três estava o primeiro cidadão de Spectreville, resplendente, imóvel, dominador.

Mr. Spang vestia um uniforme completo do Oeste, que incluía as compridas esporas de prata presas às lustrosas botas negras. A indumentária, com os largos safões de couro que cobriam as pernas, era toda em negro, com adornos de prata. As mãos grandes e tranquilas pousavam nas coronhas de marfim de dois revólveres de cano longo, metidos em coldres amarrados às coxas, e o cinto negro e largo estava carregado de munição.

Mr. Spang devia parecer ridículo, mas não o era. A cabeçorra inclinava-se ligeiramente para a frente e os olhos eram frios e ferozes.

À direita de Mr. Spang, com as mãos nos quadris, estava Tiffany Case.

Num vestido branco e ouro do Oeste, ela parecia saída do filme *Annie, Get Your Gun*. Fitava Bond. Os olhos brilhavam. Os lábios carnudos e vermelhos estavam ligeiramente abertos, e ela palpitava como se tivesse sido beijada. A outra metade do quarteto eram os dois encapuzados de Saratoga. Cada um apontava um 38, Police Positive, para a barriga arfante de Bond.

Bond sacou um lenço do bolso e enxugou o rosto. Sentia-se leve, e o cenário, na taverna profusamente iluminada e cheia de acessórios de latão e anúncios rústicos de marcas de cerveja e uísque há muito desaparecidas, tornou-se repentinamente macabro.

Mr. Spang rompeu o silêncio.

— Vão buscá-lo. — As duras mandíbulas que acionavam os lábios finos e bem delineados, separaram-se e cortaram cada palavra como se fosse uma fatia de carne. — E mandem alguém chamar Detroit e dizer aos rapazes que eles lá estão sofrendo de delírio das proporções. Digam-lhes que mandem mais dois pra cá, mas que sejam melhores do que os últimos que eles

enviaram. E mandem alguém fazer a limpeza disto aqui. Entendido? Houve um fraco tilintar de esporas no piso de madeira quando Mr. Spang saiu da sala. Lançando um último olhar a Bond, um olhar que continha uma mensagem que era mais do que mera advertência, a moça saiu também.

Os dois encapuzados aproximaram-se de Bond e o grandalhão falou.

— Vamos.

Bond caminhou vagorosamente atrás da moça e os dois homens enfileiraram-se às suas costas.

Havia uma porta no fundo do bar. Bond passou por ela e achou-se na sala de espera de uma estação, repleta de bancos, velhos anúncios de trens e a recomendação para não cuspir no chão.

— À direita — ordenou um dos homens, e Bond atravessou uma porta de vaivém que dava para uma plataforma de madeira.

Então Bond estacou e não deu atenção às cutucadas de um cano de revólver nas suas costelas.

Provavelmente era o trem mais bonito do mundo. Era uma das velhas locomotivas do tipo “Highland Light”, mais ou menos do ano de 1870, consideradas as mais belas locomotivas a vapor já construídas. Os brunidos corrimões de latão, o estriado coletor de areia e o pesado sino colocado acima do longo e cintilante cilindro da caldeira fulguravam sob os assobiantes lampiões de gás da estação. Um filete de vapor desprendia-se da elevada chaminé-balão do velho combustor de lenha. O majestoso limpa-trilhos era encimado por três luminárias de bronze maciço — uma bojuda lâmpada de sinal na base da chaminé e dois faróis em -baixo. Acima das duas altas rodas motrizes, apareciam gravadas em ouro as belas capitulares vitorianas *The Cannonball*, que se repetiam ao longo do costado do tender, pintado de amarelo e preto e abarrotado de achas de lenha, por trás da alta e retangular cabina do maquinista.

Engatado ao tender estava um Pullman marrom de alto luxo. Suas janelas abobadadas, por cima das estreitas almofadas de mogno, realçavam com adornos de cor creme. Numa placa oval, a meia-nau, lia-se *The Sierra Belle*. Acima das janelas e abaixo do teto cilíndrico um pouco saliente viam-se as palavras *Tonopah and Tidewater R. R.* em maiúsculas creme sobre fundo azul-escuro.

— Aposto que nunca viu nada igual, godeme — disse com orgulho um dos guardas. — Agora toca pra frente.

A voz era abafada pelo capuz negro de seda.

Bond deu alguns passos vagarosos e galgou os degraus da plataforma de observação, circundada por um corrimão de latão e tendo no centro a roda reluzente do guarda-freio. Pela primeira vez na vida viu a vantagem de ser milionário e de súbito, também pela primeira vez, admitiu que esse tal de Spang merecia mais respeito do que imaginara.

O interior do Pullman deslumbrava pelo esplendor vitoriano. Os pequenos lustres de cristal do teto reverberavam nas paredes de mogno envernizado e tremeluziam nos adornos de prata, nos vasos de vidro lapidado e nos pedestais das lâmpadas. Os tapetes e cortinas drapeadas em festão eram cor de vinho, e o teto abobadado, ornamentado aqui e ali por telas ovaladas de querubins engrinaldados e coroas de flores entrelaçadas sobre um fundo de céu e nuvens, era creme, como eram as tabuinhas das persianas.

Passaram primeiro por uma pequena sala de jantar, com os restos de uma ceia para dois — uma cesta de frutas e uma garrafa aberta de champanha dentro de uma caçamba de gelo — e, depois por um estreito corredor, no fundo do qual três portas conduziam, Bond presumiu, aos quartos de dormir e ao lavatório. Bond ainda estava pensando nesse arranjo, quando, com os guardas quase a lhe pisar os calcanhares, abriu a porta do salão de recepções.

No fundo do salão, de costas para uma lareira flanqueada com filetes dourados, assomava Mr. Spang. Tiffany Case sentava-se empertigada num poltrona de couro vermelho ao pé de uma escrivaninha colocada quase no centro da peça. Bond não deu maior atenção à maneira como a moça segurava o cigarro, nervosa, artificial, assustada.

Bond caminhou até uma poltrona confortável. Virou-a a fim de ficar de frente para ambos, sentou-se e cruzou as pernas. Tirou a cigarreira, acendeu um cigarro, deu uma longa tragada e expeliu a fumaça com um sopro lento e sossegado.

Mr. Spang tinha um charuto apagado no centro da boca. Tirou o charuto para falar.

— Fique aqui, Wint. E você, Kidd, vá fazer o que eu mandei. — Os dentes fortes trituravam as palavras como se elas fossem nacos de aipo. — Agora vejamos — os olhos coléricos dardejaram sobre Bond. — Quem é você e o que é que se passa?

— Se vamos conversar, eu vou precisar de um uísque — disse Bond.

Mr. Spang olhou-o com frieza.

— Prepare um uísque, Wint. Bond moveu a cabeça.

— Bourbon com água de rio — disse ele. — Metade, metade.

Ouviu-se um grunhido de raiva e a madeira estalou quando o homem gordo se pôs em movimento.

Bond não simpatizou muito com a pergunta de Mr. Spang. Repassou mentalmente a estória que havia inventado. Ainda lhe parecia boa. Recostou-se na poltrona, deu mais uma tragada no cigarro e encarou Mr. Spang, perscrutando-o.

O guarda-costas voltou com o copo e, ao introduzi-lo raivosamente na mão de Bond, entornou um pouco da bebida no tapete. “Obrigado, Wint” — disse Bond e tomou um gole reforçado. A bebida pareceu-lhe excelente.

Tomou outro gole e depositou o copo a seu lado, no soaço.

Encarou de novo o rosto tenso e duro.

— Não gosto de chacoalhão — disse Bond, tranquilamente. — Fiz o meu serviço e recebi meu dinheiro. Se resolvi apostar o dinheiro, isso não interessa a ninguém. Podia ter perdido. Aí então seus homens começaram a me chacoalhar e eu fui ficando impaciente. Se queria falar comigo, por que não me telefonou? Não foi nada amistoso de sua parte botar aquele magote de gente atrás de mim. E quando eles perderam a esportiva e começaram a atirar, achei que era hora de revidar à altura.

O rosto negro e branco contra o fundo colorido dos livros não se abalou.

— Você está completamente por fora, companheiro — disse Mr. Spang, calmamente. — O melhor mesmo é eu colocá-lo em dia com as novidades.

Recebi ontem de Londres uma mensagem cifrada.

Meteu a mão no bolso da camisa preta do Oeste e retirou lentamente uma folha de papel, sem despregar os olhos de Bond.

Bond sabia que a folha de papel boa coisa não podia ser. Estava certo disso, tão certo como quando a gente recebe um telegrama que começa pela palavra “profundamente...”

— Isto veio de um bom amigo de Londres — disse Mr. Spang. E

lentamente baixou a vista para o papel. — Diz assim: “Seguramente informado Peter Franks preso pela polícia sob acusações vagas. Empregue todos os esforços deter portador substituto para averiguações. Caso operação falhe elimine substituto e envie relatório”.

O salão ficou em silêncio. Os olhos de Mr. Spang ergueram-se do papel e pousaram sua cólera sobre “Bond.

— Bem, seu Fulano de Tal, parece que o tempo vai esquentar para o seu lado.

Bond sabia o que o esperava, e parte de sua mente ocupava-se em imaginar como seria o castigo. Mas, ao mesmo tempo, outra parte recordava que ele havia descoberto o que pretendia descobrir, aquilo que viera desvendar na América. Os dois Spangs representavam a entrada e a saída do canal por onde passavam os diamantes. Nesse momento concluía a missão de que fora incumbido. Sabia as respostas. Restava-lhe, agora, achar um jeito de comunicar as respostas a M.

Bond estendeu a mão para seu copo. O gelo chocalhou no fundo vazio quando ele tomou o último gole e colocou o copo no soalho. Fitou candidamente Mr. Spang.

— Recebi a tarefa de Peter Franks. Ele teve medo de topar a parada e eu precisava de dinheiro.

— ' Ah, não me venha com embromação — replicou Mr. Spang, prontamente. — Você é um tira ou um detetive particular. Vou descobrir quem é você, para quem trabalha e o que é que sabe... o que fazia nas termas ao lado daquele jóquei safado; por que anda armado e onde aprendeu a atirar; quais são suas relações com o pessoal de Pinkerton, de que faz parte aquele falso chofer de táxi. Esse troço todo. Você tem pinta de tira e age como tal. E... — voltou-se com inopinada fúria para Tiffany Case — Não posso entender como é que você, sua cadela imunda, foi atrás da conversa dele.

— Entenda se quiser — bradou Tiffany Case, irritada. — Quem me mandou o sujeito foi ABC. E ele não saiu da linha. Você queria bem que eu dissesse a ABC para mandar outro? Essa não, meu caro. Conheço meu lugar nesta joça. Não pense que pode fazer de mim o que quer, não. E apesar de tudo, esse sujeito pode estar falando a verdade.

No olhar que ela lhe lançou, Bond notou um lampejo de temor. O temor pelo que pudesse acontecer a ele, Bond.

— É o que vamos investigar — disse Mr. Spang — e vamos investigar até que ele resolva confessar. Aviso logo que não vai ser sopa, não. — Olhou por cima da cabeça de Bond para o capanga. — Wint, vá chamar Kidd e tragam as botas.

As botas?

Bond recostou-se, reunindo as forças e a coragem. Era inútil discutir com Mr. Spang ou tentar fugir em pleno deserto. Já escapara de enrascadas piores. Contanto que não pretendessem matá-lo. Contanto que ele não fraquejasse. Havia Ernie Curo e havia Félix Leiter. Talvez mesmo Tiffany Case. Encarou-a. De cabeça baixa, ela examinava as unhas com cuidado.

Bond ouviu os dois guarda-costas se aproximarem.

— Levem-no para a plataforma — ordenou Mr. Spang. Bond viu-lhe a ponta da língua projetar-se e tocar de leve os beijos finos. — Passo de Brooklyn. Oitenta por cento. Entendido?

— Entendido.

Era a voz de Wint. Parecia sôfrega.

Os dois encapuzados deram alguns passos e foram sentar-se lado a lado numa *chaise longue* escarlate, diante de Bond. Colocaram as botinas de *rugby* no tapete grosso e começaram a desamarrar os sapatos.

20 - Chamas que saem do alto

O UNIFORME PRETO de homem-rã estava muito apertado. Doía no corpo todo. Por que cargas d'água Strangways não tinha se certificado de que o Almirantado tinha suas medidas corretas? E era muito escuro no fundo do mar, as correntes eram muito fortes, arrastavam-no para o banco de coral.

Era preciso nadar com todo o ímpeto para afastar-se dali. Mas agora algo lhe prendia o braço. Que diabo...?

— James! Pelo amor de Deus, James! — Ela apertou a boca ao ouvido dele. Desta vez ela beliscou-lhe o braço nu e ensanguentado com tanta força que, afinal, os olhos de Bond se abriram entre as pálpebras inchadas, e ele a contemplou do piso de madeira em que estava deitado e deu um suspiro de sobressalto.

Ela puxou-o para si, com medo que ele lhe escapasse outra vez. Ele pareceu entender e se revolveu, erguendo-se sobre as mãos e os joelhos, a cabeça pendida para o chão, como um animal ferido.

— Pode andar?

— Espere. — O murmúrio espesso que lhe atravessou os lábios arrebatados soou-lhe estranho aos ouvidos. Talvez ela não tivesse compreendido. — Espere — repetiu ele, enquanto sua mente passava a explorar o corpo para ver o que lhe tinha sobrado. Podia sentir os pés e as mãos. Podia mover a cabeça de um lado para outro. Podia ver as barras do luar nas pranchas de madeira. Pudera ouvir a moça. Devia estar inteiro, mas não queria mover-se. Sua força de vontade o tinha abandonado. Apenas

desejava dormir. Ou talvez mesmo morrer. Qualquer coisa, contanto que mitigasse a dor que lhe avassalava o corpo todo, apunhalando-o, martelando-o, triturando-o — e matasse a lembrança das quatro botinas que o haviam golpeado e dos rosnados proferidos pelos dois vultos encapuzados.

Assim que pensou nos dois homens e em Mr. Spang, a vontade de viver retornou.

— Está bem — disse, e tornou a dizer para que ela compreendesse.

— Estamos na sala de espera — sussurrou a moça. — Temos de chegar ao extremo da estação. À esquerda, depois da porta. Está me ouvindo, James?

Ela estirou a mão e afagou-lhe os cabelos úmidos, viscosos, caídos na testa.

— Tenho de me arrastar — disse Bond. — Atrás de você.

A moça ergueu-se e abriu a porta. Bond trincou os dentes e saiu de rastros para a plataforma enluarada. E quando avistou a mancha escura no chão, a raiva e o desejo de vingança deram-lhe forças para se levantar.

Balançando a cabeça para não se afogar nas ondas negro-avermelhadas e amparado em Tiffany Case, cujo braço lhe envolvia a cintura, foi coxeando pelas tábuas até a rampa por onde desceram para o chão junto dos trilhos reluzentes.

E lá, no desvio, havia um vagonete.

Bond parou e olhou-o atentamente.

— Gasolina? — perguntou com ar vago.

Tiffany Case fez um gesto para uma fileira de latas encostadas no muro da estação. — Está cheio — sussurrou. — É usado na inspeção da linha. Eu sei colocá-lo em funcionamento. Já desloquei as agulhas. Depressa. Suba — soltou uma risadinha abafada. — Próxima parada: Rhyolite.

— Isso é que é uma garota — murmurou Bond. — Mas vai fazer um barulho danado quando esse troço começar a funcionar. Espere. Tenho uma ideia. Tem fósforos?

Metade da dor tinha desaparecido. Respirava forte quando deu as costas à moça e observou as silenciosas casas de madeira.

Ela estava usando calças compridas e blusa. Enfiou a mão no bolso das calças e entregou-lhe o isqueiro.

— O que é que vai fazer? — perguntou. — Já devíamos ter partido.

Mas Bond manquejou até as latas de gasolina e pôs-se a destampá-las e a

arremessar o líquido sobre as paredes e a plataforma de madeira. Depois de esvaziar meia dúzia de latas, voltou para onde ela estava. — Ligue a bicha.

— Curvou-se com esforço e apanhou um jornal amassado ao lado dos trilhos. Ressoou o gemido raivoso do arranque automático, o motor de dois tempos pegou e começou a martelar.

Bond acendeu o isqueiro. O papel pegou fogo e Bond jogou-o entre as latas de gasolina. O espocar das labaredas quase o alcançou quando ele se lançou de costas ao estribo do vagonete. Mas então a moça soltou a embreagem e o carro começou a deslizar pelos trilhos.

Houve um matracolejar e um sacolejo desagradável ao chegarem às agulhas; e depois, entrados na linha principal, o velocímetro tremia marcando trinta milhas e os cabelos da moça flutuavam à frente de Bond como uma bandeira.

Bond voltou-se e contemplou a gigantesca floração de chamas que ia ficando para trás. Podia quase ouvir o crepitar das pranchas secas e os berros dos que despertavam. Se pelo menos o fogo pegasse Wint e Kidd, apanhasse a pintura do Pullman e se alastrasse pela lenha do tender do Cannonball e acabasse de uma vez com a caixa de brinquedos de Mr. Spang!

Mas ele e a moça tinham seus próprios problemas. Que horas eram?

Bond aspirou o ar fresco da noite e tentou colocar de novo a mente para trabalhar. A lua estava baixa. Quatro horas? Bond avançou com dificuldade pelo estribo até os dois assentos de encosto dobradiço e conseguiu sentar-se ao lado da moça.

Passou-lhe um braço em volta dos ombros, e ela voltou-se com um sorriso nos lábios. Levantando a voz acima do barulho da máquina e do matracolejar das rodas de ferro sobre os trilhos, ela falou: — Foi uma escapada e tanto. Parecia coisa de filme de Buster Keaton.

Como se sente? — Inspecionou o rosto combalido. — Você está massacrado, hein?

— Nenhuma fratura — disse Bond. — Acho que é isso que se entende por oitenta por cento. — Fez uma careta de dor. — É melhor ser tratado a pontapé do que a bala.

O rosto de Tiffany Case contraiu-se.

— E eu tive de ficar sentada lá e fingir que não ligava. Spang, ao meu lado, escutava e me observava. Depois, eles viram que você já estava nas últimas, atiraram você na sala de espera e todo mundo foi para a cama satisfeito da vida. Esperei uma hora em meu quarto e então resolvi agir. O

pior de tudo foi tentar despertar você.

Bond apertou-lhe os ombros com o braço.

— Direi o que penso de você quando estiver menos contundido. Mas, e você, Tiffany? Vai ficar em maus lençóis se eles nos pegarem. E quem são os dois encapuzados, Wint e Kidd? O que é que eles vão fazer agora?

Gostaria de vê-los de novo.

A moça olhou de viés para a feia equimose na boca de Bond.

— Nunca os vi sem os capuzes — confessou ela. — Suponho que eles são de Detroit. Pistoleiros. Encarregam-se dos trabalhos violentos e de missões especiais secretas. Virão em nosso encalço. Mas não se preocupe comigo. — Encarou-o de novo e seus olhos irradiavam felicidade. — A primeira coisa a fazer é levar essa joça a Rhyolite. Depois teremos de achar um carro e cruzar a fronteira com a Califórnia. Dinheiro não vai faltar-. Eu trouxe. Depois iremos a um médico, arranjarremos um banho e uma camisa nova pra você e pensaremos no que vamos fazer. Trouxe seu revólver. Foi encontrado por um dos rapazes que ajudaram a recolher os restos daqueles dois sujeitos que você arrasou no botequim. Apanhei a arma depois que Spang foi para a cama.

Ela desabotoou a blusa e enfiou a mão no cóis das calças.

Bond recebeu a Beretta, e sentiu a quentura do corpo da moça no metal.

Removeu o pente. Sobravam três cartuchos, e um estava na agulha.

Recolocou o pente, fechou o registro de segurança e guardou a arma na cintura. Só então notou que estava sem paletó. Uma das mangas da camisa fora reduzida a um trapo. Arrancou-a e jogou-a fora. Apalpou o bolso traseiro direito da calça, à procura da cigareira e não a encontrou. Mas no esquerdo estavam ainda o passaporte e a carteira de cédulas. Puxou-os do bolso. À luz da lua pôde ver que ambos estavam danificados. O dinheiro continuava na carteira. Pôs outra vez os objetos no bolso.

Durante algum tempo avançaram pela estrada. O silêncio da noite era cortado apenas pelo ronrom da máquina e pelo matraquear das rodas. Até onde a vista alcançava, havia somente uma interrupção da estreita linha prateada dos trilhos, assinalada pela alavanca de manobra das agulhas, no ponto em que um ramal enferrujado penetrava na massa escura dos montes Spectre à direita. À esquerda, descortinava-se o infindável chão do deserto em que o lampejo da aurora começava a debruar de azul as moitas de cactos contorcidos e, duas milhas além, o luar esparramava seu clarão cinza-chumbo sobre a Rodovia 95.

O vagonete cantarolava feliz nos trilhos. Os instrumentos de controle

eram poucos: uma alavanca de freio e uma espécie de manche com um acelerador de cabo retorcido que a moça mantinha completamente aberto, com o velocímetro firme em trinta milhas. As milhas e os minutos passavam e, de vez em quando, Bond virava-se com dificuldade na cadeira e inspecionava o florescente rubor do céu às suas costas.

Fazia cerca de uma hora que tinham partido quando um leve zumbido, vibrando no ar ou nos trilhos, pôs Bond de sobreaviso. Novamente ele olhou por cima do ombro. Haveria um vago bruxoleio entre eles e o falso alvorecer da cidade em chamas?

Bond sentiu leve comichão no couro cabeludo.

— Veja se enxerga alguma coisa ali atrás.

A moça voltou-se. Depois, sem responder, diminuiu a marcha do carro que passou a deslizar suavemente.

Puseram-se à escuta. Sim. Era nos trilhos. Uma leve trepidação, nada mais do que um suspiro distante.

— É o Cannonball — disse Tiffany, categórica.

Deu um brusco repelão no acelerador, e o vagonete tornou a ganhar velocidade.

— Quanto pode fazer a locomotiva? — perguntou Bond.

— Talvez sessenta.

— E daqui pra Rhyolite?

— Trinta, mais ou menos.

Bond fez as contas em silêncio.

— Vai ser por um triz. Não é fácil dizer a que distância ela está de nós. E esse treco pode dar mais alguma coisa?

— Que nada! — disse ela, — Nem que eu me chamasse Casey Jones em vez de Tiffany Case.

— Não tem importância — disse Bond. — Toca pra frente. Talvez ela vá prós ares com uma explosão.

— Ah, sim — disse ela. — Ou talvez a mola dê o prego, ou Spang se lembre que deixou a chave do motor em casa, no bolso da calça.

Viajaram mais quinze minutos em silêncio. Então, Bond divisou o grande farol da locomotiva varando a noite, a umas cinco milhas de distância, e as centelhas subindo pela chaminé. Os trilhos trepidavam e o que tinha sido um

suspiro longínquo era agora um murmúrio baixo, ameaçador.

Talvez venha a faltar lenha, pensou Bond. Num impulso, ele perguntou despreocupadamente à moça:

— Será que temos bastante gasolina?

— Temos, sim — disse Tiffany. — Botei uma lata inteira. Não tem mostrador, mas esses motorzinhos giram a vida inteira com um galão.

Mal ela havia acabado de falar, e como se fizesse um comentário, o motorzinho deu uma tossidela de reprovação — cóf-cóf-cóf — e continuou a rodar alegremente.

— Ai, meu Deus! — exclamou Tiffany. — Ouviu isso? Bond ficou calado. Sentiu as mãos tornarem-se úmidas. Outra vez: cóf-cóf-cóf.

Tiffany Case acalentou delicadamente o acelerador.

— Ah, motorzinho querido — disse ela em tom de súplica. — 'Vamos, motorzinho lindo, seja bonzinho, por favor...

— Cóf-cóf. Cóf-cóf. Chi. Cóf. Chiiii...

E no instante seguinte estavam eles escorregando brandamente em silêncio. Vinte e cinco, dizia o velocímetro. Vinte... quinze... dez... cinco.

Um último e selvagem repelão no acelerador, um pontapé de Tiffany Case na armação do motor, e tinham parado.

— Porra! — disse Bond. Com esforço conseguiu saltar e manquejar até o tanque na traseira do vagonete. Tirou do bolso da calça o lenço ensanguentado, desatarraxou a tampa do funil e introduziu o lenço até tocar o fundo do tanque. Puxou-o para fora, apalpou-o e cheirou-o. Seco como um osso.

— Nada feito — disse ele para Tiffany. — Vamos pensar numa saída.

Olhou em volta. Nenhum abrigo à esquerda, e duas milhas pelo menos até à estrada de rodagem. À direita, as montanhas, talvez a um quarto de milha. Podiam chegar lá e esconder-se. Mas por quanto tempo? Contudo, era o melhor alvitre. O chão, sob seus pés, tremia. Esquadrinhou a linha férrea iluminada pelo olho incandescente, implacável. A que distância? Duas milhas? Spang enxergaria o vagonete? Teria tempo de parar? Haveria descarrilamento? Mas aí Bond lembrou-se do poderoso limpa-trilhos, que varreria da linha o vagonete como se fosse um feixe de palha.

— Vamos, Tiffany — bradou ele. — Temos de escalar as colinas.

Onde estava ela? Bond rodeou o carro. Ela vinha correndo pelo trecho da

estrada que tinham pela frente. Aproximou-se arquejante.

— Há um desvio logo ali adiante — disse ela entre um ofego e outro. — Se a gente puder empurrar essa coisa até lá e se você puder manobrar as velhas agulhas, pode ser que a gente escape.

— Deus do céu! — disse Bond lentamente. E depois, com uma nota de pasmo na voz, acrescentou: — Há uma coisa melhor do que essa. Me ajude aqui — e, curvando-se, rilhou os dentes contra a dor e começou a empurrar o vagonete.

Recebido o impulso inicial, o carro moveu-se facilmente e eles precisavam apenas segui-lo e não deixar que parasse. Chegaram às agulhas, mas Bond continuou a empurrar até que pararam umas vinte jardas além.

— Que diabo é que você vai fazer? — arquejou Tiffany.

— Vamos pra cá — respondeu Bond, correndo aos tropeções para o ponto em que a chave enferrujada ressaltava ao lado dos trilhos. — Vamos colocar o Cannonball no desvio.

— Genial! — disse Tiffany Case com admiração. Puseram mãos à obra, e os músculos doloridos de Bond forcejavam por erguer a chave.

Lentamente o metal enferrujado começou a mover-se no leito onde jazia imóvel havia cinquenta anos, e milímetro a milímetro os trilhos mostraram uma fenda, que foi se alargando à medida que Bond puxava a alavanca.

Ao terminar, Bond caiu de joelhos no chão, com a cabeça dobrada para baixo, lutando contra a tontura que ameaçava dominá-lo.

Mas já então um feixe de luz iluminava o chão e Tiffany procurava arrastá-lo. Bond ergueu-se e voltou aos trambolhões para o vagonete. O ar estrondava e se enchia do plangente clangor do sino enquanto o flamejante cavalo de ferro galopava em direção a eles.

— Abaixar-se e não se mexer — bradou Bond por cima do barulho e lançou-a ao chão por trás do frágil biombo do vagonete. Depois, coxeou o mais rápido que pôde até a margem dos trilhos, puxou a arma, colocando-se de viés com o braço levantado como um duelista e voltou os olhos semicerrados para o gigantesco farol que avançava debaixo do vulcão de fogo e fumaça turbilhonantes.

Puxa, que monstro! Entraria ele na curva? Ou não respeitaria o desvio e os esmagaria? Lá vinha ele.

— Fittt.

Algo açoitou o chão ao lado de Bond e houve um clarão momentâneo na

cabina.

— P-o-e-m-m-m.

Houve outro clarão, e a bala atingiu o trilho, gemendo na noite.

— Trac. Trac. Trac.

Agora era-lhe possível ouvir o revólver acima do trovejar da locomotiva.

Algo cantou em tom agudo no ouvido de Bond.

Bond não respondeu. Só quatro balas, e ele sabia quando devia disparar.

E então, a vinte jardas, a locomotiva entrou na curva e desembestou pelo desvio com uma guinada tão violenta que atirou as achas de lenha do alto do tender na direção de Bond.

Houve um grito roufenho de metal quando as bordas das rodas motrizes de seis pés de altura dobraram a curva, uma breve impressão de fumaça, chama e ruído de motor, e, depois, uma rápida visão da cabina e do vulto negro e prateado de Spang, de braços abertos e pernas estendidas, agarrando-se com uma das mãos ao costado da cabina e com a outra precipitando-se para a alavanca do acelerador.

A arma de Bond bradou suas quatro palavras. Houve um curto vislumbre de uma cara branca arremessada para o alto, e logo a enorme locomotiva preta e amarela distanciou-se, reboando rumo à muralha sombria dos montes Spectre, o feixe de luz do farol ceifando a treva e o sino dobrando tristemente dim-dão, dim-dão, dim-dão.

Bond guardou lentamente a Beretta no cós das calças, e ficou olhando o ataúde de Mr. Spang, enquanto a esteira de fumaça subia no ar e por um momento encobria a face da lua.

Tiffany veio correndo até onde ele estava, e lado a lado puseram-se a contemplar a bandeira de chamas que se elevava da alta chaminé e escutar as montanhas multiplicarem o atoar da locomotiva. A moça agarrou-lhe os braços quando o comboio deu uma guinada repentina e sumiu-se atrás de um esporão da pedra. E agora ouvia-se apenas um longínquo tamborilar nas montanhas e avistava-se um clarão vermelho que fazia tremular os penhascos enquanto Cannonball despencava no bojo da rocha.

E subitamente apareceu uma imensa língua de fogo, no mesmo instante em que se produziu tremendo choque metálico semelhante ao encontro de um encouraçado num penedo. Debaixo de seus pés ressoou um estrépito abafado. Finalmente, um ribombo distante e profundo levantou-se das entranhas da terra, seguido por uma barragem de ecos os mais variados.

Então, findos todos os ruídos, zuniu, firme, o silêncio.

Bond soltou um suspiro profundo como se estivesse despertando. Aí estava o fim de um dos Spangs, de um dos enfatuados, cruéis, aparatosos, irrecuperáveis adultos que compunham a quadrilha dos Spangs. Fora um gangster teatral e vivera num ambiente de caixa de palco. Mas isso não alterava o fato de que pretendia liquidar Bond.

— Vamos embora daqui — disse Tiffany Case com sofre-guidão. — Para mim chega de Spectreville.

Bond sentiu a dor insinuar-se-lhe outra vez por todo o corpo à medida que passava a tensão. “Vamos” — respondeu, lacônico. Alegrava-o a ideia de voltar as costas à lembrança daquele rosto branco virado para cima, dentro da bela locomotiva negra em marcha. Estava ligeiramente tonto e duvidava se seria capaz de fazer o percurso.

— Temos de alcançar a estrada. Vai ser difícil. Mas vamos embora.

Levaram uma hora e meia para vencer as duas milhas e, no momento em que se prostrou no solo à margem da estrada de cimento, Bond estava delirante. Foi a moça que o conduziu até lá. Sem ela, ele não teria chegado.

Teria tropeçado no meio dos cactos, das pedras e da mica até que lhe faltassem as forças e o sol causticante se encarregasse de completar o serviço.

Agora ela lhe segurava a cabeça no regaço, falava-lhe docemente e lhe enxugava o suor da testa com a ponta da blusa.

E de vez em quando parava para examinar uma banda e outra da estrada retilínea de concreto, cujos horizontes já tremeluziam nas ondas de calor do amanhecer.

Uma hora depois, ela ergueu-se de um salto, enfiou a blusa por dentro das calças, correu e parou no meio da estrada. Um carro baixo e negro rompia a neblina esvoaçante que ocultava o distante vale de Las Vegas.

O carro estacou justamente diante dela. Um rosto adunco sob um topete desalinhado de cabelo cor de palha assomou à janela. Os penetrantes olhos cinzentos miraram-na de alto a baixo. Pousaram-se na figura do homem deitado no solo à margem da estrada e tornaram para a moça.

Então, com a amistosa fala arrastada dos texanos, o chofer rompeu o silêncio:

— Félix Leiter, senhorita. Às suas ordens. Em que posso servi-la nesta magnífica manhã?

21 - “Nada é tão aporopinquante como a propinquidade”

—...E QUANDO CHEGUEI à cidade telefonei pra meu amigo Ernie Cureo. James sabe quem é. A mulher dele estava de ataque e Ernie no hospital. Corro pra lá e ele me passa o serviço e eu imagino que James pode precisar de reforços. Monto na minha égua preta cor de carvão e vou esquipando noite adentro e quando chego perto de Spectreville vejo o clarão no céu. Calculo então que Mr. Spang está preparando um churrasco. O

portão da cerca está aberto e eu resolvo tomar parte na festa. Bom, creiam-me vocês ou não, o fato é que não há vivalma no local, exceto um cara de perna arreventada e contusões generalizadas, que vem se arrastando pela estrada, tentando dar o pira. E ele me dá a impressão de ser um arruaceiro de nome Frasso, de Detroit. Ernie Cureo tinha dito que era um dos caras que tinham levado James. Ele não estava em condições de negar isso e eu então manjei a situação toda e compreendi que Rhyolite era minha próxima parada. Aí eu digo pro nosso amigo que daí a pouco os bombeiros virão fazer companhia a ele, levo-o até o portão e deixo-o lá. E de uma hora para outra vejo uma guria no meio do deserto, com o ar de quem tinha sido disparada de um canhão. E aqui estamos todos. Agora é a vez de vocês contarem.

“Então tudo isto *não* é parte de um sonho e eu *estou* deitado no assento traseiro no Studillac e este *é* o colo de Tiffany debaixo da minha cabeça e aquele ali *é* Félix e nós estamos indo às carreiras pela estrada a caminho da segurança, de um médico, de um banho, de comida, de bebida e de um longo sono reparador.” Bond mexeu-se e sentiu que a mão de Tiffany em seu cabelo dizia que tudo era real e tal como havia esperado. Imobilizou-se novamente e nada disse. Guardava cada momento para si e lhes escutava as vozes e o zunido dos pneus rolando pela estrada.

Ao fim da narrativa de Tiffany, Félix Leiter largou um assobio de estupefação.

— Puxa! — exclamou ele. — Então vocês dois abriram um rombo espetacular na quadrilha de Spang. Que diabo é que vai acontecer agora? Há muitos outros marimbondos na casa e isso de ficar zumbindo em volta não é do feitio deles. Eles vão exigir ação.

— Certo! — disse Tiffany. — Spang era membro da associação de Las

Vegas, e esses camaradas são muito solidários. Há também Shady Tree e aqueles dois pistoleiros, Wint e Kidd. Só o diabo sabe quem são eles. Quanto mais cedo a gente cruzar a fronteira estadual, melhor. E depois, o que vamos fazer?

— Até aqui vai tudo em ordem — disse Félix Leiter. — Em dez minutos chegaremos a Beatty, depois pegaremos a 58 e passaremos nela uma meia hora. Em seguida, toparemos um longo trecho através do Vale da Morte e sobre as montanhas até Olancho, onde atingiremos a N.º 6. Poderíamos dar uma paradinha lá, levar James a um médico, comer alguma coisa e tomar um banho. Depois continuaremos na 6 até chegarmos a Los Angeles. Será muito puxado, mas poderemos estar em Los Angeles na hora do almoço. Aí podemos descansar um pouco e bolar algum plano. Meu palpite é que temos de tirar você e James do país o mais cedo possível. Os meninos tentarão pegar vocês dois de qualquer jeito, e se conseguirem eu não darei um níquel pela vida de nenhum dos dois. A melhor solução seria botá-los num avião para Nova York hoje de noite e despachá-los amanhã para a Inglaterra.

James pode embarcar lá.

— Acho que é razoável — disse a moça. — Mas, afinal, quem é esse Bond? O que é que ele faz? É um detetive ou coisa semelhante?

— Acho melhor que você mesma pergunte a ele — Bond ouviu Leiter dizer cautelosamente. — Mas eu, se fosse você, não me preocuparia com isso. Ele cuidará de você.

Bond sorriu para si mesmo e, no longo silêncio que se seguiu, caiu num sono intranquilo que durou até o momento em que atravessaram a Califórnia e o carro parou defronte de um portãozinho com a placa “Otis Fairplay, Médico”.

E depois, enfaixado e pintado com mercúrio-cromo, banhado e barbeado, com um suculento café matinal no estômago, Bond voltou ao carro e ao mundo. Tiffany readquirira o velho ar irônico e intratável e Bond revelava-se útil na espionagem dos patrulheiros rodoviários, enquanto Leiter avançava a oitenta milhas pela interminável estrada estonteante, rumo à longínqua linha de nuvens que escondiam as High Sierras.

Mais tarde rolavam tranquilamente ao longo de Sunset Boulevard, ladeado pelas palmeiras e pelos gramados verdejantes. O Studillac coberto de poeira destoava no meio das cintilantes Corvettes e Jaguars. Finalmente, ao anoitecer, estavam sentados no bar escuro e refrigerado do Beverly Hills Hotel. Havia novas malas no saguão, roupas novas adquiridas em Hollywood, e até mesmo o rosto de Bond, marcado de cicatrizes da luta, poderiam indicar que tinham terminado o trabalho nos estúdios.

Havia um telefone em cima da mesa, ao lado dos martinis. Félix Leiter acabava de falar com Nova York pela quarta vez desde que haviam chegado.

— Bom, está tudo arranjado — disse ele, desligando o telefone. — Meus colegas do escritório conseguiram passagens no *Elizabeth*. Adiou a partida por causa de uma greve nas docas. Sai amanhã de noite, às oito. Eles irão ao encontro de vocês de manhã em La Guardiã, com as passagens, e vocês serão levados para bordo de tarde. Pegaram o resto de suas coisas no Astor, James. Uma pasta e os teus célebres tacos de golfe. E Washington oferece um passaporte a Tiffany. Haverá um homem do Departamento de Estado no aeroporto. Vocês terão que assinar uns formulários. Consegui que um dos meus antigos colegas da CIA arranjasse a coisa. Os vespertinos fizeram um bruto estardalhaço com a estória. “Cidade Morta Desaparece” e outras manchetes desse tipo. Mas parece que ainda não descobriram nosso amigo Spang e os nomes de vocês não figuram no noticiário. Meu pessoal diz que não há nada com vocês na polícia, mas um de nossos informantes secretos diz que as quadrilhas estão à procura de vocês e espalharam por toda parte uma descrição de ambos. Com a promessa de dez mil. Assim, é melhor mesmo dar no pé o mais cedo possível. É aconselhável irem para bordo separadamente. Tomem o maior cuidado, vão para os camarotes e não saiam de lá. Vai haver o diabo quando eles chegarem ao fundo daquela velha mina.

Isso fará pelo menos três cadáveres a zero, e esse tipo de score não é do agrado deles.

— Pinkerton é uma verdadeira máquina — disse Bond, com admiração.

— Mas ficarei satisfeito quando estivermos longe daqui. Eu pensava que os seus gangsters eram um bando de italianos untuosos, que se empanturravam de pizza e cerveja a semana toda e no sábado assaltavam uma garagem ou uma farmácia para arranjar dinheiro para as corridas. Mas não há dúvida que eles incluem um bocado de violência na folha de pagamentos.

Tiffany Case riu zombeteiramente.

— Você precisa mandar examinar essa cabeça — disse ela, categórica.

— Se sairmos inteirinhos do *Lizzie* será um verdadeiro milagre. Por aí você pode ter uma ideia de como eles são. Se não fosse aqui o nosso Capitão Gancho-de-Aço, não sei o que seria de nós. Untuosos! Pois sim!

Félix Leiter soltou uma risadinha.

— Calma, pombinhos — disse ele, consultando o relógio. — Temos de partir. Preciso voltar a Las Vegas hoje de noite e começar a procurar o esqueleto do nosso Shy Smile. E vocês têm de pegar o avião. Poderão continuar a arenga a vinte mil pés de altura. De lá a perspectiva é mais

interessante. É possível até que terminem como amigos. Lembrem-se do que se diz por aí. — Fez um aceno para o garçom. — Nada é tão aprominquante como a propinquidade.

Leiter levou-os ao aeroporto e deixou-os lá. Bond sentiu um nó na garganta quando o vulto magro saiu coxeando para o carro depois de ter sido efusivamente abraçado por Tiffany Case.

— Você pode dizer que tem um amigo de verdade — disse a moça ao ver Leiter bater a porta e ouvir o estrondo do escape enquanto o carro partia de volta ao deserto.

— Sim — disse Bond. — Félix é cem por cento.

O luar arrancou cintilações do gancho de aço quando Leiter acenou um último adeus. Depois, a poeira assentou na estrada e soou a voz de ferro do alto-falante: “Trans-World Airline, Voo 93. Embarque no Portão N.º 5 para Chicago e Nova York. Todos a bordo, por favor.” Eles abriram caminho através das portas de vidro e deram os primeiros passos de sua longa viagem para Londres.

O novo Super-G Constellation roncou por cima do continente envolto em sombras, e Bond, deitado em seu confortável beliche, esperando que o sono lhe tomasse conta do corpo dolorido, pensava em Tiffany, que dormia no beliche de baixo, e no estágio em que se encontrava sua missão.

Pensou no lindo rosto adormecido sobre a mão aberta, inocente e indefeso, esvaecidos o desdém dos olhos cinzentos e rasos e a curva irônica dos cantos da boca ardente. Bond sabia que estava bem perto de apaixonar-se. Mas, e ela? Até onde ia aquela rebelião masculina gerada certa noite em São Francisco, quando os homens lhe invadiram o quarto e a ofenderam?

Chegariam a adolescente e a mulher a transpor a barricada que haviam começado a construir naquela noite contra todos os homens do mundo?

Romperia ela a concha que os anos de solidão e retraimento tornavam cada vez mais rija?

Bond recordou aqueles momentos das últimas vinte e quatro horas em que conhecera a resposta, momentos em que uma jovem arrebatada e terna surgira feliz, sem a máscara agressiva que usava entre os gangsters, no contrabando, no cassino, na mesa de vinte-e-um, e lhe dissera: — Toma-me pela mão. Abre a porta e caminharemos de mãos dadas no dia claro. Não te preocupes. Acertarei meu passo pelo teu. Sempre estive a teu lado em pensamento, mas tu não vieste e passei a vida escutando outra cadência.

Sim, pensou ele. Tudo correrá bem, por esse lado. Mas estava preparado

para as consequências? Uma vez que a tomasse pela mão, seria para sempre.

Estaria no papel do médico, do psicanalista, a quem a paciente transfere seu amor e sua confiança, enquanto se liberta da doença. Não poderia haver maior crueldade do que soltar-lhe a mão depois de a ter tomado nas suas.

Estava preparado para as repercussões que esse ato teria em sua vida e em sua profissão?

Bond mexeu-se no beliche e descartou-se do problema. Era muito cedo ainda para enfrentá-lo. Estava indo muito depressa. Mais devagar. Cada coisa a seu tempo. E obstinadamente arquivou a questão, dirigindo os pensamentos para M e para a missão que lhe cumpria concluir antes de perder tempo com sua vida particular.

Bem, uma parte da serpente estava esmagada. A cabeça ou o rabo?

Difícil dizer, mas Bond tendia a julgar que Jack Spang e o misterioso ABC

eram os verdadeiros manipuladores do contrabando de diamantes e que Seraffimo se incumbia da receptação. Seraffimo podia ser substituído.

Tiffany podia ser dispensada. Shady Tree, a quem ela poderia implicar no contrabando, teria de ficar oculto até que a tormenta — se é que Bond era realmente um prenúncio de tempestade — se desencadeasse. Mas nada havia que pudesse implicar Jack Spang ou a House of Diamonds, e a única pista para ABC era o telefone londrino, cujo número Bond trataria de obter da moça o mais cedo possível. Mas este, e todo mecanismo dos contados a ele relacionados, seria alterado logo depois que todos os fatos da deserção de Tiffany e da fuga de Bond fossem comunicados a Londres, presumivelmente por Shady Tree. Assim, tudo isto, refletiu Bond, colocava Jack Spang e, através dele, ABC como seu próximo alvo. O que tinha a fazer de imediato, concluiu Bond antes de se abandonar ao sono, era relatar toda a situação a M

assim que embarcasse no *Queen Elizabeth*. Daí por diante Londres tomaria conta do caso. Os homens de Vallance sairiam a campo. Bond não teria muito que fazer quando regressasse. Relatórios e mais relatórios a escrever.

A mesma velha rotina no escritório. E de noite haveria Tiffany no quarto atualmente desocupado de seu apartamento, numa transversal de Kings Road. Precisava mandar um telegrama para May a fim de que ela arrumasse as coisas. Vejam... flores, saís de banho de Floris, lençóis limpos...

Dez horas depois de terem deixado Los Angeles, sobrevoaram La Guardiã e viraram para o mar a fim de preparar o pouso.

Eram oito horas da manhã de domingo e havia pouca gente no aeroporto, mas um funcionário interrompeu-lhes a caminhada quando seguiam pela pista alcatroada e os conduziu para uma entrada lateral, onde os esperavam um homem de Pinkerton e um representante do Departamento de Estado.

Enquanto conversavam, a bagagem foi-lhes trazida. Depois, levaram-nos para fora da estação de passageiros, onde os aguardava um elegante Pontiac marrom, com o motor em movimento e as persianas do vidro traseiro abaixadas.

Passaram ainda algumas horas de ócio no apartamento do homem de Pinkerton até que, por volta das quatro da tarde, mas com um quarto de hora de diferença entre eles, galgaram a prancha de embarque, penetraram no negro, majestoso e seguro ventre britânico do *Queen Elizabeth* e, por fim, encerraram-se em seus camarotes no convés M, com as portas trancadas para o mundo.

Mas, quando, em primeiro lugar, Tiffany Case e, depois, Bond puseram os pés na prancha de embarque, um doqueiro do Sindicato de Estivadores de Anastásia correu para a cabina telefônica do galpão da alfândega.

E três horas mais tarde dois homens de negócios americanos saltavam de um sedan negro à porta de um armazém das docas, passavam às pressas pelo serviço de imigração e pela alfândega e galgavam a prancha de embarque, quando os alto-falantes começavam a pedir aos visitantes que desembarcassem.

Um dos homens de negócios era ainda jovem, de feições delicadas e fios de cabelos embranquecidos aparecendo sob o Stetson recoberto por uma capa impermeável. O nome impresso na pasta que carregava era *B*.

Kitteridge. O outro era um gorducho grandalhão, com um brilho nervoso nos olhos miúdos por trás das lentes bifocais. Suava em bicas e constantemente enxugava o rosto com um lenço enorme. O nome no cartão pendurado na alça da pasta era *W. Winter*. Em baixo do nome, lia-se em tinta vermelha: MEU GRUPO SANGUÍNEO É *F*.

22 - Amor e molho bearnês

Às OITO HORAS em ponto, o prolongado e ressoante apito da sirena do

Queen Elizabeth fez tremer a vidraça dos arranha-céus. Com grande rebuliço, os rebocadores arrastaram-no para o meio do rio, abrindo-lhe o caminho. Por fim, desenvolvendo cautelosamente cinco nós, o transatlântico pôs-se a descer o rio, cortando as águas remansosas.

Após a parada para desembarcar o práctico no Farol de Ambrose, as quádruplas hélices fustigariam o mar, convertendo-o em creme de leite, e o *Queen Elizabeth*, com um estremecimento de alívio, começaria a fender o longo arco achatado, entre os paralelos 45 e 50, a caminho de Southampton.

Sentado no camarote, escutando o ranger do madeiramento e contemplando o lápis rolar suavemente em cima da penteadeira, entre a escova de cabelo e a borda de seu passaporte, Bond recordava os dias em que outra era a rota da embarcação, os dias em que ela ziguezagueava no Atlântico Sul, brincando de esconde-esconde com os ferozes cardumes de submarinos alemães, a caminho da Europa em chamas. Ainda era uma aventura, mas agora o *Queen Elizabeth* — protegido num casulo de radar, rádio e sondador de ecos — movia-se com as precauções de um potentado oriental entre escoltas e batedores e, no que dizia respeito a Bond, tédio e indigestão eram os únicos riscos da viagem.

Pegou o telefone e pediu para falar com Miss Case. Quando ela lhe ouviu a voz, rompeu num gemido teatral.

— A loba do mar odeia o mar — disse ela. — Ainda não saímos do rio e eu já estou enjoada.

— Não faz mal — disse Bond. — Não saia do camarote e tome dramamina e champanha. Vou passar uns dois ou três dias em repouso. Vou mandar chamar o médico e o massagista dos banhos turcos pra ver se junto de novo as peças. E de qualquer modo não faz mal nenhum que a gente passe a maior parte da viagem no camarote. É possível que nos tenham localizado em Nova York.

— Bom, se você promete telefonar todos os dias — disse Tiffany — e promete me levar àquela Veranda Grill logo que eu puder engolir um pouco de caviar, eu concordo. Está bem assim?

Bond soltou uma gargalhada.

— Já que você insiste, eu prometo — disse ele. — E agora, escute. Em troca, eu quero que você tente lembrar-se de tudo o que puder a respeito de ABC e do lado londrino de nosso negócio. Aquele número de telefone e o mais que você julgar importante. Logo que puder, eu lhe direi por que estou interessado nisso. Por enquanto você tem de confiar em mim. Combinado?

— Combinado — disse a moça com indiferença, como se toda essa fase

de sua vida tivesse perdido o interesse; e, durante dez minutos, Bond inquiriu-a minuciosamente, mas (exceto no que tocava a pormenores insignificantes) inutilmente, acerca das atividades de ABC.

Depois desligou o telefone, chamou o camareiro, encomendou o jantar e sentou-se para escrever o longo relatório que teria de transpor em código e despachar naquela mesma noite.

O rebocador conduziu tranquilamente o navio para a treva, e a cidadezinha de três mil e quinhentos habitantes preparou-se para viver os cinco dias da viagem, durante os quais poderiam registrar-se todas as ocorrências naturais em qualquer outra comunidade desse porte — furtos, brigas, seduções, bebedeiras, embustes, talvez um ou dois partos, a possibilidade de um suicídio e, em cem travessias, até mesmo um homicídio.

Quando o burgo de ferro começou a sulcar serenamente a imensidão do Atlântico e a brisa suave da noite zuniu e gemeu no topo do mastro, as antenas de rádio já estavam transmitindo a mensagem do operador de serviço ao ouvido atento de Portishead.

E o que o operador enviava, precisamente às dez horas da noite, E. S. T., era um telegrama endereçado a ABC, CUIDADOS HOUSE OF DIAMONDS, HATTON GARDEN, LONDRES, e

que dizia:

LOCALIZADOS PT CASO ASSUNTO EXIJA SOLUÇÃO DRÁSTICA
ESSENCIAL VOCÊ FIXAR PREÇO PAGO EM DÓLARES. Assinado:
WINTER.

Uma hora depois, enquanto o operador do *Queen Elizabeth* lamentava ter de transmitir quinhentos grupos de cinco letras dirigidos ao DIRETOR PRESIDENTE, EXPORTADORA UNIVERSAL, REGENTS PARK, LONDRES, o rádio de Portishead enviava uma breve mensagem a WINTER, PASSAGEIRO PRIMEIRA CLASSE QUEEN ELIZABETH, que dizia:

DESEJO SOLUÇÃO IMEDIATA PROBLEMA CASE PT PAGAREI
VINTE MIL PT

CUIDAREI PESSOALMENTE OUTRO ASSUNTO CHEGADA
LONDRES CONFIRME ABC.

O operador procurou Winter na lista de passageiros, meteu a mensagem num envelope e enviou-a a um camarote no convés A, abaixo do de Bond e da moça, onde os dois homens jogavam cartas em mangas de camisa.

Quando o mensageiro saiu do camarote, ouviu o gorducho dizer para o homem dos cabelos brancos: — Pois é, Kidd. Vinte mil. É pra valer!

Não foi senão no terceiro dia que Bond e Tiffany resolveram encontrar-se no Observation Lounge, para um coquetel, e mais tarde no Veranda Grill, para jantar. Ao meio-dia, a calma era total, e depois do almoço no camarote Bond recebera um ultimato em redondo cursivo feminino numa folha de bloco do navio: “Marque um encontro comigo hoje. Não falhe”.

Imediatamente Bond pegara o telefone.

Estavam sedentos da companhia um do outro depois dos três dias de separação, mas as defesas de Tiffany estavam de pé quando ela se reuniu a ele na escura mesa de canto que Bond havia escolhido na cintilante sala semicircular, situada na proa.

— Que espécie de mesa é esta? — perguntou ela com sarcasmo. — Está com vergonha de mim? Então eu ponho o mais belo modelo dos costureiros de Hollywood e você me esconde como se eu fosse Miss Reno 1914? Quero me divertir nessa geringonça e você me bota num canto como se eu fosse contagiosa.

— É isso mesmo — disse Bond. — O que você quer é elevar a temperatura de outros homens.

— Que é que você espera que uma moça faça no *Queen Elizabeth*?

Pescar?

Bond riu. Acenou para o garçom e pediu vodca-martini seco com casca de limão.

— Eu podia te oferecer uma alternativa.

— Já sei — disse a moça. — Meu querido diário: estou na maravilhosa companhia de um inglês bonitão. O que me aflige é saber que ele anda atrás das jóias da minha família. Que devo fazer? Sua criada, desorientada. — Num movimento súbito, ela inclinou o busto para a frente e pousou a mão na do homem. — Escute aqui, mestre Bond — disse ela. — Estou felicíssima.

Adoro isso aqui. Adoro estar com você. E adoro esta mesinha escura onde ninguém pode me ver segurando sua mão. Não ligue pra minha conversa. É que eu não posso me conter de tão feliz. Não faça caso das minhas brincadeiras.

Ela vestia uma blusa de xantungue de seda creme e uma saia de algodão e lã preto-carvão. As cores neutras ressaltavam-lhe a tez *café-au-lait*. O minúsculo relógio Cartier quadrado, com a pulseira preta, era sua única jóia, e as unhas curtas da mão pequena e morena que Bond tinha entre as suas estavam sem esmalte. A luz do sol, refletida do exterior, refulgia no ouro pálido das largas ondas do cabelo, nas profundezas dos cinzentos olhos opalescentes e nos alvos dentes que cintilavam entre os lábios sensuais.

— Não — disse Bond. — Não farei caso, Tiffany. Tudo em você é esplêndido.

Ela o encarou nos olhos e ficou satisfeita. O garçom trouxe-lhes a bebida. Ela retirou a mão e observou-o ironicamente por cima da borda de seu copo.

— Agora eu quero saber umas coisinhas — disse ela. — Em primeiro lugar, o que é que você faz e para quem trabalha? A princípio, no hotel, pensei que você era um vigarista. Mas, não sei por quê, quando você foi embora, vi que não era. Acho que devia ter avisado ABC, e com isso teria evitado essa onda toda. Não avisei, e pronto! Vamos, James. Responda.

— Trabalho para o governo — disse Bond —, que quer acabar com esse contrabando de diamantes.

— Espécie de agente secreto?

— Funcionário público, apenas.

— Está bem. E o que é que você vai fazer comigo quando chegarmos a Londres? Trancafiar-me?

— Sim. No quarto desocupado de meu apartamento.

— Assim é melhor. Terei de me tornar súdita da Rainha como você? Gostaria de ser súdita.

— Acho que podemos arranjar isso pra você.

— É casado? — Fez uma pausa. — Ou tem alguma ligação?

— Não. Um caso ou outro de vez em quando.

— Quer dizer então que você é um desses sujeitos fora de moda que gostam de dormir com mulher? Por que não se casou?

— Creio que porque eu acho que posso manobrar melhor a minha vida sozinho. A maioria dos casamentos não soma duas pessoas. Subtrai uma da outra.

Tiffany Case refletiu um pouco.

— Talvez você tenha razão — disse ela, afinal. — Mas depende do que se soma. Pode ser algo humano ou inumano. Ninguém é auto-suficiente.

— E você?

A moça não gostou da pergunta.

— Talvez eu esteja do lado do inumano — respondeu com rispidez. — E com que diabo de homem você queria que eu me casasse? Com Shady Tree?

— Pode ter havido muitos outros.

— Não houve — disse ela com raiva. — Você é capaz de achar que eu não devia ter me misturado com esses calhordas. Bem, talvez eu tenha dado o passo que não devia dar. — A chama de cólera se apagou e a moça assumiu a defensiva. — Isso acontece com certas pessoas, James. Acontece mesmo. E às vezes não é culpa delas.

James Bond estirou o braço e apertou a mão da moça.

— Eu sei, Tiffany — disse ele. — Félix me contou. É por isso que não perguntei nada. Não pense mais nisso, não. O que importa é o dia de hoje, aqui, agora. Não o dia de ontem. — Desviou o assunto. — Agora é a sua vez de me fornecer alguns fatos. Por exemplo, de onde é que vem esse nome Tiffany e que tal ser banqueira no Tiara? Como é que você chegou a cartear tão bem? Simplesmente espetacular a maneira como você tratava aquele baralho. Se pode fazer aquilo, pode fazer qualquer outra coisa.

— Não diga — replicou a moça com ironia. — Fazer o quê, por exemplo? Brincar de sapateira? E quanto ao nome Tiffany a explicação é simples. Quando eu nasci, papai Case ficou tão zangado por eu não ser menino que deu à minha mãe mil dólares e uma lata de talco comprada em Tiffany e foi embora de casa. Foi ser fuzileiro naval. Terminou morrendo em Iwo Jima. Então minha mãe me botou o nome de Tiffany Case e tratou de ganhar a vida pra nós duas. Começou com uma espelunca e umas garotas e com o tempo foi ficando mais ambiciosa. Talvez essa história não seja muito do seu agrado.

Ela lhe lançou um olhar meio defensivo, meio suplicante.

— Não me preocupa — disse Bond secamente. — Você não era uma das pequenas.

Ela deu de ombros.

— Um dia o lugar foi invadido pelos gangsters. — Interrompeu-se para beber o resto do martini. — E eu dei no pé, por minha conta. Passei pelos empregos comuns a todas as moças. Depois fui para Reno. Lá eles mantêm uma escola de jogo e eu dei duro. Curso completo. Dados, roleta e vinte-e-um. Pode-se ganhar bom dinheiro nos cassinos. Duzentos por semana. Os

homens gostam quando as moças bancam o jogo e as mulheres se sentem mais confiantes. Acreditam que a gente vai se mostrar bondosa com elas.

Pensam estar entre irmãs. Quando são homens que bancam o jogo, elas se apavoram. Mas não pense que essa estória toda é assim tão engraçada.

Contada, é uma coisa; vivida, é outra. — Fez uma pausa e sorriu. — Tenha a palavra, agora. É a sua vez. Pague mais um trago e me diga que tipo de mulher você acha que soma com você.

Bond chamou o garçom. Acendeu um cigarro e voltou-se para Tiffany.

— Alguém que saiba fazer molho bearnês e amor — disse ele.

— Já sei! Qualquer bruxa velha que saiba cozinhar e deitar-se de costas.

— Ah, não. Ela precisa ter todas essas coisas que as mulheres geralmente têm. — Bond examinou-a. — Cabelo cor de ouro. Olhos cinzentos. Boca pecadora. Silhueta perfeita. E naturalmente tem de contar piadas engraçadas, vestir-se bem e jogar cartas. As prendas naturais.

— E você casaria com uma mulher assim, se a encontrasse?

— Não necessariamente — disse Bond. — Pra falar com franqueza, já sou quase casado. Com um homem cujo nome começa com M. Teria de me divorciar dele antes de casar com uma mulher. E não sei se isso me agradaria. Ela me obrigaria a passar canapés de mão em mão numa sala de visita em forma de L. E haveria aquelas chatérrimas discussões “Foi você — Não, foi você” que parecem combinar tão bem com todos os casamentos.

Não daria certo. No primeiro acesso de claustro-fobia, iria embora pro Japão ou pra qualquer outra parte.

— E filhos?

— Gostaria de ter alguns — disse Bond. — Mas só quando me aposentasse. De outra forma, não seria justo. Meu trabalho não é lá muito seguro. — Olhou para o copo e bebeu todo o martini. — E você, Tiffany? — perguntou, a fim de mudar de assunto.

— Acho que toda moça gostaria de chegar em casa e encontrar um chapéu na mesinha do corredor — disse Tiffany, melancólica. — O diabo é que eu nunca encontrei nada que prestasse debaixo do chapéu. Talvez não tenha procurado bastante ou não tenha procurado nos lugares certos. Você sabe como é: quando a gente entra na rotina não quer mais sair. Assim fiz eu no meio dos Spangs. Sabia sempre de onde era que vinha a comida. Fiz algumas economias. Mas uma moça não pode ter amigos naquele ambiente.

Ou bota uma placa “Proibida a Entrada” ou de uma hora pra outra se vê

cercada de malandros. Mas acho que já estou farta de viver só. Conhece o refrão das coristas da Broadway? “É triste a trouxa de roupa que não tem uma camisa de homem”.

Bond riu.

— Mas agora você está fora da rotina — disse ele e olhou-a zombeteiramente. — E Mr. Seraffimo? E aqueles dois quartos de dormir no Pullman, a ceia para dois com champanha...?

Antes que concluísse, ela levantou-se da mesa, os olhos vermelhos, e caminhou para fora do bar.

Bond se amaldiçoou. Colocou algum dinheiro sobre a conta e saiu correndo atrás dela. Foi encontrá-la quase no meio do tombadilho de passeio.

— Por favor, Tiffany, escute — começou ele.

Ela voltou-se e encarou-o.

— Como se pode ser tão mesquinho? — disse ela, e lágrimas iradas brilharam-lhe nos cílios. — Por que você tem de estragar tudo com uma observação ferina como aquela? Oh, James! — Em desespero virou-se para as janelas, procurando um lençinho na bolsa. Enxugou os olhos. — Você simplesmente não compreende.

Bond cingiu-a com um braço e puxou-a para si.

— Meu amor! — Sabia que nada senão o grande passo do amor físico curaria esses mal-entendidos, mas que era necessário ;ainda desperdiçar tempo e palavras. — Não tive a intenção de magoar você. Eu queria somente ter certeza. Aquela mesa posta para a ceia no trem me feriu muito mais do que o que aconteceu depois. Tinha de lhe fazer aquela pergunta.

Ela ergueu a vista, ainda em dúvida.

— Está falando sério? — perguntou, observando-lhe o rosto. — Quer dizer que você já me queria bem?

— Não seja boba — disse Bond, impaciente. — Então você não sabe nada de nada?

Ela afastou-se e contemplou pela janela o infindável mar azul e as gaivotas que acompanhavam esse navio extraordinariamente pródigo.

Depois de algum tempo, perguntou:

— Você já leu *Alice no País das Maravilhas*?

— Há muitos anos — disse Bond, surpreso. — Por quê?

— Há lá umas linhas que muitas vezes me vêm à memória — disse ela.

— “Oh Ratinho, conheces o caminho que conduz para fora deste poço de lágrimas? Estou muito cansada de nadar dentro dele, oh Ratinho”. Lembra-se dessa passagem? Pois bem, eu pensava que você ia me mostrar a saída e, em vez disso, você me empurra pra dentro do poço. Por isso é que fiquei transtornada. — Ergueu a vista. — Mas acredito que você não teve intenção de me magoar.

Bond olhou-lhe a boca demoradamente e depois beijou-a nos lábios.

Ela não retribuiu e esquivou-se. Seus olhos sorriam de novo. Deu o braço a ele e voltou-se para as portas abertas que conduziam ao elevador.

— Me leve lá pra baixo — disse ela. — Preciso recompor a fachada e, além disso, quero me preparar com cuidado para agradar ao candidato. — Ficou um instante em silêncio e depois colou a boca no ouvido dele. — Talvez isso lhe interesse, James Bond — disse baixinho. — Nunca em minha vida fiz o que você chama “dormir com um homem”. — Puxou-o pelo braço. — Agora vamos — disse bruscamente. — Afinal, já é hora de tomar um “quente doméstico”. Suponho que isso faz parte da língua dos súditos que você está querendo que eu aprenda. Vocês, súditos, escrevem as coisas mais loucas nos banheiros.

Bond levou-a até o camarote dela, voltou para o seu e tomou um “quente salgado” na banheira, seguido de um “frio doméstico” no chuveiro. Depois, estirou-se na cama, recordando com um sorriso algumas das coisas que ela havia dito, e pensou nela, deitada na banheira, intrigada com a floresta de torneiras e imaginando que os ingleses eram loucos varridos.

Soou uma pancada na porta e o camareiro entrou com uma bandejinha que colocou em cima da mesa.

— Que diabo é isso? — perguntou Bond.

— Foi enviado pelo cozinheiro-chefe, senhor — respondeu o camareiro, retirando-se em seguida e fechando a porta do camarote.

Bond desceu da cama e foi examinar o conteúdo da bandeja. Não pôde deixar de rir. Havia uma garrafinha de Bollinger, um rescaldeiro com quatro talhadas de bife em canapés de torrada, e uma tijelinha de molho. Debaixo desta, uma nota escrita a lápis dizia: “Este molho bearnês foi criado por Miss T. Case sem minha assistência”. Assinado: “O Chefe”.

Bond encheu uma taça de champanha, espalhou um pouco de molho numa talhada de bife e mastigou atentamente. Depois foi ao telefone.

— Tiffany?

Ouviu o risinho abafado e divertido no outro extremo do fio.

— Bem, não há dúvida de que você faz um maravilhoso molho bearnês...

Repôs o telefone no gancho.

23 - O trabalho fica em segundo plano

MOMENTO INEBRIANTE NUM CASO amoroso é aquele em que, pela primeira vez, em público, num restaurante ou num teatro, o homem pousa a mão na coxa da mulher e ela, tomando-a nas suas, aperta-a contra si.

Os dois movimentos dizem tudo o que pode ser dito. Concluem todos os acordos. Firmam-se todos os pactos. E há um longo minuto de silêncio durante o qual o sangue canta nas veias.

Eram onze horas e havia poucas pessoas espalhadas nos cantos da Veranda Grill. O mar arfava baixinho sob o luar lá fora e o magnífico paquete arava a negra pradaria do Atlântico. À popa, apenas um levíssimo galope mostrava uma suave ondulação, as doze lentas pulsações por minuto de um oceano adormecido, aos dois seres aconchegados atrás do quebra-luz cor-de-rosa.

O garçom trouxe-lhes a conta, e suas mãos se separaram. Mas agora dispunham de todo o tempo do mundo e não precisavam afirmar seus sentimentos com palavras e contactos. Quando o garçom retirou os pratos, a moça fitou Bond com um sorriso de felicidade os dois encaminharam-se para a porta.

Entraram no elevador para o Tombadilho de Passeio.

— Que faremos agora, James? — perguntou Tiffany. — Gostaria de tomar mais uma café e um Stinger preparado com *creme de menthe* branco, enquanto estivéssemos escutando o leilão. Já ouvi falar tanto dele e bem que poderíamos ganhar uma fortuna.

— Está bem — disse Bond. — O que você desejar. — Tomou-a pelo braço e atravessaram vagarosamente a grande sala de estar, onde o víspera ia em meio, e o salão de baile, onde os músicos afinavam os instrumentos. — Mas não me obrigue a comprar nenhum número. É um jogo como os outros, e cinco por cento destinam-se à beneficência. Quase a mesma coisa que em Las

Vegas. Mas é divertido quando há um bom leiloeiro. E dizem também que há muito dinheiro a bordo.

O salão de fumar estava quase deserto. Escolheram uma mesinha longe da plataforma onde o Comissário arrumava os apetrechos do leiloeiro, a caixa com os papeluchos numerados, o martelo, a garrafa de água.

— A casa está fraca — disse Tiffany ao sentarem-se no meio da floresta de cadeiras e mesas vazias. Mas, quando Bond fez o pedido ao garçom, as portas do cinema se abriram e cerca de cem pessoas ocuparam o salão de fumar.

O leiloeiro, um comerciante dos Midlands, pançudo e jovial, com um cravo vermelho na lapela do *dinner jacket*, bateu na mesa pedindo silêncio e anunciou que a previsão do Capitão para o percurso do dia seguinte era de 720 a 739 milhas, que qualquer distância abaixo de 720 era o Campo Inferior e acima de 739 era o Campo Superior.

— E agora, minhas senhoras e meus senhores, vejamos se é possível quebrar o recorde estabelecido nesta viagem, que atinge a cifra impressionante de 2.400 libras esterlinas. (*Aplausos*). ; Um camareiro ofereceu a caixa com os números dobrados à mulher de ar mais aristocrático do salão e depois entregou ao leiloeiro o papelzinho que ela havia sorteado.

— Bem, senhoras e senhores, temos aqui, para começar, um número excepcionalmente bom. 738. Exatamente no limite máximo, e desde que vejo aqui, esta noite, tantas caras novas (*risos*), creio que todos concordaremos em que o mar está singularmente calmo. Senhoras e senhores. Quanto me dão por 738? Digamos... 50 libras? Quem me dará 50

libras por este número de sorte? 20, foi o que o senhor falou, cavalheiro?

Bem, temos de partir de alguma oferta. Quem dá... 25? Muito obrigado, minha senhora. E 30. 40 lá adiante, sr. camareiro. E 45 do meu amigo, Mr.

Rothblatt. Muito obrigado, Charlie. Quem dá mais pelo n.º 738? 50. Muito grato, minha senhora. E agora, sim, voltamos ao ponto de partida (*risos*). 50.

Quem dá 55? Então ficamos em 50. Dou-lhe uma... Dou-lhe duas... — e o martelo erguido bateu na mesa.

— Ainda bem que temos um bom leiloeiro — disse Bond.

— O número era bom. E barato, se o tempo continuar como está e ninguém se jogar no mar. O Campo Superior custará uma bolada esta noite.

Todo mundo espera que o navio faça mais de 739 milhas nesse tempo.

— Essa bolada quer dizer quanto? — perguntou Tiffany.

— Duzentas libras. Talvez mais. Acho que os números normais serão leiloados por umas cem libras. O primeiro número é sempre mais barato do que os outros. O pessoal ainda está frio. A única esperteza que se pode demonstrar neste jogo é arrematar o primeiro número sorteado. Qualquer número pode ganhar, mas o primeiro custa menos.

Quando Bond acabou de falar, o segundo número era entregue por 90 libras a uma juvenzinha bonita e excitada, que era abertamente financiada por seu companheiro, um indivíduo grisalho e bem conservado que parecia a caricatura de um Don Juan do *Esquive*.

— Vamos, James. Arremate um número pra mim — disse Tiffany. — Você não sabe mesmo agradar a uma moça. Veja como aquele cavalheiro é gentil com sua pequena.

— Ele já passou da idade-limite — disse Bond. — Deve estar na casa dos sessenta. Até os quarenta, as pequenas não custam nada. Daí por diante, é preciso gastar dinheiro ou contar uma estória. Das duas coisas, a estória é que dói mais. — Sorriu, fitando-a nos olhos. — Mas eu ainda não cheguei aos quarenta.

— Deixe de presunção — disse a moça, olhando-o na boca. — Dizem que os homens maduros são os melhores amantes. Também, por outro lado, sei que você não é unha-de-fome. Aposto que não quer me presentear um número porque o jogo é ilegal nos navios de Sua Majestade.

— Até que é permitido além do limite de três milhas da costa — disse Bond. — Mesmo assim, a Cunard toma todas as precauções para não envolver o nome da companhia. Escute isto — e apanhou um cartão alaranjado que estava em cima da mesa. — “Leilão de Apostas nas Distâncias Diárias percorridas pelo Navio” — leu para a moça. — “Para os fins de direito, é de toda a conveniência reiterar a posição da Companhia em relação ao supradito Leilão. Não é desejo da Companhia que o encarregado do salão de fumar ou quaisquer outros membros da tripulação desempenhem papel ativo na organização das apostas nas milhas diárias percorridas pelo navio”. — Bond levantou a vista. — Está vendo? — perguntou. — Seguro morreu de velho. E tem mais: “A Companhia sugere que os passageiros elejam entre si uma Comissão encarregada de formular e controlar as normas... O encarregado do salão de fumar poderá, se instado e se seus deveres o permitirem, prestar a assistência de que a Comissão venha a necessitar para o leiloamento dos números”. Como são cautelosos — comentou Bond. — É a comissão que tem de quebrar os galhos que forem aparecendo. Escute mais isto aqui. É onde entra o problema. — Continuou a leitura: — “A Companhia

chama especialmente a atenção de todos para os dispositivos das normas financeiras do Reino Unido, no tocante à negociabilidade dos cheques em esterlinos e à limitação da entrada de cambiais bancárias em esterlinos no Reino Unido”.

Bond atirou o cartão em cima da mesa.— E por aí vai — disse ele e sorriu para Tiffany Case. — Assim, eu arremato o número que está sendo leiloado e você ganha duas mil libras. Um montão de cédulas e cheques em dólares e libras. O único meio de gastar essa dinheirama, supondo que os cheques tenham fundos, o que é duvidoso, seria contrabandeá-la debaixo dos suspensórios. E lá estaríamos nós outra vez passando muamba. Só que eu estaria do lado do diabo.

A moça não se impressionou.

— Havia um sujeito na quadrilha chamado Abadaba — disse ela. — Era um malandro fino que tinha resposta para tudo. Calculava as vantagens nas corridas, marcava as percentagens no cassino, enfim, era o crânio do grupo.

Era considerado “O Feiticeiro das Apostas”. Teve o azar de ser liquidado por engano ao lado de Dutch Schultz — ajuntou ela à guisa de parêntese. — Você está me saindo outro Abadaba com essa lengalenga que não tem outra finalidade senão evitar de gastar dinheiro com uma pequena. Já vi tudo. — Encolheu os ombros, resignada. — Está bem. Mas pelo menos financie outro Stinger pra sua garota.

Bond chamou o garçom. E quando este se afastou, ela aproximou a cabeça do ouvido dele e disse baixinho. — Eu não quero mais, não. Beba você. Quero estar inteiramente sóbria esta noite. — Empertigou-se. — Mas o que é que está se passando aqui? — perguntou com impaciência. — Vamos, um pouco de ação.

— Aí vem ela — disse Bond.

O leiloeiro levantou a voz e toda a sala pediu silêncio.

— E agora, minhas senhoras e meus senhores — rugiu o leiloeiro — vamos à pergunta mais importante da noite. Quem vai me dar 100 libras pela escolha entre o Campo Superior e o Inferior? Todos sabemos o que isto significa... o direito de escolher o Campo Superior, que, inclino-me a crer, será da preferência geral esta noite (*risos*), em vista das excelentes condições atmosféricas reinantes lá fora. Então, quem abrirá com cem libras os lances para a escolha do Campo Superior ou Inferior?

— Muito obrigado, cavalheiro! E 110. 120 e 130. Muito obrigado, minha senhora.

— Cento e cinquenta — disse uma voz de homem, não muito distante da mesa de Bond e Tiffany.

— Cento e sessenta.

Desta vez era uma mulher. Monótona, a voz do homem gritou: — 170.

— Oitenta — disse alguém.

— Duzentas libras.

Algo fez com que Bond se voltasse e olhasse o homem que tinha falado.

Era um tipo grandalhão. A cara tinha a aparência lisa, brilhante e escorregadia de um olho de boi. Olhos miúdos, frios e escuros fitavam o estrado do leiloeiro através de imóveis lentes bifocais. Todo o pescoço do homem parecia estar por trás da cabeça. O suor havia emaranhado as algas negras e encaracoladas do cabelo. Enquanto Bond o observava, ele tirou os óculos, pegou um guardanapo e passou a enxugar o suor, com um movimento circular que começou no lado esquerdo do rosto, estendeu-se à nuca, onde a mão esquerda cedeu a vez à mão direita, e esta completou o circuito, atingindo os pingos do nariz.

— Duzentas e dez — disse alguém.

A queixada do homem bamboleou, a boca se descerrou, e ele disse, com nítido sotaque americano:

— Duzentas e vinte.

O que havia nesse indivíduo capaz de ferir uma corda na memória de Bond? O inglês examinou o rosto largo, a imaginação percorrendo todo o arquivo do cérebro, abrindo e fechando gavetas, uma após outra à procura de uma pista. A cara? A voz? Inglaterra? América?

Bond abandonou a busca e voltou a atenção para o outro homem à mesa.

Ainda aqui, a mesma necessidade urgente de reconhecer. As feições jovens e estranhamente delicadas sob os cabelos brancos e lisos. Os olhos castanhos e plácidos sob as longas pestanas. O efeito geral era de delicadeza, perturbada pelo nariz roliço montado na boca larga de lábios finos, agora aberta num sorriso estúpido e vazio como a fenda de uma caixa postal.

— Duzentas e cinquenta — disse o grandalhão mecanicamente.

Bond tornou a olhar para Tiffany.

— Já viu aqueles dois alguma vez? — perguntou ele, e ela notou-lhe a ruga de preocupação entre os olhos.

— Não — disse ela, categórica. — Nunca. Talvez venham do Brooklyn.

Podem ser dois comerciantes de roupas feitas da Quinta Avenida. Por quê? Eles lhe dizem alguma coisa?

Bond olhou-os outra vez.

— Não — disse, em dúvida. — Não, acho que não.

Palmas estrugiram na sala. Radiante, o leiloeiro bateu na mesa.

— Senhoras e senhores — disse ele, triunfante. — Isto é realmente maravilhoso. Trezentas libras é o lance daquela encantadora senhora de esplêndido vestido cor-de-rosa (Cabeças viravam-se, pescoços esticavam-se, e Bond ouviu a pergunta: — Quem é ela? E agora, cavalheiro — o leiloeiro indicava a mesa do homem gordo — posso anunciar 325 libras?

— Trezentas e cinquenta — disse o gordo.

— Quatrocentas — ganiu a mulher de vestido cor-de-rosa.

— Quinhentas.

A voz era incolor, indiferente.

A moça de cor-de-rosa tagarelou irritada com seu acompanhante. O homem assumiu um ar entediado. Acompanhou o olhar do leiloeiro e balançou a cabeça.

— Quem se dispõe a dar mais? — disse o leiloeiro. Sabia agora que a sala já dera o que tinha de dar. — Dou-lhe uma... Dou-lhe duas... — Pam! — Arrematado pelo cavalheiro. E eu acredito sinceramente que ele merece uma salva de palmas.

Deu início às palmas e os presentes o acompanharam, embora preferissem que a moça tivesse levado a melhor.

O gordo ergueu-se algumas polegadas e voltou a sentar-se. Não havia em seu rosto lustroso nenhum sinal de agradecimento aos aplausos, e seus olhos fixavam-se no leiloeiro.

— E agora temos de cumprir a formalidade de perguntar ao cavalheiro qual é o Campo que ele prefere. (*Risos*). Cavalheiro, o senhor escolhe o Campo Superior ou o Campo Inferior?

O tom do leiloeiro era irônico. A pergunta era ociosa.

— Campo Inferior.

Houve um momento de silêncio constrangedor no apinhado salão de fumar. E logo se seguiram os comentários à meia-voz. Nenhuma pergunta foi feita. Era óbvio que o homem devia escolher o Campo Superior. As condições atmosféricas eram ideais. O *Queen Elizabeth* vinha desenvolvendo pelo

menos trinta nós. Estaria o homem a par de alguma coisa? Teria pago por alguma informação na ponte de comando? Haveria alguma tempestade à vista? Algum defeito nas máquinas?

O leiloeiro martelou na mesa, pedindo silêncio.

— Queira me perdoar, cavalheiro — disse ele — mas o senhor escolheu mesmo o Campo Inferior?

— Sim.

O leiloeiro tornou a martelar.

— Nesse caso, senhoras e senhores, começemos agora a leiloar o Campo Superior. Minha senhora — voltou-se com uma curvatura para a moça de cor-de-rosa — quer ter a gentileza de fazer o primeiro lance?

Bond virou-se para Tiffany.

— Que coisa esquisita — disse ele. — É extraordinário. O mar está calmo como um lago. — Deu de ombros. — A única resposta é que eles devem estar informados de alguma coisa.

— A questão era desprovida de interesse, no fim de contas.

— Alguém deve ter dito alguma coisa àqueles dois. — Girou a cabeça e, depois, despreocupadamente, passeou o olhar pelos dois indivíduos. — Parece que eles estão interessadíssimos na gente.

Tiffany olhou por cima do ombro.

— Não estão olhando pra cá, não — disse ela. — A impressão que eu tenho é que são dois palermas. O grisalho tem um ar de idiota e o gordo está chupando o polegar. Dois malucos. Acho que nem sabem o que arremataram. Trocaram as bolas.

— Chupando o polegar? — perguntou Bond. Passou a mão pelo cabelo, distraidamente, uma vaga lembrança a verrumar-lhe o cérebro.

Talvez, se ela lhe tivesse permitido seguir o fio de seus pensamentos, ele tivesse dado no alvo. Mas ela colocou a mão sobre a dele e, aproximando-se, roçou-lhe o rosto com os cabelos.

— Esqueça isso, James — disse ela. — E não pense tanto naqueles dois imbecis. — Os olhos dela ardiam e exigiam. — Chega deste lugar. Leve-me a outra parte.

Sem se dizerem mais uma palavra, ergueram-se, afastaram-se da mesa e saíram da sala barulhenta, caminhando em direção à escada. Começaram a descer e, quando chegaram ao meio, o braço de Bond circundou a cintura da

moça, e ela deitou a cabeça no ombro dele.

Chegaram à porta do camarote de Tiffany, mas ela deu meia volta e arrastou Bond pelo corredor comprido, macio e rangente.

— Eu quero que seja na sua casa, James — disse ela.

Bond só voltou a falar depois de ter fechado a porta de seu camarote com um pontapé e de se terem abraçado no meio daquele quartinho maravilhosamente reservado e anônimo. E dizendo, com ternura, “Meu amor” pôs uma das mãos sobre os cabelos dela de modo a manter-lhe a boca sob a sua.

Algun tempo depois, sua outra mão desceu até o fecho-relâmpago do vestido, por trás, e a moça, sem interromper o abraço, deixou cair o vestido e disse, ofegante, entre beijos:

— Quero tudo, James. Tudo o que você já fez com uma mulher. Agora. Agora mesmo.

E Bond inclinou-se, envolveu-lhe as coxas com um braço, levantou-a e deitou-a suavemente no soaio.

24 - A morte é permanente

A ÚLTIMA COISA de que Bond se lembrou antes de soar a campainha do telefone foi de Tiffany debruçada sobre ele, na cama, beijando-o e dizendo-lhe: “Não durma sobre o lado esquerdo, meu amor. É ruim para o coração.

Pode parar de bater. Vire-se”. E, obediente, ele se virava. E, quando a porta bateu de leve, ele estava dormindo de novo, embalado pela voz da moça, pela pulsação do Atlântico e pelo macio balanço do navio.

Depois, a campainha impertinente soou e tornou a soar no camarote escuro. Bond praguejou, estendeu o braço para o telefone, e uma voz disse: — Desculpe-me incomodá-lo, senhor. Aqui é o telegrafista, Acaba de chegar uma mensagem em código para o senhor, com um prefixo *en clair* “Urgentíssimo”. Quer que leia pelo telefone ou envie pelo mensageiro?

— Envie pelo mensageiro, pode ser? — disse Bond. — Muito obrigado.

E que diabo queriam agora? Toda a beleza, todo o ardor, toda a exaltação

da paixão amorosa foram postas de lado quando ele acendeu a lâmpada, pulou da cama e, balançando a cabeça, a fim de afastar o torpor, deu dois passos para o chuveiro.

Durante um bom minuto deixou que a água caísse sobre si. Depois, enxugou-se com a toalha, apanhou do chão as calças e a camisa e vestiu-as.

Houve uma pancada na porta. Bond recebeu o telegrama, sentou-se à escrivaninha, acendeu um cigarro e entregou-se ferozmente ao trabalho. E, à medida que os grupos paulatinamente se dissolviam em palavras, seus olhos se apertavam e a pele se lhe arrepiava no corpo.

O telegrama, passado pelo Chefe do Pessoal, dizia:

Primeiro vg busca clandestina escritório Saye revelou telegrama do QE endereçado ABC assinado Winter comunicando presença sua e Case a bordo solicitando instruções pt Resposta endereçada Winter assinado ABC ordena eliminação de Case vg preço vinte mil dólares pt Segundo vg consideramos Rufus B. Saye é ABC que é mais ou menos equivalente pronúncia suas iniciais em francês pt Terceiro vg possivelmente alarmado sinais de busca Saye voou Paris ontem e agora informa Polinter estar em Dakar pt Isto parece confirmar nossas suspeitas que diamantes provêm minas Serra Leoa daí contrabandeados fronteira Guiné Francesa pt Suspeitamos fortemente elemento clínica dentária de Sierra International em observação pt Quarto vg Canberra Raf espera você Boscombe Down para voo imediato amanhã noite a Serra Leoa assinado CDP.

Bond gelou na cadeira. De supetão, acudiu ao seu espírito o mais sinistro verso de toda a poesia: “Enganam-se os que me evitam. Quando voam de mim, eu sou as asas”.

Então alguém da quadrilha de Spang estava a bordo e viajava com eles. Quem? Onde?

A mão agarrou o telefone: — Miss Case, por favor.

Ouviu o aparelho ao pé da cama dela produzir um estalido e em seguida disparar ‘a primeira campainhada. A segunda. A terceira. Mais uma só. Bond colocou o receptor de volta no gancho e enfiou pelo corredor até o camarote de Tiffany. Nada. Vazio. A cama arrumada. As luzes acesas. Mas a bolsinha dela estava no tapete e os objetos espalhados ao redor. Tinha entrado no camarote. O homem se escondera atrás da porta. Talvez tivesse aplicado uma cacetada. E depois?

As vigias estavam fechadas. Examinou o banheiro. Nada.

Bond parou no meio do camarote. Seu cérebro estava frio como gelo. O que ele, Bond, teria feito? Antes de matá-la, tê-la-ia interrogado, descoberto o que ela sabia, o que fazia, quem era o homem que a acompanhava. Tê-la-ia levado depois para o camarote em que ele viajava a fim de poder agir sem ser perturbado. Se o encontrassem arrastando-a pelo corredor, bastaria piscar um olho e balançar a cabeça: “Bebeu muita champanha esta noite. Não, não precisa, muito obrigado, eu me arranho”. Mas, qual era o camarote? E havia quanto tempo ele a tinha levado?

Bond consultou o relógio quando ia no corredor. Três horas. Ela devia ter saído da cama dele pouco depois das duas. Devia telefonar para a ponte de comando? Dar alarma? Penosos instantes de explicações, suspeitas, obstáculos. “Meu caro senhor, isto parece incrível!” Tentativas para acalmá-lo. “Claro, senhor, faremos o que estiver ao nosso alcance”. O olhar polido do funcionário, para quem tudo não passaria de embriaguez, ciúme e até mesmo de um meio de deter a marcha do navio e ganhar a aposta no Campo Inferior.

O Campo Inferior! Homem ao mar! O navio detido!

Bond fechou a porta de seu camarote e foi direto à Lista de Passageiros.

E por que não? Winter. Ei-lo aqui. A49. O convés de baixo. E então, de repente, o cérebro de Bond funcionou como um computador. Winter. Wint e Kidd. Os dois pistoleiros. Os encapuzados. Outra vez a lista de passageiros.

Kitteridge. No A49 também. O grisalho e o gordo do avião da BOAC na viagem de Londres a Nova York. “Meu grupo sanguíneo é F.” A escolta secreta de Tiffany. E a descrição de Leiter. “Chamam-no Goela porque tem medo de viajar”. “Um dia vai-se arrepender de não ter extraído aquela verruga”. A verruga vermelha na primeira articulação do dedo que segurava o cão da arma apontada para Tingaling Bell. E Tiffany dizendo: “São dois palermas. O gordo está chupando o polegar!” E os dois, no salão de fumar, procurando ganhar dinheiro com a morte que haviam planejado. A mulher atirada ao mar. O alarma anônimo, no caso de passar o corpo despercebido pelo vigia da popa. O navio detido, a volta, a busca nas águas. E mais três mil libras para os bolsos dos assassinos.

Wint e Kidd. Os pistoleiros de Detroit.

Todo o carretel de filmes embaralhados desenovelou-se na mente de Bond no espaço de um segundo, e mesmo enquanto os esquadrihava, ia ele abrindo a pasta e revolvendo o compartimento secreto à procura do silenciador. Como um autômato, retirou a Beretta do meio de suas coisas no fundo de um gavetão, examinou o pente e ajustou o silenciador à boca da arma. Simultaneamente, pesava as probabilidades e planejava os passos que devia dar.

Pegou a planta do navio que tinha vindo com o bilhete de passagem.

Esparramou-a à sua frente enquanto calçava as meias. A49. Exatamente debaixo de seu camarote. Haveria probabilidade de arrebentar a fechadura com um tiro e pegar os dois homens antes que eles o pegassem? Nenhuma, quase. Sem dúvida tinham fechado a porta com a chave e o trinco. Ou levar consigo alguns membros da tripulação, se pudesse persuadi-los do perigo que Tiffany corria? Enquanto ele tentasse convencê-los, os dois homens a atirariam pela vigia. E, quando, afinal, conseguissem entrar no camarote, Wint e Kidd estariam lendo calmamente ou jogando cartas e berrariam: — Que é que vocês querem aqui?

Bond meteu a arma nos cós das calças e com um violento puxão escancarou uma das duas vigias do camarote. Enfiou por ela os ombros e alegrou-se ao descobrir uma folga de uma ou duas-polegadas. Espichou o pescoço para baixo. Dois círculos mal iluminados, exatamente sob suas vigias. A que distância? Uns oito pés. A noite continuava parada, calma, tranquilizadora, e ele se achava no lado ensombrado do navio. Avistá-lo-iam da ponte volante? Estaria aberta alguma das vigias do A49?

Bond deixou-se cair novamente em seu camarote e arrancou os lençóis da cama. O nó de porco. Seria mais seguro. Mas teria de rasgar os lençóis e emendá-los para obter o comprimento necessário. Se tudo desse certo, teria de trazer alguns lençóis do A49 e deixar o camareiro intrigado com o desaparecimento. Se desse errado, tanto fazia.

Experimentou a “corda” com toda a força. Devia aguentar. Ao amarrar uma extremidade em volta da dobradiça da vigia, deu uma olhada no relógio.

Só doze minutos tinham passado desde que lera o telegrama. Demorara demais? Trincou os dentes, atirou a “corda” pelo costado do navio e introduziu a cabeça.

Não pense em nada. Não olhe para baixo. Não olhe para cima. Não se importe com os nós. Devagar, firme, uma mão, isto, a outra.

A brisa da noite tocava-o de leve e empurrava-o de encontro aos negros rebites de ferro, e lá embaixo soava o gemido cavo do mar. No alto, o vento zunia no cordame, e mais acima, no firmamento, as estrelas dançavam à volta dos mastros.

Os malditos, os bem-amados lençóis resistiriam? A vertigem o venceria?

Seus braços suportariam o peso? Não pense nisso. Não pense no imenso navio, no oceano faminto, nas quádruplas hélices gigantescas aguardando o momento de lhe retalhar o corpo. Você é um menino que está descendo da macieira. É tão fácil e seguro lá no pomar, com o relvado que apara a queda.

Bond expulsou da mente todos esses pensamentos. Olhou para as mãos e sentiu a aspereza da pintura contra os nós dos dedos. Os pés, sensíveis como antenas, tateavam em busca do primeiro contacto com a vigia.

Ali. Os dedos do pé direito haviam tocado o rebordo saliente. É preciso parar. É PRECISO ter paciência e deixar que o pé explore o terreno — a vigia aberta, presa pela grande tranqueta de latão; o contacto de fazenda por cima da meia: as cortinas cerradas. Agora podia continuar. Estava quase terminado.

Mais duas preensões na corda improvisada e o rosto estava à altura da vigia. Podia colocar uma das mãos na borda metálica do caixilho, subtraindo algum peso da alva corda retesada e dando merecido repouso a um braço e depois ao outro, deslocar a carga suportada pelos músculos, reunir as forças para soerguer-se vagarosamente, traspasar-se ao camarote e mergulhar, deitando a mão à arma.

Ficou à escuta, fitando o círculo da cortina balouçante, tentando esquecer que estava pendurado como um pêndulo, a meio costado do *Queen Elizabeth*, esforçando-se para não ouvir o marulho do oceano, lutando para abrandar a respiração ofegante e as marteladas do coração.

Do interior do cubículo vinha um resmungo indistinto. Depois, uma voz masculina proferiu algumas palavras e uma mulher gritou: — Não!

Seguiu-se um momento de silêncio, e logo uma bofetada. Sonora como um disparo de pistola, e isto lançou o corpo de Bond para o alto e para dentro como se ele tivesse sido arrastado por uma corda.

No momento mesmo em que mergulhava no círculo da vigia, perguntava-se onde iria bater, e instintivamente protegeu a cabeça com o braço esquerdo, enquanto o direito corria para a arma.

Foi cair sobre uma valise debaixo da vigia. Um estabanado salto mortal levou-o ao meio do camarote. Outra vez sobre seus pés, foi recuando, agachado, para o lado das vigias, a tensão branquejando os nós dos dedos da mão que segurava a arma e uma estreita linha branca circundando-lhe a boca cerrada.

Através das pálpebras entreabertas, os olhos cinzentos e gelados moviam-se de um lado para o outro. A arma, negra e cega, voltava-se para um ponto, no centro, entre os dois homens.

— Aqui estamos — disse Bond, erguendo-se vagarosamente.

Era a constatação de um fato. Ele tinha o controle da situação, e a boca de sua arma o confirmava.

— Quem chamou você aqui? — disse o gordo. — Você não entra nesta

peça. — Havia na voz reservas latentes. Nada de pânico. Nem mesmo a dose normal de surpresa. — Veio completar a mesa para o jogo de cartas?

Estava sentado, em mangas de camisas, abotoado, de través para a penteadeira, e os olhos miúdos brilhavam na cara molhada. Dante dele, de costas para Bond, Tiffany Case estava sentada num tamborete estofado.

Vestia apenas uma calcinha cor-de-carne e tinha os joelhos presos entre as coxas do homem gordo. Voltara para Bond o rosto pálido entremeado de manchas vermelhas. Os olhos tinham uma expressão de desespero, como os de um animal apanhado numa armadilha, e a boca aberta traduzia incredulidade.

O grisalho jazia numa das camas. Tinha erguido o busto sobre um cotovelo e a outra mão na camisa, a meio caminho da arma guardada no boldrié preto debaixo do sovaco. Olhava para Bond sem demonstrar curiosidade e estampava aquele sorriso quadrado, vazio, da caixa postal. Do centro do sorriso ressaía um palito de madeira, que rompia os dentes fechados como a língua de uma cobra.

A arma de Bond assegurava o espaço neutro entre os dois homens.

Quando ele falou, a voz era baixa e tensa.

— Tiffany — disse Bond lenta e distintamente. — Ajoelhe-se. Afaste-se desse homem. Baixe a cabeça. Vá para o meio do quarto.

Não olhava para ela. Seus olhos continuavam a passear da cadeira para a cama, vigiando os dois homens. Agora ela estava longe dos dois alvos.

— Estou aqui, James.

A voz tremia de esperança e excitação.

— Levante-se e vá para o banheiro. Feche a porta. Entre na banheira e deite-se lá.

Moveu os olhos na direção dela para ver se era obedecido. Ela tinha-se erguido e o contemplava. Bond avistou a marca vermelha de uma mão na pele alva do corpo da moça. Ela obedeceu. Ouviu-se o clique da porta do banheiro ao fechar-se.

Agora ela estava a salvo das balas. E não presenciaria o que tinha de ser feito.

Mediavam umas cinco jardas entre os dois homens, e Bond refletiu que se eles sacassem com bastante rapidez estaria perdido. Com esse tipo de homens, na fração de segundo em que um fosse liquidado, o outro sacaria e dispararia. Conquanto sua arma fosse silenciosa, a ameaça era infinita. Mas, com o

clarão da primeira bala a ameaça proviria do outro homem.

— Quarenta e oito, sessenta e cinco, oitenta e seis.

A variante do sinal convencional do futebol americano — “uma das cinquenta combinações que deviam ter praticado juntos mil vezes — jorrou da boca do gordo. Simultaneamente, ele se atirou ao chão, e a mão foi direta ao cóis da calça.

Num giro rápido, o homem que estava na cama puxou as pernas para o lado e para longe de Bond, de modo que seu corpo se reduziu a um alvo estreito, de que só se via a cabeça. A mão que estava sobre o peito se mexeu rápida.

— Paf.

A arma de Bond soltou um único gemido abafado. Um orifício azul abriu-se exatamente abaixo do cocuruto grisalho.

— Pum! — respondeu a pistola do morto, deflagrada pela última crispação do dedo, e a bala foi alojar-se na cama, debaixo do cadáver.

O homem gordo, deitado no soalho, deu um grito. Olhava para cima, na direção daquele olho preto e vazio que não se incomodava com ele, de forma alguma, e que só se interessava em localizar-lhe na pele o centímetro quadrado que abrigaria o próximo projétil.

O revólver de Wint só se tinha elevado até à altura dos joelhos de Bond e apontava em vão por entre suas pernas retesadas para a armação de ferro, pintada de branco, que estava atrás.

— Largue a arma.

O tapete abafou o ruído da queda da arma.

— Levante-se.

O gordo ergueu-se com dificuldade e fitou Bond nos olhos, como um tuberculoso fita seu lenço, em medrosa expectativa.

— Sente-se.

Houve um lampejo de alívio nos olhos submissos? Bond continuou tenso como um gato prestes a atacar.

O gordo voltou-se vagarosamente. Estendeu as mãos acima da cabeça, embora Bond não lhe tivesse exigido isso. Deu dois passos para a cadeira e lentamente virou-se como se fosse sentar-se.

Parou, contemplando Bond, e com naturalidade deixou cair as mãos ao longo do corpo. E as duas mãos, sossegadas, sacudiram-se para trás, a direita

mais do que a esquerda. E então, de súbito, no movimento de retorno, o braço direito entesou-se, precipitou-se para a frente e a faca brilhou nas pontas dos dedos como uma chama branca.

— Paf.

A bala silenciosa e a faca muda cruzaram uma pela outra em pleno ar, e os olhos dos dois homens perturbaram-se simultaneamente quando as armas atingiram seus objetivos.

Mas a perturbação nos olhos do homem gordo converteu-se num reviramento do globo ocular quando ele caiu para trás, as mãos agarradas ao peito, enquanto os olhos de Bond pousaram sem curiosidade na mancha que se espalhava em sua camisa e no cabo chato da faca pendurada frouxamente nas dobras do pano.

Produziu-se um estardalhaço quando a cadeira se espatifou sob o peso do homem gordo. Seguiu-se um ruído roufenho e ouviu-se, por último, um baque surdo no soalho.

Bond olhou a cena uma vez e depois voltou-se para a vigia aberta.

Durante algum tempo ficou de costas para o quarto, o olhar fixo nas cortinas que se balançavam molemente. Sorveu o ar e escutou os maravilhosos sons marinhos do exterior, do mundo que ainda lhes pertencia, a ele e a Tiffany, mas não aos outros dois. Pouco a pouco, seu corpo e seus nervos tensos se relaxaram.

Instantes depois, puxou a faca que se lhe enfiara na camisa. Não olhou para ela. Apenas estirou o braço, afastou a cortina para um lado e atirou a faca pela vigia. Em seguida, ainda contemplando a noite quieta lá fora, prendeu o registro de segurança da Beretta e, com um braço que lhe pareceu de repente pesado como chumbo, introduziu de novo a arma no cós das calças.

Com certa relutância, deu meia volta e encarou a desordem reinante no camarote. Com ar pensativo, examinou tudo e, num gesto, inconsciente, enxugou as mãos nos lados das calças. Em seguida, caminhando cautelosamente até o banheiro, disse: “Tiffany, sou eu” numa voz cansada, deprimida, e abriu a porta.

Ela não o ouvira. Continuava deitada de bruços na banheira seca, as mãos sobre as orelhas. E quando ele a ergueu e tomou nos braços, ela ainda não acreditou no que via. Agarrou-se a ele e começou a tocar-lhe o rosto e o busto com as mãos para certificar-se de que era realidade.

Ele se retraiu quando ela lhe apalpou a costela cortada. Então ela afastou-se um pouco, examinou-lhe o rosto, depois o sangue que manchava seus

dedos e por fim a camisa escarlate.

— Meu Deus! Você está ferido! — disse ela assustada; e, esquecendo seus pesadelos, arrancou-lhe a camisa, lavou-lhe a costela com água e sabão e amarrou-a com tiras da toalha cortada com a gilete de um dos homens mortos.

Não fez perguntas, nem mesmo quando Bond lhe trouxe as roupas que estavam espalhadas pelo soalho do camarote e lhe disse que não saísse enquanto ele não tivesse terminado de arrumar tudo e de apagar as impressões digitais de todos os objetos que ela havia tocado.

Ela apenas pousava nele os olhos brilhantes. E quando Bond a beijou nos lábios, continuou calada.

Bond deu-lhe um sorriso tranquilizador, saiu e fechou a porta do banheiro atrás de si. Pôs mãos à obra, fazendo cada coisa com grande determinação e parando antes de cada gesto a fim de imaginar o efeito que produziria diante dos olhos e do espírito dos detetives que subiriam a bordo em Southampton.

Primeiro amarrou um cinzeiro à sua camisa ensanguentada para torná-la pesada, aproximou-se da vigia e atirou o pacote o mais longe que pôde. Os *smokings* dos dois homens estavam pendurados atrás da porta. Tirou os lenços que estavam nos bolsinhos dos paletós, envolveu com eles as mãos e remexeu nos armários e cômodas até encontrar as camisas do grisalho.

Vestiu uma e ficou um momento no centro do camarote, meditando. Depois, cerrou os dentes e levantou o homem gordo até deixá-lo sentado, tirou-lhe a camisa, foi à vigia, sacou a Beretta, encostou a arma no orifício aberto na fazenda pelo tiro anterior e disparou outra bala no mesmo local. Agora havia uma nódoa de fumaça em volta do orifício para dar a impressão de suicídio.

Tornou a vestir a camisa no cadáver, limpou demoradamente a Beretta com o lenço, comprimiu os dedos da mão direita do morto sobre ela e, finalmente, ajustou a arma na mão do gordo, com o indicador no gatilho.

Após outra pausa no meio do quarto, retirou o *smoking* de Kidd do cabide e vestiu com ele o cadáver. Em seguida, arrastou o corpo até a vigia e, suando com o esforço, levantou-o e jogou-o ao mar.

Limpou as possíveis impressões digitais deixadas na vigia e interrompeu-se outra vez, tomando fôlego e inspecionando o cenário. Foi até a mesa de jogo, encostada à parede e com os objetos espalhados indicando que o jogo não fora concluído, e derrubou tudo, dispersando as cartas pelo tapete. Parou, refletiu mais um pouco, voltou ao cadáver de Wint, retirou-lhe do bolso traseiro da calça o rolo de cédulas e jogou-as entre as cartas.

O quadro era satisfatório, sem dúvida. Haveria o mistério da bala disparada na cama pelo moribundo Kidd, mas isso poderia ter sido parte da luta. Três balas tinham sido detonadas pela Beretta e havia três cartuchos no soalho. Duas das balas poderiam ter-se enterrado no corpo de Kidd que agora estava no Atlântico. Havia os dois lençóis que teria de roubar da segunda cama. A falta deles ficaria inexplicada. Talvez Wint houvesse enrolado neles o corpo de Kidd antes de empurrá-lo pela vigia. Isso se encaixava no remorso e no suicídio de Wint, posterior ao tiroteio motivado pelo desentendimento à mesa do jogo.

De qualquer maneira, refletiu Bond, o quadro se sustentaria até a chegada da polícia ao porto, mas nesse momento ele e Tiffany já estariam fora do navio e bastante longe, e o único vestígio deles no camarote seria a Beretta; e esta, como todas as outras armas pertencentes ao Serviço Secreto, não era numerada.

Soltou um suspiro e encolheu os ombros. Agora, restava apanhar os lençóis, conduzir Tiffany de volta ao seu camarote sem serem vistos, cortar a “corda” que se balançava na vigia, atirá-la ao mar com os pentes restantes da Beretta e o coldre vazio e, por fim, dormir à vontade com o corpo adorado de Tiffany enroscado no seu para sempre.

Para sempre?

Ao atravessar o camarote a caminho do banheiro, Bond encontrou os olhos vazios do cadáver no soalho.

E os olhos do homem cujo Grupo Sanguíneo fora F chamaram-no e lhe disseram:

— Mr. Bond. Nada existe para sempre. Só a morte é permanente. Nada é eterno, exceto o que você fez comigo.

25 - Fecha-se o canal

AGORA NÃO HAVIA escorpião morando nas raízes do frondoso espinheiro erguido na junção dos três Estados africanos. O contrabandista das minas não tinha outra coisa que lhe absorvesse a atenção senão o desfile infundável de um regimento de formigas de correição entre as baixas muralhas que as guerreiras haviam construído em ambos os lados da estradinha de três polegadas.

A noite era quente e úmida, e o homem escondido sob o espinheiro estava impaciente e intranquilo. Era esta a última vez que comparecia ao encontro marcado. Já tinha decidido. Que arranjassem outro, se quisessem.

Naturalmente não iria fazer sujeira com eles. Comunicaria a intenção de deixá-los e lhes daria o motivo: o novo assistente admitido no serviço dentário parecia entender muito pouco de odontologia; decerto era espião: o olhar indagador, o bigodinho amarelo-avermelhado, as unhas bem tratadas.

Pegaram alguém? Tomaram-lhe o depoimento?

O contrabandista trocou de posição. Por onde diabo andava o helicóptero? Apanhou um punhado de terra e atirou-o no meio das formigas.

Elas se atarantaram um pouco, mas com a chegada das últimas fileiras, as que iam na frente se dispersaram pelas muralhas. Então as guerreiras pegaram febrilmente a cavar e transportar a terra, e em poucos minutos a estrada estava outra vez transitável.

O homem tirou o sapato e jogou-o com força sobre o regimento em marcha. Houve outro curto instante de afobação. Depois, as formigas lançaram-se sobre as mortas e as devoraram. O caminho estava novamente desimpedido e o negro rio continuou a fluir.

O homem soltou uma praga em *africaans* e calçou o sapato. Filhas duma égua. Iam ver uma coisa. Acocorando-se e suspendendo um braço para se proteger contra os espinhos, saiu pisando pela estrada das formigas. Isso lhes serviria de lição.

Ao surgir sob o luar, o homem já tinha esquecido o ódio que dedicava a tudo quanto fosse negro e virou a cabeça para a banda do norte. Graças!

Rodeou o espinheiro para ir buscar as lanternas e o pacote dos diamantes guardados nas caixas de ferramentas.

A uma milha dali, sob a copa de um arbusto, o poderoso ouvido de ferro

do detector de som já parará de investigar, e o operador, que vinha transmitindo os dados aos três homens agrupados ao lado do caminhão militar, informou: — Trinta milhas. Velocidade: cento e vinte. Altura: novecentos pés.

Bond consultou o relógio.

— Tudo indica que o encontro está marcado para a meia-noite, na lua cheia — disse ele. — O nosso homem está uns dez minutos atrasado.

— Parece que o senhor tem razão — concordou o oficial da guarnição de Freetown, a seu lado, e voltou-se para o terceiro homem. — Cabo. Veja se não tem nenhum metal aparecendo na rede de camuflagem. Com este luar, é preciso ter cuidado.

O caminhão estava coberto pelo arbusto, à beira de uma estrada de barro, que atravessava a planície na direção da aldeia de Telebadu, na Guiné Francesa. Naquela noite, haviam deixado as colinas logo que o radiolocalizador captara o barulho da motocicleta do dentista na estrada paralela. Tinham vindo com os faróis apagados e pararam quando cessou o ruído da motocicleta. Havia estendido a rede de camuflagem sobre o caminhão, o detector de som e o canhão Bofors. E puseram-se a esperar, sem saberem ao certo quem ou o que viria ao encontro do dentista — outra motocicleta, um homem a cavalo, um jipe, um avião?

Ao ouvir no céu o longínquo matraquear, Bond soltou uma gargalhada.

— Helicóptero — disse ele. — Era só o que faltava. Preparem-se para tirar a rede quando pousar. Talvez a gente tenha de dar um tiro de advertência. O detector está ligado?

— Está, sim — respondeu o cabo que operava o aparelho. — O nosso amigo está chegando. Poderão vê-lo num minuto. O senhor está vendo aquelas luzes acolá? Devem ser do campo de pouso.

Bond passou o olhar pelos quatro feixes de luz e, depois, contemplou o imenso céu africano.

Então aí vinha o último de todos, o derradeiro elemento da quadrilha e também o primeiro. O homem que havia visto ligeiramente em Hatton Garden. O número um da turma de Spang, cuja cotação era tão alta em Washington. O único, excetuando o inofensivo e até simpático Shady Tree, que Bond ainda não fora obrigado a matar ou — pensou no botequim de Spectreville e nos dois homens de Detroit — quase. Não que tivesse desejado matar esses indivíduos. A missão que M lhe confiara fora apenas de investigação. Mas, um a um, eles haviam tentado contra sua vida e a de seus amigos. A violência fora o primeiro, não o último recurso deles.

Violência e crueldade, as armas escolhidas. Os dois homens do Chevrolet em Las Vegas, que tinham disparado contra ele e ferido Ernie Cureo. Os dois sujeitos do Jaguar, que haviam espancado Ernie e tinham sido os primeiros a sacar os revólveres quando começara a luta. Seraffimo Spang, que mandara torturá-lo, disparara contra ele e Tiffany e procurara esmagá-los na estrada de ferro. Wint e Kidd, que haviam supliciado Tingaling Bell, Bond e Tiffany Case. E, dos sete, matara cinco — não porque gostasse de matar, mas porque alguém tinha de fazê-lo. Tivera a seu lado a sorte e três bons amigos, Félix, Ernie e Tiffany. E os malvados tinham perecido.

Agora chegava a último dos malvados, o homem que planejava a sua morte e a de Tiffany, o homem que, segundo M, arquitetara o contrabando dos diamantes, montara o canal de escoamento e o vinha dirigindo com eficiência e mão de ferro através dos anos.

Ao telefone, para Boscombe Down, M falara pouco e com certa aspereza na voz. Usara a linha do Ministério da Aeronáutica, poucos minutos antes que o Canberra decolasse para Freetown. Bond recebera o telefonema do gabinete do comandante da base, tendo nos ouvidos o grito estridente das turbinas do Canberra.

— Satisfeito de tê-lo de volta são e salvo.

— Muito obrigado, senhor.

— Que estória é essa que os vespertinos noticiaram acerca de um duplo homicídio no *Queen Elizabeth*?

Havia algo mais do que suspeita na voz de M.

— Eram os dois pistoleiros da quadrilha. Viajavam sob os nomes de Winter e Kitteridge. Meu camareiro desconfia que eles se desentenderam quando jogavam baralho.

— Acha que a suposição do camareiro é correta?

— É possível. Houve uma pausa.

— E os policiais também pensam assim?

— Não vi nenhum deles.

— Vou falar com Vallance.

— Ótimo — disse Bond, sabendo que essa era a maneira de M dizer que, caso Bond tivesse liquidado os dois homens, tomaria providências para que o agente e o Serviço Secreto não fossem mencionados no inquérito.

— Bem, de qualquer modo — disse M — aqueles dois eram pouco importantes. Esse Jack Spang, ou Rufus B. Saye ou ABC, ou que nome tenha,

esse eu quero que você agarre. Ao que parece, ele vai agora até o extremo do canal. Vai fechá-lo. Talvez matando o que encontrar pela frente. O ponto final é o dentista. Veja se consegue pegar os dois. Faz coisa de uma semana que destaquei 2804 para trabalhar ao lado do dentista. O pessoal de Freetown acha que já se pode agir. Mas eu quero encerrar este caso e ver você de novo em seu verdadeiro posto. Esse negócio foi uma trapalhada dos diabos. Não me agradou desde o princípio. E se, afinal, conseguimos chegar ao ponto em que estamos agora, foi mais uma questão de sorte do que de boa organização.

— Concordo com o senhor — disse Bond.

— E essa moça, Case? — perguntou M. — Conversei com Vallance. Ele não deseja processá-la, a menos que você insista.

Teria M carregado um pouco no tom de indiferença?

Bond procurou evitar uma resposta muito persuasiva.

— Ela foi de grande ajuda — disse ele, esperançoso.

— Talvez a gente possa resolver quando eu apresentar meu relatório final.

— E onde está ela agora?

O negro receptor começava a ficar escorregadio na mão de Bond.

— Está a caminho de Londres, num Daimler de aluguel. Vou colocá-la no meu apartamento. Quero dizer, no quarto vago. É muito boa dona de casa.

Ela se arranjará até que eu volte. É uma boa moça, estou certo disso.

Puxou o lenço do bolso e enxugou o suor do rosto.

— Sem dúvida — disse M. Não havia ironia em sua voz.

— Está bem, então. Boa sorte. — Houve uma pausa. — Tome cuidado.

E... — a voz no outro extremo da linha tornou-se subitamente áspera — não pense que não estou satisfeito com os resultados até agora obtidos. Foram além do programa, naturalmente, mas você parece que topou muito bem a parada desse pessoal. Até logo, James.

— Até logo, senhor.

Bond levantou a vista para o céu recamado de estrelas e pensou em M e Tiffany, esperando que agora fosse mesmo o fim e que fosse rápido e tranquilo, e que logo estivesse em casa.

De pé, empunhando a quarta lanterna, o contrabandista das minas esperava. Lá vinha o helicóptero. Cortando a trajetória da lua. Como sempre, o barulho era infernal. Outro risco de que ia livrar-se.

Baixava lentamente. Agora pairava a uns vinte pés de altura. A mão apontou na janela e piscou A. O homem no chão piscou, em resposta, B e c.

As lâminas do rotor diminuíram a velocidade e, suavemente, o gigantesco inseto de aço pousou no chão.

O pó assentou. O contrabandista retirou a mão dos olhos e ajudou o piloto a descer a escadinha. Usava capacete de voo e óculos de proteção.

Extraordinário. E parecia mais alto do que o alemão. O contrabandista sentiu uma picada na espinha. Quem era esse? Aproximou-se devagar.

— Trouxe?

Dois olhos frios, sob negras sobrancelhas retas, cintilaram por trás dos óculos. Ocultavam-se quando o homem moveu a cabeça e o luar incidiu sobre o vidro. Agora eram dois círculos brancos reluzentes no meio do negro e luzidio capacete de couro.

— Trouxe — disse, nervoso, o homem das minas. — Mas onde está o alemão?

— Não virá mais. — Os dois círculos brancos cegavam o contrabandista.

— Eu sou ABC. Vim fechar o canal.

A voz era americana. Enérgica, seca, inflexível.

— Oh!

Maquinalmente, a mão do contrabandista enfiou-se na abertura da camisa. Apanhou o embrulho úmido e entregou-o ao piloto como se fosse uma oferta de paz. À semelhança do escorpião, um mês antes, o homem das minas pressentia a pedra erguida sobre sua cabeça.

— Ajude-me a encher o tanque.

Era a voz do feitor dando ordens ao escravo. Mas o contrabandista apressou-se a obedecer.

Fizeram o serviço em silêncio. Ao terminar, voltaram ao chão. O cérebro do contrabandista trabalhava furiosamente. Ele se esforçava por adotar a voz de um associado, a voz de alguém que estivesse a par dos negócios e exercesse a mesma autoridade.

Olhou com atenção para a nesga de treva cor-de-anil onde se achava o piloto com a mão sobre a escada.. — Estive pensando bem e acho que...

A voz estacou de supetão, a boca abriu-se espavorida e deixou escapar um ruído que era uma mescla de rosnado e uivo.

A arma na mão do piloto gaguejou três vezes. O contrabandista emitiu um “Oh” numa voz servil, caiu de costas no chão, fez um esforço para se soerguer e imobilizou-se.

— Fique onde está. — A voz ressoou na planície, transmitida pelo amplificador. — Você está cercado.

Ouviu-se o ruído de um motor que se punha em funcionamento.

O piloto não procurou saber de onde vinha a voz. Pulou para a escada. A porta da carlinga fechou-se com uma pancada e zumbiu o arranque automático. O motor começou a trabalhar, as lâminas do rotor giraram, pouco a pouco foram ganhando velocidade até que se transformaram em dois redemoinhos prateados. Então, com uma sacudidela, o helicóptero elevou-se verticalmente no ar.

Em terra, entre os arbustos, o caminhão freou e Bond saltou para a sela de aço do Bofors.

— Pra cima, cabo — gritou ele para o homem que manobrava a alavanca de suspensão. Baixou os olhos para a alça de mira quando a boca da arma se ergueu para a lua. Com a mão, puxou a alavanca do seletor de fogo, tirando-a da marca de segurança e colocando-a em “Fogo”. — Esquerda, dez.

— Eu alimentarei.

O oficial ao lado de Bond tinha nas mãos dois depósitos de obuses pintados de amarelo.

Os pés de Bond firmaram-se nos pedais do gatilho. O helicóptero estava no centro da alça de mira.

— Firme — disse ele calmamente.

— Bumpa.

O obus reluzente rodou no alto a uma velocidade apenas menor do que a do som. Baixo e à esquerda. O cabo girou delicadamente as duas alavancas.

— Bumpa.

O obus deu a volta por cima do helicóptero. Bond inclinou-se para a frente e puxou a alavanca do seletor para “Fogo Automático”. A mão relutava. Agora a morte era inevitável. Mais uma vez ele tinha de tomar essa decisão.

— Bumpa... bumpa... bumpa... bumpa... bumpa... O fogo vermelho espargiu-se no céu. O helicóptero continuou a avançar para a lua e depois rumou para o norte.

— Bumpa... bumpa...

Houve um espocar de luz amarela perto do rotor da cauda e um estrondo de explosão distante.

— Acertou — disse o oficial, pegando o binóculo. — O rotor da cauda está perdido — disse ele. E logo, agitado: — Puxa! Parece que toda a cabina está girando com o rotor principal! O piloto está atolado.

— Mais algum? — perguntou Bond, mantendo na mira o helicóptero em chamas.

— Não, senhor — disse o oficial. — Seria bom se conseguíssemos pegá-lo vivo. Mas parece... é, sim, já perdeu o controle. Vem caindo de ponta. Deve haver alguma coisa com as lâminas do rotor principal. Lá vem ele. Bond levantou a vista e resguardou os olhos contra a claridade intensa.

— Sim. Lá vem ele. A cem pés, o motor ribombando e as hélices girando inutilmente enquanto a embrulhada metálica despencava do céu em cambaleios e guinadas de ébrio.

Jack Spang. O homem que ordenara o assassinio de Bond. Que ordenara o assassinio de Tiffany. O homem que Bond vira apenas uma vez, durante alguns minutos, numa sala superaquecida em Hatton Garden. Mr. Rufus B.

Saye. Da House oi Diamonds. Vice-Presidente para a Europa. O homem que jogava golfe em Sunningdale e visitava Paris uma vez por mês. “Cidadão exemplar”, M dissera dele. Mr. Spang, da quadrilha de Spang, que acabara de matar um homem — o último de quantos?

Bond imaginava a cena dentro da estreita carlinga. O homem dirigindo com uma das mãos e com a outra mexendo desesperadamente nos controles, enquanto observava a agulha do altímetro baixar vertiginosamente. Nos olhos, o rubro clarão do terror. As centenas de milhares de libras esterlinas em diamantes reduzidas a peso morto. A arma, que desde a infância, fora um poderoso braço direito, agora inútil.

— Vai pra cima do espinheiro — bradou o cabo acima da barulheira.

— Está perdido — disse o capitão, a meia voz.

Contemplaram as últimas guinadas; depois, suspenderam a respiração quando o aparelho, num bamboleio desenfreado, empinou o nariz e, como se o espinheiro fosse seu inimigo, deu um mergulho irado, descrevendo uma curva de vinte jardas, e arremessou-se com os rotores desgovernados contra os espinhos.

Antes de se extinguirem os ecos da colisão, ouviu-se um ribombo cavo e uma bola de fogo, projetada no ar, ofuscou o clarão da lua e banhou a planície inteira num fulgor alaranjado.

O capitão foi o primeiro a falar.

— Opa! — exclamou, tirando o binóculo e voltando-se para Bond. — Bem — disse ele, resignado — nada a fazer. Acho que só quando amanhecer a gente vai poder se aproximar. E só com o dia alto é que se poderá revolver os destroços. Mas pode esperar que daqui a pouco os soldados franceses da fronteira estarão aqui. Felizmente estamos em boas relações com eles. O governo é que passará um bocado de tempo discutindo com Dakar. — O oficial previa as idas e vindas da papelada e sentia-se ainda mais exausto.

Homem prosaico, achava que o dia já lhe trouxera boa dose de canseiras. — O senhor se incomoda se a gente tirar uma pestana?

— À vontade — disse Bond, e consultou o relógio. — É melhor irem pra debaixo do caminhão. Eu mesmo não estou com sono. Vou ficar de olho.

Pode ser que o fogo ameace se alastrar.

O oficial lançou um olhar inquiridor a esse homem calmo e enigmático, que chegara de repente ao Protetorado no meio de uma enxurrada de recomendações de “Prioridade Absoluta”. Se a gente nunca precisasse dormir... Bom, isso nada tinha que ver com Freetown. Era coisa de Londres.

— Muito obrigado, então — disse o oficial e jogou-se debaixo do caminhão.

Bond retirou vagarosamente os pés dos pedais do gatilho e reclinou-se no encosto da sela de aço. Maquinalmente, com os olhos pousados ainda nas chamas saltitantes, enfiou as mãos nos bolsos do desbotado blusão caqui, que lhe haviam arranjado na base, puxou um cigarro, acendeu-o e tornou a guardar a cigarreira e o isqueiro.

Aí estava o fim do contrabando de diamantes. A última página da estória. Deu uma tragada e expeliu a fumaça com um suspiro longo e calmo.

Seis cadáveres a zero. Vitória folgada.

Ergueu a mão e limpou a testa suada. Atirou para trás a mecha de cabelo que lhe caía por cima da sobrancelha direita, e o clarão vermelho iluminou-lhe o rosto duro e magro e cintilou nos olhos cansados.

Esse imenso e rubro ponto final assinalava o desmoronamento da Quadrilha de Spang e o término do fabuloso contrabando de diamantes. Não o fim dos diamantes que se tostavam do interior do braseiro. Eles sobreviveriam e outra vez iriam percorrer o mundo. Descoloridos, talvez, mas indestrutíveis,

tão permanentes como a morte.

E Bond recordou, instantaneamente, os olhos do cadáver cujo sangue havia pertencido ao grupo F. Tinham-se enganado. A morte é eterna. Mas os diamantes também são eternos.

Bond desceu do caminhão e pôs-se a andar lentamente em direção à fogueira crepitante. Levava um sorriso sombrio nos lábios. Toda essa estória acerca de morte e diamantes era demasiado solene. Para Bond, era apenas o fim de outra aventura. Outra aventura que bem podia ter por epitáfio as palavras de Tiffany Case. E reviu a boca ardente e irônica que lhe dizia: — Contada é uma coisa, vivida é outra.

FIM

.doc



.ePub



2014